

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

LEONCIO SANTIAGO

EDUCAÇÃO E FORMAÇÃO DE ADOLESCENTES-ATLETAS DE FUTEBOL: UM
ESTUDO ORIENTADO PELA PERSPECTIVA BIOECOLÓGICA DE
URIE BRONFENBRENNER

CURITIBA

2022

LEONCIO SANTIAGO

EDUCAÇÃO E FORMAÇÃO DE ADOLESCENTES-ATLETAS DE FUTEBOL: UM
ESTUDO ORIENTADO PELA PERSPECTIVA BIOECOLÓGICA DE
URIE BRONFENBRENNER

Dissertação apresentada ao Curso de Pós-Graduação em Educação na Linha de Pesquisa: Cognição, Aprendizagem e Desenvolvimento Humano, Setor de Educação da Universidade Federal do Paraná, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Educação.

Orientador: Prof. Dr. Valdomiro de Oliveira

CURITIBA
2022

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
SISTEMA DE BIBLIOTECAS – BIBLIOTECA DO CAMPUS REBOUÇAS

Santiago, Leôncio.

Educação e formação de adolescentes-atletas de futebol : um estudo orientado pela perspectiva bioecológica de Urie Bronfenbrenner / Leôncio Santiago – Curitiba, 2022.
1 recurso on-line : PDF.

Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Paraná, Setor de Educação. Programa de Pós-Graduação em Educação.
Orientador: Prof. Dr. Valdomiro de Oliveira

1. Educação – Estudo e ensino. 2. Futebol. 3. Esportes – Aspectos sociológicos. 4. Educação física para adolescentes. 5. Atletas. I. Oliveira, Valdomiro. II. Universidade Federal do Paraná. Programa de Pós-Graduação em Educação. III. Título.

Bibliotecária: Maria Teresa Alves Gonzati CRB-9/1584



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
SETOR DE EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EDUCAÇÃO -
40001016001P0

TERMO DE APROVAÇÃO

Os membros da Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação EDUCAÇÃO da Universidade Federal do Paraná foram convocados para realizar a arguição da Dissertação de Mestrado de **LEONCIO SANTIAGO** intitulada: **EDUCAÇÃO E FORMAÇÃO DE ADOLESCENTES-ATLETAS DE FUTEBOL: UM ESTUDO ORIENTADO PELA PERSPECTIVA BIOECOLÓGICA DE URIE BRONFENBRENNER**, sob orientação do Prof. Dr. VALDOMIRO DE OLIVEIRA, que após terem inquirido o aluno e realizada a avaliação do trabalho, são de parecer pela sua APROVAÇÃO no rito de defesa.

A outorga do título de mestre está sujeita à homologação pelo colegiado, ao atendimento de todas as indicações e correções solicitadas pela banca e ao pleno atendimento das demandas regimentais do Programa de Pós-Graduação.

CURITIBA, 23 de Setembro de 2022.

Assinatura Eletrônica

29/09/2022 11:55:13.0

VALDOMIRO DE OLIVEIRA

Presidente da Banca Examinadora

Assinatura Eletrônica

06/10/2022 22:07:15.0

ALCIDES JOSÉ SCAGLIA

Avaliador Externo (UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS)

Assinatura Eletrônica

29/09/2022 19:15:42.0

GISLAINE CRISTINA VAGETTI

Avaliador Interno (FACULDADE DE ARTES DO PARANÁ)

Aos meus familiares, em especial meus pais Francisca e Antônio, pela vida de dedicação que tiveram, desde a saída do Ceará em busca de oportunidades, por não economizarem esforços e incentivos aos meus estudos. A minha sogra, Sivani Hahn dos Santos (*in memoriam*), por acompanhar parte desse processo, pois dentro de sua residência tive momentos de estudo durante o período de isolamento. A Elis, minha amada, companheira de vida e de luta, só você sabe os risos e os choros dessa trajetória acadêmica, que só foi possível pelo seu apoio incondicional. A Hileia, Marina, Cocito, Danilo, Rafaela (*in memoriam*) e Rodrigo Bellao, pelas trocas de saberes e esperanças sobre uma formação esportiva mais humanizada. A vocês dedico as reflexões e provocações deste trabalho.

AGRADECIMENTOS

Meus agradecimentos à Universidade Federal do Paraná, especialmente ao Programa de Pós-Graduação em Educação e à Linha de Pesquisa em Cognição, Aprendizagem e Desenvolvimento Humano, pelos ensinamentos e oportunidades propiciadas por meio do seu corpo docente e servidores, que duramente resistem na luta por uma Universidade Pública para todas(os).

Agradeço aos professores Dr. Alcides José Scaglia e Dr. Hermes Ferreira Balbino, e às professoras Dra. Gislaine Cristina Vagetti e Dra. Maria Regina Ferreira Brandão, pelas essenciais contribuições concedidas pela banca de Exame de Qualificação, por meio de apontamentos e reflexões profundamente críticas, e por integrarem a Banca Examinadora de Defesa.

Aos colegas de trabalho, com os quais diariamente pude debater e implementar processos de humanização na formação esportiva em futebol de adolescentes das categorias de iniciação e especialização. Vocês me ensinaram a enxergar o futebol e o mundo de outra maneira.

Às centenas de adolescentes-atletas e seus familiares com quem convivi profissionalmente e pude aprender com sua trajetória de vida e busca por um sonho.

Agradeço ao CEPEPE – Centro de Pesquisa em Educação e Pedagogia do Esporte e ao GPEH – Grupo de Pesquisa em Envelhecimento Humano que, por meio das colegas e dos colegas integrantes, pude aprender e me desenvolver academicamente com as frequentes trocas de conhecimento nas capacitações realizadas. Gilson Brun, obrigado pela atenção e tempo dispensado quando precisei sanar dúvidas; agradeço ao Adair Rocha pela dedicação em revisar e contribuir para a melhoria deste estudo; Mariana Trindade, a você agradeço com especial carinho pela constante parceria nesses mais de dois anos de trajetória acadêmica, pois em meio ao distanciamento social desse período histórico, estivemos próximos virtualmente e nas trocas de informações; sua contribuição para este trabalho é imensurável.

Por fim, mas com maior importância, agradeço ao Professor Dr. Valdomiro de Oliveira que, ao me escolher como orientando, abriu um universo de caminhos de conhecimento; agradeço sua persistência, paciência e encorajamento para que este processo tenha se concluído.

Não há ensino sem pesquisa e pesquisa sem ensino [...]. Enquanto ensino, continuo buscando, reprocurando. Ensino porque busco, porque indaguei, porque indago e me indago. Pesquiso para constatar, constatando, intervenho, intervindo educo e me educo. Pesquiso para conhecer o que ainda não conheço e comunicar ou anunciar a novidade. (FREIRE, 2011, p.30-31)

RESUMO

O presente trabalho construiu-se como uma pesquisa qualitativa de cunho exploratório e descritivo, cujo objetivo é compreender como ocorrem os processos educacionais, formativos e o desenvolvimento de adolescentes-atletas de futebol sob a ótica da Teoria Bioecológica do Desenvolvimento Humano. O Modelo Bioecológico do Desenvolvimento Humano, também denominado Modelo PPCT (Processo-Pessoa-Contexto-Tempo), foi adotado como perspectiva de compreensão do processo de formação de atletas de futebol no Brasil. Foi por meio de entrevistas semiestruturadas, com roteiro previamente elaborado, com questões direcionadas aos processos educacionais, formativos e de desenvolvimento, que se analisou os resultados. A população pesquisada se constitui em uma amostra de 12 indivíduos selecionados intencionalmente: três adolescentes-atletas das categorias Sub 15 e Sub 17; quatro responsáveis, sendo pai e mães; quatro profissionais, sendo duas psicólogas e dois técnicos profissionais do futebol e uma diretora escolar. A metodologia adotada para observação e tratamento dos resultados foi a Análise de Conteúdo de Bardin, organizada em 14 códigos agrupados nas categorias PPCT. Os resultados possibilitaram refletir aspectos referentes aos desafios do início, permanência e profissionalização no futebol; além de compreender as incertezas e dificuldades da trajetória esportiva, e quais seus impactos na formação escolar e em aspectos sociofamiliares. Foi possível, ainda, compreender como instituições em diferentes níveis podem ou deveriam contribuir para a melhoria das estruturas e ambientes da formação de futebolistas no Brasil, bem como incompatibilidades entre a realidade deste processo com os direitos de crianças e adolescentes. A conclusão é que, qualitativamente, a formação esportiva é influenciada por aspectos econômicos, sociais e culturais, na mesma medida em que sua configuração impacta no processo de desenvolvimento humano de adolescentes que, por estarem inseridos no processo de aprendizagem esportiva, vivenciam processos particulares de desenvolvimento, não apenas esportivo, mas pessoal. E mais, de que forma é primordial olhar para a formação esportiva de futebolistas no Brasil sob a perspectiva sistêmica e multiprofissional, reconhecendo-os não apenas como atletas, mas, como adolescentes e, portanto, seres em condição peculiar de desenvolvimento humano.

Palavras-chave: Especialização Esportiva; Desenvolvimento Humano; Aprendizagem Esportiva; Doutrina da Proteção Integral.

ABSTRACT

The present study is characterized as a qualitative research with an explorative and descriptive objective, aiming at the understanding of the occurrence of educational and formative processes and the development of soccer teenagers-athletes from the perspective of the Bioecological Model of Human Development. The Bioecological Model of Human Development, also known as PPCT Model (Process-Person-Context-Time), was selected for grasping the formation process of soccer athletes in Brazil. The results were analyzed using semi-structured interviews previously scripted with questions directed at educational, formation and development processes. The sample group consisted of 12 intentionally selected individuals: 3 teenage-athletes of the under 15 and under 17 categories; 4 responsible parents, being a father and mothers; 4 professionals, being 2 psychologists and 2 professional soccer coaches and 1 school principal. The data analysis was made based on the Content Analysis from Bardin, organized in 14 codes grouped in the PPCT categories. The results made possible the observation of aspects referring to the challenges at the start, remaining and professionalization in soccer, as well as understanding the uncertainties and hardships of a sports career and its impacts in school education and socio-family aspects. It was also possible to recognize how different level institutions can or should contribute to the improvement of structures and environment for the development of soccer athletes in Brazil, as well as the inconsistency between the reality of this process with children and teenagers' rights. The conclusion from a qualitative point of view implies that the sports training receives influence by economic, social and cultural aspects in the same way that it influences the human development process of teenagers that, being also in a learning process, experience not only sports but personal development processes. It is also made known that it is paramount to take the development of soccer teenage-athletes in Brazil from a systemic and multi-professional approach, recognizing them not only as athletes, but also, as teenagers and, therefore, beings in peculiar human development status.

Keywords: Sports Specialization; Human Development; Sport Learning; Full Protection Doctrine.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 – RESUMO DAS FASES DE EVOLUÇÃO DA TEORIA BIOECOLÓGICA DO DESENVOLVIMENTO DE URIE BRONFENBRENNER, SEGUNDO ROSA E TUDGE (2013) NO ARTIGO "URIE BRONFENBRENNER'S THEORY OF HUMAN DEVELOPMENT: ITS EVOLUTION FROM ECOLOGY TO BIOECOLOGY".....	34
FIGURA 2 – REPRESENTAÇÃO DOS SISTEMAS DA TEORIA BIOECOLÓGICA DO DESENVOLVIMENTO HUMANO.	37
FIGURA 3 – MODELO PPCT (PROCESSO-PESSOA-CONTEXTO-TEMPO)	41
FIGURA 4 – SISTEMAS TEORIA BIOECOLÓGICA BRONFENBRENNER APLICADO AO FUTEBOL.....	46
FIGURA 5 – MODELO PROCESSO-PESSOA-CONTEXTO-TEMPO DA TEORIA BIOECOLÓGICA DE BRONFENBRENNER.....	47
FIGURA 6 – DIVISÃO DA HISTÓRIA DO FUTEBOL BRASILEIRO/PRINCIPAIS ETAPAS DA FORMAÇÃO DE FUTEBOLISTAS NO PAÍS.	51
FIGURA 7 – ETAPAS DO PROCESSO DE APRENDIZAGEM ESPORTIVA EM FUTEBOL.....	59
FIGURA 8 – ORGANIZAÇÃO FEDERAL DA POLÍTICA DESPORTIVA	65
FIGURA 9 – POPULAÇÃO PARTICIPANTE DA PESQUISA	85
FIGURA 10 – FASES DA ANÁLISE DE CONTEÚDO.	91
FIGURA 11 – CATEGORIZAÇÃO PELO MÉTODO PPCT.....	94

LISTA DE QUADROS E TABELAS

QUADRO 1 – SÍNTESE DOS ESTUDOS BASILARES DA PESQUISA.....	25
QUADRO 2 – EVOLUÇÃO NA CONSTRUÇÃO DE MODELOS DE ESTUDO SOBRE O DESENVOLVIMENTO HUMANO.....	32
QUADRO 3 – SISTEMAS DA TEORIA BIOECOLÓGICA BRONFENBRENNER.....	35
QUADRO 4 – ALOJAMENTOS DOS CLUBES DA SÉRIE A DO CAMPEONATO BRASILEIRO/2019.....	53
QUADRO 5 – ETAPAS DO PROCESSO DE FORMAÇÃO NO FUTEBOL.....	55
QUADRO 6 – DESENVOLVIMENTO E APERFEIÇOAMENTO ESPORTIVO NO FUTEBOL.....	56
QUADRO 7 – ENTIDADES ESPORTIVAS COM CERTIFICADO DE CLUBE FORMADOR/2022.....	69
QUADRO 8 – LEGISLAÇÃO BRASILEIRA SOBRE O TRABALHO DE ADOLESCENTES.....	80
QUADRO 9 – INSTRUMENTO E PROCEDIMENTOS DE COLETA DE DADOS.....	88
QUADRO 10 - LIVRO DE CÓDIGOS.....	93
QUADRO 11 – OPINIÃO SOBRE O IMPACTO DO PROCESSO DE APRENDIZAGEM ESPORTIVO EM FUTEBOL NOS DIREITOS DAS CRIANÇAS E ADOLESCENTES.....	166
QUADRO 12 – MICROTEMPO – PROGRAMAÇÃO SEMANAL CATEGORIA SUB 15.....	170
QUADRO 13 – MICROTEMPO – PROGRAMAÇÃO SEMANAL CATEGORIA SUB 17.....	170
TABELA 1 – PRÉ-ANÁLISE DAS ENTREVISTAS.....	92
TABELA 2 – IDENTIFICAÇÃO DAS(OS) PARTICIPANTES.....	97

LISTA DE ABREVIATURAS

ABCD	AUTORIDADE BRASILEIRA DE CONTROLE DE DOPAGEM
CBF	CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE FUTEBOL
CCF	CERTIFICAÇÃO DE CLUBE FORMADOR
CEDECA/BA	CENTRO DE DEFESA DA CRIANÇA E DO ADOLESCENTE YVES DE ROUSSAN
CT	CENTRO DE TREINAMENTO
ECA	ESTATUTO DA CRIANÇA E DO ADOLESCENTE
EJA	EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS
PPCT	MODELO PROCESSO-PESSOA-CONTEXTO-TEMPO
SECOPA/BA	SECRETARIA ESTADUAL PARA ASSUNTOS DA COPA DO MUNDO DA FIFA BRASIL 2014
SENIFE	SECRETARIA NACIONAL DE INCENTIVO E FOMENTO AO ESPORTE
SNEAR	SECRETARIA NACIONAL DE ESPORTE DE ALTO RENDIMENTO
SNELIS	SECRETARIA NACIONAL DE ESPORTE EDUCAÇÃO, LAZER E INCLUSÃO SOCIAL
SNFDT	SECRETARIA NACIONAL DE FUTEBOL E DEFESA DOS DIREITOS DO TORCEDOR
SNPAR	SECRETARIA NACIONAL DE PARADESPORTO
TBDH	TEORIA BIOECOLÓGICA DO DESENVOLVIMENTO HUMANO
UNICEF	FUNDO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA A INFÂNCIA

SUMÁRIO

	APRESENTAÇÃO.....	14
1	INTRODUÇÃO.....	17
1.1	PROBLEMATIZAÇÃO DA PESQUISA.....	17
1.2	JUSTIFICATIVA PARA REALIZAÇÃO DA PESQUISA.....	20
1.3	OBJETIVOS DO ESTUDO.....	27
1.3.1	Objetivo Geral.....	27
1.3.2	Objetivos Específicos.....	27
1.4	ESTRUTURA DA DISSERTAÇÃO.....	27
2	FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	29
2.1	A TEORIA BIOECOLÓGICA DE BROFENBRENNER.....	29
2.1.1	Os sistemas bioecológicos e o modelo PPCT.....	34
2.1.2	A teoria bioecológica e sua aplicação no esporte e no futebol.....	41
2.2	A BIOECOLOGIA DA FORMAÇÃO DE ATLETAS DE FUTEBOL NO BRASIL.....	47
2.2.1	Aprendizagem esportiva em futebol: a trajetória do adolescente-atleta	48
2.2.1.1	Quem não sonhou em ser um jogador de futebol?.....	48
2.2.1.2	Os centros de treinamento dos clubes de futebol como ambiente da aprendizagem esportiva.....	50
2.2.1.3	O processo da aprendizagem esportiva em futebol: uma perspectiva sistêmica e ecológica.....	54
2.2.2.	A condição peculiar de desenvolvimento humano de crianças e adolescentes e a formação esportiva em futebol no Brasil.....	60
2.2.2.1	Doutrina da proteção integral e o estatuto da criança e do adolescente: a condição peculiar de desenvolvimento humano.....	61
2.2.2.2	A criança e o adolescente nas legislações relativas à formação esportiva em futebol.....	63
2.2.2.2.1	A certificação de clube formador.....	67
2.2.2.3	O desenvolvimento humano de crianças e adolescentes no mundo do futebol.....	70
2.2.2.3.1	Do direito à educação.....	72
2.2.2.3.2	Do direito à liberdade, ao respeito e à dignidade.....	75

2.2.2.3.3	Do direito à convivência familiar e comunitária.....	76
2.2.2.3.4	Do direito à profissionalização e proteção no trabalho.....	78
2.2.2.3.5	Considerações sobre o desenvolvimento humano de crianças e adolescentes no mundo do futebol.....	81
3	PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA.....	83
3.1	CARACTERIZAÇÃO DA PESQUISA.....	83
3.2	PROCEDIMENTOS ÉTICOS DA PESQUISA.....	84
3.3	PARTICIPANTES.....	85
3.3.1	Critérios de inclusão e exclusão.....	86
3.4	INSTRUMENTO E PROCEDIMENTOS DE COLETA DE DADOS.....	87
3.4.1	Entrevista semiestruturada.....	88
3.4.2	Projeto-piloto.....	90
3.5	ANÁLISE DO DADOS.....	91
3.5.1	Pré-análise.....	92
3.5.2	Exploração do material.....	93
3.5.3	Tratamento dos resultados, a inferência e a interpretação.....	95
4	RESULTADOS E DISCUSSÕES.....	96
4.1	CARACTERIZAÇÃO DAS(OS) PARTICIPANTES.....	96
4.2.	PESSOA COMO CATEGORIA DE ANÁLISE.....	100
4.2.1	Disposições.....	100
4.2.2	Recurso.....	110
4.2.3	Demandas.....	111
4.3	PROCESSO.....	117
4.3.1	Trajetória esportiva.....	118
4.3.1.1	O início.....	118
4.3.1.2	A permanência e a evolução.....	123
4.3.1.3	A dispensa, a possibilidade de (não)profissionalização e o pós-carreira.....	128
4.3.2	Aspectos educacionais.....	135
4.3.3	Aspectos sociofamiliares.....	143
4.4	CONTEXTO.....	150
4.4.1	Microssistema.....	151
4.4.2	Mesosistema.....	158
4.4.3	Exossistema.....	162

4.4.4	Macrossistema.....	165
4.5	TEMPO.....	169
	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	177
	REFERÊNCIAS.....	Erro!

Indicador não definido. 185

	APÊNDICE A – MATRIZ ANALÍTICA.....	197
	APÊNDICE B – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO FAMÍLIA DE ATLETAS DE CLUBE DE SÉRIE A....	199
	APÊNDICE C – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO PROFISSIONAIS DE CLUBE DE SÉRIE A E/OU PROFISSIONAIS DE ESCOLAS.....	203
	APÊNDICE D – TERMO DE ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO DOS ADOLESCENTES-ATLETAS.....	207
	APÊNDICE E – ROTEIRO DE ENTREVISTA - ADOLESCENTES- ATLETAS.....	213
	APÊNDICE F – ROTEIRO DE ENTREVISTA - FAMILIARES.....	218
	APÊNDICE G – ROTEIRO DE ENTREVISTA - PROFISSIONAIS DO CLUBE E TÉCNICOS.....	224
	APÊNDICE H – ROTEIRO DE ENTREVISTA - PROFISSIONAIS DAS ESCOLAS EM QUE ESTUDAM OS ADOLESCENTES- ATLETAS.....	230
	ANEXO I – PARECER CONSUBSTANCIADO COMITÊ DE ÉTICA E PESQUISA.....	235
	ANEXO II – QUALIFICAÇÃO DOS PESQUISADORES.....	240

APRESENTAÇÃO

JUSTIFICATIVAS PESSOAIS PARA O DESENVOLVIMENTO DESTA PESQUISA

As considerações pessoais que justificam a realização desta pesquisa, constituíram-se processualmente à medida em que o estudo foi se materializando. Até a conclusão da graduação em Serviço Social, nunca me passara na cabeça cursar o mestrado. E, no início de 2020, me encontrava iniciando esta trajetória que agora tem sua conclusão. Quando comecei o mestrado estava a vivenciar uma experiência, iniciada em setembro de 2018, até então, por mim nunca imaginada: atuar profissionalmente em um clube de futebol.

Durante a graduação em Serviço Social aprendemos que se trata de uma formação profissional de caráter generalista, isto é, que forma profissionais para atuarem em diferentes áreas (educação, saúde, assistência social, previdência, etc.), com diferentes públicos (crianças, adolescentes, mulheres, adultos, idosos, etc.) e nos diferentes setores (público, privado e terceiro setor). Aprendemos, também, que o objeto de trabalho das(os) Assistentes Sociais são expressões da questão social, resumida e superficialmente entendidas como questões de caráter social, econômico, cultural e/ou ambiental, resultantes do conflito Capital x Trabalho.

Por se tratar de um campo de atuação reduzido, há pouca produção de textos e materiais sobre a atuação de Assistentes Sociais nos clubes de futebol, sendo esse campo quase desconhecido pelos profissionais. Dentre os diversos campos de atuação aspirados e imaginados pelos estudantes de Serviço Social, inclusive eu, os clubes de futebol não são considerados.

Mas lá estava eu, Assistente Social, em um clube de futebol. E muitos questionamentos deram início, junto com essa experiência, sendo um deles: quais são as demandas, isto é, quais são as expressões da questão social encontradas neste campo? Os quase quatro anos de atuação profissional em um clube de futebol permitiram responder ao menos em parte essa questão, a qual contribui para a justificativa desta pesquisa.

A experiência profissional como Assistente Social possibilitou que algumas constatações fossem feitas. Primeiramente, é que o futebol, assim como os demais esportes, pode contribuir para o processo de desenvolvimento humano dos adolescentes. Em segundo lugar, a constatação contraditória e concomitante com a

primeira, de que o processo de aprendizagem esportiva em futebol pode também comprometer o processo de desenvolvimento humano desses adolescentes, se considerarmos o que algumas variáveis relacionadas ao treinamento e prática esportiva podem acarretar na educação, saúde, lazer, convivência familiar e comunitária dos adolescentes-atletas.

A segunda constatação, para este trabalho, tem maior relevância. Trata-se do reconhecimento, sob a ótica profissional, de que o processo de formação esportiva em futebol de adolescentes, da forma como ocorre no Brasil, viola direitos desses adolescentes, considerando os impactos do treinamento e prática esportiva em futebol de alto rendimento para a educação, profissionalização precoce, saúde, lazer, convivência familiar e comunitária dos adolescentes-atletas.

Dessa forma, nesse cenário, a aprendizagem esportiva de adolescentes em clubes de futebol está diretamente relacionada à garantia de direitos desses adolescentes, em especial o acesso e permanência escolar, e a convivência familiar. De igual modo, integrando uma equipe multi/interdisciplinar, a(o) Assistente Social atua com intervenções que contribuam para o desenvolvimento integral dos adolescentes.

Essas duas constatações refletem uma dualidade existente internamente aos clubes: se por um lado há o objetivo de formar atletas, reduzindo o adolescente ao seu rendimento e performance esportiva; por outro há, ao menos no discurso de dirigentes esportivos, o plano de que é necessário mais do que formar os atletas, formar as pessoas, “os cidadãos”, entendendo inclusive a relação direta da formação integral desses adolescentes com seu desempenho esportivo.

Até a metade do desenvolvimento desta pesquisa de mestrado, alguns quesitos me incomodavam internamente. Parece que nada se encaixava, parecia que eu, não me encaixava neste processo. Era eu, um Assistente Social, integrando um mestrado em educação, pesquisando questões relativas ao fenômeno esportivo.

Durante a Banca de Exame de Qualificação, o convite do professor Dr. Alcides Scaglia para que este trabalho não fosse uma autópsia, mas, sim, uma biópsia, acompanhado de inúmeras reflexões e questionamentos que serviram para mim como uma cola, ou melhor, como uma linha de costura unindo os vários retalhos que tinha.

Daquele ponto em diante consegui compreender-me integralmente neste processo de pesquisa em que, o profissional – Assistente Social, o acadêmico – do Mestrado em Educação, e o pesquisador – do fenômeno esportivo, são, na verdade,

o mesmo sujeito, complexo e envolvido pelos processos sistêmicos. Sem essa mudança na chave de leitura, esta pesquisa, mais do que inviável, teria sido contraditória à Teoria na qual se fundamenta.

1 INTRODUÇÃO

1.1 PROBLEMATIZAÇÃO DA PESQUISA

Difícilmente alguém não disse ou escutou a expressão “o Brasil é o país do futebol”. Embora não haja estatísticas recentes quanto ao número de praticantes das diferentes modalidades esportivas no país, o futebol sempre liderou as pesquisas já realizadas (IBGE, 2015). Mesmo com a inexistência de dados atualizados dos últimos seis anos, é pouco provável que o futebol tenha deixado o posto de esporte número um no Brasil, pois, em 2015, cerca de 15,3 milhões de pessoas praticaram futebol como principal modalidade esportiva, representando 39,3% dos 38,8 milhões de praticantes de algum esporte no país (IBGE, 2015, p.31).

Além disso, o futebol possui ampla visibilidade em decorrência da transmissão dos jogos ao vivo nos canais de TV aberta, contribuindo para a sua popularidade também entre os não praticantes (PINTO, 2018). O chamado mercado da bola, marcado por elevadas cifras em transferências de jogadores no país e no mundo, também coloca o futebol em evidência e se torna motivação para que muitos adolescentes busquem o desenvolvimento esportivo:

Para eles, o futebol se resume ao mostrado na televisão. Alguns citam que o gosto pela prática existe por terem assistido a muitos jogos. Outros dizem que querem ser jogadores para comprar um táxi para o avô ou uma casa para a mãe, reforçando que, para a maioria dos jovens, ser jogador é estar, necessariamente, em situação financeira confortável, imagem construída de maneira frequente no cotidiano de crianças e jovens por meio da atuação da mídia. (PINTO, 2018, p.14).

Todo esse contexto tem levado os clubes a investir fortemente na formação de seus atletas, tanto para organizar elencos competitivos sem necessariamente investir quantias exorbitantes, quanto para gerar receita com a venda de jogadores, o que afeta diretamente a trajetória de aprendizagem esportiva de adolescentes (MORAES, 2015; PINTO, 2018).

O processo de aprendizagem esportiva em futebol é constituído por inúmeros fatores sociais, econômicos e culturais que acompanham o desenvolvimento dos atletas de futebol, de forma especial adolescentes-atletas inseridos no processo de aprendizagem esportiva (SOARES, 2012; OLIVEIRA, 2020).

Como processo educativo, a aprendizagem do esporte - no caso do futebol refere-se, também, a um processo educativo ocorrido ora em contexto de educação formal, isto é, “como aquela desenvolvida nas escolas, com conteúdos previamente demarcados” (GOHN, 2013, p.15-16), ora em contexto educacional não-formal, entendido como aquilo que “se aprende ‘no mundo da vida’, via processos de compartilhamento de experiências, principalmente em espaços e ações coletivos cotidianos” (GOHN, 2013, p.16).

É possível, ainda, incluir no contexto das interações que a formação esportiva possibilita a dimensão da educação informal, entendida como “aquela na qual os indivíduos aprendem durante seu processo de socialização gerada nas relações intra e extrafamiliares (amigos, escola, religião, clube, etc.)” (GOHN, 2013. p.16).

Nas palavras de Reverdito (2016, p. 82), “a realização do ensino, vivência e aprendizagem do esporte compreendido aqui, consiste em um processo localizado, político e historicamente, com a finalidade e responsabilidade da prática educativa concreta”.

Para Freire (2006), “ensinar – e todos que ensinam sabem disso – é trabalho pesado, é ciência e arte, uma das mais difíceis e estafantes tarefas humanas, não importa se trata de futebol ou de matemática”. Se ensinar é tão complexo, aprender não há de ser diferente. O processo educativo, seja no contexto formal ou informal, ou independente do conteúdo, é um desafio complexo.

É preciso entender que educação é um processo de relações humanas. Só há quem ensine, porque há quem aprenda. É a relação educando e educador. Cada qual com sua história em um processo no qual

quem forma se forma e reforma ao formar e quem é formado forma-se e forma ao ser formado. É neste sentido que ensinar não é transferir conhecimentos, conteúdos nem formar é ação pela qual um sujeito criador dá forma, estilo ou alma a um corpo indeciso e acomodado. Não há docência sem discência, as duas se explicam e seus sujeitos, apesar das diferenças que os conotam, não se reduzem à condição de objeto, um do outro. Quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender. (FREIRE, 2011, p.25).

Reconhecendo, portanto, a humanidade do educador e do educando, é possível compreendê-los como sujeitos constituintes de saberes e de suas próprias trajetórias de vida, e, portanto, “por que não estabelecer uma ‘intimidade’ entre os saberes que eles (os educandos) têm como indivíduos?” (FREIRE, 2011, p.32). Nas palavras de Paulo Freire:

É por isso que transformar a experiência educativa em puro treinamento técnico é amesquinhar o que há de fundamentalmente humano no exercício educativo: o seu caráter formador. Se se respeita a natureza do ser humano, o ensino dos conteúdos não pode dar-se alheio à formação moral do educando. Educar é substantivamente formar. (FREIRE, 2011, p.34-35).

Sendo assim, o processo de ensino-aprendizagem do futebol “pode ser analisado a partir de sistematizações e propostas metodológicas que visam contemplar a criança enquanto sujeito no processo de ensino-aprendizagem respeitando com isso suas características motoras, físicas e psicológicas” (GRINVALD, 2003, apud GUIMARÃES, 2013, s/p).

É por intermédio desses elementos que o processo de ensino-aprendizagem do futebol assume a sua complexidade. Complexidade aqui entendida na perspectiva do *Pensamento Complexo*, abordado, sobretudo, pelo antropólogo, sociólogo e filósofo Edgar Morin:

Quando um pesquisador se lança na compreensão de determinado fenômeno, à semelhança de todos os seres humanos em qualquer situação, se envolve com todas as facetas que compõem sua condição humana: biológica, psíquica, social, afetiva e racional, nisso comportando sabedoria e loucura, o prosaico e o poético, firmando o que Morin denomina de *homo complexus*. (SANTOS; HAMMERSCHMIDT, 2012, p.562, grifo do autor).

O atleta é, portanto, adolescente, filho, estudante, movido por questões físicas, mas também psicológicas, emocionais, afetado por contextos econômicos, sociais, culturais, constituindo-se, dessa maneira, em um ser complexo¹. Pensar o processo de ensino-aprendizagem esportiva, e, por conseguinte, do futebol, sob a perspectiva sistêmica tal como considera o pensamento complexo, exige assumir que o atleta é, antes de tudo, uma pessoa.

Uma das preocupações fundamentais de técnicos e professores que ministram aulas para crianças deveria estar relacionada com as características psíquicas, fisiológicas e motoras relacionadas a essa fase. Assim, considera-se que a criança deve buscar na prática do futebol, primeiramente a alegria e o entusiasmo pelo esporte e secundariamente os resultados. **É de fundamental importância no processo ensino-aprendizagem, que a criança possa ser reconhecida como um ser em formação psíquica, física e motora o que tornará o trabalho de professores e técnicos esportivos mais coerentes com o nível de aprendizagem das crianças.** (GUIMARÃES, 2013, s/p, grifo nosso).

¹ *Complexus* significa o que foi tecido junto; de fato, há complexidade quando elementos diferentes são inseparáveis constitutivos do todo (como o econômico, o político, o sociológico, o psicológico, o afetivo, o mitológico), e há um tecido interdependente, interativo e inter-retroativo entre o objeto de conhecimento e seu contexto, as partes e o todo, o todo e as partes, as partes entre si. Por isso, a complexidade é a união entre a unidade e a multiplicidade (MORIN, 2000, p.38).

Diante da complexidade do cenário da formação de futebolistas no Brasil, compreende-se que o processo de aprendizagem e especialização esportiva, na qual milhares de adolescentes se inserem, ocorre num contexto não apenas local, mas com interações com processos ocorridos em diferentes contextos ecológicos (SANTOS; VAGETTI; OLIVEIRA, 2017). Na dimensão esportiva são poucos os estudos orientados pela perspectiva da Teoria Bioecológica do Desenvolvimento Humano de Bronfenbrenner (2011) (TBDH), nos documentos científicos nos quais essa dissertação se fundamentou. A TBDH nos forneceu os parâmetros de análise, a partir de seu modelo Processo-Pessoa-Contexto-Tempo (PPCT), para o entendimento dos fatores que impactam o processo de desenvolvimento e aperfeiçoamento esportivo dos adolescentes-atletas de futebol de um clube de Curitiba-PR, da primeira divisão do futebol brasileiro.

Por essa razão, este estudo tem como suporte teórico a abordagem Bioecológica de Bronfenbrenner (2011) para contribuir para a produção de conhecimento sobre questões relevantes acerca do desenvolvimento humano e esportivo dos adolescentes-atletas das categorias de formação de um clube de futebol.

Assim, a problemática central que motivou a pesquisa se situa nas possíveis interferências do contexto e do processo de aprendizagem e aperfeiçoamento esportivo do futebol com vistas ao desenvolvimento humano de adolescentes, assumindo como pressupostos de análise as dimensões do PPCT, que influenciam a cultura, a sociedade, a política e as situações econômicas da modalidade esportiva no país.

1.2 JUSTIFICATIVA PARA REALIZAÇÃO DA PESQUISA

O esporte, como fenômeno sociocultural, se expressa na sociedade de diferentes formas e em diferentes contextos (BRANDÃO, 2007; SANTOS VAGETTI; OLIVEIRA, 2017). O futebol, enquanto modalidade cultural e economicamente hegemônica, no Brasil, assume dimensões que impactam a vida de milhares de pessoas, sobretudo de crianças e adolescentes inseridos no processo de aprendizagem esportiva (CEDECA/BA, 2014; PINTO, 2018).

O quadro cultural do futebol no país compõe a relevância social desta pesquisa, reconhecendo que são milhares de adolescentes e suas famílias que têm,

nesse esporte, um sonho de mudança de vida. Não é à toa que um estudo da Universidade do Futebol, feito em parceria com a Indústria da Base (SALES, 2019), utilizando-se de dados da Confederação Brasileira de Futebol (CBF), apresenta que, no Brasil, em 2019, havia mais de 60.000 adolescentes-atletas nas categorias de base dos clubes de futebol masculino.

Mesmo que a quantidade de adolescentes que buscam se profissionalizar no futebol seja muito expressiva, esse número pode ser muito maior se forem adicionados os incontáveis que se deslocam em todo o país realizando testes para conseguir compor equipes de formação de vários clubes, e aqueles alojados em clubes não registrados na CBF, entre outras situações (SALES, 2019).

A ausência de dados precisos sobre o número de alojados evidencia a ausência do controle sobre o processo de formação de atletas. Em 2019, após o incêndio no Ninho do Urubu, o Portal GE² levantou informações sobre o número de atletas nas categorias de base dos principais clubes brasileiros (Série A 2019) (GE, 2019). A reportagem não apresenta dados sobre o número de atletas de todos os 20 clubes da série daquele ano, mas, com as informações apresentadas, calcula-se uma média de 80 adolescentes alojados, com idades entre 14 e 20 anos (Sub 14 a Sub 20).

A maioria desses adolescentes, em processo de formação esportiva em futebol, ficam a maior parte do tempo distante de seus familiares, pois começam a sua relação com o esporte em projetos de iniciação esportiva entre 7 e 10 anos de idade (SALOMÃO; OTTONI; BARREIRA, 2014). E desde o início até o possível momento de sua profissionalização vivem de 10 a 15 anos de suas vidas vinculados a ambientes de aprendizagem esportiva (SALOMÃO; OTTONI; BARREIRA, 2014; MORAES; BASTOS; CARVALHO, 2016; SALES, 2019).

É certo que o processo de desenvolvimento humano ocorre em todas as etapas da vida, mas quando se relaciona à infância, adolescência e juventude, está vinculado àquelas fases que possuem grande impacto na formação pessoal, emocional, social e cultural dos indivíduos, no caso de crianças e adolescentes definidas pelo Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), por sua condição peculiar de desenvolvimento (BRASIL, 1990).

² GE é um portal de notícias de esporte brasileiro mantido pelo portal Globoesporte.com, sob orientação da Central Globo de Esportes, subsidiária da Direção Geral de Jornalismo e Esporte da Rede Globo.

Nessa conjuntura é que surge a importância desta pesquisa científica que, dentro do Programa de Pós-Graduação em Educação da UFPR, especificamente na linha de pesquisa em Cognição, Aprendizagem e Desenvolvimento Humano, busca atender ao objetivo da referida linha de pesquisa, ou seja, contribuir na investigação de teorias e práticas relacionadas à cognição, à aprendizagem e ao desenvolvimento humano em diferentes modalidades e contextos educacionais, em perspectivas inter e transdisciplinar e em inter-relação com os aspectos culturais.

Assumindo de antemão que a vivência desses adolescentes nas dinâmicas e estruturas de um clube de futebol são processos de aprendizagem, não somente esportivos, mas que dialogam e que contribuem diretamente para seu desenvolvimento humano, como apontam Wylleman, Alfermann e Lavalée (2004) em seu estudo sobre as transições nas carreiras de atletas.

Desta forma, este trabalho encontra na Teoria Bioecológica de Bronfenbrenner o conceito de desenvolvimento, definido como "uma mudança duradoura na maneira pela qual uma pessoa percebe e lida com o seu ambiente" (BRONFENBRENNER, 1996, p.5), entendendo-o como "um produto da interação entre o organismo humano em crescimento e seu meio ambiente" (BRONFENBRENNER, 1996, p.14).

O conjunto da TBDH contribui decisivamente para que o ambiente de educação esportiva de um clube de futebol possa ser mais do que um espaço de aprendizagem esportiva, se apresentando como um ambiente de educação integral desses adolescentes (REVERDITO, 2016). É importante ressaltar que esse ambiente é marcado por diferentes interesses, possibilidades e desafios que envolvem o universo da formação esportiva de alto rendimento em futebol, demandando uma série de questões que se relacionam diretamente com o processo de desenvolvimento humano desses indivíduos (REVERDITO, 2016).

A relação entre o processo de aprendizagem esportiva e o desenvolvimento humano desses adolescentes-atletas não é uma relação simples e determinista, mas se configura em um sistema complexo, em que os indivíduos são protagonistas do próprio processo que desenvolvem (REVERDITO, 2016).

Essa pesquisa tem sua importância social e se justifica pela compreensão da educação, formação de adolescentes-atletas de futebol na perspectiva bioecológica. Confirma-se esses pressupostos ao pesquisar diversas bases de armazenamento de

artigos e dissertações³ que permitiram constatar que, embora com um aumento recente, é incipiente a incidência de produções científicas que investiguem a relação da aprendizagem esportiva em futebol com o desenvolvimento humano dos adolescentes. Adotando a TBDH, a quantidade é ainda menor. No entanto, no ambiente de outros esportes, verifica-se aumento dessas produções.

Santos *et al.* (2019) consideraram, em sua Revisão Integrativa, 38 referências relacionadas à Teoria Bioecológica e esporte, destas “24 são artigos, seis são teses e oito, dissertações” (SANTOS *et al.*, 2019, p.241). Ainda segundo os autores, os assuntos abordados nessas produções referem-se às seguintes modalidades esportivas: esportes (de forma genérica); basquetebol; atletismo; futebol; voleibol; ginástica rítmica; natação; futsal; tênis e luta olímpica (SANTOS *et al.*, 2019, p.242).

Essas obras, cada qual em sua modalidade esportiva, colaboram para compreender a contribuição da aprendizagem esportiva para o desenvolvimento humano de adolescentes. Oliveira (2017) apoia essa reflexão abordando o contexto da aprendizagem da luta olímpica; Santos (2016) aprofunda o processo de aprendizagem de adolescentes no atletismo; Oliveira (2007), ao tratar da modalidade de basquetebol, traz importantes contribuições para este estudo, por considerá-lo um esporte coletivo.

Outros três estudos, posteriores à revisão integrativa realizada por Santos *et al.* (2019), contribuem para o aprofundamento desta pesquisa, com destaque para Biscaia (2020), que analisa os elementos do desenvolvimento humano em sua relação com a aprendizagem do futsal; Rocha (2020) que tem a aprendizagem do basquetebol por jovens como objeto de análise; Albuquerque (2020), que aborda esportes coletivos em geral; Szeremeta *et al.* (2021) que apresentaram um percurso metodológico para a construção e validação de um instrumento avaliativo sobre a carreira esportiva, sob o modelo bioecológico; e Rosa (2022) que fala sobre a modalidade de handebol.

Embora o futebol seja o esporte mais popular e lidere *rankings* de esportes praticados pelos brasileiros, na revisão integrativa de Santos *et al.* (2019), somente quatro desses estudos são referentes ao futebol: Araújo *et al.* (2010), Larsen *et al.* (2013), Oliveira *et al.* (2017) e Santos (2014). Fora da revisão integrativa de Santos *et al.* (2019), encontrou-se também o estudo de Oliveira (2020) acerca da construção de currículos de formação no futebol com base na TBDH.

³ Periódicos CAPES, SCIELO, Web Of Science, PsycInfo, Scopus e SportDiscus.

Em revisão de escopo referente à relação entre a autoeficácia e o autoconceito em jovens atletas de futebol, Correa *et. al.* (2022) apresentam 8 resultados relacionados à modalidade de futebol. A revisão de escopo contribui para esta pesquisa, uma vez que autoeficácia é uma característica do sujeito, importante para seu engajamento no processo de aprendizagem esportiva (BRONFENBRENNER; MORRIS, 2007; CORREA *et. al.*, 2020).

Dentre os resultados, dois destacam-se quanto à contribuição para a presente pesquisa: o estudo de Mitic *et. al.* (2021), em que se determinou um conjunto de características psicológicas, dentre elas autoeficácia e motivação de realização; e a pesquisa de Teques *et. al.* (2019), na qual se examinou percepções dos atletas a respeito das práticas parentais de incentivo, reforço, instrução e modelagem de papéis, e características dos atletas como a motivação intrínseca foram observadas.

Em revisão sistemática, tendo como tema central as peneiras, enquanto processo avaliativo e seletivo de atletas de futebol, Tonelo (2018) elegeu 10 estudos sobre o tema, dois deles que, por seu conteúdo, integram este trabalho. Cavicholi *et. al.* (2011) realizaram uma análise etnográfica sobre o processo de formação de atletas de Futsal e Futebol; e Soares *et. al.* (2011) apresentam estudo sobre jogadores de futebol no Brasil, sob a perspectiva do mercado, da formação e a escola.

Além da busca por produções que relacionem desenvolvimento humano e/ou a Teoria Bioecológica, foram realizadas buscas de produções científicas que relacionem a aprendizagem esportiva em futebol com alguns dos direitos previstos no ECA, reconhecendo-os como primordiais para o desenvolvimento humano desses adolescentes.

Foram encontrados alguns artigos que, de forma indireta, abordam o direito à educação com enfoque no processo de escolarização, convivência familiar e profissionalização precoce. Destaca-se, no âmbito destas violações de direitos, a dificuldade de acesso e permanência escolar durante o período de aprendizagem esportiva (DE OLIVEIRA; BALZANO; MORAIS, 2017; RIGO; DA SILVA; RIAL, 2018).

Apresenta-se, no Quadro 1, uma síntese desses estudos, a partir dos quais identificou-se lacunas, as quais contribuem para a justificativa do presente trabalho.

QUADRO 1 – SÍNTESE DOS ESTUDOS BASILARES DA PESQUISA

AUTOR	TÍTULO
Albuquerque (2020)	O esporte coletivo no contraturno das escolas públicas estaduais de Curitiba-PR: métodos de ensino, perfil de liderança do professor e suas relações com alguns fatores do desenvolvimento humano de alunos/atletas.
Araújo <i>et al.</i> (2010)	The role of ecological constraints on expertise development.
Biscaia (2020)	Associação do autoconceito, autoeficácia e qualidade de vida entre escolares de 15 e 17 anos praticantes e não praticantes de futsal em Curitiba.
Cavicholi <i>et al.</i> (2011)	O Processo de Formação do Atleta de Futsal e Futebol: Análise Etnográfica.
De Oliveira; Balzano; Morais (2017)	O perfil dos atletas em transição da fase amadora para a fase profissional, das equipes de Futebol da cidade de Fortaleza, e a relação Escola e Futebol.
Larsen <i>et al.</i> (2013)	Successful talent development in soccer: the characteristics of the environment.
Mitic <i>et al.</i> (2021)	Differences in the psychological profiles of elite and non-elite athletes.
Oliveira (2007)	O processo ensino-treinamento da técnica e da tática no basquetebol do Brasil: um estudo sob a ótica de professores do ensino superior e técnicos de elite.
Oliveira (2017)	Desenvolvimento humano/esportivo: um diálogo educativo com professores/técnicos da modalidade luta olímpica.
Oliveira (2020)	Currículo de formação no futebol: disposições ecológicas da matriz curricular.
Oliveira <i>et al.</i> (2017)	Currículo de formação no futebol: interface da Teoria Bioecológica e a pedagogia do esporte.
Rigo; Da Silva; Rial (2018)	Formação de jogadores em clubes de uma cidade do interior: circulação, escolarização e inserção no futebol profissional.
Rocha (2020)	Associação do autoconceito, autoeficácia e qualidade de vida de jovens praticantes e não praticantes de basquetebol de Curitiba.
Rosa (2022)	Educação, formação e desenvolvimento do handebol em Curitiba: um estudo orientado pelo modelo bioecológico.
Santos (2014)	Ecology of practice of youth male soccer athletes.
Santos (2016)	Desenvolvimento humano e educação esportiva: um diagnóstico da trajetória de atletas da modalidade de atletismo da cidade de Paranaíba – PR.
Soares <i>et al.</i> (2011)	Jogadores de Futebol no Brasil: Mercado, Formação de Atletas e Escola.
Szeremata <i>et al.</i> (2021)	A carreira esportiva sob o modelo bioecológico de Bronfenbrenner: construção e Validação interna de instrumento avaliativo.
Teques <i>et al.</i> (2019)	Perceptions of parenting practices and psychological variables of elite and sub-elite youth athletes.

Fonte: O Autor (2022).

Analisando essas produções, considera-se que um outro diferencial para este estudo está no recorte proposto, que é a análise do ambiente de um clube de futebol. A presente pesquisa não aborda simplesmente a aprendizagem esportiva, ou a aprendizagem do futebol, mas problematiza o desenvolvimento humano considerando a aprendizagem esportiva em futebol desses adolescentes no âmbito de um clube de futebol, relação não encontrada em nenhuma outra produção acadêmica até o presente momento.

Dentre as justificativas apresentadas para sua realização, apresentam-se as lacunas que o estudo pretendeu explorar: os estudos encontrados para subsidiar esta pesquisa no âmbito educacional na aprendizagem esportiva dos adolescentes-atletas de 13 a 17 anos em um clube de futebol; estudos relacionados à análise de aspectos processuais, pessoais, contextuais e temporais do desenvolvimento humano de adolescentes na fase de especialização no contexto de um clube de futebol; a compreensão da Bioecologia do processo de formação de atletas de futebol no Brasil, em sua relação com a Doutrina da Proteção Integral.

As lacunas apresentadas podem ser resumidas em uma lacuna principal: a ausência de pesquisas científicas que apresentem como ocorrem os processos educacionais, formativos e o desenvolvimento de adolescentes-atletas de futebol sob a ótica do modelo Bioecológico de Urie Bronfenbrenner.

Realizada a justificativa e identificada a situação problema, surge a questão geradora: como ocorrem os processos educacionais, formativos e o desenvolvimento de adolescentes-atletas de futebol sob a perspectiva do modelo Bioecológico de Urie Bronfenbrenner?

Com base nessa, outras questões foram formuladas ao longo desta pesquisa, com a expectativa de respondê-las ao final do estudo: a) quais os aspectos processuais, pessoais, contextuais e temporais do desenvolvimento humano de adolescentes na fase da aprendizagem em nível de especialização em futebol, no contexto de um clube de futebol? b) como é a Bioecologia do processo de formação de atletas de futebol no Brasil? c) quais são as relações interpessoais presentes na aprendizagem esportiva dos adolescentes-atletas de 13 a 17 anos, em um clube de futebol?

1.3 OBJETIVOS DO ESTUDO

O Presente trabalho assume como objeto de estudo o processo de desenvolvimento humano de adolescentes-atletas inseridos em processo de aprendizagem esportiva em futebol, diante disso assume os seguintes objetivos de estudo:

1.3.1 Objetivo Geral

Compreender como ocorrem os processos educacionais, formativos e de desenvolvimento em adolescentes-atletas de futebol.

1.3.2 Objetivos Específicos

- Analisar aspectos processuais, pessoais, contextuais e temporais do desenvolvimento humano de adolescentes na fase da aprendizagem em nível especialização em futebol no contexto de um clube de futebol.
- Compreender a Bioecologia do processo de formação de atletas de futebol no Brasil, em sua relação com a Doutrina da Proteção Integral.
- Descrever as relações interpessoais presentes na aprendizagem esportiva dos adolescentes-atletas de 13 a 17 anos, em um clube de futebol.

1.4 ESTRUTURA DA DISSERTAÇÃO

Cinco seções principais constituem este trabalho: Introdução, Fundamentação Teórica, Procedimentos Metodológicos da Pesquisa, Resultados e Discussões e Considerações Finais. Além disso, Referências, Apêndices e Anexos integram a estrutura.

Na seção de Introdução estão expostos os objetivos, geral e específicos, bem como a problematização e a delimitação da pesquisa.

A Fundamentação Teórica é constituída por duas partes. A primeira, que discorre acerca da Teoria Bioecológica de Bronfenbrenner sobre o Desenvolvimento Humano, teoria que fundamenta a perspectiva sob a qual esta pesquisa foi realizada e que referenciou todas as suas etapas; e a segunda, que traz à luz elementos para a compreensão da bioecologia na formação de atletas de futebol no Brasil.

Na terceira seção, o Processo Metodológico da pesquisa é desenvolvido conforme as etapas percorridas, desde a seleção das(os) participantes, passando pela coleta dos dados e finalizando com sua análise.

Os Resultados da Pesquisa, na sequência, vêm expostos com a devida Discussão sobre os conteúdos dos discursos das(os) participantes entrevistadas(os), evidenciando convergências e divergências em relação à fundamentação teórica apresentada na segunda seção.

Por fim, na seção de Considerações Finais, algumas conclusões deste estudo são apresentadas, acompanhadas de questionamentos e reflexões que possam subsidiar a continuidade desta ou de outras pesquisas a respeito do mesmo objeto.

Uma síntese deste trabalho é apresentada na Matriz Analítica, presente no Apêndice A.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Para analisar a aprendizagem esportiva de um adolescente-atleta no contexto do futebol, este estudo incorpora a perspectiva da TBDH, de Urie Bronfenbrenner (2011), concebendo esse processo de formação esportiva como um processo de aprendizagem, evidenciando a dimensão educativa do contexto esportivo. Se o futebol, do ponto de vista da prática esportiva, é um esporte tal qual muitos outros, por outra perspectiva é um esporte envolto em diferentes questões de cunho social, cultural e econômico, que o diferem de outras modalidades esportivas, sobretudo pela sua dimensão midiática.

São jovens sonhando e acreditando que podem se tornar reis, fenômenos, heróis que, baseados nesse sonho, consomem produtos que os aproximam do objeto que o simboliza. Entre um jogo e outro, a vida continua. As ações rotineiras, como ir à escola, treinar e viver o cotidiano são mescladas com noticiários específicos, comerciais, jogos de diferentes campeonatos, programas personalizados, ou seja, o reforço diário do sonho e a vida cotidiana vão se alternando. Essa manipulação midiática afeta o reino das emoções, e obviamente, o processo de formação das crianças e dos jovens. Dessa forma, felicidade, raiva, justiça e solidariedade são apresentadas como espetáculo, em uma realidade própria e teleguiada conforme os conceitos de quem a produz. (PEREIRA, 2008, p. 40).

Por isso, a fundamentação teórica deste trabalho está organizada em duas partes: primeiramente, a Teoria Bioecológica e sua aplicação em pesquisas sobre esporte, em especial o futebol, basilar para o cumprimento dos objetivos desta pesquisa. É a apresentação da janela pela qual pretende-se analisar o processo de formação de atletas nos clubes de futebol.

A segunda parte tem por proposta analisar a Bioecologia do processo de formação de atletas no Brasil. Se a Teoria Bioecológica, como dito anteriormente, é a janela de observação, aqui trata-se da descrição daquilo que é visto pela janela. Ou seja, orientando-se pela TBDH, legislações e produções acadêmicas permitirão uma descrição crítica e sistêmica da formação de atletas de futebol nos clubes brasileiros.

2.1 A TEORIA BIOECOLÓGICA DE BROFENBRENNER

Ao apresentar aqui as fundamentações e conceitos da TBDH, tem-se a intenção de estabelecer a lente de observação pela qual se propõe analisar o

processo de formação de atletas de futebol no Brasil, a partir de diferentes áreas de conhecimento, teorias e epistemologias.

A Teoria Bioecológica tem seu início no final da década de 1970, quando o psicólogo Urie Bronfenbrenner publicou o trabalho intitulado “Teorias dos Sistemas Ecológicos”, que permitiu, dez anos depois, que a TBDH alcançasse a sua maturidade (BRONFENBRENNER, 2011):

O desenvolvimento é definido como *fenômeno de continuidade e de mudança de características biopsicológicas dos seres humanos como indivíduos e grupos*. Esse fenômeno se estende ao longo do ciclo de vida humano por meio das sucessivas gerações ao longo do tempo histórico, tanto passado quanto presente. (BRONFENBRENNER, 2011, p.43, grifo do autor).

Faz-se necessário, para melhor compreender o conteúdo dessa teoria, resgatar processos históricos de sua formulação. Rosa e Tudge (2013) contribuem para este exercício ao descreverem sua evolução em três diferentes fases. Desde a primeira formulação, na década de 1970, muitas transformações ocorreram na TBDH, até a morte de Bronfenbrenner, em 2005 (ROSA; TUDGE, 2013, tradução nossa). Aprofundar cronologicamente essas transformações significa acompanhar as reflexões e formulações feitas por Bronfenbrenner, evitando, assim, compreendê-la de forma deturpada ou incompleta, a exemplo de muitos estudiosos. Para eles, a teoria trata apenas da influência do contexto no desenvolvimento de adolescentes, sem levar em consideração aquilo que se constitui como aspecto central da teoria, ou seja, os processos proximais e as influências nos processos das características tanto da pessoa, como do contexto e do tempo (ROSA; TUDGE, 2013, tradução nossa).

Por isso, Rosa e Tudge (2013), ao escreverem o artigo intitulado “*Urie Bronfenbrenner’s Theory of Human Development: Its Evolution From Ecology to Bioecology*”⁴, assumiram o objetivo de “descrever as três fases no desenvolvimento da teoria de Bronfenbrenner à medida que amadureceu em sua forma final, analisando as principais características e reformulações de cada fase” (ROSA; TUDGE, 2013, p. 245, tradução nossa). Para alcançar esse objetivo, os autores identificaram todos os artigos publicados por Bronfenbrenner, ou com sua participação como autor principal (ROSA; TUDGE, 2013).

⁴ Título em tradução nossa: Teoria do Desenvolvimento Humano de Urie Bronfenbrenner: sua evolução a partir da ecologia para a bioecologia.

Assim, tendo por recorte temporal o período compreendido entre 1973-1979, apresentam a primeira fase, em que os estudos publicados pelo psicólogo se fundamentavam na crítica aos estudos experimentais que analisavam o comportamento humano em contextos estranhos aos de seu cotidiano, entendendo que pesquisas destinadas a compreender o desenvolvimento humano deveriam ocorrer nos contextos e ambientes de vida das pessoas (ROSA; TUDGE, 2013). Com a terminologia Ecologia do Desenvolvimento Humano, ela implica em um ajuste entre o organismo e o ambiente (ROSA; TUDGE, 2013). Nesse período, os estudos de Bronfenbrenner já apresentam a formulação dos quatro sistemas ecológicos: microsistema, mesossistema, exossistema e macrosistema (ROSA; TUDGE, 2013), os quais serão conceituados adiante.

Na segunda fase (1980-1993), Bronfenbrenner teve como principal objetivo

mostrar as maneiras pelas quais o ambiente foi conceituado, seja teoricamente ou empiricamente, na pesquisa contemporânea sobre desenvolvimento humano e lidar com uma lacuna identificada em seus escritos da Fase 1 – a não explicação do papel desempenhado pelas características da pessoa no curso do desenvolvimento. (ROSA; TUDGE, 2013, p.248, tradução nossa).

Nessa etapa, o psicólogo busca preencher uma lacuna da fase 1, que diz respeito ao papel do indivíduo na interação com o ambiente (ROSA; TUDGE, 2013). Assim, Bronfenbrenner começa a analisar pesquisas sobre desenvolvimento e descrevê-las conforme modelos de pesquisa que considerassem o indivíduo, não apenas o ambiente. Nesse período “foram descritos quatro diferentes modelos de pesquisa (Endereço Social, Pessoa-Contexto, Processo-Contexto, Pessoa-Processo-Contexto) e suas respectivas limitações” (COSCIONI; NASCIMENTO; ROSA; KOLLER, 2018, p.364).

Nenhum desses modelos considera a dimensão temporal no processo de desenvolvimento humano. Essa foi uma outra crítica feita por Bronfenbrenner, que compreendia a importância do componente tempo para a pesquisa, argumentando que outros pesquisadores não consideraram o desenvolvimento como um processo contínuo de mudanças (ROSA; TUDGE, 2013). É dessas reflexões que emerge outro modelo de estudo, o Cronossistema.

Esses diferentes modelos de pesquisa são os esboços do atualmente intitulado modelo PPCT (BRONFENBRENNER, 2011), que será aprofundado posteriormente. Dessa forma, compreender as discussões que levaram à evolução

nos modelos da pesquisa é necessário para melhor entendimento da Teoria Bioecológica. O resumo apresentado a seguir (Quadro 2) tem por objetivo auxiliar na compreensão das reflexões feitas por Bronfenbrenner para cada um desses modelos.

QUADRO 2 – EVOLUÇÃO NA CONSTRUÇÃO DE MODELOS DE ESTUDO SOBRE O DESENVOLVIMENTO HUMANO

(Continua)

MODELO DE ESTUDO	CARACTERIZAÇÃO	LIMITAÇÕES / CONSIDERAÇÕES
ENDEREÇO SOCIAL	É baseado na localidade geográfica ou social em que as pessoas vivem. Este desenho consiste em comparar características psicológicas de indivíduos que vivem em diferentes ambientes ou contextos sociais, (por exemplo, classe, nacionalidade, família, etc.).	O desenvolvimento humano é tratado como se somente fatores ambientais fossem determinantes, desconsiderando tanto os processos pelos quais o ambiente influencia o indivíduo quanto as características pessoais. Bronfenbrenner argumentou que este modelo de estudo não dispõe de dados que permitam futuras intervenções na estrutura ou no processo do curso do desenvolvimento humano. Além disso, este modelo presume que o ambiente influencia, da mesma forma, em todos os indivíduos que nele estão, independentemente de suas características pessoais.
PESSOA-CONTEXTO	Se difere do modelo de endereço social por incluir as características pessoais dos indivíduos.	Permite uma diversidade de interações entre pessoa e contexto, haja vista a diversidade de características pessoais. No entanto, é incapaz de explicar o processo pela qual ocorrem essas interações, apresentando-se limitado para os objetivos dos estudos de Bronfenbrenner.
PROCESSO-CONTEXTO	Este modelo de estudo permite analisar a influência de um determinado ambiente externo no processo específico vivenciado, como por exemplo, o impacto das experiências dos pais em seus locais de trabalho sobre a forma de organização da família.	Neste modelo de estudo as experiências no contexto são traduzidas não apenas pelos os comportamentos; mas, também por aspectos subjetivos relevantes como a interação dos indivíduos.
PESSOA-PROCESSO-CONTEXTO	Neste modelo de estudo desenvolvimento é visto como resultado das interações da pessoa e o contexto. Enfatiza, portanto, o processo pelo qual o desenvolvimento foi alcançado. Este modelo pertence o conceito de sinergia, utilizado para descrever o fenômeno compreendido pelos efeitos resultantes de duas ou forças, cujos efeitos individuais são menores.	Este modelo, apresenta avanços com relação aos demais, mas, segundo Bronfenbrenner, apresenta algumas limitações dentre as quais a não consideração da característica de todos os indivíduos envolvidos na interação. Em outras palavras, as relações são examinadas apenas de forma unidirecional.

CRONOS-SISTEMA	Neste modelo de estudo o tempo assume, para o desenvolvimento humano, grau de importância igual ao do ambiente. São estudos que consideram as mudanças ocorridas ao longo da vida do indivíduo, ocasionadas por eventos que podem ser esperados (entrada na escola) ou não (óbito na família); externos (nascimento de um irmão), internos (puberdade).	Bronfenbrenner considerou que estudos deste modelo devem analisar o desenvolvimento antes e depois do evento escolhido. Por exemplo, comportamentos de uma criança antes e depois do nascimento de seu irmão ou aspectos comportamentais antes e depois da puberdade.
----------------	---	---

Fonte: O Autor (2022), adaptado de ROSA e TUDGE (2013).

Ainda na segunda fase, Bronfenbrenner apresentou o conceito de *Paradigma Ecológico* como “aquele em que o desenvolvimento é entendido a partir das interações ao longo do tempo entre uma pessoa e os indivíduos com quem convive cotidiana e diretamente nos ambientes em que vive” (ROSA; TUDGE, 2013, p.250). O psicólogo reviu seus conceitos para micro e macrosistema, bem como iniciou a investigação de uma lacuna de seus estudos até o ano de 1979: uma apresentação objetiva sobre as características das pessoas e sobre a forma como elas contribuem para o processo de desenvolvimento humano, para a qual apresentou respostas somente na última fase (ROSA; TUDGE, 2013).

A terceira fase, compreendida entre os anos de 1993 e 2006, representa a consolidação da teoria como é conhecida atualmente, assumindo, desta forma, a nomenclatura de Teoria Bioecológica.

A evolução do termo ecologia para bioecológica provém do reconhecimento de Bronfenbrenner da incompletude de suas ideias anteriores, **passando a enfatizar os níveis estrutural e funcional da pessoa (i.e., aspectos biológicos, cognitivos, emocionais e comportamentais)**, incluindo-os no cerne dos sistemas ecológicos criados previamente. (DE CARVALHO BARRETO, 2016, p.285, grifo nosso).

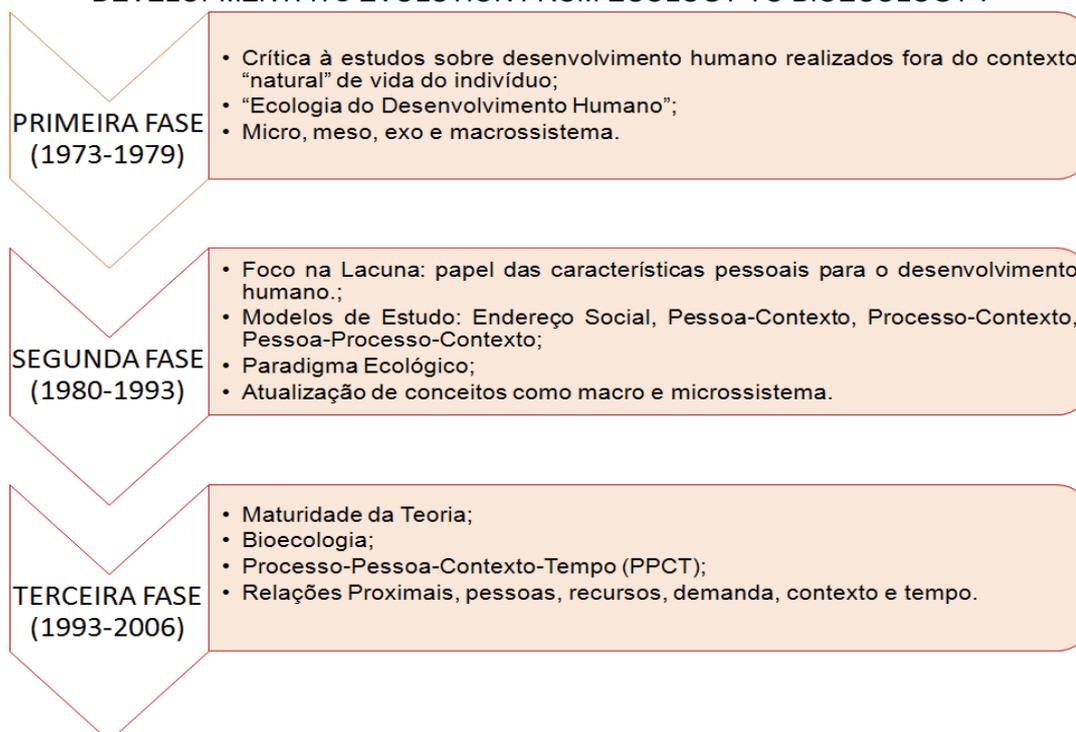
O autor definiu o modelo bioecológico como “um sistema teórico em evolução para o estudo científico do desenvolvimento humano ao longo do tempo” (BRONFENBRENNER, 2001, p.793), sistema que “pressupõe que os quatro elementos dos quais é formado (processo, pessoa, contexto, tempo) influenciam simultaneamente resultados de desenvolvimento dos seres humanos; deles os efeitos não são meramente aditivos” (ROSA; TUDGE, 2013, p.260, tradução nossa).

Os modelos de pesquisa descritos são aprimorados nesta fase, dando origem ao modelo PPCT, tal como se apresenta atualmente. É nessa terceira fase que o autor

constitui categorias e reflexões centrais para a teoria, como as relações proximais, pessoas, recursos, demanda, contexto e tempo (ROSA; TUDGE, 2013).

A Figura 1 apresenta um resumo das mencionadas fases de evolução:

FIGURA 1 – RESUMO DAS FASES DE EVOLUÇÃO DA TEORIA BIOECOLÓGICA DO DESENVOLVIMENTO HUMANO DE URIE BRÖNFENBRENNER, SEGUNDO ROSA E TUDGE (2013) NO ARTIGO "URIE BRONFENBRENNER'S THEORY OF HUMAN DEVELOPMENT: ITS EVOLUTION FROM ECOLOGY TO BIOECOLOGY".



Fonte: O Autor (2022), com base em ROSA e TUDGE (2013).

Logo, a TBDH é resultado de mais de 30 anos de pesquisas e estudos críticos, até assumir a sua forma mais madura, tal como será apresentada.

2.1.1 Os sistemas bioecológicos e o modelo PPCT

A perspectiva Bioecológica de Bronfenbrenner (2011) considera o desenvolvimento humano como um processo constante vivenciado pela pessoa. A pessoa, em seu processo de desenvolvimento humano, relaciona-se com o ambiente, ao mesmo tempo em que o ambiente estabelece relações com a pessoa, de forma que:

Esse fenômeno se estende ao longo do ciclo de vida humana por vários anos do seu ciclo de vida, o desenvolvimento humano ocorre por meio de processos de interação recíproca, progressivamente mais complexos entre

um organismo humano biopsicológico em atividade e as pessoas, objetos e símbolos existente no seu meio ambiente externo imediato. Para ser efetiva, a interação deve ocorrer em uma base estável em longos períodos. (BRONFENBRENNER, 2011 p. 46).

Na proposição dessa teoria, as interações ocorrem em diferentes sistemas e cenários com os quais a pessoa interage, que influenciam sua vida direta e indiretamente (BRONFENBRENNER, 2011). Cada pessoa mantém diferentes tipos de interações, em maior ou menor grau, como por exemplo, a própria casa, sua família nuclear e extensa, amizades, a escola, colegas de escola e professores. Aspectos culturais do local de vida também compõem estes sistemas e têm maior ou menor grau de influência sobre cada pessoa (BRONFENBRENNER, 2011).

Para Bronfenbrenner (2011), embora sejam listados separadamente, esses ambientes também interagem entre si. A família é um contexto no qual a pessoa está inserida, mas que sofre influências da escola. Outro exemplo, uma religião, apresenta-se como um ambiente que pode interferir em dinâmicas da vida familiar, escolar, social e comunitária. Além disso, diferentes pessoas inseridas nos mesmos contextos, constroem diferentes interações com o contexto em que estão inseridas (BRONFENBRENNER, 2011). Cada qual tem o seu desenvolvimento humano pessoal (BRONFENBRENNER, 2011).

Bronfenbrenner (2011) apresenta o Ambiente Bioecológico como um sistema de estruturas agrupadas, interdependentes e dinâmicas. Cada um desses níveis sistêmicos (Microsistema, Mesossistema, Exossistema e Macrosistema) está explicitado no Quadro 3.

QUADRO 3 – SISTEMAS DA TEORIA BIOECOLÓGICA BRONFENBRENNER

(Continua)

NÍVEL DE SISTEMA	DEFINIÇÃO	INTERAÇÕES (ex.)
Microsistema	Padrão de atividades, papéis e relações interpessoais experienciadas pela pessoa em desenvolvimento nos contextos nos quais estabelece relações face a face com suas características físicas e materiais e contendo outras pessoas com distintas características de temperamento, personalidade e sistemas de crenças.	Família, amigos/as, vizinhos/as, escola, professores/as.
Mesossistema	Compreende as ligações e os processos que ocorrem entre dois ou mais ambientes, os quais contém a pessoa em desenvolvimento. Em outras palavras, o mesossistema é um sistema formado por vários microsistemas.	Relações entre casa e escola, faculdade e local de trabalho.

Exossistema	Engloba as ligações e os processos que ocorrem entre dois ou mais contextos, nos quais pelo menos um deles não contém ordinariamente a pessoa em desenvolvimento, mas nele ocorrem eventos que influenciam os processos no contexto imediato a que essa pessoa pertence	Para uma criança, a relação casa e local de trabalho dos pais; para os pais, a relação entre a escola e a vizinhança
Macrossistema	Consiste no padrão global de características do micro, meso e exossistema de determinada cultura, subcultura ou contexto social mais amplo. O macrossistema pode ser definido como um modelo social para determinada cultura, subcultura ou outro contexto mais amplo.	Sistemas instigadores de desenvolvimento de crenças, recursos, riscos, estilos de vida, oportunidades estruturais, opções de curso de vida e os padrões de intercâmbio social que são imersos em cada um desses sistemas.

Fonte: O Autor (2022), com base em BRONFENBRENNER (2011, p.176-177).

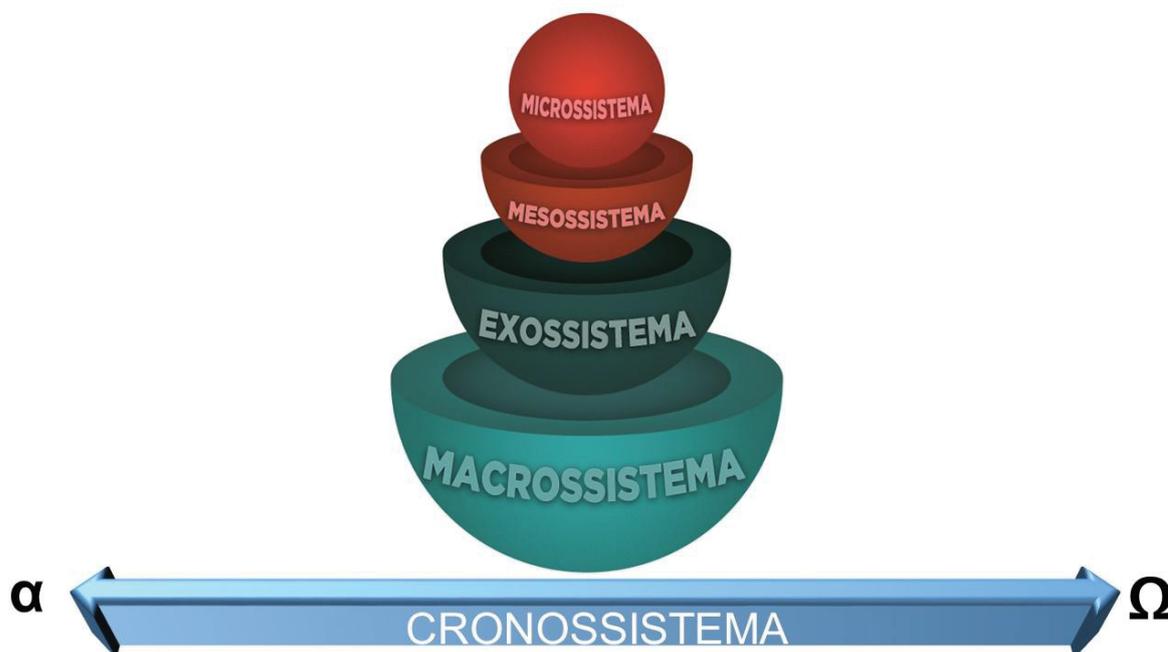
A dimensão temporal do desenvolvimento humano é a dimensão da vida e dos processos vividos ao longo do tempo e da história. Denominado cronossistema, o processo histórico também influencia não somente a vida das pessoas, como também os ambientes.

Um cronossistema abrange mudança ou consistência ao longo do tempo não apenas nas características da pessoa, mas também do ambiente em que essa pessoa vive (por exemplo, mudanças ao longo do curso de vida na estrutura familiar, status socioeconômico, emprego, local de residência ou o grau de agitação e habilidade na vida cotidiana). (BRONFENBRENNER, 1994, p.40).

A Figura 2 propõe uma representação das interações entre os sistemas. A representação inspira-se no modelo das bonecas russas⁵, citado por Bronfenbrenner (2011), em que cada sistema está inserido no outro, interdependentes e com características próprias. Na representação, as esferas estão distanciadas e com corte para melhor visualização, entretanto é possível compreender o encaixe entre as esferas. A dimensão de temporalidade, o cronossistema, é representada pela seta e as representações das letras do alfabeto grego *Alfa* e *Ômega*, simbolicamente representativas de início e fim.

⁵ Conhecidas como *matrioskas*, são um conjunto de bonecas encaixadas, no qual a maior boneca abriga as demais.

FIGURA 2 – REPRESENTAÇÃO DOS SISTEMAS DA TEORIA BIOECOLÓGICA DO DESENVOLVIMENTO HUMANO



Fonte: O Autor (2022), adaptada de BRONFENBRENNER (2011).

O Microsistema é a unidade mais básica da teoria de Bronfenbrenner sobre o desenvolvimento humano. Refere-se ao cotidiano vivenciado pelo indivíduo, não se resumindo a isso, pois compreende os vínculos estabelecidos pelo indivíduo dentro ambiente, como as atividades ali desenvolvidas e os papéis desempenhados pelos indivíduos que o compõe (BRANDÃO, 1996; BENETI *et. al.*, 2013; COSCIONI *et. al.*, 2018).

Por isso, neste estudo, a compreensão da dinâmica das relações e características do microsistema são relevantes.

Constitui-se como uma característica do microsistema a “existência de estruturas de relacionamentos entre as pessoas que o compõem” (BRANDÃO, 1996, p.52). Trata-se da díade ou sistema de duas pessoas, entendida como uma das unidades mais básicas de análise (BRONFENBRENNER, 2011). As díades são “estruturas caracterizadas pelas relações recíprocas” (BRONFENBRENNER, 2011, p.88).

Além disso, um modelo de sistemas da situação imediata vai além da díade e atribui igual importância aos chamados sistemas N+2 – tríades, tétrades e estruturas interpessoais mais amplas. Vários achados indicaram que a capacidade de uma díade servir como um contexto efetivo para o desenvolvimento humano depende crucialmente da presença e da participação de uma terceira pessoa, como um cônjuge, parentes, amigos e vizinhos. Se essas terceiras partes estão ausentes, ou desempenham um papel perturbador em vez de apoiador, o processo de desenvolvimento,

considerado como um sistema, se interrompe; como um banco de três pés, ele é derrubado mais facilmente se um dos pés está quebrado ou mais curto do que os outros. (BRONFENBRENNER, 2011, p.88).

Para além dos cinco sistemas (micro, meso, exo, macro e crono) a TBDH é constituída por quatro componentes interligados, que se constituem como modelo de estudo do processo de desenvolvimento: o Processo, a Pessoa, o Contexto e o Tempo:

Juntos, esses quatro elementos constituem a Teoria Bioecológica de Bronfenbrenner, pelo modelo processo-pessoa-contexto-tempo (PPCT) para conceitualizar o sistema de desenvolvimento integrado e delinear pesquisas que estudem o curso do desenvolvimento humano. Bronfenbrenner acreditava que, da mesma forma que todos os componentes desse modelo deviam ser incluídos em qualquer especificação conceitual do dinâmico sistema do desenvolvimento humano, também deviam investigar o papel de todos eles para prover informações adequadas à compreensão do desenvolvimento humano. (BRONFENBRENNER, 2011, p.25).

O modelo PPCT apresenta-se como uma perspectiva metodológica, consistindo em uma evolução de modelos de estudo sobre desenvolvimento humano formulados anteriormente por outros pesquisadores. O pressuposto de sua elaboração parte do entendimento de que “na ciência, uma boa teoria é aquela que pode ser traduzida em modelos de pesquisa correspondentes que se relacionado às que correspondem às propriedades definidoras da teoria” (BRONFENBRENNER; MORRIS, 2006, p.796).

O **Processo** é o primeiro componente do modelo e

abrange formas particulares de interação do organismo com o ambiente, chamadas processo proximal, que operam ao longo do tempo e são situadas como os mecanismos primários que produzem o desenvolvimento humano. Contudo, a força desses processos para influenciar o desenvolvimento humano é presumida, e mostrada, por variar substancialmente como função das características da Pessoa em desenvolvimento, do Contexto tanto imediato quanto mais remoto e dos períodos de Tempo nos quais o processo proximal ocorre. (BRONFENBRENNER; MORRIS, 1998, p.994 *apud* BRONFENBRENNER, 2011, p.25).

Processos proximais “são postulados como a força motriz primária do desenvolvimento humano” (BRONFENBRENNER, 2011, p.46). Os processos proximais “envolvem não apenas relações entre as pessoas, mas também relações entre pessoas, objetos e símbolos com os quais eles entram em contato” (ROSA; TUDGE, 2013, p.261, tradução nossa), e podem ser caracterizados por duas proposições feitas por Bronfenbrenner (2011). A primeira diz que

ao longo do ciclo de vida, o desenvolvimento humano ocorre por meio de processos de interação recíproca, progressivamente mais complexos entre um organismo humano biopsicológico em atividade e as pessoas, objetos e símbolos existentes no seu ambiente externo imediato. Para ser efetiva, a interação deve ocorrer em uma base estável em longos períodos de tempo. Esses padrões duradouros de interação no contexto imediato são denominados como processos proximais. (BRONFENBRENNER, 2011, p.46).

A segunda, afirma que

a forma, o poder, o conteúdo e a direção dos processos proximais produzem o desenvolvimento, variando sistematicamente como uma função articulada de características da pessoa em desenvolvimento (incluindo sua herança genética); do contexto (tanto imediato como o mais remoto) no qual os processos ocorrem da natureza dos resultados desenvolvimentais esperados; E das continuidades e de mudanças que ocorrem ao longo do tempo durante o ciclo de vida e o tempo histórico em que a pessoa está vivendo. (BRONFENBRENNER, 2011, p.46).

As duas colocações são consideradas interdependentes pelo autor, que apresenta o modelo PPCT como um delineamento de pesquisa operacional que permite a investigação simultânea de seus conteúdos (BRONFENBRENNER, 2011).

O segundo componente do modelo PPCT refere-se à **Pessoa** e, assim como o Processo, ganhou maior ênfase nos estudos de Bronfenbrenner do que as categorias Contexto e Tempo (BRONFENBRENNER, 2011). A TBDH considera “as características pessoais do sujeito em desenvolvimento, sua relação com outras pessoas e com o ambiente, as atividades geradoras do desenvolvimento e os eventos históricos significantes com seu respectivo tempo de duração” (ROTHER; MEJIA, 2015, p.211). A Pessoa é entendida com suas características próprias, biológicas, emocionais, cognitivas e comportamentais; o Processo, envolve a fusão e a dinâmica da relação entre o indivíduo e o contexto; o Contexto é definido como níveis ou sistemas entrelaçados da ecologia do desenvolvimento humano; e o Tempo, conceituado como envolvendo as dimensões múltiplas de temporalidade (BRONFENBRENER, 2011).

Bronfenbrenner (2011) distingue as características da Pessoa em três tipos: Disposição ou Força; Recursos e Demandas. A característica da Disposição (ou Força, segundo Rosa e Tudge, 2013) é entendida como o “mais provável de influenciar o desenvolvimento da pessoa, seja em uma maneira generativa ou disruptiva” (ROSA; TUDGE, 2013, p.261, tradução nossa) e é a que “pode ativar os processos proximais

em um domínio particular do desenvolvimento, continuando a sustentar sua operação” (BRONFENBRENNER, 2011, p.25).

A característica dos Recursos, descrita pela capacidade de envolvimento efetivo da pessoa com os processos proximais (ROSA; TUDGE, 2013, p.261, tradução nossa), “são recursos bioecológicos de capacidade, experiência, conhecimento e habilidade necessários para o funcionamento efetivo dos processos proximais em um determinado estágio do desenvolvimento humano” (BRONFENBRENNER, 2011, p.25-26). Ainda segundo Bronfenbrenner (2011), “existem características de demanda que convidam ou desencorajam reações do contexto social que podem fomentar ou interromper a operação dos processos proximais” (p.26). Bronfenbrenner e Morris (2006 apud ROSA; TUDGE, 2013, p.261, tradução nossa) forneceram exemplos de demanda como sendo “características como temperamento agitado ou calmo, aparência atraente versus aparência pouco atraente, e hiperatividade e passividade [...]. Mencionaram, ademais, outras características que podiam ser vistas imediatamente, como idade, sexo e cor da pele, tudo o que pode afetar o estabelecimento de processos proximais.

O **Contexto** são os “ambientes imediatos ou remotos que têm o poder de influenciar o desenvolvimento da pessoa. O Contexto está nos ambientes sociais integrados: microssistema, mesossistema, exossistema e macrossistema (FONTES; BRANDÃO, 2013, p. 153). Para Santos (2016, p.45), ao aplicar o modelo PPCT para a modalidade esportiva de atletismo, “o contexto, no entanto, deve ser entendido não só como o ambiente imediato no qual o atleta está inserido, mas também o ambiente que está relacionado a outras forças que interferem nestes ambientes imediatos, como o macrossistema”.

O **Tempo**, quarto e último componente do modelo PPCT, não esteve presente nas primeiras formulações e obras de Bronfenbrenner. Porém, na formulação atual, o Tempo

é analisado em três níveis no modelo bioecológico: microtempo, mesotempo e macrotempo. O microtempo refere-se à continuidade e à descontinuidade, observadas dentro de pequenos episódios dos processos proximais. O modelo bioecológico condiciona a efetividade dos processos proximais à ocorrência de uma interação recíproca progressivamente mais complexa, em uma base de tempo relativamente regular. O *mesotempo* refere-se à periodicidade dos episódios de processo proximal através de intervalos maiores de tempo como dias e semanas, sendo que os efeitos cumulativos destes processos podem produzir resultados significativos no desenvolvimento. Já o *macrotempo* abarca as expectativas e os eventos em mudança dentro da sociedade através de gerações, bem como a forma como

estes eventos afetam e são afetados pelos processos e resultados do desenvolvimento humano dentro do ciclo de vida. (NARVAZ; KOLLER, 2004, p.59).

A Figura 3 resume cada um dos componentes e a totalidade do modelo PPCT.

FIGURA 3 – MODELO PPCT (PROCESSO-PESSOA-CONTEXTO-TEMPO)



Fonte: O Autor (2022), adaptada de BRONFENBRENNER (2011).

Esses conceitos e elementos constituintes da TBDH serão melhor aprofundados no contexto da aprendizagem esportiva do futebol.

2.1.2 A teoria bioecológica e sua aplicação no esporte e no futebol

O esporte ocupa espaço na vida de muitas pessoas. Especialmente nas fases da infância, adolescência e juventude, que são etapas da vida marcadas pelas primeiras experiências, em diferentes âmbitos, e não diferente no esportivo. Dessa forma, analisar as influências da aprendizagem esportiva para o desenvolvimento humano tem sido objeto de estudos.

O envolvimento do(a)s jovens no esporte têm sido associados a diversas dimensões do desenvolvimento humano por um conjunto de evidências reportadas em diferentes áreas de conhecimento. Competências, habilidades, regulação do comportamento, autoeficácia e autoestima, qualidade de vida, relações interpessoais, valores, liderança, motivação para

o esporte, sentido para a vida, são alguns dos benefícios associados ao envolvimento do(a)s jovens no esporte. No entanto, é consenso que o alcance e a direção dos efeitos do esporte no desenvolvimento do(a)s jovens são influenciados pelo equilíbrio dinâmico entre ativos pessoais e contextuais ou ecológicos. E, atentando para a força dessas interações, estudos têm questionado a direção dos efeitos e o alcance da experiência no esporte para o desenvolvimento positivo, sustentados em uma impactante lacuna no campo da pesquisa e do uso alienante do esporte como ferramenta para resolver todos os problemas socioestruturais. (REVERDITO, 2016, p.68).

Esses estudos têm caminhado comumente em duas direções: entender a contribuição do esporte para o desenvolvimento e a paz, e esporte para o Desenvolvimento Positivo dos Jovens (REVERDITO, 2016, p.72-76). Ambas as abordagens oferecem, atualmente, ricas contribuições e têm suas limitações, entretanto é possível afirmar que “as abordagens têm oferecido subsídios essenciais para compreender a dinâmica do esporte na ecologia do desenvolvimento humano” (REVERDITO, 2016, p.76).

Os estudos de Jean Côté e colaboradores são relevantes subsídios para “a descrição e reflexão sobre aspectos psicossociais envolvidos no processo de formação esportiva de crianças e jovens, considerando questões de ordem individual e a influência do contexto social em que estão inseridos” (SOUZA; VICENTINI; MARQUES, 2020), pois “propõem categorias e modelos baseados na influência de contextos sociais e aspectos psicossociais sobre o esporte, reconhecendo diferentes possibilidades de trajetórias de participação esportiva” (SOUZA; VICENTINI; MARQUES, 2020).

Conforme Souza, Vicentini e Marques (2020), as importantes contribuições de Côté e colaboradores podem ser compreendidas em dois modelos propostos para estudar o processo de participação esportiva: o Modelo de Desenvolvimento da Participação Esportiva (DMSP)⁶ (CÔTÉ, 1999; CÔTÉ; HANCOCK, 2014) e o Quadro de Desenvolvimento de Valores Pessoais (PAF)⁷.

O DMSP é apresentado como um modelo que, a partir de dados empíricos, organiza indicadores relacionados às diferentes etapas do desenvolvimento, às vivências com a prática de esportes e os ambientes dessas experiências (CÔTÉ; FRASER-THOMAS, 2007). O DMSP foi alvo de críticas relacionadas às suas lacunas, as quais decorrem principalmente da consideração de que o modelo possui caráter generalista, estrutural e desconsidera as diferentes condições sociais e culturais, bem

⁶ Do original em inglês: *Developmental Model Of Sports Participation*.

⁷ Do original em inglês: *Personal Assets Framework*.

como individualidades dos participantes (SOUZA; VICENTINI; MARQUES, 2020). Essas críticas embasam Côté, Turnnidge e Evans (2014) para o desenvolvimento do PAF “com o objetivo de integrar o desenvolvimento do indivíduo em seu próprio contexto” (SOUZA; VICENTINI; MARQUES, 2020).

O PAF, enquanto modelo de estudo, apresenta três objetivos que, por influenciar o sucesso esportivo, devem ser equilibrados: participação, rendimento e desenvolvimento pessoal (CÔTÉ; FRASER-THOMAS, 2007). O modelo é constituído por três elementos dinâmicos: engajamento pessoal nas atividades, na qualidade dos relacionamentos e nas configurações apropriadas (CÔTÉ; TURNNIDGE; EVANS, 2014). Considera-se também o desenvolvimento de valores pessoais: competência, confiança, conexão e caráter (CÔTÉ; TURNNIDGE; EVANS, 2014).

Os estudos de Jean Côté e colaboradores (CÔTÉ; BAKER; ABERNETHY, 2007; TURNNIDGE; CÔTÉ; HANCOCK, 2014; CÔTÉ; HANCOCK, 2014), junto a outros na mesma direção, evidenciam a contribuição do esporte como ferramenta e contexto para o desenvolvimento humano.

Aproximando-se diretamente da fundamentação teórica desta pesquisa, a TBDH, afirma-se que “as experiências e oportunidades que a participação no esporte poderá oferecer dependem das condições criadas intencionalmente no ambiente, com a finalidade de realizar o processo de ensino, vivência e aprendizagem do esporte” (REVERDITO, 2016, p.82). Essa afirmação aproxima a TBDH do debate, entendendo a aprendizagem esportiva em sua interação com o ambiente da aprendizagem e sua influência para o desenvolvimento humano. A participação no esporte

é um processo constituído de conhecimentos, saberes e valores produzidos culturalmente, em interação com pessoas, objetos e símbolos presentes no tempo histórico. E, também, um processo em que o sujeito do esporte, biopsicossocial, é ativo em seu processo de desenvolvimento, influenciando e sendo influenciado multidimensionalmente pelo contexto em que está inserido. (REVERDITO, 2016, p.82).

Por meio desses aprendizados “o ser humano cria o ambiente que dá forma ao seu desenvolvimento humano” (BRONFENBRENNER, 2011, p.37). Entendendo, portanto, o aprendizado esportivo como um processo vivenciado ao longo de um tempo e em determinados ambientes de aprendizagem, a aplicação da TBDH, vem ganhando notoriedade nos estudos relacionados ao esporte.

Rother e Mejia (2015) afirmam que há aplicabilidade da TBDH no esporte e fundamentam esta afirmação através da consideração de que

o esporte pode ser classificado como um ambiente, ou um sistema, no qual ocorrem processos proximais ao longo do tempo e que são causadores do desenvolvimento da pessoa, em que ela apresenta características próprias que facilitam, dificultam ou impedem que o desenvolvimento ocorra. Por considerar esses aspectos em sua abordagem, o modelo PPCT da Teoria Bioecológica, de acordo com a literatura investigada, apresenta-se como um modelo adequado à investigação no esporte. Além disso, por apresentar ótica que contempla aspectos multidimensionais, pode trazer conhecimentos inovadores para o meio científico e servir como importante ferramenta de apoio para os estudos no esporte. (ROTHER; MEJIA, 2015, p.221).

Esse ambiente/sistema, que é o esporte, influencia o desenvolvimento dos atletas, ao mesmo tempo em que é influenciado por eles (ROTHER; MEJIA, 2015; REVERDITO, 2016). Essa compreensão contribuiu para que cada vez mais pesquisas tenham relacionado o esporte com a TBDH. O Professor Doutor em Educação Física Ruy Jornada Krebs (1948-2010) é um dos precursores na aplicação da Teoria Bioecológica em estudos relacionados ao esporte e à educação física. (COPETTI, *et al.*, 2020). Em 1994, o professor Ruy Krebs passa a dedicar-se ao estudo da Teoria Ecológica sobre o desenvolvimento humano, de Urie Bronfenbrenner, e, no ano seguinte, publica duas importantes obras: *Urie Bronfenbrenner e a Ecologia do Desenvolvimento Humano* e *Desenvolvimento Humano: teorias e estudos* (COPETTI, *et al.*, 2020), as quais fazem parte do quadro de estudos incipientes sobre o esporte orientados pela Teoria Bioecológica (KREBS, 1995; BRANDÃO, 1996; VIEIRA, 1999a; VIEIRA, 1999b; COPETTI, 2001; BENGOCHEA, 2002).

Conforme Krebs, Copetti, Serpa e Araújo (2008), as pesquisas que se orientam pelo paradigma bioecológico consideram o atleta como protagonista no contexto esportivo e buscam compreender como características físicas, biológicas e psicológica relacionam-se com o ambiente; outro aspecto desses estudos, segundo os autores, é o aspecto temporal da trajetória esportiva do atleta.

Ao avaliar a disposição pessoal de tenistas jovens, Krebs, Copetti, Serpa e Araújo (2008) enfatizaram ser necessária a utilização dos diferentes fatores sugeridos no modelo bioecológico, concluindo que qualquer avaliação tem dependência da continuidade ou da descontinuidade de suas disposições pessoais, além da relação com outros fatores que integram o modelo da Teoria Bioecológica.

Fontes e Brandão (2013) se orientam pelo paradigma bioecológico para investigar a resiliência de atletas de basquetebol no contexto esportivo de alto

rendimento. Aplicando entrevista semiestruturada a sete atletas da Seleção Brasileira de Basquetebol, consideram dentre outros pontos que “as relações interpessoais e familiares são sistemas ecológicos importantes para o fortalecimento do envolvimento no contexto da prática do basquetebol” (FONTES; BRANDÃO, 2013, p.158) de forma que “as atletas que possuírem recursos pessoais e socioculturais importantes não só puderam responder com sucesso às adversidades do esporte, mas desenvolveram recursos que lhes permitiram responder com êxito frente as adversidades do futuro” (FONTES; BRANDÃO, 2013, p.158-159).

Também na modalidade de basquetebol, Folle *et al.* (2017) identificam elementos do microssistema que contribuem para o processo de desenvolvimento de atletas de basquetebol feminino. Dois treinadores e 31 atletas de categorias de formação participaram de entrevistas, evidenciando que

as atividades molares vivenciadas pelas atletas de basquetebol correspondem tanto ao treinamento físico quanto ao treinamento técnico-tático, possuindo ambos persistência temporal e significado para treinadores e atletas. As relações interpessoais são vistas como de fundamental importância para o sucesso do contexto na formação de jovens atletas, enfatizando que tanto as díades observacionais quanto de atividade conjunta, especialmente as de reciprocidade e afetividade, e primárias se fazem presentes, influenciando no processo de desenvolvimento esportivo.

[...]

De fato, a formação esportiva está atrelada a fatores intrínsecos e extrínsecos ao clube esportivo, ao mesmo tempo envolvendo atletas e treinadores, em um processo que intercruza as relações interpessoais, o ato de treinar, bem como as ações formais que poderão permitir a constituição de uma carreira esportiva. (FOLLE *et al.*, 2017, p.122)

A TBDH, em sua aplicação no contexto esportivo, tem sido estudada em pesquisas relacionadas ao currículo de formação no futebol (OLIVEIRA; REVERDITO; BETTEGA; GALLATI; SCAGLIA, 2017; OLIVEIRA, 2020). Oliveira (2020) assume uma perspectiva sistêmico-ecológica para o processo de formação esportiva, já considerada em outros estudos (REVERDITO, 2016; CÔTÉ *et al.*, 2017; VAUGHAN *et al.*, 2019), que, “ao reconhecer uma natureza complexa, nega a fragmentação e tende a sinalizar o contexto do futebol a premissa de um processo de formação em que o foco mude do objeto para as relações, da medição para mapeamento, de estruturas para processo” (OLIVEIRA, 2020, p.66).

Trata-se de, durante o processo de formação esportiva, dar foco “ao desenvolvimento como um caminho de continuidades e mudanças ao longo da vida que são influenciadas pelo contexto, pessoa, tempo e processo” (OLIVEIRA, 2020,

p.66-67). É nesse direcionamento que Oliveira (2020) apresenta pressupostos para a elaboração de um currículo de formação no futebol que, rompendo com modelos tradicionais, seja um “organizador dos aspectos inerentes ao processo de formação esportiva e da pessoa” (OLIVEIRA; REVERDITO; BETTEGA; GALLATI; SCAGLIA, 2017). Para Oliveira, Reverdito, Bettega, Gallati e Scaglia (2017), se compreendida pela perspectiva sistêmico-ecológica, a formação esportiva deve considerar as realidades e deve ser organizada de forma que o sujeito, ao interagir com os conhecimentos inerentes ao processo e ao contexto, possa desenvolver competências para resolver diferentes situações da vida, e não apenas do jogo.

Compreende-se, dessa forma, que o aprendizado esportivo em futebol ocorre inerentemente em um ambiente educativo, que influencia e sofre influência de outros ambientes como família, escola, amizades, etc. A aprendizagem esportiva exige relações pessoais entre adolescente-atleta e técnico, adolescente-atleta e demais profissionais do clube, com os demais adolescentes-atletas, familiares, empresários, etc. Os sistemas ecológicos da TBDH adaptados ao contexto do futebol podem ser observados na Figura 4:

FIGURA 4 - SISTEMAS TEORIA BIOECOLÓGICA BRONFENBRENNER APLICADO AO FUTEBOL



Fonte: O Autor (2022).

A educação esportiva em um clube de futebol pode ser examinada a partir dos quatro componentes de análise, para entender o desenvolvimento humano na perspectiva do PPCT, necessária para o desenvolvimento deste estudo, conforme demonstrado na Figura 5.

FIGURA 5 – MODELO PROCESSO-PESSOA-CONTEXTO-TEMPO DA TEORIA BIOECOLÓGICA DE BRONFENBRENNER



Fonte: O Autor (2022), adaptado de SANTOS; VAGETTI; OLIVEIRA (2017).

2.2 A BIOECOLOGIA DA FORMAÇÃO DE ATLETAS DE FUTEBOL NO BRASIL

Esta seção se dedicará em abordar conteúdos que possibilitem compreender a Bioecologia do processo de formação de atletas de futebol no Brasil. Os temas apresentados na sequência serão devidamente contextualizados e analisados a partir do modelo PPCT.

Primeiramente, será apresentada a trajetória do adolescente-atleta ao longo do processo de educação esportiva, tendo por objetivo descrever como é o processo de formação nas diferentes etapas, faixas etárias e locais. O enfoque aqui estará no atleta e suas motivações, nas etapas da aprendizagem esportiva, e na contextualização do local e ambiente da formação esportiva em futebol que, ao longo da história do esporte no Brasil, sofreu alterações.

Após, será retratado o que acontece nesse processo de formação de atletas, tendo por referência a Doutrina da Proteção Integral que preconiza a condição peculiar de desenvolvimento humano, na qual se encontram crianças e adolescentes. As referências utilizadas servirão de base para a problematização crítica a respeito do desenvolvimento humano de crianças e adolescentes no processo e contexto da aprendizagem esportiva.

2.2.1 Aprendizagem esportiva em futebol: a trajetória do adolescente-atleta

Pessoa/Contexto/Processo/Tempo

Quando se fala de prática esportiva, refere-se, também, ao processo educativo ocorrido ora em contexto de educação formal, isto é, “como aquela desenvolvida nas escolas, com conteúdo previamente demarcados” (GOHN, 2013, p.15-16), ora em contexto educacional não-formal, entendido como aquilo que “se aprende ‘no mundo da vida’, via os processos de compartilhamento de experiências, principalmente em espaços e ações coletivos cotidianos” (GOHN, 2013, p.16).

É possível incluir no contexto das interações, que a formação esportiva possibilita a dimensão da educação informal, entendida como “aquela na qual os indivíduos aprendem durante seu processo de socialização gerada nas relações intra e extrafamiliares (amigos, escola, religião, clube, etc.)” (GOHN, 2013. p.16).

Nas palavras de Reverdito (2016, p. 82), “a realização do ensino, vivência e aprendizagem do esporte compreendido aqui, consiste em um processo localizado, político e historicamente, com a finalidade e responsabilidade da prática educativa concreta”. No caso desta pesquisa, refere-se ao processo de aprendizagem de futebol, de adolescentes-atletas inseridos em um espaço educativo não formal, que concerne ao clube de futebol, no âmbito de desporto de formação. Esse processo ocorre de forma distinta em cada qual dos esportes, por isso faz-se necessário um olhar específico sobre o contexto do futebol.

2.2.1.1 Quem não sonhou em ser um jogador de futebol?

Pessoa – Disposições, recursos e demandas

A palavra sonho é a que melhor define a relação de crianças e adolescentes com o futebol. Esse sonho pode estar ancorado em diferentes aspectos: a fama, a

ascensão financeira e social ou o alcance do alto rendimento esportivo (RODRIGUES, 2003; PEREIRA, 2008; SOUZA; VAZ; BARTHOLO; SOARES, 2008; COUTO, 2012; PINTO, 2018; SQUARCINI; SILVA; MOREL, 2019). Afinal, o futebol é o esporte mais popular no Brasil, país com altos índices de desigualdades e que não oferece, na educação formal, um caminho que possibilite a ascensão financeira. Embora incerto, o futebol se apresenta como um atalho para seguir nessa direção (SEGNINI, 2000; SOARES *et al.*, 2011; PINTO, 2018).

Pereira e Silva (2015, p.344) investigaram o perfil e as perspectivas de jogadores das categorias Sub 13 e Sub 15 de clubes profissionais de futebol de campo da cidade de Pelotas-RS. Entrevistando 78 adolescentes, com idades entre 12 e 15 anos, os autores apresentam que “os motivos mais frequentes pelos quais os entrevistados querem ser jogadores de futebol foram porque gosta de jogar (46,6%) e para ter um bom futuro e dinheiro para poder ajudar a família (15,0%), seguidos da realização de um sonho (11%)”.

O adolescente que integra a categoria de base de algum clube de futebol já passou por um grande filtro.

O jovem que almeja conseguir lugar de destaque no futebol passa, então, por dois grandes filtros: primeiro para ingressar nas categorias de base e, em um segundo momento, tendo que apresentar desempenho diferenciado que o credencie a atingir os postos de maior prestígio e salário na categoria adulta. (PINTO, 2018, p.13)

Pesquisando atletas das categorias de base de clubes profissionais, também de Pelotas-RS, Rigo Silva e Rial (2018) constataram que, num universo de 124 atletas, 61 eram oriundos de outras cidades e, inclusive, de outros estados. Esse dado evidencia os fluxos migratórios de adolescentes em todo o território nacional (e também internacional) na busca por oportunidades, em diferentes clubes de futebol.

Antes de chegar aos clubes, muitos dos adolescentes estavam inseridos nos ambientes de escolinhas de futebol, iniciando desde a infância, dos 4 até os 10 anos (RIBEIRO; PAULO; MAOSKI, 2020), embora muitos clubes tenham a iniciação esportiva compondo suas categorias de base.

Por muitas vezes, a motivação para a trajetória esportiva não está na criança e no adolescente somente, mas na família. Em pesquisa realizada com treinadores de escolinhas de futebol de Curitiba-PR, Ribeiro, Paulo e Maoski (2020) relatam que:

Todos os treinadores afirmaram que a influência dos pais é muito presente na trajetória dos filhos dentro da modalidade. Evidencia-se o fato de que alguns dos treinadores já tinham citado os pais no decorrer da entrevista, antes mesmo de serem questionados sobre essa influência. Durante toda a entrevista, o treinador A citou a palavra “pai” ou “pais” 32 vezes; enquanto o treinador E citou 53 vezes. A influência citada pelos treinadores acontece tanto de maneira benéfica quanto maléfica, porém, a maioria dos casos citados foram de influências maléficas. (RIBEIRO; PAULO; MAOSKI, 2020, p.590)

Distanciamento da família (mudança de localidade), sonho e influência familiar, são algumas das questões que devem ser consideradas no processo de desenvolvimento humano e esportivo do adolescente-atleta em sua trajetória de aprendizagem esportiva. A formação de um atleta é marcada por longos períodos de confinamento, muita disciplina, demandas físicas e emocionais, risco de dispensa, exclusões e lesões (RIGO; DA SILVA; RIAL, 2018).

O anseio pela profissionalização, realização financeira e/ou fama é a força principal para o enfrentamento das diferentes adversidades inerentes ao processo de aprendizagem e profissionalização esportiva em futebol; podendo, no entanto, constituir-se na motivação para a desistência desse sonho.

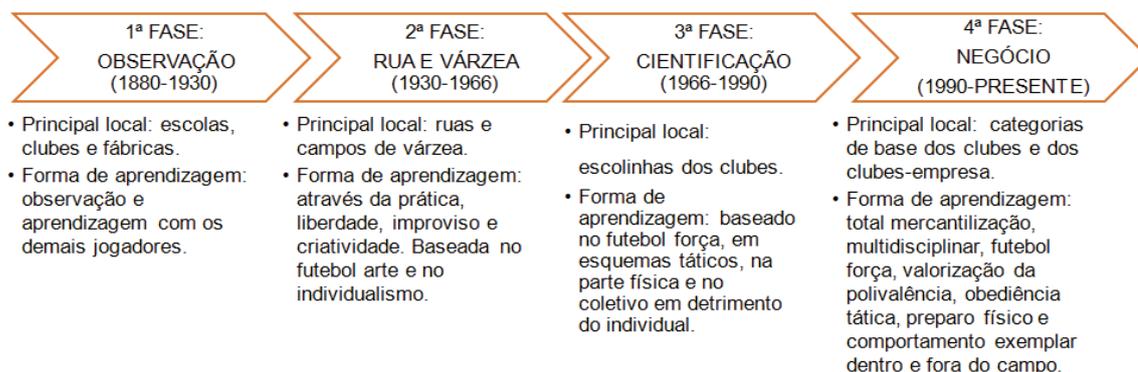
Esses fatores compõem o cenário da formação e integram-se como um grande sistema complexo, estabelecendo relações, que afetam diretamente o desenvolvimento (OLIVEIRA, 2020), por isso “desconsiderar a influência desses fatores pode causar a incompreensão acerca dos momentos de aprendizagem e das mudanças/transições que ocorrem ao longo do tempo, seja no cenário esportivo ou social” (OLIVEIRA, 2020, p.85).

2.2.1.2 Os centros de treinamento dos clubes de futebol como ambiente da aprendizagem esportiva

Contexto – Microssistema e Macrossistema

Em estudo relacionado à formação de atletas de futebol no Brasil, Moraes (2015) organiza uma linha do tempo sobre a história do futebol brasileiro, a qual classifica em 4 fases. Entre os elementos que caracterizam cada fase, está o principal local em que ocorre a aprendizagem esportiva (Figura 6). Embora decorridos sete anos desde que o autor apresentou tal divisão, muitas das características apontadas por ele ainda existem e estabelecem o plano de fundo do processo de ensino-aprendizagem do futebol na atualidade.

FIGURA 6 - DIVISÃO DA HISTÓRIA DO FUTEBOL BRASILEIRO/PRINCIPAIS ETAPAS DA FORMAÇÃO DE FUTEBOLISTAS NO PAÍS



Fonte: O Autor (2022), adaptada de MORAES (2015, p. 32-51).

Foi na década de 1990 que os clubes aumentaram o investimento nas categorias de base como espaço para a formação de seus próprios jogadores, processo que ocorria nas escolinhas de futebol ou até mesmo na várzea. A motivação para essa transição estaria no aumento das receitas decorrentes da formação e venda de atletas e na cobrança de contribuições de sócios (MORAES, 2015; DAMO, 2007).

Thiengo (2011) considera que, para os grandes clubes, formar seus próprios atletas é uma tradição, já para os pequenos clubes, esse processo é uma necessidade. A aprovação e vigência da Lei nº 9.615, de 24 de março de 1998, popularmente conhecida como Lei Pelé, também está entre os fatores que contribuíram para este processo (THIENGO, 2011; THIENGO; HUNGER; OLIVEIRA, 2010).

É nesse cenário que surgem os alojamentos dos clubes como local de *residência* para os adolescentes das categorias de base, a partir dos 14 anos, idade autorizada pela legislação vigente. A existência desses locais possibilita um maior raio de abrangência do clube, que pode buscar atletas em diferentes localidades e trazer para as instalações disponibilizadas (THIENGO, 2011; DAMO; 2007). Esse processo promove um fluxo migratório no país:

Parte desses jovens que ingressam na carreira do futebol vem de outras cidades ou estados diferentes do clube formador. Isto significa que passa a residir separados de suas famílias e, se forem sendo aproveitados nas categorias subsequentes, podem viver nessa condição até a profissionalização. (SOARES; MELO; COSTA; BARTHOLO; BENTO, 2011, p.914)

Dessa forma, os clubes de futebol constituem-se em microssistemas do processo de desenvolvimento dos adolescentes-atletas, com os alojamentos servindo de residência dos mesmos, não apenas como espaço de treinamento e aprendizagem esportiva. O lar, como ambiente familiar de desenvolvimento e interação, é substituído por longos períodos, pela convivência cotidiana com outros atletas e profissionais dos clubes. Sobre a saída de casa para viver em um alojamento, adolescentes-atletas declaram ser um processo marcado por sofrimentos, havendo, entretanto, uma compensação no sonho a ser realizado (SALOMÃO; OTTONI; BARREIRA, 2014).

Pesquisando a experiência de vida em alojamento de um clube de futebol, ao entrevistar adolescentes-atletas que vivenciam este processo, observa-se que “modifica-se a organização cotidiana da vida do atleta, organização na qual se deixa de contar com auxílios e costumes estabelecidos para se ter que assumir novas funções e tarefas do cotidiano” (SALOMÃO; OTTONI; BARREIRA, 2014, p.448).

Poucos estudos abordam diretamente a experiência de vida em alojamento, como a pesquisa de Salomão, Ottoni e Barreira (2013), segundo os quais, alguns elementos são relatados com maior destaque pelos adolescentes-atletas, quando se trata do processo de ambientação para a vida nos alojamentos:

A lista é grande: falta de privacidade, diferença entre as estruturas de alojamentos dos times em que já haviam jogado, dieta rígida, utilização de quartos em dupla, trio ou até com quatro atletas, compartilhamento de banheiro coletivo, o enfrentamento das gozações e chacotas constante entre os atletas, a receptividade dos outros atletas, a possível formação de amizades e companheirismo, o relacionamento proveniente de um cotidiano com atletas da mesma idade usufruindo do mesmo local e da mesma condição, relacionamento com a comissão técnica.

[...]

Há também a dificuldade de lidar com pessoas com hábitos distintos, a convivência com regras rígidas e também a alimentação, não semelhante à que estava acostumado em casa, exigindo o que os jogadores referem como “aprendizagem” própria a esse processo de ambientação. (SALOMÃO; OTTONI; BARREIRA, 2014, p.448).

À lista de desafios podem ser acrescentados outros, tais como os impactos da vida no alojamento na convivência social, a impossibilidade de receber amigas(os) e/ou namoradas(os), em razão das regras de visitação estabelecidas.

Poucos dados são encontrados quanto ao número de adolescentes-atletas que residem em alojamentos em clubes de futebol que podem subsidiar a amplitude

deste contexto. Por ocasião do incêndio do Ninho do Urubu⁸, em 2019, imprensa e órgãos públicos de fiscalização voltaram seus olhares para as condições dos alojamentos. Olhares estes que demonstraram ser momentâneos e com poucos desdobramentos, considerando que no país, não houveram mudanças estruturais nas políticas e legislações relativas à formação de atletas de futebol no Brasil, nem mesmo em questões relativas aos alojamentos e/ou serviços presados pelos clubes para os adolescentes-atletas que residem sob seus cuidados.

O Portal GE (2019) publicou matéria a respeito dos alojamentos dos 20 clubes que, naquele ano, disputavam a Série A do Campeonato Brasileiro. Segundo o levantamento apresentado, mais de 1.000 adolescentes-atletas, com idade entre 14 e 20 anos, estavam alojados, numa média de mais de 60 adolescentes por clube (Quadro 4). Alguns clubes relataram ter capacidade para alojar mais adolescentes do que havia naquele momento e outros apresentaram somente a capacidade total de atendimento – e não o número real de adolescentes alojados. Três clubes não apresentaram nenhuma informação.

QUADRO 4 – ALOJAMENTOS DOS CLUBES DA SÉRIE A DO CAMPEONATO BRASILEIRO/2019

CLUBE	Nº DE ATLETAS ALOJADOS (OU CAPACIDADE)
Athletico Paranaense	100
Atlético Mineiro	120
Avaí	44
Bahia	65
Botafogo	16
Ceará	40
Chapecoense	48
Corinthians	35
Cruzeiro	35
CSA	0
Flamengo	60
Fluminense	70
Fortaleza	Não Informado
Goiás	34
Grêmio	144
Internacional	80
Palmeiras	Não Informado

⁸ Episódio no qual as instalações do alojamento do Clube de Regatas Flamengo pegaram fogo, tendo por consequência a morte de dez adolescentes.

Santos	Não Informado
São Paulo	110
Vasco	40
TOTAL	1041

Fonte: Portal GE (2019).

Importante considerar que se tratam apenas dos clubes da Série A, de forma que, abrangendo também as Séries B e C, esse número seria maior. Um dado preocupante está nas condições destes alojamentos, com a frequente irregularidade nas instalações e ausência das devidas certificações para funcionamento.

A mesma reportagem do Portal GE (2019) menciona que, dos 20 clubes, 11 apresentavam alguma irregularidade relacionada à ausência de alvará ou certificação pelo Corpo de Bombeiros. Um importante mecanismo de garantir/exigir a regularização dos clubes é o Certificado de Clube Formador (CCF), emitido pela CBF, melhor abordado posteriormente neste trabalho. Para a Certificação, é necessário que os clubes cumpram uma série de critérios, dentre os quais a regularização do alojamento junto aos órgãos competentes.

Um levantamento feito pelo Indústria da Base (2019), em 2018, mostrou que havia 448 clubes ativos com categorias de base no país, dos quais apenas 39 com o Certificado. Isso significa dizer que menos de 10% dos clubes de futebol que formam atletas no Brasil atendem os critérios, dentre os quais:

- 1 — Apresentar a relação de técnicos e preparadores físicos responsáveis.
- 2 — Comprovar participação em competição oficial.
- 3 — Apresentar o programa de treino, seus responsáveis e compatibilidade com a atividade escolar dos jovens jogadores.
- 4 — Garantir frequência escolar dos jovens jogadores.
- 5 — Garantir a saúde dos jovens jogadores (por meio da contratação dos seguintes profissionais: médico, fisioterapeuta, psicólogo, nutricionista, e de ações como promover visitas frequentes dos ou aos familiares, oferecer três refeições diárias, manter os alojamentos limpos e locais de treinamento preparados para atendimento de urgência). (SALES, 2019).

Significa, portanto, afirmar que milhares de adolescentes-atletas se desenvolvem integralmente, não apenas esportivamente, em contextos não satisfatórios para um bom desenvolvimento esportivo, educacional, pessoal, emocional, familiar e social.

2.2.1.3 O processo da aprendizagem esportiva em futebol: uma perspectiva sistêmica e ecológica

Tempo/Processo

A aprendizagem esportiva ocorre em diferentes processos, de longo prazo, acompanhando o desenvolvimento humano da pessoa e devendo, em cada fase da vida, considerar diferentes aspectos para o atingimento dos melhores resultados. Portanto, “deve-se pensar a prática esportiva à longo prazo, para que os benefícios ocorram com sucesso” (SANTOS; VAGETTI; OLIVEIRA, 2017).

Para o desenvolvimento deste trabalho, buscou-se, em Oliveira, Paes e Vagetti (2020) e Moraes (2015), referências para essa organização do ensino esportivo. Os autores apresentam um modelo de organização educacional para o basquetebol, o qual já fora adaptado para as modalidades do atletismo (SANTOS, 2016) e do futsal (BISCAIA, 2020). Já Moraes (2015) realizou um estudo especificamente sobre o futebol, apresentando uma sistematização da organização da formação de atletas de futebol no Brasil.

As duas abordagens apresentam similaridades, bem como diferenças – ainda que conceituais. Ambas apontam para a divisão do desenvolvimento e aperfeiçoamento esportivo em duas etapas. Moraes (2015) divide entre Pré-Formação e Formação, conforme demonstra o Quadro 5.

QUADRO 5 – ETAPAS DO PROCESSO DE FORMAÇÃO NO FUTEBOL

IDADE BIOLÓGICA	IDADE CRONOLÓGICA	CATEGORIAS	ETAPAS DO DESENVOLVIMENTO E APERFEIÇOAMENTO ESPORTIVO
Infância e Adolescência	07 até 14 anos	Sub 10	Pré-Formação ou Iniciação
		Sub 11	
		Sub 12	
		Sub 13	
		Mirim (até 14 anos)	
Adolescência e Juventude	Até 15 anos	Infantil	Formação ou Especialização
	Entre 16 e 17 anos	Juvenil	
	Entre 18 e 19 anos	Juniores	

Fonte: O Autor (2022), adaptado de MORAES (2015).

Oliveira, Paes e Vagetti (2020) classificam como Iniciação e Especialização, aspectos que podem ser visualizados no Quadro 6. Contudo, ambos estabelecem as divisões utilizando a mesma faixa etária.

QUADRO 6 – DESENVOLVIMENTO E APERFEIÇOAMENTO ESPORTIVO NO FUTEBOL

IDADE BIOLÓGICA	IDADE ESCOLAR	IDADE CRONOLÓGICA	ETAPAS DO DESENVOLVIMENTO E APERFEIÇOAMENTO ESPORTIVO	FASES DO DESENVOLVIMENTO E APERFEIÇOAMENTO ESPORTIVO
Infância	Educação Infantil e 1º Ano do Ensino Fundamental	Até 6 anos	Iniciação	Conhecer brincando
	Ensino Fundamental (2º ao 4º ano)	7 - 9 anos		Aprendizagem Inicial
Adolescência Inicial	Ensino Fundamental (5º ao 8º ano)	10 - 13 anos		Automatização e Refinamento
Adolescência Mediana	Anos Finais do Ensino Fundamental e Anos iniciais do Ensino Médio (9º Ano EF ao 1º Ano EM)	14 - 15 anos	Especialização	Aperfeiçoamento Inicial
Adolescência Final	Ensino Médio (2º ao 3º ano)	16 - 18 anos		Aperfeiçoamento Profundo
Adulta	Ensino Superior	> 18 anos		Manutenção da Performance

Fonte: O Autor (2022), adaptado de OLIVEIRA, PAES e VAGETTI (2020).

O modelo proposto por Oliveira, Paes e Vagetti (2020) apresenta, com maior aprofundamento, os aspectos educativos em torno das fases do desenvolvimento e aperfeiçoamento esportivo. Enquanto que Moraes (2015), ainda que apresente reflexões sobre os mesmos aspectos, demonstra maior intenção de discorrer sobre a estrutura das categorias de formação esportiva.

Os dois modelos evidenciam a dimensão temporal e processual da aprendizagem esportiva. No caso do futebol, o processo é marcado por início precoce de forma que, ainda nas etapas de iniciação, encontram-se aspectos profissionalizantes da aprendizagem esportiva. Até uma possível profissionalização, o adolescente fica cerca de 10 a 12 anos de sua vida inserido no contexto de aprendizagem esportiva (dos 10 ou 12 anos até 20 ou 22 anos).

Nesse período, uma série de variáveis interferem em seu desenvolvimento esportivo e não apenas aspectos biológicos e etários. Por isso a importância da pesquisa de Elson Oliveira (2020) que, fundamentando-se na Teoria Bioecológica, apresenta pressupostos para a elaboração de currículos de formação de jovens futebolistas. Trata-se de compreender o currículo como uma estrutura que conecta “a

organização, sistematização, aplicação e avaliação às pessoas em desenvolvimento, constituindo-se uma plataforma pedagógica sistêmica para o processo de ensino-treino” (OLIVEIRA, 2020, p.92).

A construção do currículo demanda que o conteúdo da TBDH esteja presente na intencionalidade pedagógica do percurso formativo (SCAGLIA, 2014, OLIVEIRA, 2020) e consiste, essencialmente, na ideia de que

a operacionalização do currículo é um processo que deve ter em consideração o contexto (família, ambiente de treino...), o tempo (idade cronológica, tempo de prática, continuidade) e os atributos pessoais (recursos, demandas, motivação para a prática e desenvolvimento), para promover uma prática que permita efeitos positivos perduráveis. Tal premissa sinaliza para um currículo de natureza ecológica que compreenda o caráter relacional que institui a aprendizagem. (OLIVEIRA, 2020, p.92).

As considerações de Elson Oliveira têm por ponto de origem novas correntes de pensamento presentes no futebol contemporâneo, como “as Teorias Sistêmica, da Complexidade e da Pedagogia Não-Linear” (OLIVEIRA *et al.*, 2017; BETTEGA *et al.*, 2019; MACHADO *et al.*, 2019; VAUGHAN *et al.*, 2019; OLIVEIRA, 2020). É nesses termos que Oliveira (2020) defende a construção de um currículo ecológico, o qual, “ao promover transformações, também se transforme e se molde aos contextos e pessoas em desenvolvimento” (OLIVEIRA, 2020, p.96).

A relevância de debater a importância do currículo de formação e, mais do que isso, de discuti-lo sob a luz da TBDH, para Elson Oliveira (2020) está na assimilação da educação esportiva como um processo. Para Freire (2006), “ensinar – e todos que ensinam sabem disso – é trabalho pesado, é ciência e arte, uma das mais difíceis e estafantes tarefas humanas, não importa se trata de futebol ou de matemática”; portanto, é necessário entender a educação esportiva em sua dimensão processual como qualquer processo educativo.

Silva (2010) apresenta duas questões como necessárias para elaborar um currículo de formação: que tipo de pessoa se pretende formar e o que se pretende ensinar a essa pessoa? Essas questões têm por horizonte do processo educativo a pergunta: quem essas pessoas devem se tornar? (SILVA, 2010).

Oliveira, Paes e Vagetti (2020) e Moraes (2015), ao apresentarem modelos de desenvolvimento e aperfeiçoamento esportivo, identificam as etapas e da aprendizagem esportiva, que devem ser compreendidas em um planejamento

pedagógico que as enxergue como um processo educativo complexo e sistêmico, não apenas linear.

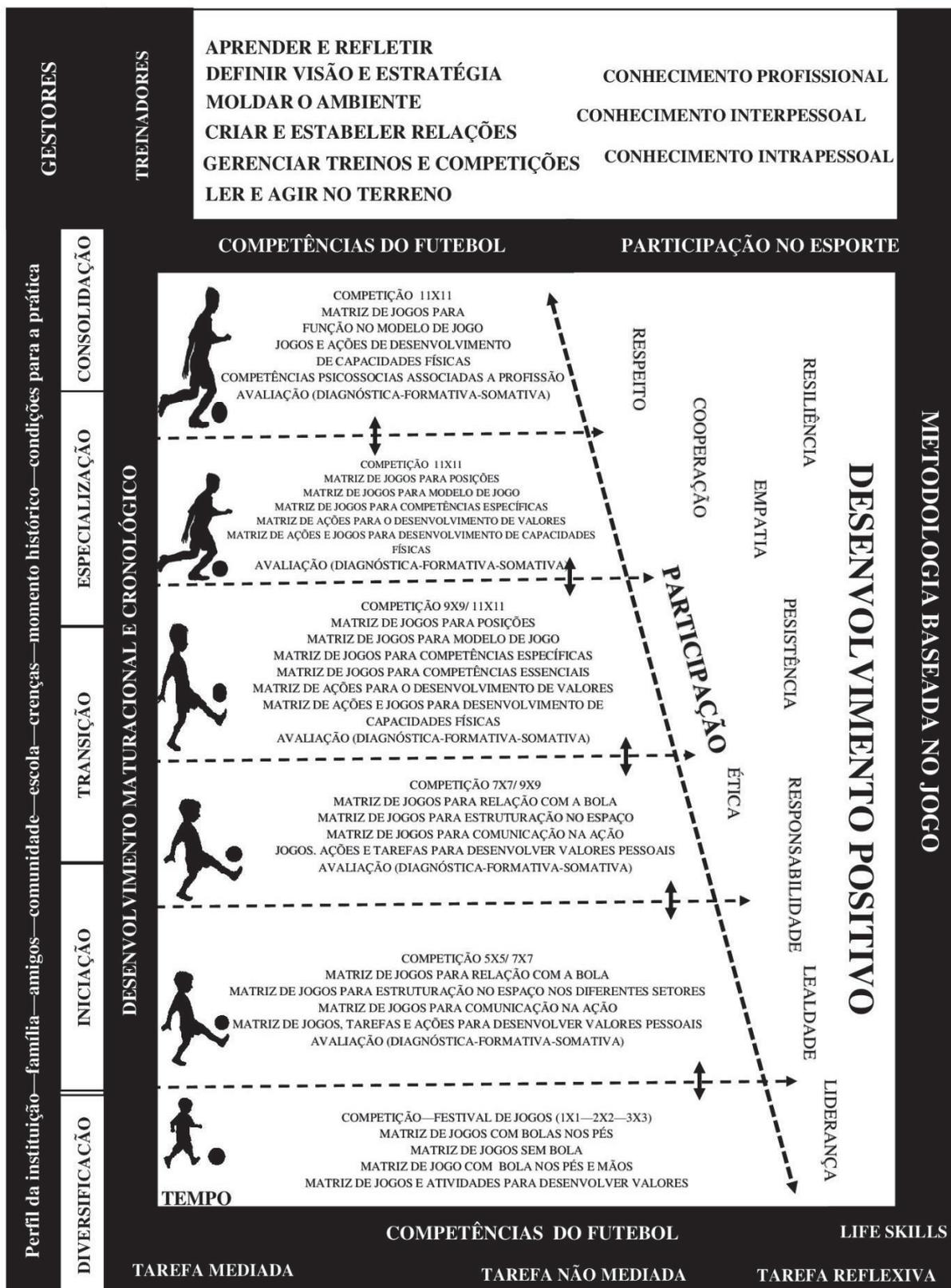
A contribuição de Oliveira (2020) para a presente pesquisa está na sistematização de um desenho da matriz ecológica para o processo de aprendizagem esportiva, que compreenda a dinâmica sistêmico-ecológica e complexa das etapas da formação.

Esse construto curricular, epistemologicamente baseado por uma dinâmica sistêmico-ecológica, intenciona o desenvolvimento de competências gerais, específicas e contextuais para a modalidade, simultâneo ao desenvolvimento de valores pessoais. (OLIVEIRA, 2020, p.104)

No modelo proposto por Oliveira (2020) (Figura 7) os saberes tratados, em qualquer uma das etapas de formação de futebolistas, devem ter por intenção potencializar o processo de desenvolvimento positivo dos adolescentes-atletas (competências psicossociais, valores pessoais perduráveis. O autor reforça ainda a importância de conteúdos esportivos que sejam

apropriados as pessoas (maturação, idade cronológica) e suas experiências com esporte (tempo de experiência com a modalidade e nível de jogo), também apropriados ao contexto e realidade social (cultura vigente), permitindo reflexão, consciência e consolidação de saberes. (OLIVEIRA, 2020, p.105).

FIGURA 7 – ETAPAS DO PROCESSO DE APRENDIZAGEM ESPORTIVA EM FUTEBOL



Fonte: Reproduzido de Oliveira (2020).

2.2.2 A condição peculiar de desenvolvimento humano de crianças e adolescentes e a formação esportiva em futebol no Brasil

Contexto/Processo/Pessoa

Crianças, adolescentes e jovens, no Brasil, inseridos no contexto de formação esportiva – principalmente no futebol, enfrentam uma série de desafios nesse processo, tais como a conciliação da aprendizagem esportiva com a educação formal, mudança de cidade, distanciamento familiar, entre outros. Estas condicionalidades, muitas vezes, vão de encontro aos direitos garantidos na legislação brasileira, com destaque para o ECA e a própria Constituição Federal.

Nessa perspectiva, este tópico tem o propósito de apresentar elementos para a compreensão sistêmica do contexto da formação esportiva em futebol no Brasil, relacionando aspectos dos diferentes níveis sistêmicos, do micro ao macro. Compõem esses contextos, nos diferentes níveis, aspectos culturais, sociais e econômicos do chamado Mundo do Futebol, assim como os órgãos, legislações e regulamentações sobre os direitos de crianças e adolescentes, além do próprio esporte no país.

Primeiramente, foi necessário apresentar as reflexões em torno da condição peculiar de desenvolvimento humano de crianças e adolescentes, a partir das quais se estabelece a Doutrina da Proteção Integral, que fundamenta o ECA. Dessa forma, tornou-se possível compreender o atleta, antes de tudo, como pessoa e, nesse caso de crianças e adolescentes, como pessoas em fase peculiar para o desenvolvimento humano. Ainda que superficialmente, é necessário contextualizar os diferentes atores sociais que integram essa rede de defesa e proteção dos direitos de crianças e adolescentes. Embora essa análise perpassasse os diferentes níveis sistêmicos, considera-se seu enfoque numa perspectiva do macrosistema.

Por seguinte, buscando um enfoque no exossistema – reconhecendo a inter-relação com os demais níveis sistêmicos, apresenta-se, a partir da Doutrina da Proteção Integral, uma análise sobre as legislações e instituições relativas ao desportivo; bem como sobre o papel e influência das entidades desportivas, como a CBF e as federações estaduais, para o desenvolvimento humano de crianças e adolescentes inseridos no processo de aprendizagem do futebol. Por essa razão, o processo de certificação de clubes formadores compõe parte importante dessa reflexão.

A terceira parte compreende a realidade enfrentada por crianças e adolescentes no processo de formação esportiva em futebol e os impactos para seu desenvolvimento humano. Análise feita em caráter crítico de reflexão sobre o Mundo do Futebol, entre suas divergências e a possibilidade para a promoção de condições saudáveis de desenvolvimento humano.

2.2.2.1 Doutrina da proteção integral e o estatuto da criança e do adolescente: a condição peculiar de desenvolvimento humano

Contexto

Para tratar de Direitos Humanos de Crianças e Adolescentes seria necessário, apenas, apresentar o ECA (Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990). Por isso as produções aqui consideradas são interpretações ou análises a respeito do conteúdo, desafios e possibilidades de materialização do ECA na sociedade brasileira.

O ECA, muito mais que um estatuto, representa uma visão de mundo, uma visão de infância e adolescência fundamentada na Doutrina da Proteção Integral, e não mais na Doutrina da Situação Irregular (FRANCISCO; LIMA; GROPPPO, 2020). Trata-se de reconhecer crianças e adolescentes como sujeitos de direitos, isto é, sujeitos ativos e não passivos sobre sua própria história, compreendendo, porém, que para o desenvolvimento de crianças e adolescentes é preciso considerar a integralidade dos direitos básicos e fundamentais. O ECA, por seu conteúdo, apresenta-se como um novo olhar para a infância e adolescência, as quais têm suas responsabilidades compartilhadas entre família, Estado e sociedade (ALMEIDA; PEDERSEN; SILVA, 2020).

Já em seu artigo 1º, o ECA “dispõe sobre a proteção integral à criança e ao adolescente” (BRASIL, 1990) e no artigo 2º define como “criança, a pessoa até doze anos de idade incompletos, e adolescente aquela entre doze e dezoito anos de idade” (BRASIL, 1990). No artigo 3º o estatuto garante que

A criança e o adolescente gozam de todos os direitos fundamentais inerentes à pessoa humana, sem prejuízo da proteção integral de que trata esta Lei, assegurando-se-lhes, por lei ou por outros meios, todas as oportunidades e facilidades, a fim de lhes facultar o desenvolvimento físico, mental, moral, espiritual e social, em condições de liberdade e de dignidade. (BRASIL, 1990).

É assegurado no artigo 4º do ECA que:

É dever da família, da comunidade, da sociedade em geral e do poder público assegurar, com absoluta prioridade, a efetivação dos direitos referentes à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao esporte, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária. (BRASIL, 1990).

De acordo com o artigo 6º do ECA, leva-se em consideração para os fins aos quais a lei se dirige, “as exigências do bem comum, os direitos e deveres individuais e coletivos, e a condição peculiar da criança e do adolescente como pessoas em desenvolvimento” (BRASIL, 1990).

Sobre o conteúdo do ECA a respeito dos direitos por ele estabelecidos, é importante destacar que eles

ampliam a perspectiva do que significa este “sujeito” criança e adolescente, delimitando um padrão de necessidades a serem concretizadas que tem implicação direta no conceito de “sujeito em desenvolvimento” – princípio basilar da Doutrina da Proteção Integral. Esta tem como fundamento central que todas as crianças e adolescentes se encontram em um ciclo da vida que tem uma condição peculiar de desenvolvimento, implicando em necessidades e atenção específicas. E é responsabilidade do mundo adulto garantir as condições necessárias para este período. (BRESSAN; GARCIA; MATOS, 2020, p.4)

O ECA, nessa perspectiva, traz a criança e o adolescente para o centro da sociedade, como detentores de maior atenção e cuidado – proteção, por parte de todo o conjunto da sociedade, iniciando pela família, mas não se restringindo a ela. Significa compreender o desenvolvendo humano dessas crianças, não mais somente como responsabilidade delas enquanto indivíduos, mas numa relação bioecológica, reconhecendo as influências do contexto sobre o processo de desenvolvimento dessas crianças que, embora ativas, são dependentes das outras pessoas e atores sociais.

Em diferentes camadas as responsabilidades são distribuídas, tendo na unidade familiar, enquanto ambiente no qual se encontra a criança e o adolescente, o principal ponto para esse processo; conseqüentemente, é necessário que essa família tenha acesso a bens e serviços que possibilitem sua atuação como espaço de proteção integral das crianças e adolescentes que a compõem, evidenciando, assim, a perspectiva sistêmica da Doutrina da Proteção Integral que fundamenta o ECA. Em outras palavras:

Independentemente dos microssistemas nos quais as pessoas estejam ou vivam (família, instituição ou escola), o seu desenvolvimento psicológico saudável depende, conforme Bronfenbrenner principalmente da existência de interações. No entanto, tais interações precisam ser marcadas por sentimentos afetivos positivos, reciprocidade e equilíbrio de poder. Relações negligentes ou abusivas, baseadas em estereótipos e/ou concepções idealizadas, podem ser encontradas em práticas educativas na família, na instituição ou na escola. A privação reacional não é exclusiva deste ou daquele contexto ecológico. Segundo Bronfenbrenner, a privação social poder estar presente em diferentes espaços ecológicos e constituir-se na falta de interações com outras pessoas. (POLLETO; KOLLER, 2008, p.414).

Assim, a Doutrina da Proteção Integral deve ser embasamento para qualquer política pública, legislação, regulamentação de serviços e práticas que sejam destinadas a crianças e adolescentes no país. Nenhuma instituição, pública ou privada, está isenta de seguir o que preconizam a Constituição Federal e o ECA.

Para efeitos desta pesquisa, é relevante reiterar a inserção de crianças e adolescentes-atletas nos microssistemas da aprendizagem esportiva, como os clubes de futebol, os alojamentos, etc.; compreendendo que, “seja qual for o contexto (família, instituição ou escola) este pode se configurar como risco ou proteção” (POLLETO; KOLLER, 2008, p.414). Em outros níveis, entidades esportivas, legislações esportivas e uma cultura histórica também conformam o contexto da aprendizagem esportiva no Brasil, em especial no futebol.

Nesse direcionamento, o tópico seguinte, apresenta aspectos da criança e do adolescente nas legislações relativas à formação esportiva.

2.2.2.2 A criança e o adolescente nas legislações relativas à formação esportiva em futebol

Contexto

O esporte brasileiro é regulamentado e orientado pela Lei nº 9.615/1998, que institui normas gerais e dá outras providências. Cada modalidade, como o futebol, para suas especificidades, tem organização política, administrativa e jurídica própria.

O direito ao desporto está estabelecido na Constituição Federal (BRASIL, 1988), sendo de competência da União, dos estados e do Distrito Federal legislar concorrentemente a respeito de várias áreas, dentre as quais o desporto (CF-88, Artigo 24, Inciso IX). A Constituição Brasileira, em seu artigo 217, reconhece o desporto como direito de todas(os) e assegura, também, que é dever do Estado

fomentar práticas esportivas formais e não-formais. O direito ao desporto é explicitado também no ECA, que versa em seu artigo 4º:

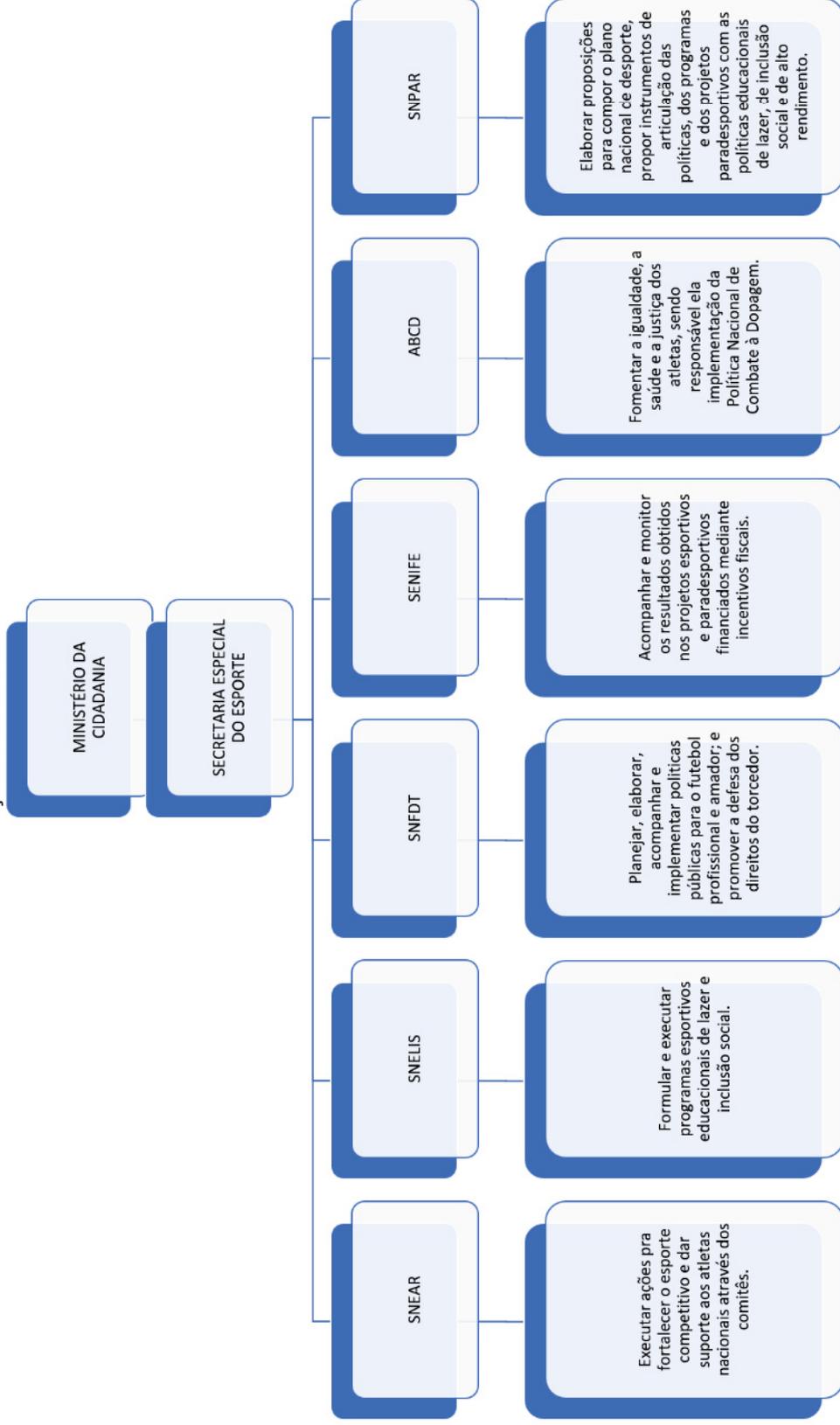
É dever da família, da comunidade, da sociedade em geral e do poder público assegurar, com absoluta prioridade, a efetivação dos direitos referentes à vida, à saúde, à alimentação, à educação, **ao esporte**, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária. (BRASIL, 1990, grifo nosso).

De igual forma, o Estatuto da Juventude expressa que:

Art. 28. O jovem tem direito à **prática desportiva destinada a seu pleno desenvolvimento**, com prioridade para o desporto de participação. Parágrafo único. O direito à prática desportiva dos adolescentes deverá considerar sua condição peculiar de pessoa em desenvolvimento. (BRASIL, 2013, grifo nosso).

O esporte, como política pública, é responsabilidade da União e de seus entes federados, devendo haver, em nível federal e nos estados da federação, órgãos responsáveis pelo gerenciamento de políticas públicas desportivas. Atualmente, a política pública de desporto está sob responsabilidade da Secretaria Especial do Esporte, que integra o Ministério da Cidadania. A Secretaria, por sua vez, está organizada, conforme demonstra a Figura 8, por meio de secretarias e departamentos, sendo: 1) Secretaria Nacional de Esporte de Alto Rendimento (SNEAR); 2) Secretaria Nacional de Esporte Educação, Lazer e Inclusão Social (SNELIS); 3) Secretaria Nacional de Futebol e Defesa dos Direitos do Torcedor (SNFDT); 4) Secretaria Nacional de Incentivo e Fomento ao Esporte (SENIFE); 5) Autoridade Brasileira de Controle de Dopagem (ABCD) e 6) Secretaria Nacional de Paradesporto (SNPAR).

FIGURA 8 - ORGANIZAÇÃO FEDERAL DA POLÍTICA DESPORTIVA



Fonte: O Autor (2022), com base em BRASIL - MINISTÉRIO DA CIDADANIA (2022).

Enquanto caráter, a prática esportiva é classificada pela legislação como formal e não-formal, sendo a primeira regulada por normas nacionais e internacionais e regras de prática desportivas; a não-formal é compreendida pelo seu caráter lúdico (BRASIL, 1998). Quanto à natureza da prática desportiva, a legislação mencionada apresenta:

Art. 3º O desporto pode ser reconhecido em qualquer das seguintes manifestações:

I - **Desporto educacional**, praticado nos sistemas de ensino e em formas assistemáticas de educação, evitando-se a seletividade, a hipercompetitividade de seus praticantes, com a finalidade de alcançar o desenvolvimento integral do indivíduo e a sua formação para o exercício da cidadania e a prática do lazer;

II - **desporto de participação**, de modo voluntário, compreendendo as modalidades desportivas praticadas com a finalidade de contribuir para a integração dos praticantes na plenitude da vida social, na promoção da saúde e educação e na preservação do meio ambiente;

III - **desporto de rendimento**, praticado segundo normas gerais desta Lei e regras de prática desportiva, nacionais e internacionais, com a finalidade de obter resultados e integrar pessoas e comunidades do País e estas com as de outras nações.

IV - **desporto de formação**, caracterizado pelo fomento e aquisição inicial dos conhecimentos desportivos que garantam competência técnica na intervenção desportiva, com o objetivo de promover o aperfeiçoamento qualitativo e quantitativo da prática desportiva em termos recreativos, competitivos ou de alta competição. (BRASIL, 1998, grifo nosso).

Neste tópico, é interesse entender o esporte em seu aspecto de formação, o que justifica a necessidade do resgate das referidas legislações, dentre elas, a Lei nº 12.395, de 2011 (BRASIL, 2011), que altera a Lei Pelé, sobretudo em seu artigo 29, referente à entidade de prática desportiva formadora. A lei de 2011 estabelece mecanismo de proteção, principalmente para os atletas no decorrer de sua trajetória de aprendizagem esportiva (BRASIL, 2011). Segundo o texto atual da Lei Pelé (após as alterações realizadas), considera-se formadora de atleta a entidade desportiva que:

I - **forneça** aos atletas programas de treinamento nas categorias de base e **complementação educacional**; e

II - satisfaça cumulativamente os seguintes requisitos:

a) estar o atleta em formação inscrito por ela na respectiva entidade regional de administração do desporto há, pelo menos, 1 (um) ano.

b) comprovar que, efetivamente, o atleta em formação está inscrito em competições oficiais.

c) **garantir assistência educacional, psicológica, médica e odontológica, assim como alimentação, transporte e convivência familiar.**

d) **manter alojamento e instalações desportivas adequados, sobretudo em matéria de alimentação, higiene, segurança e salubridade.**

e) manter corpo de profissionais especializados em formação técnico-desportiva.

f) **ajustar o tempo destinado à efetiva atividade de formação do atleta, não superior a 4 (quatro) horas por dia, aos horários do currículo escolar ou de curso profissionalizante, além de propiciar-lhe a matrícula escolar, com exigência de frequência e satisfatório aproveitamento.**

g) ser a formação do atleta gratuita e a expensas da entidade de prática desportiva.

h) comprovar que participa anualmente de competições organizadas por entidade de administração do desporto em, pelo menos, 2 (duas) categorias da respectiva modalidade desportiva; e.

i) **garantir que o período de seleção não coincida com os horários escolares.** (BRASIL, 1998, art. 29, grifo nosso).

Os trechos destacados evidenciam o compromisso da legislação com a garantia dos direitos de crianças e adolescentes, em especial com o direito à Educação. No mesmo artigo, a Lei versa sobre o vínculo entre o adolescente-atleta e a entidade formadora, determinando:

O atleta não profissional em formação, **maior de quatorze e menor de vinte anos de idade**, poderá receber auxílio financeiro da entidade de prática desportiva formadora, sob a forma de bolsa de aprendizagem livremente pactuada mediante contrato formal, sem que seja gerado vínculo empregatício entre as partes. (BRASIL, 1998, art. 29, § 4º grifo nosso).

A Lei Pelé determina, ainda, que “a entidade nacional de administração do desporto certificará como entidade de prática desportiva formadora aquela que comprovadamente preencha os requisitos estabelecidos nesta Lei” (BRASIL, 1998, art. 29, § 3º). No caso do futebol, a entidade responsável por certificar os clubes com formação de atletas é a CBF.

2.2.2.2.1 A certificação de clube formador

Contexto

O CCF busca reconhecer os clubes que cumprem uma série de exigências apresentadas na Resolução nº 01/2019, da Presidência da CBF (CBF, 2019), cuja finalidade é padronizar e possibilitar uma formação esportiva ampla e completa, por meio do oferecimento de condições para o desenvolvimento de aspectos técnicos, suporte médico e psicológico e promoção social e educacional” (MORAES; BASTOS; CARVALHO, 2016, p.11). Segundo o documento da Presidência da CBF, a renovação do certificado deverá acontecer anualmente, sendo que “o pedido formal de verificação das condições para a obtenção do CCF, poderá ser formulado a qualquer tempo, mediante requerimento escrito protocolado na entidade regional de

administração do futebol competente” (CBF, 2019, p.4). Caberá às entidades regionais de administração filiadas à CBF a responsabilidade de emitir o parecer conclusivo sobre a solicitação do certificado mediante análise documental e visita técnica (CBF, 2019).

Dentre os vários requisitos exigidos, estão aspectos de âmbito de infraestrutura e preparo técnico para a formação esportiva. Considerando o objetivo desta pesquisa, destacam-se aqui aqueles que, de maneira direta ou indireta, estão relacionados ao desenvolvimento humano desses adolescentes de forma integral.

IV - Apresentar programa de treinamento, detalhando responsáveis, objetivos e metodologia, declinando as atividades esportivas aplicadas a cada categoria, **além das atividades escolares e respectivos períodos e horários de estudo**, de treinamento e de competição, fornecendo aos atletas uniformes de treino e jogo, além de roupas de cama, mesa e banho, material de limpeza e higiene pessoal.

V- Manter alojamento e instalações desportivas em **boas condições em matéria de alimentação, higiene, segurança e salubridade, a serem atestadas por laudo técnico emitido por profissional habilitado na área de saúde e segurança do trabalho**, garantindo aos atletas em formação e que residem no alojamento do clube, o mínimo de três (03) refeições diárias (desjejum, almoço e jantar), planejadas por nutricionista e servidas no clube ou fora dele, em local adequado e em boas condições de higiene e salubridade. Aos atletas em formação não residentes no alojamento do clube será assegurado lanche em cada período de treinamento de que participar. **O alojamento deverá contar com área física proporcional ao número de residentes, dotado de ventilação e iluminação natural, em boas condições de habitabilidade, higiene e salubridade, com mobiliário individual, assim como e da mesma forma banheiros e área de lazer;**

VI – Apresentar a relação nominal dos atletas de cada categoria residentes no alojamento [...], **comprovando quando for o caso, o pagamento mensal de auxílio financeiro para o atleta em formação, sob a forma de bolsa de aprendizagem, livremente pactuada mediante contrato formal, sem que se constitua vínculo empregatício entre as partes;**

VII - **Proporcionar assistência educacional que permita ao atleta frequentar curso em horários compatíveis com as atividades de formação, em qualquer nível: alfabetização, ensino fundamental, médio, superior ou, ainda, curso técnico ou profissionalizante, mediante matrícula em estabelecimento de ensino regular ou através de professores contratados mantendo controle sobre a frequência e o aproveitamento escolar do atleta**, proporcionando período de descanso de trinta dias consecutivos e ininterruptos, coincidentes com as férias escolares regulares, com garantia de recebimento de bolsa aprendizagem durante tal período.

IX – **Facultar, sem prejuízo da atividade esportiva, a visita de familiares do atleta, a qualquer tempo, e proporcionar, às suas expensas, ao final e cada temporada oficial (assim determinado no calendário de cada entidade de administração), meios para que o atleta possa viajar à sua cidade de origem, quando for o caso, com o objetivo de conviver com seus familiares até a data marcada para sua reapresentação, por força de competição ou início da próxima temporada.** (CBF, 2019, p.4-6, grifo nosso).

Conforme apresentado, somente será certificada como Entidade Formadora a instituição esportiva, como os clubes de futebol, que atenderem às especificações citadas. Todavia, a certificação não é necessária para que uma entidade esportiva tenha categorias de base, operacionalizando um processo de formação esportiva, inclusive com serviço de alojamento. A certificação, embora contribua para elevar a qualidade dos serviços ofertados pelos clubes, é opcional. De acordo com a relação disponibilizada pela CBF, em janeiro de 2022⁹, somente 37 entidades esportivas têm a aludida certificação, como consta no Quadro 7:

QUADRO 7 – ENTIDADES ESPORTIVAS COM CERTIFICADO DE CLUBE FORMADOR/2022
(Continua)

CLUBE	SÉRIE
Associação Atlética Ponte Preta (SP)	B
Associação Desportiva Bahia de Feira (BA)	D
Associação Chapecoense de Futebol (SC)	B
América Futebol Clube (MG)	A
Avaí Futebol Clube (SC)	A
Azuriz Futebol de Alta Performance Ltda.	D
Botafogo de Futebol e Regatas (RJ)	A
Botafogo Futebol S.A. (SP)	C
Ceará Sporting Club (CE)	A
Coritiba Foot-ball Club (PR)	A
Clube Atlético Juventus (SP)	-
Clube Atlético Mineiro (MG)	A
Club Athletico Paranaense (PR)	A
Clube de Regatas do Flamengo (RJ)	A
Club de Regatas Vasco da Gama (RJ)	B
Criciúma Esporte Clube (SC)	B
Cruzeiro Esporte Clube (MG)	B
Desportivo Brasil Participações Ltda (SP)	-
Esporte Clube Bahia (BA)	A
Esporte Clube Juventude (RS)	A
Ferroviária Futebol S/A (SP)	C
Figueirense Futebol Clube (SC)	C
Fortaleza Esporte Clube (CE)	A
Esporte Clube Vitória (BA)	C

⁹ Ao longo do ano, a relação disposta no portal pode sofrer alterações em razão do processo de renovação dos certificados.

CLUBE	SÉRIE
Fluminense Football Club (RJ)	A
Guarani Futebol Clube (SP)	B
Grêmio Foot-Ball Porto Alegrense (RS)	A
Gremio Novorizontino (SP)	B
Grêmio Osasco Audax Esporte Clube (SP)	-
Ituano Futebol Clube (SP)	B
Nova Iguaçu Futebol Clube (RJ)	D
Paraná Soccer Technical Center - PSTC (PR)	D
Sport Club Internacional (RS)	A
Sport Club Corinthians Paulista (SP)	A
Red Bull Bragantino (SP)	A
Santos Futebol Clube (SP)	A
Volta Redonda Futebol Clube (RJ)	C

Fonte: CBF (2022).

Ao analisar essa listagem, é possível afirmar que, dos 40 times integrantes das duas primeiras divisões do Campeonato Brasileiro (Série A e Série B), isto é, a elite do futebol brasileiro, apenas 25 deles são certificados como Clubes Formadores. Pode-se verificar que a situação é semelhante à de 2018, conforme relatório apresentado pelo portal Indústria da Base (SALES, 2019) No mesmo levantamento, estimou-se uma média de 90 atletas por categorias de base de clubes. Nessa proporção não é possível afirmar que mais de 35.000 adolescentes das categorias de base tenham frequentado satisfatoriamente à escola, mantido convívio familiar, bem como assegurados outros direitos, já que integram clubes não certificados. Por isso é necessário analisar criticamente o contexto no qual ocorre o processo de aprendizagem esportiva de adolescentes-atletas de futebol no Brasil.

2.2.2.3 O desenvolvimento humano de crianças e adolescentes no mundo do futebol

Contexto/Pessoa/Processo

De forma sistêmica, a aprendizagem esportiva em futebol é organizada pela interação de diferentes contextos, sendo destas interações que decorrem os desafios e possibilidades para um saudável processo de desenvolvimento humano e esportivo de milhares de crianças e adolescentes no Brasil.

O contexto da formação esportiva pode, portanto, se configurar como espaços de risco ou proteção das crianças e adolescentes nele inseridos,

no entanto, isso dependerá da qualidade das relações e da presença de afetividade e reciprocidade que tais ambientes propiciarem. Quando houver conexões positivas [...] entre os contextos e/ou dentro deles, certamente haverá a possibilidade de se acionarem processos de resiliência que favoreçam a melhoria da qualidade de vida, da saúde e a adaptação das pessoas e da sociedade. (POLLETO; KOLLER, 2008, p.414).

Publicado em 2014, o relatório “A Infância entra em campo” apresenta o resultado da pesquisa “Riscos e Oportunidades para Crianças e Adolescentes no Futebol”, realizada em uma parceria entre o Centro de Defesa da Criança e do Adolescente Yves de Roussan (CEDECA/BA) e a Secretaria Estadual para Assuntos da Copa do Mundo da FIFA Brasil 2014 (SECOPA/BA), com apoio do Fundo das Nações Unidas para a Infância (UNICEF). Como principal formulação, o relatório aponta para a realidade de que nem sempre a prática esportiva, no caso do futebol, é realizada de forma segura e revestida da necessária garantia dos direitos de crianças e adolescentes (CEDECA/BA, 2014).

O contexto da formação esportiva em futebol abarca o projeto de vida de milhares de adolescentes no país, os quais são atraídos pela ilusão dos altos salários (que, como demonstra o relatório, são exceções), bem como o grande funil pelo qual poucos atingem as etapas finais (e se profissionalizam no esporte).

A pesquisa apresenta alguns grandes riscos do processo de aprendizagem esportiva em futebol para os direitos de crianças e adolescentes, tais como: 1) o afastamento do ensino regular e a profissionalização precoce; 2) a exploração e o abuso sexual; 3) o distanciamento da convivência familiar (CEDECA/BA, 2014).

Esses três elementos são categorias de debate imprescindíveis para uma análise sobre processo e contexto da aprendizagem esportiva em futebol no Brasil. Embora tais realidades não sejam vivenciadas em todos os clubes brasileiros, compõem um cenário que interfere e impacta na formação de futebolistas, de forma generalizada. Além dos elementos de atenção elencados pela pesquisa do CEDECA/BA (2014), uma quarta discussão foi considerada necessária para este trabalho. Trata-se da discussão sobre a Profissionalização Precoce e a Proteção no Trabalho.

Esses quatro temas serão abordados na perspectiva dos Direitos de Crianças e Adolescentes, conforme o ECA: 1) do direito à educação: apresentando um olhar sobre a realidade do acesso à educação no contexto da conciliação dos estudos com o processo de aprendizagem esportiva; 2) do direito à liberdade, ao respeito e à dignidade: embora muito mais amplo, este eixo será abordado, principalmente, na perspectiva das situações de abuso sexual decorrentes das relações de poder no contexto de aprendizagem esportiva; 3) do direito à convivência familiar e comunitária: embora correlacionadas (convivência familiar e comunitária), precipuamente a convivência familiar, como direito, é um ponto que merece muita atenção diante da necessidade de adolescentes-atletas alojarem-se em clubes, ficando longos períodos distantes de suas famílias; e 4) do direito à profissionalização e da proteção no trabalho: a profissionalização precoce é uma realidade no processo de aprendizagem esportiva em futebol que, somada às irregularidades no âmbito da formalização destes vínculos, em relação às legislações referentes à profissionalização de adolescentes, constituem ponto importante de discussão tendo por horizonte o pleno desenvolvimento dos adolescentes.

2.2.2.3.1 Do direito à educação

Segundo os artigos 53 e 55 do ECA, **“a criança e o adolescente têm direito à educação, visando ao pleno desenvolvimento de sua pessoa**, preparo para o exercício da cidadania e qualificação para o trabalho” (BRASIL, 1990, art. 53, grifo nosso), de forma que **“os pais ou responsável têm a obrigação de matricular seus filhos ou pupilos na rede regular de ensino”** (BRASIL, 1990, art. 55, grifo nosso).

Cabe, contudo, ressaltar que o direito à educação não pode ser reduzido à matrícula e à frequência, devendo ser a garantia de plenas condições de participação e desenvolvimento pedagógico.

Em pesquisa realizada sobre a realidade da formação de futebolistas no Brasil, o CEDECA/BA (2014) aponta para a disputa entre a carga horária destinada aos estudos e a carga horária destinada aos treinos, motivo pelo qual a maior parte dos atletas estuda no período noturno. Não por opção, mas por ser a única alternativa viável diante do horário dos treinos.

Muitas pesquisas apresentam discussões sobre a escolarização de adolescentes-atletas, como Santos (2010), Melo (2010), Barreto (2012) e Correia

(2014) que consideraram os desafios da conciliação entre formação esportiva e escolarização, elencando diferentes fatores.

Ao pesquisar sobre o tema, Melo, Rocha, Costa e Silva e Soares (2016) corroboram a afirmação da dificuldade de manter a vida escolar em decorrência da carga horária destinada aos treinos, levando em consideração que, na vida desses adolescentes e jovens, a formação no futebol ganha lugar prioritário em relação à escola. Outros estudos apresentam a mesma problemática e discussões, seguindo na mesma direção (BOSSLE; LIMA, 2013; BALZANO; SILVA; MUNSBERG, 2020). Devido aos desafios da conciliação entre a formação esportiva e a escolarização, Barreto (2012) problematiza a flexibilização escolar a atletas de futebol alojados em clubes:

A flexibilização escolar ocorre, na prática, por atos da escola em conceder a esses atletas benefícios não observados aos demais alunos. As faltas são frequentes, principalmente por motivos de viagens para atuar em competições. E, como visto, isto é encarado com naturalidade pelo clube, que entende ser este “trabalho do atleta”. (BARRETO, 2012, p.83).

Segundo Barreto (2012), “isso nos revela que o clube entende por normal o fato de o aluno/atleta faltar às aulas para competir. Mais que isso, encara essa situação como inerente à sua formação” (p. 84). Ainda a respeito da flexibilização, o autor analisa as diferenças existentes quando adolescentes-atletas frequentam escolas públicas e quando a escola está instalada dentro do Centro de Treinamento (CT), sob a responsabilidade do clube.

Barreto (2012), em sua pesquisa, perguntou aos atletas do Cruzeiro Esporte Clube (MG) e do Clube Atlético Mineiro (MG) sobre a exigência de atividades escolares extraclasse (o chamado dever de casa). Conforme a resposta dos atletas, evidenciou-se que na escola instalada dentro do CT (caso do Cruzeiro Esporte Clube (MG)) a exigência de dedicação extraclasse para atividades escolares é muito menor do que nas escolares regulares (frequentadas por adolescentes-atletas do Clube Atlético Mineiro (MG)).

Para o pesquisador, outros exemplos da flexibilização existentes para alunos-atletas, estão no frequente abono de falta, mediante declaração do clube justificando a ausência por atividades esportivas, aulas essas que não são repostas; bem como no recorrente remanejamento de datas de provas, como forma de se adaptar ao calendário esportivo.

Apesar de direcionada a dois clubes específicos, a pesquisa de Barreto (2012) retrata uma realidade aplicável a todo o país, no que se refere à escolarização de adolescentes-atletas. A secundarização da escolaridade em relação à aprendizagem esportiva é sistêmica.

Supre interesse das partes envolvidas nesse processo. Agrada ao clube, que vê cumprida a obrigação imposta por lei de oferecer escolarização a seus atletas em idade escolar, e isso sem maiores confrontos com a escola que os recebe. Agrada aos pais, que têm a garantia de que o menino, além de estar frequentando a escola, terá sua permanência no clube depende apenas de seu desempenho dentro de campo. E agrada também ao atleta que, em seu julgamento, não precisa se dedicar aos estudos por sua condição de “quase profissional”. (BARRETO, 2012, p.88).

O autor evidencia também a importância das legislações e órgãos que garantem e exigem a participação escolar destes adolescentes atletas:

Se o clube é obrigado a manter o atleta matricula, este está também obrigado a frequentar a escola. O interesse do atleta pela escolarização, mostra-se vinculado à própria obrigação do clube em oferecê-la. Caindo esse vínculo, cairia também o interesse. Além disso, os dados indicam que diminui o interesse pela escola na medida em que a possibilidade de se firmar o primeiro contrato profissional aumento. E os atletas alojados, são aqueles que mais se aproximam dessa situação. (BARRETO, 2012, p.88).

Assim, a escolaridade para adolescentes-atletas configura-se um risco em seu processo de desenvolvimento humano, ainda que não seja percebido dessa forma por eles mesmos, nem por seus familiares. Somente será percebido futuramente mediante uma impossibilidade de continuidade com a carreira esportiva, ou talvez na etapa pós-carreira.

A escolaridade como direito assegurado inexistente, conforme apontam estudos, no contexto da aprendizagem esportiva. O que existe é participação escolar como obrigação dos clubes e, conseqüentemente, dos adolescentes-atletas.

Desse debate emergem relevantes reflexões, bem como os recentes estudos sobre a chamada *dupla carreira*, conforme apresenta Melo (2018), isto é, a conciliação entre a formação esportiva e a escolarização. Se, por um lado, a legislação brasileira é contundente quanto ao direito à educação, compreendendo-o como direito absoluto, de outro, a mesma legislação não considera estratégias para que, de forma planejada e assertiva, atletas possam ter sua trajetória esportiva conciliada à sua trajetória escolar. “A profissionalização no esporte possui situações específicas que não estão

previstas na legislação brasileira. Os critérios de conciliação da dupla carreira são estabelecidos sem nenhuma regulação entre clubes, atletas, famílias e a própria escola” (MELO, 2018, p.52). Isto significa que o direito à educação, nessa ótica, coloca-se como um empecilho para a efetivação do direito à aprendizagem e profissionalização esportiva.

2.2.2.3.2 Do direito à liberdade, ao respeito e à dignidade

O Capítulo II do ECA trata do Direito à Liberdade, ao Respeito e à Dignidade afirmando, em seu artigo 15, que toda criança e todo adolescente “têm direito à liberdade, ao respeito e à dignidade como pessoas humanas em processo de desenvolvimento e como sujeitos de direitos civis, humanos e sociais garantidos na Constituição e nas leis” (BRASIL, 1990, art. 15).

O direito ao respeito consiste na inviolabilidade da integridade física, psíquica e moral da criança e do adolescente, sendo dever de todos velar pela sua dignidade, pondo-os a salvo de qualquer tratamento desumano, violento, aterrorizante, vexatório ou constrangedor (BRASIL, 1990). O artigo 18-A da legislação citada é categórico ao afirmar:

A criança e o adolescente têm o direito de ser educados e cuidados sem o uso de castigo físico ou de tratamento cruel ou degradante, como formas de correção, disciplina, educação ou qualquer outro pretexto, pelos pais, pelos integrantes da família ampliada, pelos responsáveis, pelos agentes públicos executores de medidas socioeducativas ou por qualquer pessoa encarregada de cuidar deles, tratá-los, educá-los ou protegê-los. (BRASIL, 1990, art. 18-A).

Consoante a pesquisa realizada pelo CEDECA/BA (relacionada ao contexto da formação em futebol no Brasil) “quase todos os adultos mencionaram episódios de assédio sexual, seja por conhecimento direto, seja por denúncia, seja pela mídia” (p.41). Sobre este tema, Cavalcanti e Caprato (2019), por meio de história oral, abordam relatos de futebolistas que vivenciaram ou presenciaram casos de assédio sexual. No artigo, os autores apresentam a narrativa dos participantes da pesquisa, que corrobora a afirmação do CEDECA/BA (2014) sobre quantos casos de abuso sexual estão presentes no contexto da formação de atletas de futebol.

Nos relatos fica evidente que adolescentes, durante o processo de formação esportiva, estão submetidos a situações de abuso por parte de pessoas que, pelo

cargo que ocupam, teriam o dever primeiro de salvaguardar esses garotos: são dirigentes, gestores, técnicos.

Percebemos como esses sujeitos se valem da posição que ocupam no clube, recorrendo ao capital simbólico para se aproveitar de meninos menores de idade que têm o objetivo de se tornar atletas profissionais. Na narrativa fica evidente novamente que o abuso sexual contra menores no meio futebolístico é recorrente, visto que por mais que ele não tenha aceitado as condições do aliciador, outro sujeito se submeteu a isso, demonstrando que essa demanda se renova com o interesse de novos garotos da base de integrarem a categoria principal. (CAVALCANTI; CAPRATO, 2019, p.7).

O medo de retaliações e até mesmo o descrédito de seus relatos é um empecilho ou uma barreira para que as denúncias ocorram. Além disso, frente às denúncias, muitas vezes nada é feito com os agressores. Esse é ainda um tema a ser explorado e devidamente enfrentado, sobre o qual é encontrado pouco material textual, tal como a pesquisa de Cavalcanti e Caprato (2020) na qual são objetivos em afirmar que

essas histórias e suas recorrências ajudam-nos a entender a estrutura do futebol de forma ampla e específica ao mesmo tempo, já que tais experiências contemplam a perspectiva da comunidade de atletas de futebol, assim como cada história tem suas particularidades que ajudam a definir as problemáticas no ambiente futebolístico. (CAVALCANTI; CAPRATO, 2019, p.3).

O distanciamento familiar é um dos fatores que colocam o adolescente-atleta em situação de risco com relação a abusos sexuais ou psicológicos, uma vez que, imaturos, estabelecem relações de dependência com aliciadores, detendo poder e influência, que fazem do ambiente da formação esportiva, do espaço do clube, que deveria ser de proteção, o lugar propício para esses crimes (CAVALCANTI; CAPRATO, 2019).

2.2.2.3.3 Do direito à convivência familiar e comunitária

O Direito à Convivência Familiar e Comunitária é apresentado no Capítulo III do ECA, assegurando à criança e ao adolescente o direito a “ser criado e educado no seio de sua família e, excepcionalmente, em família substituta, **assegurada a convivência familiar e comunitária, em ambiente que garanta seu desenvolvimento integral**” (BRASIL, 1990, art. 19, grifo nosso).

A busca do sonho de se profissionalizar como jogador de futebol, torna necessário o distanciamento da família. Há que se pressupor que o autorizativo legal para a instalação de alojamentos nas dependências dos clubes coloca em risco o direito à convivência familiar e comunitária, além disso “esse distanciamento facilita o acesso de aliciadores de todo tipo, que podem, inclusive, reivindicar o papel de responsável pelo jovem no novo contexto” (CEDECA/BA, 2014, p.43).

Ocorre que a família é compreendida, em sua importância, pelo primordial papel que exerce no processo de amadurecimento e desenvolvimento biopsicossocial dos indivíduos, desempenhando funções biológicas, psicológicas e sociais (PRATTA; SANTOS, 2007), que serão impactadas no caso de adolescentes-atletas distantes do convívio familiar:

Em relação às funções psicológicas, podem-se citar três grupos centrais: a) proporcionar afeto ao recém-nascido, aspecto fundamental para garantir a sobrevivência emocional do indivíduo; b) servir de suporte e continência para as ansiedades existenciais dos seres humanos durante o seu desenvolvimento, auxiliando-os na superação das “crises vitais” pelas quais todos os seres humanos passam no decorrer do seu ciclo vital [...]; c) criar um ambiente adequado que permita a aprendizagem empírica que sustenta o processo de desenvolvimento cognitivo dos seres humanos.

[...]

No que tange à função social da família, o cerne está na transmissão da cultura de uma dada sociedade aos indivíduos, bem como na preparação dos mesmos para o exercício da cidadania. Sendo assim, é a partir do processo socializador que o indivíduo elabora sua identidade e sua subjetividade, adquirindo, no interior da família, os valores, as normas, as crenças, as ideias, os modelos e os padrões de comportamento necessários para a sua atuação na sociedade. (PRATTA; SANTOS, 2007, p.250).

Vivenciada a infância no ambiente familiar, no processo de alojamento o cotidiano da vida do adolescente é transferido do ambiente familiar para o ambiente do clube; ainda que com os maiores cuidados, esse processo implica em riscos ao desenvolvimento desses adolescentes, principalmente do ponto de vista emocional, psicológico e de suas relações sociais e familiares (SALOMÃO; OTTONI; BARREIRA, 2014). É um processo repleto de dificuldades, “uns com sofrimento maior em relação à saudade, outros com a diversidade de cultura e de costumes encontrados no alojamento” (SALOMÃO; OTTONI; BARREIRA, 2014, p.447).

A compensação para esse sofrimento está no preço a pagar, como costumam descrever, referindo-se à compreensão do que é necessário para a realização do objetivo de ser um jogador de futebol; ocorre que esta compensação está, portanto, no futuro, e num futuro incerto (SALOMÃO; OTTONI; BARREIRA, 2014).

O alojamento do clube torna-se a residência do adolescente, a sua casa, local onde ocorrerá a construção de “sua identidade, individualidade, pertencimento e convívio no coletivo, além da sua autonomia, liberdade e responsabilidade, entre outros pontos” (FERREIRA, 2019, p.67). No entanto, de forma alguma o clube, o alojamento, o espaço de aprendizagem esportiva devem substituir a família e, por essa razão, o direito ao Convívio Familiar e Comunitário deve ser garantido.

Como anteriormente apresentado, a Lei Pelé institui como critério para certificação de entidade esportiva formadora a responsabilidade de “garantir assistência educacional, psicológica, médica e odontológica, assim como alimentação, transporte e **convivência familiar**” (BRASIL, 1998, art. 29, inciso c, grifo nosso).

Embora classifique a garantia da convivência familiar como critério para a certificação de entidade formadora, a lei não descreve de que forma este direito deve ser assegurado. Assim, a CBF, na Resolução nº 01/2019 (CBF, 2019), que determina os critérios para a certificação, exige que a entidade formadora proporcione

às suas expensas, ao final e cada temporada oficial (assim determinado no calendário de cada entidade de administração), meios para que o atleta possa viajar à sua cidade de origem, quando for o caso, com o objetivo de conviver com seus familiares até a data marcada para sua reapresentação. (CBF, 2019, p. 6).

Entretanto, à título da efetivação do direito à convivência familiar dos adolescentes-atletas, é satisfatório para a CBF que os clubes garantam apenas uma viagem de seus atletas para casa ao longo de todo um ano. Isto significa que, ao longo da temporada, caso desprovido de condições financeiras próprias (da família), somente ao final do ano (ou da temporada) o adolescente-atleta poderá conviver com sua família. De forma crítica expõe-se aqui que é garantido por tais regulamentações o direito de o adolescente-atleta *visitar* sua família, todavia o direito à convivência familiar é muito mais amplo.

2.2.2.3.4 Do direito à profissionalização e à proteção no trabalho

O quarto tema aqui abordado compreende o Direito à Profissionalização e à Proteção no Trabalho, disposto no Capítulo V do ECA (BRASIL, 1990). Esta temática

é um aspecto concreto a respeito do caráter excepcional do Mundo do Futebol em relação às legislações sobre os direitos de crianças e adolescentes.

Como disposto no ECA, em conformidade com Constituição Federal, “é proibido qualquer trabalho a menores de quatorze anos de idade, salvo na condição de aprendiz” (BRASIL, 1990, Art. 60). Sobre a condição de aprendizagem:

Art. 61. A proteção ao trabalho dos adolescentes é regulada por legislação especial, sem prejuízo do disposto nesta Lei.

Art. 62. Considera-se aprendizagem a formação técnico-profissional ministrada segundo as diretrizes e bases da legislação de educação em vigor.

Art. 63. A formação técnico-profissional obedecerá aos seguintes princípios:
I - garantia de acesso e frequência obrigatória ao ensino regular;
II - atividade compatível com o desenvolvimento do adolescente;
III - horário especial para o exercício das atividades. (BRASIL, 1990, art.61-63).

Sobre a forma como é regulamentado, vigora no Brasil a Lei nº 10.097, de 19 de dezembro de 2000, conhecida como Lei da Aprendizagem (BRASIL, 2000), fundamentada na Constituição Federal e no ECA, tendo como guarda-chuva a Doutrina da Proteção Integral, visando regulamentar o trabalho de adolescentes, na condição de aprendiz.

De acordo com a mencionada lei, a Aprendizagem Profissional é um instrumento de qualificação profissional para adolescentes e jovens, em que as empresas contratantes se tornam responsáveis por assegurar formação técnico-profissional metódica (SINAIT, 2019). O contrato de trabalho deve ser por prazo determinado e sua validação pressupõe anotação em Carteira de Trabalho e Previdência Social, sendo obrigatória a inscrição do aprendiz em programa de Aprendizagem Profissional desenvolvido por entidade qualificada em formação técnico-profissional metódica (SINAIT, 2019).

A legislação garante ao aprendiz direito ao salário mínimo-hora (SINAIT, 2019); é direito, também, do adolescente/jovem aprendiz a contribuição ao Fundo de Garantia do Tempo de Serviço (FGTS), bem como gozar de proteção previdenciária. No caso de interrupção de contrato antes do prazo determinado, desde que atendendo aos requisitos legais a/o adolescente/jovem aprendiz tem direito a seguro desemprego (SINAIT, 2019).

O Quadro 8, faz um compilado das legislações que versam sobre o trabalho de adolescentes no Brasil, com destaque para o conteúdo da Lei do Desporto (Lei nº 9.615, de 1998) sobre o tema.

QUADRO 8 – LEGISLAÇÃO BRASILEIRA SOBRE O TRABALHO DE ADOLESCENTES

(Continua)

LEGISLAÇÃO	CONTEÚDO
CONSTITUIÇÃO FEDERAL	Proibição de trabalho noturno, perigoso ou insalubre a menores de dezoito e de qualquer trabalho a menores de dezesseis anos, salvo na condição de aprendiz, a partir de quatorze anos (Art. 7º, inciso XXIII)
ESTATUTO DA CRIANÇA E DO ADOLESCENTE (LEI Nº 8.069/1990)	<p>Art. 60. É proibido qualquer trabalho a menores de quatorze anos de idade, salvo na condição de aprendiz. (Vide Constituição Federal)</p> <p>Art. 61. A proteção ao trabalho dos adolescentes é regulada por legislação especial, sem prejuízo do disposto nesta Lei.</p> <p>Art. 62. Considera-se aprendizagem a formação técnico-profissional ministrada segundo as diretrizes e bases da legislação de educação em vigor.</p> <p>Art. 63. A formação técnico-profissional obedecerá aos seguintes princípios: I - garantia de acesso e frequência obrigatória ao ensino regular; II - atividade compatível com o desenvolvimento do adolescente; III - horário especial para o exercício das atividades.</p> <p>Art. 64. Ao adolescente até quatorze anos de idade é assegurada bolsa de aprendizagem.</p> <p>Art. 65. Ao adolescente aprendiz, maior de quatorze anos, são assegurados os direitos trabalhistas e previdenciários</p>
LEI Nº 10.097/2000 (LEI DA APRENDIZAGEM)	<p>"Art. 428. Contrato de aprendizagem é o contrato de trabalho especial, ajustado por escrito e por prazo determinado, em que o empregador se compromete a assegurar ao maior de quatorze e menor de dezoito anos, inscrito em programa de aprendizagem, formação técnico-profissional metódica, compatível com o seu desenvolvimento físico, moral e psicológico, e o aprendiz, a executar, com zelo e diligência, as tarefas necessárias a essa formação." (NR)</p> <p>"§ 1o A validade do contrato de aprendizagem pressupõe anotação na Carteira de Trabalho e Previdência Social, matrícula e frequência do aprendiz à escola, caso não haja concluído o ensino fundamental, e inscrição em programa de aprendizagem desenvolvido sob a orientação de entidade qualificada em formação técnico-profissional metódica." (AC)*</p> <p>"§ 2o Ao menor aprendiz, salvo condição mais favorável, será garantido o salário mínimo hora." (AC)</p> <p>"§ 3o O contrato de aprendizagem não poderá ser estipulado por mais de dois anos." (AC)</p> <p>"§ 4o A formação técnico-profissional a que se refere o caput deste artigo caracteriza-se por atividades teóricas e práticas, metodicamente organizadas em tarefas de complexidade progressiva desenvolvidas no ambiente de trabalho." (AC)</p>
LEI Nº 9.615, DE 24 DE MARÇO DE 1998 (LEI DO DESPORTO)	<p>Art. 29. A entidade de prática desportiva formadora do atleta terá o direito de assinar com ele, a partir de 16 (dezesseis) anos de idade, o primeiro contrato especial de trabalho desportivo, cujo prazo não poderá ser superior a 5 (cinco) anos.</p> <p>Art. 29, § 4º: O atleta não profissional em formação, maior de quatorze e menor de vinte anos de idade, poderá receber auxílio financeiro da entidade de prática desportiva formadora, sob a forma de bolsa de aprendizagem livremente pactuada mediante contrato formal, sem que</p>

LEGISLAÇÃO	CONTEÚDO
	<p>seja gerado vínculo empregatício entre as partes.</p> <p>Art. 29 § 6º: O contrato de formação desportiva a que se refere o § 4o deste artigo deverá incluir obrigatoriamente:</p> <p>I - identificação das partes e dos seus representantes legais;</p> <p>II - duração do contrato;</p> <p>III - direitos e deveres das partes contratantes, inclusive garantia de seguro de vida e de acidentes pessoais para cobrir as atividades do atleta contratado; e</p> <p>IV - especificação dos itens de gasto para fins de cálculo da indenização com a formação desportiva.</p>

Fonte: BRASIL, 1998; BRASIL, 1990; BRASIL, 2000.

Uma simples análise das legislações dispostas permite perceber que há incongruências entre as legislações que regulamentam o trabalho de adolescentes no Brasil, com o que determina a Lei nº 9.615/1998 (Lei do Desporto) (BRASIL, 1998) sobre o contrato de formação de atletas.

Verifica-se então a existência de um contrato de aprendizagem desportivo. Ressalte-se que a aprendizagem em âmbito desportivo, diferencia-se daquela prevista na Lei nº 10.097/00, que trata da aprendizagem profissional, até mesmo porque no contrato de aprendizagem desportiva não há vínculo empregatício. (TULESKI; SHIMANOE, 2013, p.7).

Muitas outras diferenças existem quanto ao que diz a Lei Pelé em relação às outras legislações (SHIMANOE, 2013; AZEVEDO, 2011) que, nesta pesquisa, não cabe apresentar detalhadamente. O intuito está em ilustrar as especificidades inerentes ao Mundo do Futebol no cumprimento das legislações que regem os direitos de crianças e adolescentes. Ressaltando ponto de atenção aos debates em torno da precoce profissionalização, uma vez que antes dos 16 anos não tenha possibilidade de assinar um contrato profissional, o adolescente-atleta já cumpre deveres próprios de um profissional do esporte (AZEVEDO, 2011), condição a que muitos adolescentes são “submetidos” antes mesmo dos 14 anos, quando assinam contrato de formação.

2.2.2.3.5 Considerações sobre o desenvolvimento humano de crianças e adolescentes no mundo do futebol

Com as reflexões aqui expostas, é possível compreender os choques que ocorrem entre a Doutrina da Proteção Integral e o processo de formação de atletas de futebol. Ainda que a legislação que regulamenta a formação de atletas esteja

subordinada ao ECA, e, portanto, também à Constituição Federal, isso não significa que, no contexto da formação esportiva, os direitos expressados no ECA sejam todos assegurados. No Mundo do Futebol parece imperar um caráter de excepcionalidade para o cumprimento de determinadas legislações. Ou uma conveniente falta de fiscalização pelos órgãos competentes.

Se é entendido pelo poder público e pelo conjunto da sociedade que, para um saudável processo de desenvolvimento, é necessário que o conjunto de preceitos estabelecidos pelo ECA sejam cumpridos, considerando a condição peculiar de desenvolvimento humano na qual se encontram crianças e adolescentes, não haveria então, no cenário apresentado, condições menos favoráveis para que adolescentes vivenciem o processo de desenvolvimento quando inseridos no contexto de aprendizagem do futebol?

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA

3.1 CARACTERIZAÇÃO DA PESQUISA

A presente pesquisa considera o contexto da aprendizagem esportiva em futebol no Brasil, em especial da etapa da especialização esportiva, a qual ocorre no ambiente, sobretudo, dos clubes de futebol, com processos e características ambientais próprias, nos quais estão inseridos adolescentes-atletas com idade de 13 anos a 17 anos completos, distribuídos, geralmente, conforme idade nas categorias Sub 14, Sub 15, Sub 17 e Sub 20.

A definição do processo metodológico realizado foi primordial para o alcance dos objetivos propostos, pois teve coerência com o referencial teórico que fundamentou o seu desenvolvimento, bem como orientou a escolha dos instrumentos de coleta de dados.

Tendo por tema a educação, formação e desenvolvimento humano, o presente estudo tem caráter qualitativo de natureza exploratória e descritiva. A natureza exploratória parte da compreensão de que foi examinado um problema pouco estudado (SAMPIERI; COLLADO; LUCIO, 2013): o desenvolvimento humano de adolescentes-atletas no contexto da aprendizagem esportiva de futebol. Além disso, teve o objetivo de “especificar as propriedades, as características e os perfis de pessoas, grupos, comunidades, processos, objetos ou qualquer outro fenômeno”, assumindo, portanto, seu caráter descritivo” (SAMPIERI; COLLADO; LUCIO, 2013, p.102). A descrição realizada nesta pesquisa compreende as especificidades do contexto da aprendizagem esportiva em futebol no Brasil e os processos de desenvolvimento dos adolescentes-atletas nele inseridos.

Quanto à abordagem, qualitativa, refere-se à opção por uma coleta de dados com o objetivo de “obter as perspectivas e os pontos de vista dos participantes (suas emoções, prioridades, experiências, significados e outros aspectos subjetivos) (SAMPIERI; COLLADO; LUCIO, 2013, p.34).

Tendo a TBDH como fundamentação para sua realização, interessou a esta pesquisa analisar os significados dos processos ocorridos no contexto multissistêmico da aprendizagem esportiva em futebol no Brasil, na vida dos diferentes indivíduos envolvidos, em especial adolescentes-atletas, representando suas opiniões sobre essas experiências de vida. Por meio de conceitos próprios do contexto pesquisado,

este estudo expõe realidades muitas vezes invisibilizadas do processo e do contexto de formação de atletas de futebol no país; por isso considera como fonte o relato de diferentes pessoas que, dentro do contexto pesquisado, exercem diferentes papéis. Dessa forma, esta pesquisa atende características que, segundo Yin (2016), são próprias da pesquisa qualitativa¹⁰.

3.2 PROCEDIMENTOS ÉTICOS DA PESQUISA

Elaborado o projeto desta pesquisa, o mesmo foi apreciado e aprovado pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em Educação da UFPR. Cumprida essa etapa, o projeto foi submetido à aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa – Setor de Ciências da Saúde da mesma instituição de ensino que, considerando as exigências da Resolução nº 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde (CNS), emitiu parecer de aprovação, em 9 de abril de 2021, do CAAE 2438821.4.0000.0102, com o parecer de nº 4.639.611 (Anexo I).

Com a pesquisa aprovada, um projeto-piloto foi implementado no intuito de avaliar a efetividade do roteiro elaborado para a condução da entrevista semiestruturada. Conforme será relatado posteriormente, após a realização do projeto-piloto, por meio, principalmente, de contribuições oriundas da Banca de Qualificação desta pesquisa, o roteiro de entrevistas foi reestruturado.

Concluídos esses passos, iniciou-se o processo da coleta de dados, o qual teve como primeira etapa a realização de contato com as(os) participantes por meio de ligações telefônicas e *WhatsApp*, momento em que foi feito o convite para participação da pesquisa, bem como uma primeira explicação sobre os procedimentos e objetivos da mesma.

Foram enviados às(aos) participantes o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido¹¹ e/ou o Termo de Assentimento Livre e Esclarecido¹² e foram devidamente orientados quanto à possibilidade de não o assinarem, não participando,

¹⁰Segundo Yin (2016), as pesquisas qualitativas apresentam cinco características fundamentais, sendo: 1. analisar o significado da vida das pessoas nas condições do cotidiano; 2. representa as opiniões dos participantes do estudo; 3. abrange o contexto em que as pessoas vivem; 4. revela conceitos existentes que permitem explicar o comportamento social humano; e 5. utiliza múltiplas fontes para coleta dos dados.

¹¹O Termo de Consentimento Livre e Esclarecido foi enviado às(aos) participantes com idade superior a 18 anos e a pais/responsáveis.

¹²O Termo de Assentimento Livre e Esclarecido foi enviado às(aos) participantes com idade inferior a 18 anos.

consequentemente, da pesquisa; assim como, mesmo após o preenchimento dos termos, poderiam declinar da participação. Os referidos termos foram lidos e preenchidos via plataforma eletrônica *Google Forms*.

3.3 PARTICIPANTES

A escolha das(os) participantes, considerou, de forma pré-estabelecida, quatro grupos. Tendo por referência a TBDH, elencou-se microssistemas nos quais os adolescentes-atletas estão inseridos e que, ao se relacionarem, formam mesossistemas: a escola, o clube (CT e Alojamento) e a família.

Para cumprimento do objetivo de compreender como ocorrem os processos educacionais, formativos e o desenvolvimento de adolescentes-atletas de futebol, considerou-se pertinente a contribuição de pessoas com diferentes papéis, inseridas em diferentes microssistemas e mesossistemas. Assim, participaram desta pesquisa os seguintes grupos: adolescentes-atletas, familiares de adolescentes-atletas entrevistados, profissionais que atuam em clube de futebol e profissionais da educação formal (Figura 9).

FIGURA 9 – POPULAÇÃO PARTICIPANTE DA PESQUISA



Fonte: O Autor (2022).

Todas(os) as(os) participantes contribuíram para a pesquisa por meio de uma mesma metodologia de coleta de dados, isto é, todas(os) participaram de entrevista semiestruturada.

3.3.1 Critérios de inclusão e exclusão

Foram incluídos para participar da coleta de dados por meio de entrevista semiestruturada:

1) Adolescentes-atletas: com idade entre 13 anos completos e 17 anos, que integrem as categorias de aprendizagem esportiva de futebol Sub 15 ou Sub 17 de um clube de futebol da Série A do Campeonato Brasileiro com Certificação de Clube Formador.

2) Familiares de adolescentes-atletas entrevistados: sendo preferencialmente um dos responsáveis, mas podendo ser outro familiar responsável por acompanhar a sua trajetória esportiva.

3) Profissionais que atuam em clube de futebol: profissionais que atuem no contexto da aprendizagem esportiva de adolescentes-atletas e que tenham relação com as categorias sub 15 e Sub 17 de um clube de Série A. Além de técnicos, serão considerados profissionais que atuem também em outras áreas tais como psicologia, serviço social, pedagogia, coordenação técnica, etc.

4) Profissionais da educação formal: integram este grupo professoras(es)/ pedagogas(os) atuantes em escolas que atendam adolescentes-atletas em processo de aprendizagem esportiva em futebol, nas etapas da especialização esportiva.

Além disso, somente integraram o grupo de participantes aquelas(es) convidadas(os) que assinaram (eletronicamente) e concordaram com o conteúdo do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido ou do Termo de Assentimento Livre e Esclarecido (Apêndices B, C e D).

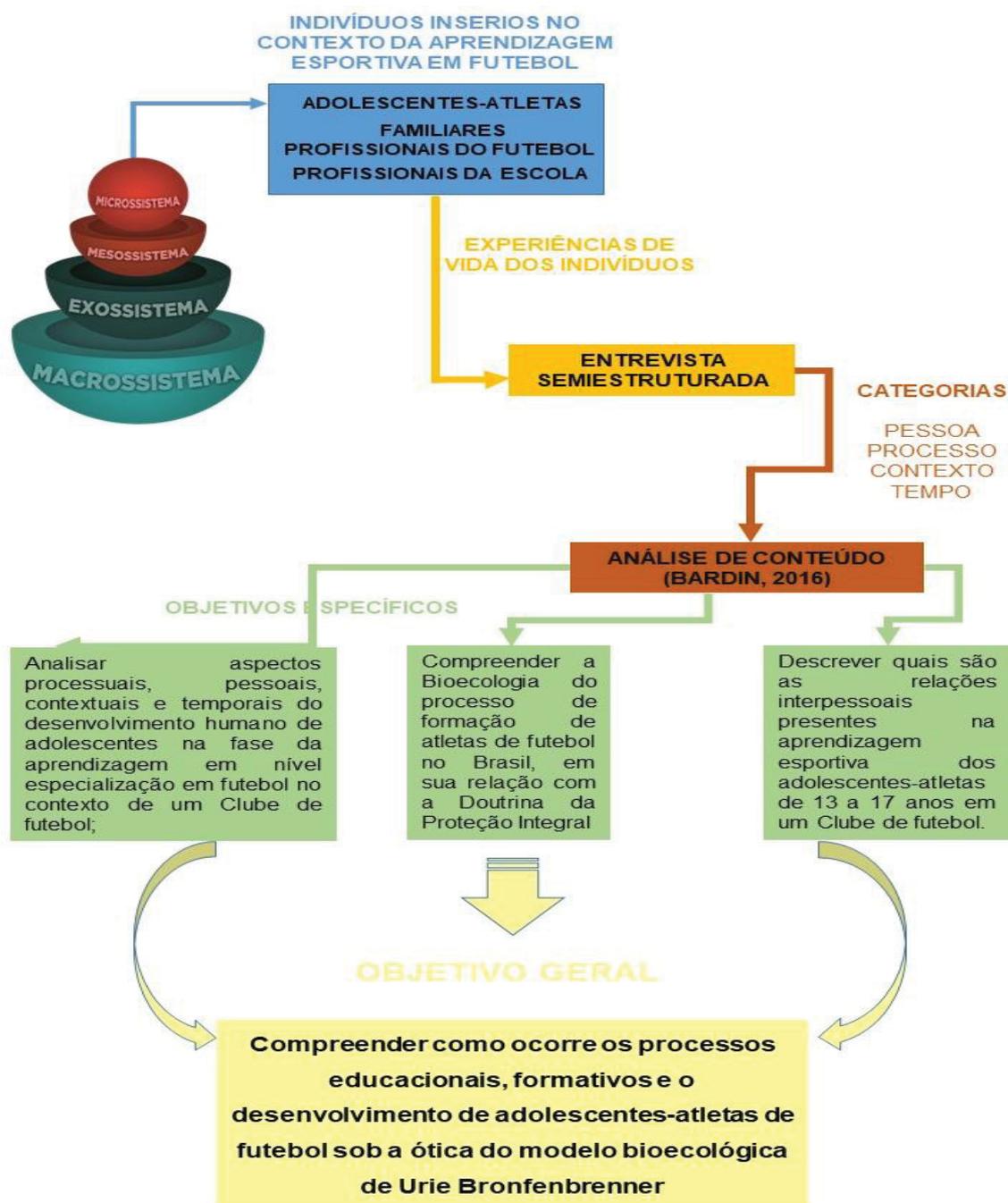
Na composição do grupo participantes de adolescentes-atletas, considerou-se uma diversidade que considerasse adolescentes tanto com vivência apenas no atual clube, quanto adolescentes que vivenciaram o ambiente de outros clubes durante a trajetória de aprendizagem esportiva. Além disso, além de adolescentes-atletas que residem no alojamento do clube, e portanto, distante das famílias, incluiu-se um adolescente que reside com os pais.

Foram excluídas(os) as(os) convidadas(os) que, mesmo atendendo aos demais critérios, não concordaram e/ou não assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido ou o Termo de Assentimento Livre e Esclarecido. Adolescentes-atletas de outras categorias de especialização esportiva, diferentes de Sub 15 e Sub 17, ou de clubes que não são da Série A do futebol brasileiro, também não participaram, como as(os) demais convidadas(os) que não atenderam aos critérios estabelecidos.

3.4 INSTRUMENTO E PROCEDIMENTOS DE COLETA DE DADOS

O instrumento de coleta de dados utilizado foi a entrevista semiestruturada e o roteiro foi elaborado de forma a possibilitar que a coleta de dados atendesse aos objetivos da pesquisa, conforme Quadro 9.

QUADRO 9 - INSTRUMENTO E PROCEDIMENTOS DE COLETA DE DADOS



Fonte: O Autor (2022).

3.4.1 Entrevista semiestruturada

A entrevista semiestruturada foi escolhida pelo entendimento de que é o instrumento que melhor corresponde aos objetivos desta pesquisa.

O pesquisador busca obter informes contidos nas falas dos atores sociais. Ela não significa uma conversa despreocupada e neutra, uma vez que se

insere como meio de coleta dos fatos relatados pelos atores enquanto sujeitos-objeto da pesquisa que vivenciam uma determinada realidade que está sendo focalizada. Suas formas de realização podem ser de natureza individual e/ou coletiva. (MINAYO, 2016, p.57).

A proposta do uso da entrevista como metodologia de coleta de dados vai ao encontro da TBDH, pois trata-se de uma metodologia que permite, em certa perspectiva, que o pesquisador se insira no contexto pesquisado, uma vez que a fala tem grande potencial de “ser reveladora de condições de vida, de sistemas de crenças e, ao mesmo tempo, possuir a magia de transmitir por meio de um porta voz, o que pensa o grupo dentro das mesmas condições históricas, socioeconômicas e culturais que o interlocutor” (MINAYO, 2015, p.63).

Cada entrevista expressa de forma diferenciada a luz e as sombras da realidade, tanto no ato de realizá-la como nos dados ali produzidos. Portanto, pelo fato de provocar a fala sobre determinado tema, a entrevista, quando analisada, precisa incorporar o contexto de sua produção e, sempre que possível, ser acompanhada e complementada por informações provenientes da observação do cenário em estudo. Desta forma, além da expressão verbal, seu material primordial, o investigador terá em suas mãos, elementos de relações, atitudes, práticas, cumplicidades, omissões e outros elementos da vida social que marcam o cotidiano. (MINAYO; COSTA, 2018, p.142).

Em caráter semiestruturado, a entrevista apresenta maior flexibilidade, contando com roteiro que oriente as ideias, porém dando liberdade para que outros assuntos sejam considerados ou mais aprofundados (SAMPIERI; COLLADO; LUCIO, 2013).

Essa modalidade difere do tipo aberta, por obedecer a um guia que é apropriado fisicamente e utilizado pelo pesquisador na interlocução. Por ter um apoio claro na sequência ordenada de um roteiro, a abordagem dos entrevistados é assegurada, sobretudo, aos investigadores menos experientes, para que tenham suas hipóteses ou pressupostos contemplados numa espécie de conversa com finalidade. (MINAYO; COSTA, 2018, p.143).

O roteiro formulado para este trabalho foi pensado como forma de apreender informações relacionadas ao processo de desenvolvimento humano e esportivo dos adolescentes das categorias de especialização Sub 15 e Sub 17 de clubes de Série A, possibilitando coletar detalhes, por meio do relato dos entrevistados, sobre o micro, meso, exo e macrossistemas em que estão inseridos.

Adaptou-se o roteiro da entrevista semiestruturada elaborado por Santos (2016), que engloba questões baseadas nos elementos (Processo–Pessoa–

Contexto–Tempo) do Modelo Bioecológico de Desenvolvimento Humano de Bronfenbrenner (2011), o qual recebeu importantes contribuições da Banca de Qualificação desta pesquisa. As questões foram elaboradas de acordo com o grupo participante da entrevista, de forma que quatro roteiros distintos foram desenvolvidos, conforme Apêndices E, F, G e H.

Embora sejam quatro roteiros distintos, apresentam semelhança quanto às discussões propostas, ocorrendo apenas adaptações na formulação das questões, de forma a considerar a especificidade do envolvimento de cada participante para com o objeto de pesquisa. O roteiro direcionado aos adolescentes-atletas foi o primeiro a ser elaborado e os demais alterados com base nele.

Duas formas de coleta de dados, presencial e remota, foram aprovadas pelo Comitê de Ética, mas considerando-se o contexto da Pandemia da Covid-19 e buscando-se atender as medidas restritivas para o controle do contágio, como o distanciamento social, decidiu-se, de antemão, que todas as entrevistas aconteceriam somente de forma remota, sendo utilizada a plataforma *Zoom Meet*, com datas e horários previamente estabelecidos, compreendendo ambientes selecionados sem interferência de ruídos e evitando interrupções durante a realização das mesmas. Seu conteúdo foi gravado pela ferramenta de gravação da plataforma *Zoom Meet*, sendo os arquivos armazenados em mesmo equipamento utilizado para as chamadas de vídeo, se tratando de um Notebook Dell Inc. Dell System Vostro 3460 A17.

A partir dos áudios registrados, realizou-se sua transcrição para facilitar a técnica de análise de conteúdo. Conforme Mayring (2014), embora realizada palavra por palavra, foram excluídas da transcrição as expressões indevidas ou gírias que dificultassem a compreensão do texto, tornando a leitura mais suave.

3.4.2 Projeto-piloto

No mês de junho de 2021, foi realizada a coleta de dados para o projeto-piloto, que foi imprescindível para verificar sua viabilidade da forma como está proposta na metodologia da pesquisa. Dos cinco grupos de participantes desta pesquisa, três deles foram incluídos no projeto-piloto: adolescente-atleta (Sub 15), familiar de atleta (mãe) e funcionário do clube (supervisor da categoria Sub 15).

A utilização da plataforma *Zoom Meet* possibilitou o registro audiovisual da entrevista que, posteriormente, foi transcrita com o auxílio da ferramenta de

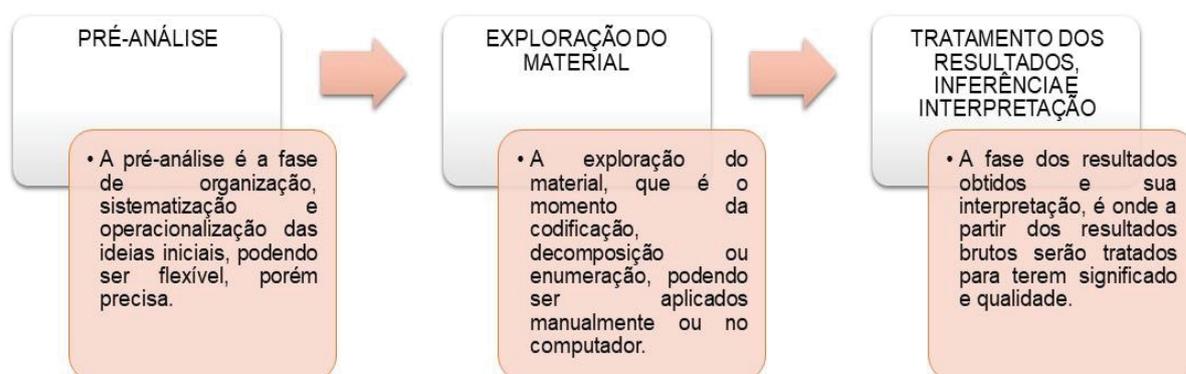
transcrição automática do *Studio Youtube*, seguido de correções do conteúdo por meio da escuta das entrevistas.

Os resultados do Projeto-Piloto foram essenciais para a reflexão durante a Banca de Exame de Qualificação, na qual os examinadores realizaram importantes considerações acerca do roteiro da entrevista semiestruturada, que foi revisto e reconfigurado, qualificando-se para o atendimento dos objetivos deste estudo.

3.5 ANÁLISE DO DADOS

Os dados oriundos das entrevistas semiestruturadas foram tratados empregando-se a “Análise de Conteúdo” proposta por Bardin (2016), técnica organizada pela autora em três etapas (Figura 10) que se apresentam de forma cronológica: 1) pré-análise, 2) exploração do material e 3) tratamento dos resultados, inferência e interpretação.

FIGURA 10– FASES DA ANÁLISE DE CONTEÚDO



Fonte: O Autor (2022), adaptado de BARDIN (2016).

As entrevistas realizadas com adolescentes-atletas, seus familiares e com profissionais do clube e da escola na qual estudam esses adolescentes-atletas, foram analisadas conforme a técnica, com o propósito de compreender as interferências de componentes socioeducacionais existentes nos aspectos pessoais, processuais, contextuais e temporais da trajetória esportiva, educacional e no desenvolvimento humano desses adolescentes-atletas.

Na sequência, serão apresentadas as etapas da análise de conteúdo.

3.5.1 Pré-Análise

A etapa da pré-análise é definida por Bardin (2016) como um “período de organização propriamente dita” (p.125), cujo objetivo é “tornar operacionais e sistematizar as ideias iniciais, de maneira a conduzir a um esquema preciso do desenvolvimento das operações sucessivas, num plano de análise” (BARDIN, 2016, p.125). As doze entrevistas realizadas constituíram o *corpus* da pesquisa, isto é, conjunto dos documentos considerados e submetidos à análise (BARDIN, 2016).

Após a realização das entrevistas e suas respectivas transcrições, que foram organizadas conforme a identificação das(os) participantes (técnicos, profissionais do clube, profissionais da escola, atletas e familiares), número de páginas da transcrição, data da coleta e tempo de duração da entrevista, conforme Tabela 1.

TABELA 1 – PRÉ-ANÁLISE DAS ENTREVISTAS

IDENTIFICAÇÃO	DATA	DURAÇÃO ENTREVISTA	Nº DE PÁGINAS
Atl15.1	07/02/2022	38'31"	23
Atl15.2	04/02/2022	31'30"	18
Atl17.1	04/02/2022	57'49"	22
Fam15.1	08/12/2021	58'01"	20
Fam15.2	08/11/2021	1h55'54"	29
Fam17.1	07/12/2021	1h24'57"	22
Fam17.2	08/12/2021	1h23'05"	24
Tec15	17/02/2022	1h07'28"	20
Tec17	02/02/2022	1h29'18"	20
Prof.1	10/11/2022	1h34'44"	23
Prof.2	08/11/2022	1h22'59"	24
Educ.1	09/11/2022	1h1'19"	21

Fonte: O Autor (2022).

Em prosseguimento, foi realizada a leitura na íntegra das transcrições e trechos foram destacados, conforme a relevância dos conteúdos frente ao objetivo da pesquisa. Essa etapa é considerada significativa por Bardin (2016), por permitir conhecer o texto e obter as primeiras impressões, para somente então iniciar a fase de exploração do material.

3.5.2 Exploração do material

É nesta etapa que o texto resultante das transcrições das entrevistas ganha qualificação, ou seja, são tratados e transformados de dados brutos em representações de conteúdo, por meio de codificação (BARDIN, 2016). Tendo a Teoria Bioecológica como referencial basilar desta pesquisa, a codificação ocorreu por meio dedutivo (GIBBS, 2009), levando-se em conta que as categorias do modelo PPCT orientaram a definição dos códigos.

Isto posto, aderiu-se a temas como unidade de registro (BARDIN, 2016), por ser utilizado geralmente “para estudar motivações de opiniões, de atitudes, de valores, de crenças, de tendências, etc.” (BARDIN, 2016, p.135), sendo a unidade tema, de acordo com a autora, frequentemente a base de análise de respostas abertas de entrevistas.

Com base no modelo apresentado por Rosa (2022, p.91.92) e Mayring (2000, p.5), foi estruturado o Livro de Códigos (Quadro 10):

QUADRO 10 - LIVRO DE CÓDIGOS

(Continua)

CÓDIGO	DEFINIÇÃO	REGRAS DE CODIFICAÇÃO
Disposições	Motivações para a realização de alguma ação ou atividade	Mantém e sustentam ou impedem ou interrompem os processos proximais.
Recurso	Características físicas, cognitivas, emocionais, sociais e materiais para a realização de alguma ação ou atividade	Habilidades, experiências; - deficiência física, doenças mentais.
Demanda	Condições que afetam o desenvolvimento por sua capacidade de provocar ou inibir reações dos ambientes sociais que participam.	Reações favoráveis ou desfavoráveis ao estabelecimento dos processos proximais.
Trajetória Esportiva	Percurso percorrido pelo atleta desde sua inserção no processo de aprendizagem esportiva até o estágio no qual se encontra.	Escolinhas, clubes, cidades em que passou devido a aprendizagem esportiva; mudanças de categoria
Aspectos Educacionais	Relação da participação escolar com o processo de aprendizagem esportiva	Tudo que relacione a escola com a aprendizagem esportiva
Aspectos Sociofamiliares	Relação entre aprendizagem esportiva e questões de ordem sociofamiliar.	Tudo que relacione questões familiares e sociais com a aprendizagem esportiva.
Microssistema	Ambiente no qual se encontra o indivíduo onde o mesmo estabelece relações bilaterais	Locais e ambientes da aprendizagem esportiva (treino e competição), família e escola.

CÓDIGO	DEFINIÇÃO	REGRAS DE CODIFICAÇÃO
Mesosistema	Correlação entre microsistemas	Relação Família-Escola; Clube-Família; e Clube-Escola
Exossistema	Correlação entre ambientes de participação direta e indireta do indivíduo.	Órgãos de organização do futebol (confederações estaduais e CBF)
Macrossistema	Considera elementos culturais diretamente relacionados aos sistemas no quais está inserido o indivíduo	Futebol no Brasil, legislações e aspectos econômicos e culturais
Microtempo	Referente ao tempo de execução de uma ação ou atividade específica	Carga horária de treino diária e semanal.
Mesotempo	Referente à frequência de realização de determinada ação ou atividade em determinado período temporal.	Tempo de trajetória esportiva
Macrotempo	Processo histórico relacionado à acontecimento e transformações na sociedade.	Transformações históricas e culturais no Mundo do Futebol.

Fonte: O Autor (2022), adaptado de MAYRING (2000, p. 5) e ROSA (2022).

Estabelecidos os códigos das unidades de registro por tema, os mesmos foram enumerados (BARDIN, 2016) e categorizados, processo esse compreendido como uma “operação de classificação de elementos constitutivos de um conjunto por diferenciação e, em seguida, segundo o gênero (analogia), com critérios previamente definidos” (BARDIN, 2016, p.147). O critério de categorização adotado foi o semântico (BARDIN, 2016), em que códigos com características comuns foram agrupados.

Conforme observado na Figura 11, foram considerados os quatro elementos do método PPCT, de forma que os 14 códigos foram agrupados, conforme pertinência à categoria Pessoa, Processo, Contexto ou Tempo.

FIGURA 11 – CATEGORIZAÇÃO PELO MÉTODO PPCT



Fonte: O Autor (2022), adaptado de BRONFENBRENNER (2011).

Assim, com os códigos categorizados, deu-se início à fase de tratamento, inferência e interpretação dos dados.

3.5.3 Tratamento dos resultados, a inferência e a interpretação

Essa etapa consiste no momento em que é possível confrontar a teoria fundante, os objetivos desta pesquisa e as questões orientadoras, com os resultados da coleta de dados (CARDOSO; OLIVEIRA GHELLI, 2021).

A TBDH, nesta etapa, orienta o processo por meio das categorias criadas anteriormente. No caso da categoria Pessoa, as disposições, o recurso e as demandas, enquanto características pessoais presentes nos relatos das(os) entrevistadas(os), possibilitaram a verificação dos impactos dos atributos e das relações interpessoais para o desenvolvimento humano e esportivo desses adolescentes-atletas.

A trajetória esportiva, os aspectos educacionais e os aspectos sociofamiliares constituem indicadores para descrever o processo de desenvolvimento da aprendizagem do futebol, possibilitando a inferência da categoria Processo.

Os ambientes da aprendizagem do futebol são os indicadores para categoria Contexto, expressados pelo microsistema, mesossistema, exossistema e macrosistema.

E para a categoria Tempo, foram analisados aspectos temporais relacionados às idades, carga horária de treinos e tempo de trajetória esportiva apresentados nos indicadores microtempo, mesotempo e macrotempo.

A próxima seção discorre sobre os resultados e discussões desta pesquisa.

4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Nesta seção são apresentados e discutidos os resultados obtidos na análise de dados. Por meio dos relatos das(os) participantes, organizou-se o conteúdo em quatro partes, cada qual referente a uma das categorias do Modelo Bioecológico de Bronfenbrenner, isto é, o modelo PPCT.

Os resultados serão mostrados por citações diretas das entrevistas ou citações indiretas que traduzam o conteúdo das falas e serão discutidos tendo por referência central a TBDH, apoiada por outras referências apresentadas anteriormente ou não, que versem sobre elementos da bioecologia do processo de aprendizagem esportiva em futebol de adolescentes no Brasil.

As falas das(os) participantes serão devidamente identificadas, conforme Tabela 1 (apresentada na etapa de pré-análise do conteúdo).

Sendo oriundos de diferentes atores envolvidos no processo de aprendizagem esportiva em futebol (atletas, técnicos, profissionais do clube, profissionais da escola e familiares de atletas), de forma complementar uns aos outros, os relatos serão utilizados como ferramenta para compreensão do processo de formação em futebol de adolescentes no Brasil, ou seja, embora cada participante fale de suas experiências e trajetórias individuais, o foco, neste estudo, não estará no relato, mas no conteúdo relativo ao processo de formação de atletas de futebol no Brasil.

Aspectos relacionados à participação escolar, bem como aspectos sociofamiliares, embora explorados mais profundamente na categoria processo, também serão evidenciados nos resultados e discussões das demais categorias de análise.

4.1 CARACTERIZAÇÃO DAS(OS) PARTICIPANTES

Foram entrevistadas(os) 12 participantes, de quatro grupos diferentes: adolescentes-atletas, responsáveis por adolescentes-atletas, profissionais do clube (com destaque para dois técnicos) e uma profissional da escola em que estudam os adolescentes-atletas, conforme Tabela 2:

TABELA 2 – IDENTIFICAÇÃO DAS(OS) PARTICIPANTES

GRUPO	IDENTIFICAÇÃO	FUNÇÃO	TEMPO NO CLUBE ATUAL (ANOS)	TEMPO NA FUNÇÃO ¹³ NO FUTEBOL (ANOS)
ADOLESCENTES-ATLETA	ATL15.1	Atleta categoria Sub 15	4	9
	ATL15.2	Atleta categoria Sub 15	1	8
	ATL17.1	Atleta categoria Sub 17	4	12
RESPONSÁVEIS DE ADOLESCENTES-ATLETAS	FAM15.1	Pai ATL15.1	4	9
	FAM15.2	Mãe ATL15.2	1	8
	FAM17.1	Mãe Atl17.1	4	12
	FAM17.2	Mãe de atleta que não participou da entrevista ¹⁴	3	9
PROFISSIONAIS DO CLUBE	TEC15	Técnico Categoria Sub 15	2	15
	TEC17	Técnico da Categoria Sub 17	4	12
	PROF1	Psicóloga que atua com aspectos educacionais e familiares dos adolescentes-atletas das categorias de base do clube.	2	2
	PROF2	Psicóloga que atua com aspectos esportivos das categorias de base de clube. principalmente com a categoria Sub 15.	2	6
PROFISSIONAL DA ESCOLA	EDUC1	Diretora da escola em que estudam a maioria dos adolescentes-atleta das categorias do clube.	19	19

Fonte: O Autor (2022).

As(os) participantes representam diferentes dimensões da vida e da formação esportiva desses adolescentes-atletas, bem como manifestam diferentes perspectivas sobre o processo de aprendizagem esportiva em futebol no Brasil.

¹³ No caso dos adolescentes, refere-se ao tempo, em anos, em que os mesmos estão inseridos no processo de aprendizagem em futebol; no caso das/os responsáveis repete-se este mesmo período em referência do tempo dos mesmos realizando o acompanhamento de seus filhos; para os demais profissionais refere-se ao tempo em que estão no contexto do futebol no desempenho da mesma função que ocupam no clube atual. Sabe-se no entanto que estas pessoas estão inseridas no contexto futebolístico há mais tempo, haja vista que alguns pais relataram que foram atletas amadores, um dos técnicos já foi jogador profissional, etc.

¹⁴ Por questões de calendário de jogos não foi possível agendar a entrevista desse adolescente num primeiro momento; posteriormente, ele foi desligado do clube, na janela de final de ano. Embora a pesquisa seja um procedimento independente da instituição esportiva na qual estava, o pesquisador considerou que o vínculo com a instituição não seria adequado à realização da entrevista, pois poderia ocasionar desconfortos ao adolescente-atleta, bem como pelo fato de, após o desligamento, o adolescente não atender aos critérios de participação da coleta de dados.

Como será comentado posteriormente, a trajetória esportiva no futebol não é do adolescente isoladamente, mas, por diferentes motivos, é uma trajetória também familiar, como relatado por pai (FAM15.1) e mães (FAM15.2, FAM17.1 e FAM17.2). Somente ATL15.1 reside na mesma cidade onde se localiza o clube a que está vinculado.

São dois adolescentes da categoria Sub 15¹⁵ (ATL15.1 e ATL15.2) e um adolescente da categoria Sub 17¹⁶ (ATL17.1), sendo que dois deles estão alojados no CT do Clube (ATL15.2 e ATL17.1). O adolescente-atleta filho da FAM17.2, embora não entrevistado, também residia no alojamento do clube quando sua mãe foi entrevistada.

A EDUC1 é Diretora, e já foi professora, na escola em que estudam a maioria dos adolescentes-atletas que residem no CT do Clube. Trata-se de uma escola da rede estadual de ensino que, ficando nas proximidades do CT, há mais de duas décadas atende os adolescentes das categorias de base do clube: *“Eu trabalho como professora desde 1994 e trabalho com os atletas desde 2002”* (EDUC1). A diretora relata sobre essa experiência de atuação junto A adolescentes-atletas:

Então assim já fui professora dos alunos e hoje sou diretora. Então são 2 visões diferentes. Em sala de aula a nossa relação com os alunos muitas vezes é mais fácil até porque a gente tem um contato diário com eles. a cobrança ela se faz necessária diariamente. (EDUC1).

No clube, quatro profissionais participaram da entrevista (PROF1, PROF2, TEC15 e TEC17), sendo duas profissionais que atuam diretamente com todas as categorias (PROF1 e PROF2) e dois profissionais que são técnicos, um da categoria Sub 15 (TEC15) e o outro da categoria Sub 17 (TEC17).

A PROF1 é formada em Psicologia e atua com aspectos educacionais e familiares dos adolescentes-atletas, no clube, onde chegou ao final de 2019 e sendo sua primeira experiência de trabalho com esse público:

A área que eu atuo é uma área geral [...] que atua na educação, mas, também na formação de atletas; mas com enfoque no atleta enquanto adolescente, enquanto pessoa. Nossa área busca garantir que os meninos estudem, realizando matrícula, garantindo que estejam indo para aula, que estejam

¹⁵As entrevistas deveriam ter ocorrido ao final de 2021, mas, por questões de calendário, foram realizadas no início de 2022, antes do início da temporada em que passariam a integrar o elenco Sub 16/17.

¹⁶A Categoria no clube integra as idades de 16 e 17 anos.

fazendo as provas e atividades. Nossa área é responsável por conversar com pedagogos e diretoria da escola. Somos responsáveis também por fornecer material escolar e uniforme. (PROF1).

Também psicóloga, a PROF2 atua diretamente com atleta na perspectiva do rendimento esportivo, a chamada psicologia do esporte propriamente dita, e já tem experiências anteriores em outros clubes, estando no Clube Atual¹⁷ também desde 2019.

Eu sou psicóloga, e me especializei na psicologia esportiva dentro do clube. A gente precisa ter uma visão que quando a gente fala da psicologia do esporte, a gente acaba remetendo muito ao alto rendimento. E quando a gente fala das categorias de base, não deixa de ser um alto rendimento, porque eles têm uma rotina muito estabelecida, são treinos regulares, participam de competições, desde muito cedo já estão na busca para se tornar um atleta de alto rendimento. [...] E a função dentro do clube, é a gente conseguir desenvolver esse atleta, a partir dos aspectos que psicológicos, não só pensando a formação dele enquanto atleta, mas também na formação enquanto pessoa. Principalmente na categoria de base, acho que esse é o principal ponto, a gente não tem como separar o ser humano do ser atleta. (PROF2).

Quanto aos técnicos (TEC1 e TEC2), ambos já tiveram experiências em outros clubes. TEC1 relatou experiências e comentou sobre a sua atuação na formação de adolescentes-atletas de futebol:

Eu comecei a trabalhar futebol com 20 anos de idade. Assim que eu entrei na faculdade eu consegui um estágio. E para mim foi importante, porque eu comecei a trabalhar na categoria sub 20, então eu tinha 20 anos e trabalhava com jogadores de 20. [...] Eu queria entrar no futebol e consegui entrar. Era meu propósito de vida, até então. [...] Hoje eu me considero um cara com bastante experiência, então hoje talvez eu fale mais do que escute, mas eu era um cara que no início ouvia muito para aprender. [...] Dentro de lidar com os jovens, é isso. Eu trabalhei com diferentes faixas etárias, então eu comecei com Sub 20. Depois eu desci para o Sub 17 na temporada seguinte, depois eu fiquei com Sub 16. Depois com Sub 16 e Sub 17. Depois, já com 5 anos de carreira eu virei treinador mesmo, até então era auxiliar, analista ou preparador físico [...]. E aí eu virei treinador de Sub 15. Tive uma experiência em 2008, um ano de carreira com sub 14. [...] Essa mescla de idades, foi me acostumando a não fixar uma linha de pensamento e ter que ser aberto para várias linhas de pensamento, de atuação. [...] Depois futebol profissional, fiquei 2 anos trabalhando com profissional, então eu me aproximava muito e tentava fazer um trabalho para os jovens atletas da base que eu puxava. [...] Foram 5 clubes de profissional. Voltei para a base no sub 15, depois no sub 20, depois foi para um grande clube de São Paulo no Sub 17. E aqui estou no Sub 15 de novo. (TEC2).

¹⁷ Nomenclatura adotada para não expor o clube a que se vincula o adolescente atualmente.

Diferente do TEC1, o técnico da categoria Sub 17, TEC17, teve experiência como jogador de futebol profissional e considera essa experiência como importante para o desempenho do seu trabalho como técnico.

Em primeiro lugar, eu penso que eu sou um agente educador. Não sou formado em pedagogia, mas acredito muito, também, nesse conhecimento empírico que a gente tem, primeiro pela vivência, pela experiência de vida. E segundo por ter também vivenciado por durante 20 anos da minha vida a profissão de atleta profissional de futebol e hoje podendo também, já a alguns anos, trabalhar com a formação. (TEC17).

É por desempenharem esses papéis, no contexto próprio de cada participante da pesquisa, que seus relatos são relevantes para este trabalho. Cada relato coletado, constitui perspectivas distintas sobre o processo de formação de adolescentes-atletas de futebol. Cada qual desses agentes desenvolvem diferentes processos proximais em diferentes microssistemas, e, em suas interações, constituem mesossistemas da formação esportiva em futebol. De igual forma, estão inseridos e declinam seus olhares sobre os exossistemas e macrossistema da formação esportiva em futebol no Brasil.

4.2 CATEGORIA PESSOA

Para esta categoria foram aplicados os códigos: disposições, recurso e demandas, que se referem aos atributos da pessoa, compreendida com suas características individuais em diferentes âmbitos (emocional, biológico, cognitivo e comportamental) (BRONFENBRENNER, 2011; ROSA; TUDGE, 2013; FONTES BRANDÃO, 2013).

4.2.1 Disposições

Consoante o embasamento teórico deste estudo, à definição das disposições como o interesse, motivação ou engajamento da pessoa em relação a algo a ser feito (BRONFENBRENNER, 2011) foram agrupados os conteúdos que versam, precipuamente, em relação ao início da prática esportiva, considerando fatores que impulsionam adolescentes à prática esportiva em futebol, bem como as oportunidades

e desafios desse processo. Além disso, os incentivos de outras pessoas para a prática do futebol também foram analisados.

Quando examinados os relatos dos atletas sobre o início da trajetória esportiva, fica evidenciado que a busca pelo futebol, enquanto modalidade, é quase que direta, isto é, sem passar por outras modalidades e consistindo de uma escolha muito relacionada ao aspecto afetivo, ou, em termos comuns nos relatos: por uma paixão pelo esporte, congruente a alguns estudos sobre motivação para a prática do futebol (PINTO, 2018; SQUARCINI; SILVA; MOREL, 2019).

Embora apresentem experiência em outras modalidades, não são experiências que constituíram intenção de continuidade, tal como o futebol, mas, sim, como etapa do processo de aprendizagem do futebol, como é o caso do futsal, ou como uma atividade de lazer (contraturno) em outras modalidades. Essa passagem pelo futsal como etapa do processo de aprendizagem do futebol, também foi encontrada na pesquisa realizada por Caregnato *et al.* (2019) em que “o futsal é considerado pelos atletas, pais e técnicos como uma espécie de “estágio obrigatório” para se chegar ao futebol de campo” (p.162).

Assim, a iniciação no futebol é apresentada nos relatos como um processo quase natural, que transita do brincar, do jogar bola, para a prática de treino propriamente dita, como o caso do ATL15.1: *“Eu comecei jogando, brincando mesmo, com meu pai. Jogava num campinho perto de casa e gostei muito. Aí comecei a jogar futebol no colégio. E aí eu fui para um clube aqui da cidade. Sei lá, me apaixonei por jogar”*.

Segundo FAM15.2, seu filho também começou com o futebol brincando: *“ele começou a jogar bola sempre na rua com o irmão, porque eu trabalhava e o pai viajava, aí tinha um irmão mais velho. Sempre eu deixava ele brincar, até então era brincadeira de criança”*. O início em uma escolinha se deu quando a família precisou se mudar de cidade, e seu filho não estava se sentindo feliz na nova casa: *“Ele estava muito triste e resolvi colocar ele numa escolinha que tinha numa feira perto de casa. E lá o professor viu que ele tinha um talento dele mesmo”* (FAM15.2).

ATL15.2 relata que até praticou outras modalidades, mas somente na escola, não sendo em nenhuma *“tão bom, que nem jogando futebol”*; enquanto que ATL17.1 conta uma experiência mais direta com a modalidade de Karatê, contudo, a mesma foi interrompida justamente por ter no futebol a sua prioridade.

Sabe que teve outra modalidade sim. Teve uma época que eu fazia Karatê, mas não durou muito. Acho que não deu mais que um mês. Nem deu tempo de receber um quimono. E não foi porque eu não gostava, mas porque era longe de casa e o horário era meio ruim, sabe. Porque as aulas eram 18h da tarde e eu tinha que ir sozinho. E eu também jogava bola, eu estudava de manhã e treinava futebol à tarde. Aí chegava eu estava meio cansado, e tinha que ir sozinho pro Karatê. (ATL17.1).

Essa escolha franca e exclusiva pelo futebol é comentada por FAM15.1 sobre o início da trajetória esportiva do filho:

Não chegou (a praticar outra modalidade), mas é que ele desde pequenininho sempre gostou demais de bola, de futebol. Eu comprava uma bolinha de plástico lá para ele, ele via outra, ele queria outra bola. [...]. Quando ele nasceu, eu não tinha pretensão dele ser jogador, de entrar para jogar. Aí depois quando ele começou a praticar foi tudo acontecendo natural. (FAM15.1).

FAM17.2, cujo filho não foi entrevistado para esta pesquisa, relata que seu filho “nunca teve contato com outra modalidade; ele começou, acredito que como qualquer garoto, desde pequenininho chutando bola”. Sobre o início dos treinos em uma escolinha, a escolha pela modalidade e o apoio da família:

Eu me lembro que ele estudava na escola onde eu trabalho. E quando a gente saía da escola, a gente passava na frente de uma escolinha de futebol que tem bem próximo à escola, ele dizia: ‘quando é que eu vou vir aqui?’, ‘quando é que eu vou começar a jogar bola?’. E eu como mãe, com outras coisas para fazer e fui protelando. Eu pensava que estava muito cedo, vai me ocupar muito tempo de ficar acompanhando ele com essas coisas, porque eu sabia que naquele momento eu teria que ser eu a acompanhar. Então eu fui protelando, mas ele sempre insistindo que queria ir para aquela escolinha. Até que um dia o pai foi e fez a matrícula dele na escolinha e dali para a frente, ele não parou mais. Foi por iniciativa dele mesmo ele, foi ele quem quis jogar futebol e sempre teve muito incentivo tanto do pai quanto do irmão, que também gostava de jogar futebol. E teve os professores na escolinha também que incentivaram muito. E, era o que ele queria fazer desde sempre. (FAM17.2).

A influência de familiares também contribui para a escolha da modalidade. FAM17.1 discorre sobre o início da trajetória do filho:

Desde que ele começou a andar, ele já começou dar chute em anelzinho de latinha. Ele sempre foi do futebol. Eu acredito que pelo pai, porque meu marido sempre gostou de futebol [...] teve a oportunidade de ser um profissional e não foi porque a gente mora numa cidadezinha pequena, família dele é humilde, o pai trabalhava na roça, então ele abriu mão do sonho dele. E o ATL17.1 sempre acompanhou o pai nos jogos. [...]. Então assim ele sempre gostou de futebol, bola sempre foi o brinquedo preferido dele. Tanto é que ele quebrou várias coisas dentro de casa, apesar de eu pedir para não

brincar de bola dentro de casa. Ele não podia ver uma bola. [...] Com 4 anos e meio, mais ou menos ele começou a treinar na escolinha de futebol aqui do município. (FAM17.1).

O sonho, a paixão, o amor pelo futebol são os principais fatores de engajamento; em sequência, vem a perspectiva de ascensão social e econômica, sobretudo com o objetivo de mudar a realidade familiar. ATL15.1, por exemplo, em resposta à pergunta sobre os motivos pelos quais quer ser um jogador de futebol profissional, responde que:

Principalmente, porque eu amo jogar futebol. É uma coisa que eu gosto muito me sinto confortável fazendo. Também é pra melhorar a condição da minha família, que eu acho que a gente, todo mundo sonha com isso. É eu acho que é isso, principalmente, porque eu amo jogar futebol. (ATL15.1).

O amor pelo futebol expressado por ATL15.1 é reforçado na fala de seu pai. FAM15.1 comenta que, embora a carreira no futebol seja também um sonho dele enquanto pai, e do avô, o sonho é, mais que tudo, de seu filho. E sobre essa paixão e decisão do filho pelo futebol, relata:

Tem uma passagem de quando ele tinha 6 para 7 anos. Ele estava em um clube de futebol que iria se mudar para muito longe. E eu falei pra ele: 'eu não vou poder te levar lá, porque eles estão mudando e eu não vou poder te levar. Eu não vou ter condições, então você vai ficar um ano parado', porque ele não queria ir para um outro clube. Quando eu falei para ele que ia ficar um ano parado, ele chegou para mim: 'o meu futebol vai (ficar parado um ano), mas o meu coração não', falou bem assim para mim. Pra você ver o foco dele, o pensamento dele desde pequenininho. (FAM15.1).

De forma muito semelhante à narrativa de ATL15.1, está a de ATL15.2: “*É porque eu me sinto feliz jogando futebol. [...] Eu quero ajudar a minha família, realizar meu sonho. E também ajudar outras pessoas quando eu conseguir virar jogador de futebol*”. Para FAM15.2, seu filho tem no futebol uma paixão que o motiva a estar nessa trajetória:

Ele nunca falou assim sobre querer ser jogador de futebol para ganhar dinheiro. É porque é uma paixão que ele tem pelo futebol mesmo, ele gosta. Está com a bola no pé desde novinho, ele tinha bicicleta, ele tinha carrinho mas ele sempre foi apaixonado pela bola. Eu não sei se está no sangue, porque na família todo mundo gosta de futebol. (FAM15.2).

E ATL17.1 manifesta o mesmo interesse de, além de ajudar a própria família, ajudar outras pessoas:

Hoje eu quero ser um jogador, porque isso é um sonho de criança. [...] E também para retribuir todo mundo que me ajudou, dar uma boa vida para minha família. Uma boa vida para mim, também. E ajudar mais pessoas. Tem bastante gente que precisa, e tem bastante gente que pode ajudar e não ajuda ainda. (ATL17.1).

Certamente nenhum dos discursos trazem a fama ou o simples interesse econômico como intenção única. A perspectiva de ajudar a família, ou mudar a realidade da família, traduz essa dimensão da carreira futebolística como forma de ascensão financeira. Essa intenção de ascensão financeira com vistas a melhorar a condição de vida de seus familiares também é constatada em outros estudos (PINTO, 2018; SQUARCINI; SILVA; MOREL, 2019).

O apoio de familiares se torna um elemento potencializador dessa adesão ao processo de aprendizagem em futebol, de forma que, enquanto envolvimento familiar, esse apoio é essencial para superar possíveis desafios, como conta ATL15.1: “*No começo a gente tinha muita dúvida, porque a gente não conhecia nada do que era certinho, essas coisas, os treinos, mas depois disso minha família buscou entender tudo, sempre só apoiaram*”.

No relato de ATL15.2, alguns aspectos sobre os desafios da família em apoiar a trajetória esportiva ficam evidenciados:

Minha família, desde o início, sempre me apoiou. Sempre estava comigo. Largaram o emprego e outras coisas, para me ajudar na carreira de futebol. [...]. Minha família se esforça muito para eu estar aqui no clube. Também sentem muita saudade, mas sempre apoiam. (ATL15.2).

Esses desafios configuram-se em questões de ordem econômica e social, bem como de localidade geográfica, que podem demandar uma mudança de cidade ou, em muitas vezes, atleta e família residirem distantes. Esses aspectos serão aprofundados adiante.

ATL17.1 fala do apoio recebido pela família, referindo-se aos esforços para leva-lo em competições e treinos, antes de mesmo de estar diretamente em clube; fala, ainda, do sonho de ser jogador, que vem também de seu pai: “*E era o sonho do meu pai também que acabou passando para mim. E eu gostei mesmo, fui com tudo*”. Além disso, ao citar pessoas importantes para sua inserção no futebol, diz que o pai teve experiência na modalidade, assim como seu treinador:

Eu acho que meus pais, meus irmãos, meus amigos de infância, meus amigos de clube. Meus antigos treinadores lá da minha cidade são as pessoas bastante importante para mim. Eu aprendi bastante com eles e fui bastante ajudado já. [...] O meu antigo treinador e meu pai jogaram juntos antigamente. Era amador, meu pai, ele machucou o joelho dele na época, não quis fazer a cirurgia também e acabou não dando certo. [...] E também eles não tinham bastante oportunidade na época deles. (ATL17.1).

Ao tratar das pessoas importantes para sua trajetória esportiva, além de seu pai e seu tio, ATL15.2 cita o primeiro treinador e os donos da primeira escolinha de futebol da qual participou, que hoje são seus empresários. A figura do empresário também é citada por ATL15.1: *“eu tenho empresário, ele é bem de confiança. Foi o meu primeiro treinador de futsal que indicou esse empresário para a gente. Nos ajuda em tudo que não entendemos, principalmente nessas coisas jurídicas mesmo”*. Destaca também a contribuição do pai e primeiro treinador:

Ah primeiramente, meu pai e minha mãe. Meu pai já jogou futebol, mas não virou profissional. E também meu treinador de futsal, ele que me deu toda a noção da realidade, me ensinou do jogo tudo. Para mim ele é tipo um dos principais que me ensinou a jogar bola mesmo. (ATL15.1).

São os familiares que relatam as principais dificuldades desse início de trajetória esportiva.

O que é complicado é que o esporte é caro. Atualmente no clube em que está, é diferente, ele tem tudo lá, tenho gasto só com a minha gasolina. Mas quando ele estava no futsal, quando tinha as viagens, tudo vinha do bolso do pai. Essa foi a maior dificuldade. Não sei se posso dizer que é sorte, mas por todos os lugares que ele passou, sempre as pessoas abraçaram ele, custeando as vezes viagens, por exemplo. [...] O Vô salvou algumas vezes de ir lá e comprar uma chuteirinha para ele. [...] Então ele sempre teve ajuda pra coisa acontecer. Se fosse pra gente tirar do bolso, acho que ficaria mais complicado, porque futebol ou futsal, é caro, não é fácil. (FAM15.1).

O relato de FAM15.1 resume a fala das(os) demais responsáveis entrevistadas(os) (FAM15.2, FAM17.1 e FAM17.2), tendo em comum o fator de que, no discurso dos atletas, as dificuldades enfrentadas no início da trajetória esportiva estão quase ausentes. Compreende-se que, pela faixa etária na qual vivenciam este processo de iniciação esportiva, os pais não socializam com seus filhos os problemas enfrentados, ao mesmo tempo em que não poupam esforços para viabilizar a trajetória do filho.

Em se tratando de atletas que estão em um clube expressivo da elite do futebol brasileiro, isto é, estágio e nível da aprendizagem esportiva não alcançado

pela maioria dos adolescentes que se inserem nessa trajetória, não é incomum que encontremos tanta participação e suporte dos pais nesse processo, considerando o que apontam estudos de que atletas que têm apoio e incentivo dos pais alcançam maiores estágios em suas carreiras (COTÉ, 1999; VISSOCI; OLIVEIRA; NASCIMENTO JUNIOR; MIZOGUCHI; CARUZZO; DEZORBI; FIORESI, 2020).

Nos relatos dos profissionais e técnicos, a escolha ou início no futebol por parte dos adolescentes-atletas com quem trabalham está muito relacionada com o aspecto cultural da modalidade no país.

Tem uma questão cultural muito importante, porque aqui no Brasil o futebol é a principal modalidade. Então desde muito cedo eles já brincam na rua, brincam no condomínio, brincam em casa. Então o menino, principalmente, já ganha uma bola muito cedo e então tem essa estimulação. Culturalmente, nós estamos muito ligados ao futebol. (PROF2).

Para o técnico da categoria Sub 15, TEC15, o Brasil é um país uniesportivo: o país do futebol. Para ele, ainda que em determinados períodos históricos outras modalidades tenham se evidenciado como o voleibol, o tênis, a fórmula 1 e o basquete, somente o futebol apresenta uma popularidade permanente:

Em geral por mais que esteja aumentando, o vôlei já teve o seu ápice, entre 2002 e 2010, talvez 2015. O basquete brasileiro teve ali na década de 80 para 90, e acabam ficando em segundo plano. A Fórmula 1, por exemplo, automobilismo também ficou em segundo plano. Tênis chegou a ter o seu ápice ali, com o Guga também no final da década de 90 e início dos anos 2000. Mas todos esses oscilam. Hoje temos o Skate, o Surf, talvez surgindo como outras modalidades. [...] Não há oportunidade para todos, a gente vive muito de projetos isolados, ONGs, enfim. E o futebol o não. Futebol, em qualquer canto se joga futebol no Brasil. Eu acho que essa questão uniesportiva vem daí. E o futebol acaba sendo um meio de ascensão social. (TEC15).

A ascensão social como objetivo da carreira futebolística é uma preocupação para TEC2. Para ele, o futebol

virou um meio, para que as pessoas possam crescer na vida, para que possam conseguir coisas. E muitos jovens, hoje eles olham para o futebol como uma maneira também de chegar mais rápido, de conseguir a sua estabilidade financeira. [...] Então a gente tem que ter muito cuidado nisso. E por isso que eu acho importante, este espaço, por isso que eu acho importante hoje, treinador ter a capacidade de poder conduzir esses jovens, para ele não ter que pensar só em resultado, ele não ter que pensar só na parte tática, na parte técnica. Ele tem que ter uma preocupação com o ser humano, pensar em outras crianças e adolescentes que se inspiram neles, então ele tem que fazer com que essas crianças vejam o futebol, ou o esporte

de uma maneira que possa socializar, possa levar com que eles enxerguem de maneira diferente a sociedade e que eles possam contribuir para isso. (TEC2).

PROF1 também destaca a ascensão social como motivadora para a trajetória esportiva no futebol: *“E acredito que muito na influência da família, por idealizarem a ideia de que os jogadores de futebol são muito ricos, esse ideal que a gente vê na mídia, com os grandes jogadores e tudo mais.”* As profissionais PROF1 e PROF2 também relatam a modalidade de futsal no início da trajetória esportiva no futebol, bem como o início da prática esportiva como uma atividade de contraturno buscada pela família, de forma que *“além da escola, a família busca alguma coisa para a criança fazer a mais. E aí vai seguindo nesse caminho de escolinha de futebol, alguém vê que ele é bom, aí já vai pro futebol de campo e para os clubes de futebol”* (PROF1).

PROF2 comenta que alguns atletas com quem trabalhou até experienciaram de forma mais consistente outras modalidades, mas a *“realidade que a gente mais encontra são aqueles que começam no futebol e vão se desenvolvendo ali; ou no máximo começam no futsal futebol e vão seguindo esse caminho mesmo”*.

Assim, temos o sonho de ser jogador de futebol como o principal elemento de disposição desses adolescentes-atletas ao processo de formação esportiva em futebol; movimento esse amparado numa cultura esportiva brasileira, na qual o futebol tem centralidade de investimentos e publicidade. O sonho como importante fator motivacional de adolescentes para a trajetória no futebol também foi constado nos estudos de Pereira e Silva (2015) e Pinto (2018).

A paixão pelo futebol também esteve presente nos discursos de atletas e responsáveis. Pesquisas, como a de Vallenrand (2008), contribuem para a compreensão da paixão como fonte motivadora para o engajamento em determinados processos ou ações; definindo paixão como uma inclinação intensa das pessoas para com algumas atividades, às quais destinam tempo e energia.

Além disso, o *status* social e econômico dos jogadores de futebol no Brasil e no mundo, ainda que seja a realidade de pouquíssimos atletas, é um elemento potencializador do engajamento desses adolescentes na aspiração de uma carreira profissional como jogadores de futebol, conforme outros estudos já sinalizaram (SEGNINI, 2000; SOARES *et al.*, 2011; PINTO, 2018). O apoio da família é elemento constituinte desse processo, pois são os familiares mais diretos que podem ou não viabilizar o início da trajetória no futebol; a formação do adolescente como jogador de

futebol é apontada na pesquisa de Souza, Vaz e Soares (2008) como um projeto familiar em que “todos auxiliam da maneira que podem para que o jovem com maiores habilidades possa realizar seu sonho. O sucesso de um é o de todos” (p.106).

A revisão sistemática realizada por Coelho, Machado, Schutz (2021) verificou produções relacionadas aos fatores motivacionais para a prática de futsal e futebol por crianças e adolescentes; nos estudos analisados, encontrou-se maior presença de motivações intrínsecas, dentre as quais o sonho de se tornar jogador de futebol, no entanto, a predominância das respostas estavam relacionadas ao fator saúde, que no âmbito dessa pesquisa não foram encontrados.

4.2.2. Recurso

Uma vez incentivados, motivados à prática esportiva de formação em futebol, há também, como componente da categoria pessoa, os recursos, que são compreendidos como o potencial de engajamento da pessoa, neste caso adolescentes-atletas com as interações existentes no contexto da formação esportiva em futebol, assim dizendo, os processos proximais (BRONFENBRENNER, 2011; ROSA; TUDGE, 2013).

Uma maior ou menor interação, ou maior ou menor envolvimento, estão relacionados a fatores bioecológicos referentes a habilidades, experiências, conhecimentos que se expressam em ordem cognitiva, social, emocional (BRONFENBRENNER, 2011; BENETTI *et al.*, 2013). Ademais, os recursos podem expressar um direcionamento positivo ou negativo, fortalecendo ou enfraquecendo o engajamento nos processos proximais

Uma das perguntas feitas aos adolescentes-atletas referiu-se à atividade de que mais gostam nos treinos semanais. Os três adolescentes (ATL15.1, ATL15.2 e ATL17.1) responderam que gostam quando há jogos coletivos, como é o caso do ATL15.1: *“Eu gosto quando tem jogo. Eu gosto de competir bastante. Então tem amistosos. Os jogos é o que eu mais gosto.”* (ATL15.1).

Características sociais, emocionais e cognitivas estão relacionadas à possibilidade de maior ou menor engajamento aos processos proximais (BRONFENBRENNER, 2011). Foi perguntado aos adolescentes-atletas quais características pessoais contribuíram para a trajetória esportiva deles para que estejam na categoria de base de um clube de série A. As respostas dos atletas

destacaram características relacionadas à socialização e cordialidade nas relações sociais. ATL15.2 disse que sempre onde passou foi um “*menino dedicado, respeitoso. Sempre respeito a todas as pessoas nos lugares que eu passei*”; resposta semelhante à do ATL15.1:

Ah, o jeito que eu trato as pessoas, ser sempre com muito respeito é ser muito gente boa com todo mundo, independente da pessoa. Acho que principalmente isso daí, a minha personalidade, meu jeito de ser. Tratar todo mundo com muito respeito. (ATL15.1).

Sobre essa mesma pergunta, os responsáveis apresentaram respostas diferentes às dos adolescentes. Para FAM15.2, a característica de seu filho que constitui um importante recurso positivo é a persistência: “*Eu acho que a persistência, ele querer muito. A dedicação que ele tem no futebol, ele é bem persistente. Ele vai e faz, ele não desiste enquanto não consegue.*” Enquanto que, para FAM17.2, “*a característica, eu acho que é talento e responsabilidade*”.

Quanto às características que atrapalham ou possam atrapalhar, ou seja, os recursos negativos, para uma das mães,

são vaidades. Vaidade em excesso poderia atrapalhar [...]. Nessa idade, para não desviar a atenção para outras coisas, precisa ter foco. Se ele começar a desviar a atenção para outras coisas, então eu acho que isso atrapalharia bastante. (FAM17.2).

A capacidade de lidar com frustrações é uma característica considerada por FAM15.2:

A questão da perda. Por exemplo, semana passada, que ele me ligava a noite dizendo que tinha treinado bem, que estava acreditando que iria para a competição. Aí agora saiu a lista e ele viu que não iria, ele ficou triste, muito desanimado. [...]. As vezes quando ele está jogando, que ele acha que está jogando bem, e o treinador tira ele do jogo, ele fica bravo, fica irado; mas, ele não rebate o treinador, ele fala pra mim que está muito chateado, que não gostou. Então, ele tem que mudar isso um pouquinho, ele tem que aprender a perder. (FAM15.2).

A resposta dada por FAM17.1 é semelhante à de FAM17.2. Para FAM17.1 a disciplina, descrita por ela como o foco no sonho, é muito importante; essa característica é necessária pois, se perder o foco, seu filho pode ser atrapalhado por alguns relacionamentos:

A maior preocupação e eu acho que é isso que eu também aconselhei muito é namoradinhas. Ele está virando um atleta e geralmente jogador de futebol é muito visado, aqui mesmo, as meninas, mesmo ele treinando futsal, a gente já percebia as meninas se aproximando no ginásio de esportes, dando um jeitinho de se aproximar, sabe se insinuar. Então amanhã a maior preocupação é namorada. (FAM17.1).

As(os) profissionais do clube apresentaram reflexões mais elaboradas sobre as características (recursos) positivos ou negativos. Em suas respostas, algumas exigências do mundo do futebol aparecem como justificativa para as características apontadas. PROF1 e PROF2 partem do plano de fundo de que um adolescente que é atleta em formação vivencia uma realidade muito distinta dos adolescentes que não estão neste contexto.

Acredito que tem que ser uma pessoa que aceite regras, porque eles têm muitas regras durante a sua rotina semanal, diária e mensal. Então tem que ser regrado em relação a conseguir receber essas ordens, em relação à alimentação, ao treino, à escola. Todas as atividades que eles têm durante o seu dia, a sua semana e tudo mais porque é uma agenda cheia, não é como um adolescente normal, que vai para a escola, volta para casa e pode ficar a tarde inteira jogando videogame ou estar a noite no shopping. [...] Não pode ser um adolescente padrão, quando eu digo padrão é o adolescente que está lá na sua puberdade, cheio de emoções fortes, e que as vezes quer fazer tudo o que quer. Precisa ser mais contido. [...] se eles querem ser um atleta de excelência, tem que ter um padrão de comportamentos para que se chegue ao maior nível de rendimento. (PROF1).

Tem algumas particularidades para o futebol: eles começam a busca por esse sonho muito cedo. E geralmente saem de casa muito cedo também, então é difícil a gente comparar a rotina e as responsabilidades de um menino de, vamos supor, 14 ou 15 anos sendo atleta de um clube de futebol, com um outro adolescente que não tem essa rotina. Então assim, eles têm uma questão de disciplina muito presente, tem que desenvolver uma autonomia e acabam desenvolvendo também um amadurecimento mais rápido, porque as responsabilidades são muito diferentes. (PROF2).

Três são as características elencadas como recursos necessários para um bom engajamento esportivo apontadas pelo TEC15: A primeira delas é resiliência já, segundo ele “*em qualquer tipo de carreira, em qualquer âmbito da vida, você sofre altos e baixos, então você tem que ter uma resiliência. [...] Resiliência é básico. Resiliência é você cair e levantar, cair e levantar*”. A segunda disciplina apontada por ele é:

Porque a vida te oferece diversas razões para você não ser disciplinado, e acho que isso atrapalha muitos atletas talentosos, se perder para a bebida, para a droga, para a noite. Eu trabalhei com grandes atletas que eu achava que jogariam Champions League, mas perderam o time dos grandes momentos da vida deles, porque se perderam na vida. E hoje continuam

jogando, mas numa liga muito menor do que se esperava deles, e eu acho que essa questão da disciplina contribuiu para isso. (TEC15).

Por fim, a força de vontade ou motivação intrínseca é a terceira característica apontada por TEC15, para quem *“um atleta é um cara que ele tem que ser automotivado. O atleta de alto nível ele não depende da motivação externa, ele depende da motivação intrínseca.”*

A resiliência também é uma característica apontada por TEC17: *“se não houver uma resiliência, se não houver um comportamento, aonde ele seja forte, seja firme, corajoso, ele vai ter dificuldade para seguir, e até para que o seu desenvolvimento aconteça”.*

A resiliência, disciplina e a motivação intrínseca, que são justamente as características elencadas pelo TEC15, de certa forma são a síntese das características apresentadas por responsáveis e outros profissionais do clube. Elas apontam, de forma geral, para a necessidade de adaptação e até mesmo de superação das exigências do ambiente esportivo, marcado por altas cobranças físicas e mentais.

Luckwu e Guzmán (2008) classificam a motivação intrínseca em três diferentes formas: a motivação intrínseca de conhecimento, apresentada pela satisfação no processo de aprendizado; a motivação intrínseca de realização, caracterizada pelo alcance de objetivos; e a motivação intrínseca de estimulação, definida pelo interesse de viver novas experiências e realizar atividades diferentes. Diante dessa classificação, tendo por referências os relatos dos participantes, tem-se que a motivação intrínseca dos adolescentes apresenta característica de realização, já que o interesse está em atingir determinados níveis profissionais e sociais, como resultante dos esforços empenhados na trajetória de formação esportiva em futebol.

4.2.3. Demandas

O que faria ou faz com esses adolescentes desistam da trajetória esportiva em futebol? Quais são as expectativas internas e externas e como elas afetam a continuidade ou não desses adolescentes-atletas na aprendizagem esportiva? Esses foram alguns dos questionamentos das entrevistas, que trouxeram respostas acerca das demandas compreendidas como atributos pessoais que estimulam ou

desestimulam reações que podem potencializar ou inibir processos proximais (BRONFENBRENNER, 2011; ROSA; TUDGE, 2013).

TEC15 avalia que a desistência do adolescente do processo de formação esportiva em futebol pode ocorrer por inúmeros fatores; um deles está na ausência de motivação intrínseca, recurso anteriormente apresentado por ele como necessário para a trajetória esportiva. TEC15 cita uma desistência motivada pela falta de motivação intrínseca do adolescente:

Eu já trabalhei com jogador que ele era muito rico, e tinha uma certa qualidade, filho de um ex-jogador famoso. Em um certo momento com 16 anos ele disse que queria parar. O fator era que, por mais que ele gostasse de jogar, não queria ou precisava daquilo. (TEC15).

Quando o sonho não é do adolescente, quando a carreira futebolística não é do próprio atleta, ou seja, a motivação é externa, para TEC17 pode-se desencadear um processo de desistência, ainda que involuntária.

Quando eu na minha cabeça quis isso de ser um jogador de futebol, era o meu sonho. [...]. E hoje, muitas vezes, é o sonho dos pais. Às vezes é um sonho, dos avós. [...]. E isso atrapalha muito. [...]. Faz com que muitos não consigam desempenhar o seu melhor quando chega no treino. E isso com certeza vai ser um fator importantíssimo para que ele não siga no processo. (TEC17).

As expectativas acerca da carreira futebolística podem frustrar e, com isso, prejudicar e até mesmo levar à desistência. Para TEC15, quando se olha para a formação esportiva, as expectativas são muito altas: “A expectativa é uma, e a realidade é outra. [...] Eu trabalhei já com entre 1.000 e 1.200 atletas na minha vida. Desses só 2 jogaram Champions League, [...]. E seleção brasileira principal, nenhum deles” (TEC15).

A expectativa de uma carreira próspera se confronta com a baixa oportunidade, e isso pode contribuir para as desistências, na perspectiva da Prof2.

E com relação às desistências, eu vejo principalmente pela falta de oportunidade, porque quando a gente está falando dos clubes, nesse contexto, é mais seletivo[...]. E então como principal motivo de desistência eu vejo essa falta de oportunidade em alguns momentos. E o que os mantém, eu acredito muito que é esse sonho. (PROF2).

O chamado filtro ou funil da formação esportiva compõe um dos desafios para a permanência nessa trajetória.

É como se fosse um funil, que vai da iniciação, até o Sub 20, um caminho que vai ficando cada vez mais estreito, com mais dificuldade e; ao mesmo tempo, vai se profissionalizando. Então o que eu vejo principalmente é isso, o sonho ele se mantém para os atletas, mas a gente entende que do sub 20 ou sub 17 para o profissional é um caminho mais estreito. A gente tem um índice de que atletas que iniciam a sua formação esportiva, e chegam ao profissional ainda muito baixo. A gente tem muitos atletas que acabam ficando por esse caminho. (PROF2).

Nesse processo seletivo, segundo TEC15, não basta ser bom tecnicamente, “a maior parte do índice de parar é por falta de qualidade técnica. [...] Ser jogador não depende só de ser bom. Você tem que ser muito bom extraclasse, perante a sociedade e você tem que ter questões comportamentais”. Frente à possibilidade de frustração, devido às altas expectativas não atendidas, TEC17 considera ser necessário preparar e dar suporte a esses adolescentes.

E quando existe frustração, se você está preparado, se você é bem preparado, se você está sendo bem orientado; quando chega esse momento, você está pronto para poder encarar. É lógico que um adolescente hoje, ele não tem uma formação completa, muitas vezes da sua, da sua capacidade intelectual e cognitiva todos os aspectos que envolvem os erros. Mas ele pode ser amparado. Ele pode ter amparo do pai e da mãe, das pessoas que estão em volta dele, para minimizar essa frustração, porque a frustração vai existir [...] E a expectativa, ela tem que ser mantida sempre, mas a gente tem que estar ciente de que as dificuldades que existem podem fazer a gente parar no meio do caminho. E aí a gente tem que estar preparado. (TEC17).

O técnico da categoria Sub 17 apresenta uma série de fatores que podem contribuir para o encerramento da trajetória esportiva de alguns adolescentes na formação em futebol. Um desses fatores, para TEC17, está numa frequente especialização precoce, em um processo que se inicia nas escolinhas que alimentam os clubes e faz com que esses adolescentes já cheguem mais especializados aos clubes, “isso dificulta muito, porque as pessoas não querem mais aproveitar o tempo, [...] querem que as coisas sejam imediatas, que o resultado venha rápido. [...] é uma dificuldade, porque muitos param no processo”.

Além disso, existem as exigências feitas pelo processo de aprendizagem esportiva em futebol, que exige que esses adolescentes e jovens renunciem questões pessoais, coletivas e familiares; diante disso, TEC17 diz:

Eu acho que esse é um grande problema, que faz com que muitos também não sigam. Mas com certeza, precisa haver um equilíbrio nessa ação de renunciar [...]. Ele precisa muitas vezes renunciar até mesmo o convívio com a família. Renunciar ao convívio direto com os amigos. [...]. Porque hoje os treinamentos, eles são mais intensos. [...]. É totalmente diferente a vida de um adolescente que está no esporte, de um adolescente que tem a sua vida normal. Então, muitas renúncias devem ser feitas. [...]. O sonho é o que faz com que eles permaneçam e continuem dentro do processo para chegar no objetivo. (TEC17).

Essa rotina de treinos e exigências da formação futebolística, para a PROF1, é também um fator que contribui para que muitos adolescentes-atletas desanimem.

Essa rotina que às vezes tem que passar por cima do convívio social e de tudo que eles gostam na vida. Eu acredito que eles vão ficando, às vezes, mais desmotivados não só por isso, mas, porque numa categoria não tem 10 meninos ou nove; são muitos atletas [...]. Então acaba que é a competitividade vai minando essas expectativas do começo. (PROF1).

Aos responsáveis e aos adolescentes-atletas foi perguntado sobre qual o cenário vivenciado de expectativas e frustrações, assim como sobre o que os fariam desistir desse sonho. Nenhum dos três adolescentes entrevistados consideram a possibilidade de desistir do sonho. ATL15.1 diz que “*eu não acho que nada me faria desistir. Nunca pensei em desistir. Nunca passou pela cabeça e eu acho bem difícil passar*”; de igual forma, ATL15.2 afirma que nada o faria desistir e explica que sua família o motiva a não desistir e seguir firme em seu sonho. Já o atleta ATL17.1, embora afirme que nunca desistiria, relata:

Acho que nada me faria desistir. Muito difícil. Só se eu tivesse uma lesão muito grave. Eu até tinha pensado, que se eu machucasse o joelho de novo, se eu iria continuar, mas eu acho que eu iria. Porque eu aprendi muito também quando eu estava machucado. (ATL17.1).

As famílias mantêm firme seu suporte à trajetória dos filhos, de forma que somente deixariam de apoiar caso os próprios adolescentes desistissem ou estivessem prejudicados no processo. A mãe de ATL15.2 afirma que deixaria de incentivar, de apoiar seu filho caso “*visse que ele não está mais feliz, que ele não está bem*” (FAM15.2). Enquanto FAM15.1 comenta:

A gente apoia porque a gente sempre viu muito talento nele. O que faria a gente desistir, é ele não querer mais. [...]. Se ele chegar amanhã e falar assim, “pai eu não quero mais jogar bola”, eu não tenho que fazer, acabou. É isso que a gente pensa. (FAM15.1).

FAM17.2 demonstra preocupação com a possibilidade de seu filho se desvirtuar da trajetória esportiva e diz que, caso isso acontecesse, o retirariam do clube e da formação em futebol:

Então, alguma coisa que faria com que a gente não apoiasse mais é, a partir do momento que a gente perceber que não está bem. [...] A partir do momento que ele começar a se desviar do caminho do futebol, [...] se de repente a gente percebe que ele está se envolvendo com droga, por exemplo, com droga lícita e droga ilícita, e de repente se perdendo com a mulherada. [...] que de alguma forma vai atrapalhar e que isso vai acabar desviando do caminho que ele mesmo traçou para ele, e que a gente sonha e apoia, eu acho que isso faria com que a gente o trouxesse de volta.” (FAM17.2).

O sonho, a paixão dos adolescentes pelo futebol, somados à expectativa de atingir altos níveis na carreira, faz com que não desistam, mesmo com os inúmeros desafios próprios do processo. A família exerce um importante papel de suporte na manutenção desse sonho, ainda que a realidade aponte para índices baixos de atletas que atingem grandes patamares da carreira de jogador de futebol.

4.3. CATEGORIA PROCESSO

A categoria processo, adotada como código de análise, refere-se aos processos proximais, ou seja, interações recíprocas, por um longo período de tempo, entre indivíduos, os ambientes e outros indivíduos (BRONFENBRENNER, 2011; BENETI *et al*, 2013; ROSA; TUDGE, 2013). Essa interatividade recíproca promove o desenvolvimento humano do indivíduo de acordo com aspectos pessoais, contextuais e temporais.

Diante dessa definição, esta pesquisa propõe-se a analisar o processo de desenvolvimento humano dos adolescentes-atletas a partir de três dimensões: a trajetória esportiva desses adolescentes, considerando as etapas da formação esportiva em futebol; os aspectos educacionais relacionados ao processo da formação futebolística; e os aspectos sociofamiliares pertinentes ao processo.

4.3.1 Trajetória esportiva

A trajetória esportiva de formação no futebol é dividida em diferentes etapas e, neste trabalho, serão consideradas, desde a iniciação, passando pelos ciclos da aprendizagem, até a dispensa ou a profissionalização.

4.3.1.1. O início

Nesta subseção, os relatos consistirão em apresentar os primeiros processos formativos antes dos adolescentes-atletas entrevistados chegarem ao Clube Atual. Desse modo, as narrativas dos atletas e de seus responsáveis terão este caráter descritivo, evidenciando as dificuldades do início.

Em seguida, as profissionais, ao discorrer sobre suas experiências no acompanhamento dos adolescentes, apresentam suas percepções sobre o início da trajetória esportiva e os desafios existentes.

ATL15.1 conta que iniciou em um projeto de futsal em um clube de sua cidade:

Eu comecei com 6 anos em um projeto de futsal que vinculado a um clube aqui da cidade. Fiquei lá até os 10 anos, e quando eu fiz 11 anos, este projeto trocou a parceria para o clube no qual eu estou hoje, e nisso eu optei por mudar junto. Optei por vir para o Clube Atual, aí comecei no campo. (ATL15.1).

Ainda que ATL15.1 comente achar que nunca teve dificuldades no início da trajetória esportiva, seu pai, FAM15.1, descreve que, em determinado momento da trajetória, seu filho precisou mudar de clube por dificuldades com a logística dos treinos: “o ATL15.1 começou a jogar bola com 5 anos na escolinha, aí com 6 anos entrou num clube. **Com 7 anos, foi para o outro porque não tinha condição de levar. E chegou ao Clube Atual com 11 anos, em 2017**” (FAM15.1). Além disso, como já apresentado anteriormente, relata dificuldades relacionadas aos altos custos desse processo, bem como do quanto a família tem sua rotina impactada pela trajetória do filho.

O que é complicado é que o esporte é caro. No Clube Atual é diferente, ele tem tudo ali, só gasto minha gasolina [...]. Mas quando ele estava lá no futsal, quando tinha as viagens, tudo vinha do bolso do pai. Essa foi a maior dificuldade. [...]. Posso dizer que a gente vive praticamente em função dele. Tudo que a gente planeja é em função das atividades dele. E sempre foi

assim. [...] Então, todo esse tempo a gente acompanha, viaja junto. [...] O que mais pega, geralmente é que a gente tem que fazer isso: tudo tem que ser planejado de acordo com ele. Para viajar, temos que saber se o ATL15.1 vai poder, se ele vai estar aqui [ou viajando]. A família se organiza conforme as demandas do futebol. (FAM15.1).

Embora também iniciando em projeto em sua cidade natal, a trajetória de ATL15.2 apresenta muitas diferenças, até chegar ao Clube Atual. Segundo sua narrativa, ATL15.2 foi observado por olheiros ainda em sua cidade natal, período este em que treinava em um projeto cujo os donos e, hoje são seus empresários:

Eu comecei numa escolinha da minha cidade, num projeto. E os caras me deram muita oportunidade, hoje eles são meus empresários. Comecei no Clube do Nordeste¹⁸. [...] Foi um cara que me viu jogando um campeonato na escola e aí me chamou para ir para lá. [...] Foi um pouco difícil com a minha família também. Joguei alguns campeonatos, aí me destaquei, e um olheiro do Clube Atual me deu essa oportunidade. (ATL15.2).

O atleta conta sobre sua jornada de forma muito mais detalhada e, embora extenso, considerou-se pertinente apresentá-lo quase em sua integralidade, por exprimir as dificuldades enfrentadas pelo adolescente e pela família: “Na escolinha, o treinador, quando ele jogou no primeiro jogo, já chamou a gente e falou que queria muito que ele participasse de alguns campeonatos. [...]E aí foi assim, dentro de dois anos ele já ia fazer peneiras fora.” (FAM15.2). Dentre essas peneiras, a responsável fala sobre uma das oportunidades em que seu filho foi fazer teste e chegou a ser aprovado no Clube Carioca¹⁹, aos nove anos de idade, mas que a experiência não foi agradável e o adolescente quis voltar.

Ele não gostou de lá, do tratamento do pessoal do clube, de como o clube recebeu a gente, de como a pessoa que levou a gente tratou a gente. [...] A gente foi final de ano e a gente foi muito mal recebido no clube, muito mal recebido mesmo. Ele chorou lá dentro, não queria ficar, porque assim que a gente chegou no clube para se apresentar, a pessoa que levou a gente só deixou a gente na porta do estádio do Clube Carioca e foi embora. O rapaz não deixou que a gente entrasse no clube com ele. Disseram que ele tinha que entrar sozinho e entrar no ônibus porque o treino ia ser no outro campo. [...] Então, era uma criança de nove anos, que nunca esteve naquele lugar, não conhecia ninguém, não conhecia nada. Eu fiquei, chorei e ele chorou, me falou que não ia entrar sozinho. Eu pedi para entrar, e o rapaz não deixou. (FAM15.2).

¹⁸ Nomenclatura adotada para não expor o clube pelo qual o adolescente passou.

¹⁹ Nomenclatura adotada para não expor o clube pelo qual o adolescente passou.

Após essa passagem pelo Clube Carioca, a família retornou a sua cidade e FAM15.2 conta que o adolescente foi chamado novamente para um período de avaliação no clube. Após irem e o adolescente passar por novas avaliações, a família foi informada que seria necessário pagar algumas taxas:

Quando a gente chegou no campo, falaram que ele tinha que ir para a quadra. [...]. Aí uma pessoa chamou os pais numa salinha e falou que os pais das crianças que estavam na quadra, fazendo teste, teriam que pagar uma taxa de determinado valor. Eu disse que não sabia dessa taxa, que não haviam me falado nada disso; que inclusive hospedagem e a passagem tinha saído tudo do bolso da gente. Aí essa pessoa olhou para mim falou que então meu filho não poderia fazer o teste na quadra. Então eu comecei a chorar e falei para ele que ele deveria ir até quadra e tirar meu filho de lá, porque eu não vou fazer isso [...], e me retirei da sala. [...]. Essa pessoa depois foi até a quadra e perguntou quem era meu filho, eu respondi que era o que havia acabado de fazer dois gols. [...] Então ele disse que gostaria de contar conosco num novo teste que aconteceria em janeiro. (FAM15.2).

Diante do convite de retorno, embora inicialmente interessada, a responsável disse que não retornaram, pois seu filho não quis. Então, na cidade de domicílio, continuou treinando na escolinha e, ao disputar alguns campeonatos aos 11 anos, o adolescente foi visto por um olheiro, que o convidou para ir para o Clube do Nordeste na semana seguinte, “e nós fomos” (FAM15.2). Quando a família chegou ao Clube do Nordeste, mais um episódio de dificuldades ocorreu:

Chegando lá, ele fez o teste, e já no primeiro dia o pessoal do Clube do Nordeste falaram que não queria ele porque ele era muito pequeno. Ele estava com 11 anos e faria 12 em dezembro. [...] O olheiro, que havia levado ele, pediu para ele treinar já que já estava lá e era muito bom, e eles deixaram. [...] No dia seguinte teve um jogo amistoso e colocaram ele para jogar; graças a Deus ele se sobressaiu sobre os meninos, mesmo maiores. [...] Fomos para casa e na segunda eles me ligaram chamando para irmos de mudança para o Nordeste²⁰ ainda naquela semana. (FAM15.2).

A família aceitou e se mudou para o Nordeste: “eles deram mais uma semana para a gente, juntamos algumas coisas e colocamos dentro do caminhão que saiu de madrugada. Fomos dentro do caminhão” (FAM15.2). A família recebeu apoio do Clube do Nordeste com residência e alimentação, durante algum período, mas, devido à Pandemia de Covid-19, precisaram voltar para sua cidade de residência. Nesse período, “o clube nunca ligou para perguntar se estávamos precisando de alguma

²⁰Termo utilizado para se referir à cidade do Clube do Nordeste.

coisa. Como eu morava lá (no Nordeste) eu vivia da ajuda do clube, e de repente eu me vi sem nada, dentro da pandemia, sem nada” (FAM15.2).

Foi no período de Pandemia de Covid-19, com o adolescente-atleta em casa, sem atividades esportivas, que receberam contato de um olheiro do Clube Atual, que já havia visto jogos, o convidando para vir para o Clube Atual, e a família aceitou, principalmente por não terem sido apoiados pelo Clube do Nordeste no período de Pandemia:

Lá ainda não tinham assinado o contrato de formação; o contrato já estava pronto, mas, nunca me ligaram perguntando se a gente estava precisando de alguma coisa; [...] aí tudo isso pesou para a gente sair de lá, eu não queria que ele tivesse saído, porque lá ele estava bem, estava se sentindo em casa. (FAM15.2).

ATL17.1 também teve a experiência de mudar de cidade devido à trajetória esportiva.

Com 4 anos e meio, mais ou menos eu treinava, treinava, jogava os campeonatos da minha cidade. Ai depois de uns 2 ou 3 anos eu comecei a competir de forma estadual. Uma vez eu vim à cidade do Clube Atual jogar e tinha um olheiro do Clube Atual. E ele me convidou junto de mais 2 meninos para vim fazer avaliação lá no Clube Parceiro²¹, que tinha na época parceria com o Clube Atual. Eu e outro menino passamos, mas eu quebrei o braço bem na época, e esse menino não quis vir sozinho, porque também era novo. Depois eu voltei e passei no teste, graças a Deus. (ATL17.1).

Vinculado ao Clube Parceiro, o adolescente era observado pelo Clube Atual; no entanto o Clube Atual rompeu o vínculo com o Clube Parceiro, que passou a estabelecer parceria com o Clube RJ²², e o adolescente foi convidado para ir para o RJ²³:

Eles queriam me levar para o Clube RJ, mas o P. A.²⁴ era Diretor da Base do Clube Atual e me convidou para ficar aqui no Clube Atual. Deixou para que eu decidisse se iria pra lá ou pra cá. Eu já gostava bastante dos outros meninos, já conhecia bem eles, e resolvi ficar aqui. Também por ser mais perto de casa e pela estrutura. Também pela concorrência, que na época o Clube Atual não era ainda o clube que é hoje, respeitado no país todo, com vários títulos. Então resolvi ficar aqui. (ATL17.1).

²¹Nomenclatura utilizada para se referir a um clube que fica na mesma cidade do Clube Atual, mas que realiza parcerias com outros clubes maiores.

²²Nomenclatura utilizada para não expor o nome do clube da nova parceria.

²³Nomenclatura utilizada para se referir à localidade do Clube RJ.

²⁴Sigla do nome do Diretor da Base do Clube Atual na época.

FAM17.1 descreve o início de trajetória esportiva do filho:

Com 4 anos e meio ele começou a treinar na escolinha de futebol aqui do município. Na época era mais campo mesmo. Aí quando ele estava com quase 9 anos, ele começou a treinar futsal [...]. Aí o professor dele, quando ele fez 10 anos, inscreveu ele no estadual de futsal. [...] E aí com 11 anos, o ATL17.1 foi visto por um olheiro do Clube Atual. O olheiro se interessou e perguntou para mim se o ATL17.1 não poderia ir depois do Carnaval para cidade do Clube Atual, para treinar no Clube Parceiro. Com 11 anos ele foi para a cidade do Clube Atual, ficou lá uma semana, ficou indo e vindo algumas semanas [...]. Quando ele completou 12 anos, ele foi definitivo e ficou na cidade do Clube Atual. E com 14 anos ele alojou. (FAM17.1).

Com o relato da FAM17.2, temos novamente a questão do início ainda em idades inferiores a 10 anos, em escolinhas e projetos de futebol nas proximidades da residência da família, e para a família era um desafio “*conciliar trabalho, conciliar tarefas domésticas e conciliar a esse acompanhamento dos treinos. [...] Tinha dia que ele tinha que jogar futebol em 3 locais diferentes, e em cidades diferentes, muitas vezes no mesmo dia*”. Esse processo, para a família, era “*um desgaste muito grande, tanto físico para ele, quanto mental*” (FAM17.2):

A dificuldade maior, sempre foi disponibilidade de tempo. Eu posso destacar duas dificuldades: a falta de tempo, de você ter que enforçar um dia de trabalho para poder acompanhar porque era muito pequeno, ou de sair mais cedo, correria sempre; e a logística da coisa era difícil e, não posso deixar de destacar, porque a gente é uma família de classe média baixa, então a gente trabalha para pagar as continhas da gente. E aí de repente, tudo demanda também uma dedicação, inclusive financeira. Então foram as maiores dificuldades que a gente encontrou. (FAM17.2).

Na fala de PROF2 muitos elementos presentes na trajetória dos adolescentes são considerados, como a dificuldade de encontrar o clube, as avaliações (peneiras), o processo de monitoramento dos clubes feito por olheiros, etc.:

A principal dificuldade é eles de fato entrarem em um clube. Desde muito cedo eles começam com os monitoramentos dos clubes, as próprias peneiras, as avaliações; até que de fato eles passem e vão para um clube. O fato de entrar no clube não significa que você vai ficar toda sua formação nesse clube também; é um processo que é muito difícil. Eu acho até que se a gente for comparar, por exemplo hoje com uma das graduações mais concorridas que é a graduação em medicina; [...] se a gente for comparar esses atletas que iniciam no futebol e o grande objetivo de chegar no profissional e atuar em alto nível; é um processo muito difícil também. Então, quando eles entram no clube não existe essa garantia de que eles vão ficar no clube por um longo período. (PROF2).

Assim, pode-se considerar que esses adolescentes, participantes da pesquisa, são adolescentes-atletas que já superaram muitos desafios, próprios do início da trajetória, que constituem, para muitos outros, uma primeira barreira dificultando a continuidade. Dentre os desafios deste início de trajetória esportiva estão os custos, as dificuldades dos processos de avaliação e seleção (peneiras, monitoramentos) e o alto grau de seletividade.

Os relatos vão ao encontro do que aponta o estudo de Ribeiro, Paulo e Maoski (2020), de que o início da trajetória esportiva ocorre na faixa etária entre seis e dez anos, em escolinhas e com forte apoio e suporte dos pais. Marques e Samulski (2009) realizaram estudo sobre a carreira esportiva de jovens atletas de futebol. Quanto ao início da carreira, os relatos dos participantes do estudo apresentam similaridade aos desta pesquisa, sendo a rua apresentada por mais da metade dos participantes (MARQUES; SAMULSKI, 2009), enquanto que na presente pesquisa, como observado nos relatos, escolinhas são citadas como principal espaço do início da trajetória dos adolescentes; na pesquisa de Marques e Samulski (2009) as escolinhas foram citadas por 1/3 dos participantes. Considerando a diferença de 13 anos entre a realização destas pesquisas, é possível confirmar que a proliferação de escolinhas estava realmente em crescimento, tal como apontaram Marques e Samulski (2009).

4.3.1.2. A permanência e a evolução

O intuito deste tópico é descrever situações e aspectos relacionados à permanência desses adolescentes no clube, enquanto percepção de etapas do processo de aprendizagem esportiva e possibilidades de evolução.

Os quatro adolescentes-atletas compreendidos nesta pesquisa estão na etapa da especialização esportiva do mesmo clube; dois deles na categoria Sub 15 (ATL15.1 e ATL15.2) e dois, na categoria Sub 17 (ATL17.1 e ATL17.2), mas cada qual com experiências, trajetórias e tempos de futebol e Clube Atual distintos.

A forma como cada qual compreende seu trajeto até o presente momento foi uma das perguntas feitas aos adolescentes e seus responsáveis. ATL15.1 avalia sua trajetória de forma positiva, compreendendo-se como alguém que já alcançou sucesso no futebol.

Eu acho que eu já tive sucesso, são coisas que, não vou dizer que são pequenas, mas são nada com relação ao sucesso maior que é jogar profissionalmente. Mas, já consegui ser patrocinado pela Marca Esportiva²⁵, já peguei seleção, mas tipo, isso não quer dizer muita coisa para você ser profissional, né? Você não pode deixar subir a cabeça. (ATL15.1).

Sobre a experiência de ser convocado para a Seleção Brasileira Sub 15, ATL15.1 relata a emoção da notícia e os períodos em que esteve em atividade na seleção:

Na hora você fica muito feliz, não dá nem pra explicar a emoção que é na hora. Eu achei que ia ser uma coisa muito diferente do clube, que os moleques iam ser muito melhores de tudo, mas eu não sofri muito lá. Tipo de tecnicamente, fisicamente. Para mim foi bem tranquilo lá. É uma experiência única. Tudo que você passar lá você pega uma confiança melhor, você volta para o clube melhor, mas eu não senti muita dificuldade lá. (ATL15.1).

Quando perguntado sobre as diferenças de treinos e dos perfis das atividades conforme avança na aprendizagem esportiva, ATL15.1 diz perceber aumento da intensidade das cobranças, principalmente agora em sua transição da categoria Sub 15 para a categoria Sub 17.

Eu confesso que eu não lembro muito como que é a experiência da iniciação. Mas, dá para sentir bem, a cobrança que ela muda muito da iniciação, no Sub 15 já foi muito diferente. E agora eu também já estou sentindo que o negócio é bem mais sério, agora. No sub 17 eu já senti que é bem mais sério que no sub 15. Eu acho que quanto mais sobe a categoria, mais a cobrança fica, a exigência é maior. (ATL15.1).

Sobre essa exigência do processo de aprendizagem esportiva, a família também percebe aumento na intensidade e nas responsabilidades: *“Eles têm uma rotina bem puxada, eles têm que fazer vários sacrifícios, para poder dar conta. Nós não imaginávamos que era do jeito que é. A organização que é, a forma que é”* (FAM15.1).

Para FAM15.1, seu filho já tem uma trajetória de sucesso, pois entende que *“ele conquistou muita coisa. [...] Eu posso que ele já teve sim sucesso. O fato de ele chegar à Seleção Brasileira para mim é um sucesso”*. Por outro lado, reconhece os desafios inerentes ao processo de aprendizagem esportiva, o qual classifica como ser muito mais do que simplesmente jogar bola:

²⁵Nomenclatura utilizada para não publicizar a marca de produtos esportivos que patrocina o adolescente.

Muita gente que me conheceu quando eu era mais novo falava que eu poderia ter sido jogador. Eu falo que não. Porque para ser jogador é muito mais coisa. O ATL15.1 está no Clube Atual, ele não está só em um clube de futebol, não é só jogar bola, é uma escola, é faculdade eu costume dizer. Quando ele, se ele se tornar jogador, ele vai ter passado por um processo de faculdade, na minha opinião, vai se formar. E ser jogador de futebol é ter muita determinação. Tem que ter uma parte mental muito forte. E o que eu digo para ele também é sobre a parte da imagem dele. Tem que ser uma coisa muito bem trabalhada, tem que cuidar muito. Ser jogador de futebol para mim é uma coisa muito complexa, eu acho muito complexo. (FAM15.1).

No entanto, algumas situações podem colocar em risco esse percurso . Uma lesão, conforme o grau de gravidade, pode encerrar a trajetória de aprendizagem esportiva ou ao menos comprometê-la pelo período de afastamento. Esse é um dos medos de muitos adolescentes-atletas e de seus familiares. ATL15.1 conta: *“já tive lesão, mas nunca foi uma coisa muito grave assim, de ficar muito tempo parado”* (ATL15.1). No entanto, seu pai narra a situação por outra perspectiva, com maior apreensão:

Ele teve algumas lesões de entorse, algumas coisinhas assim que foram rápidas. Mas, agora, quando ele voltou dessa pandemia, ele teve algumas um pouquinho mais sérias, que poderia ser bem mais séria. Ele teve a lesão, daí tratou, curou e voltou a treinar. Com uns 4 ou 5 dias de treinamento, ele estava andando no CT depois do treino, não estava treinando nem nada, só andando. Ele simplesmente sentiu de novo, de andar. Ali eu o peguei no carro, a primeira vez que eu o vi chorar. Ele pensou que ia ser uma coisa grave. No final das contas, graças a Deus [...]. Mas foi a primeira vez, assim que bateu aquela coisa assim nele (medo da lesão), mas todas as lesões que ele teve, eles curaram. Graças a Deus, curaram rápido. (FAM15.1).

O adolescente ATL15.2, no ato da realização da entrevista, estava no clube há aproximadamente um ano, sendo que presencialmente há cerca de cinco meses, pois nos primeiros meses, devido à Pandemia de Covid-19, as atividades da categoria Sub 15 estavam suspensas. Sobre as mudanças que ocorrem conforme avança nas categorias de formação, ele considera que *“muda muita coisa”* (ATL15.2).

O adolescente, quando chegou ao Clube Atual, estava na categoria Sub 15, porém, devido à Pandemia de Covid-19, a última vez que havia treinado era ainda no Sub 13, em sua transição para o Sub 14; agora, prestes a iniciar as atividades na categoria Sub 17, relata que *“o treinador muda o treino, o esforço, o estudo para o treino, tudo é mais puxado”* (ATL15.2). De igual modo, sua mãe expõe essa *“percepção. Acho que dos 13 anos para os 15 anos aumentou a carga de treino sim. Inclusive agora tem a academia que antes ele não fazia. Realmente vai crescendo a cobrança e a dedicação”* (FAM15.2).

Para ATL17.1, esses níveis de exigência são bem percebidos em cada categoria.

Na questão de tática, não muda muito. A gente vai aprendendo mais movimentos, pegar uma malandragem a mais, ser mais inteligente na tomada de decisão, mas o que a gente a gente aprende, vai subindo com a idade. Por exemplo, no sub 13 era mais brincadeiras, desenvolvimento e socialização. No sub 14 foi um pouco disso ainda, aí começou a aprender mais a se respeitar e ser mais responsável. Sub 15, a cobrança foi mais elevada, mas aí teve a pandemia, não tivemos tanto assim [...]. E agora no 17, a gente começa a ser tratado como homens, já tem uma cobrança a mais. Porque é muito perto do profissional já. E a gente tem que ser responsável, tem que ser pessoas de bem. Aí começa a aprender mais sobre a tática, um pouco do esquema é o mesmo profissional às vezes. (ATL17.1).

ATL 15.2, em determinado momento de sua jornada, quebrou o braço e ficou três meses fora de treinos: *“Fiquei mal. Eu fiquei com medo também, porque ia demorar voltar a treinar, e ia ficar fora do campeonato”*.

Dentre os quatro atletas, o que mais teve sua trajetória impactada por uma lesão foi ATL17.1: *“Uns dois anos depois de eu chegar aqui no clube, pouco antes da Pandemia de Covid-19, eu tive uma lesão no joelho, foi bastante difícil para mim”*. A lesão de ATL17.1 foi um rompimento de ligamento cruzado anterior e menisco, cujo tempo de recuperação é entre nove meses e um ano após a realização da cirurgia, o que despertou sua preocupação: *“foi um choque. E eu estava triste, porque eu ia perder o ano. E o Sub 15 é um ano bom, de bastante visibilidade. Era um período que eu estava desenvolvendo meu corpo. Eu senti que ia me atrapalhar bastante”*.
 Todavia, o caso de ATL17.1 teve um fator complicador:

Eu machuquei na época que veio o coronavírus. Aí a espera pela cirurgia me desanimou bastante. Porque eu tinha que ficar em casa, não podia correr nada, ficava só assistindo. [...] Eu estava bem desanimado porque sempre que tinha uma esperança de fazer cirurgia, ela era adiada [cirurgias eletivas foram suspensas no auge da pandemia]. Aí eu pensava, caramba, tem mais esse tempo de espera pela cirurgia e mais os 9 meses de recuperação. Será que eu vou voltar jogando bem? será que vão me dispensar? Se me dispensarem, será que vai ter algum time que vai me aceitar? Será que eu vou conseguir jogar de novo com confiança, sem medo de machucar? Foi bastante difícil para mim esse processo. [...] Tanto que eu ia voltar só em dezembro ainda. [...] Aí vou chegar no Sub 17 ainda meio com medo e tal. Foi bastante difícil para mim. (ATL17.1).

Para a família, aquele também foi um período de apreensão, principalmente por ter acompanhado a espera pela cirurgia com ele, em casa.

Fiz contato com o clube, passei a situação pro supervisor da categoria e pro fisioterapeuta e eles solicitaram que a psicóloga conversasse com o Igor. A psicóloga conversou com ele e ele foi animando novamente. [...] Então, quando foi em setembro ele voltou para o clube para fazer pré-operatório. E quando ele fez a cirurgia, ele logo ele já estava andando. Logo ele já estava se recuperando, fazendo as fisioterapias. Então agora a expectativa é só mesmo ele voltar a jogar, mas ainda tenho certos medos. Fica uma certa dúvida, porque às vezes tem uma dor, uma coisa que incomoda, não sabe se ainda é da lesão, se não é. Então assim ele está voltando aos pouquinhos. (FAM17.1).

Quanto ao ATL17.2, os relatos de sua mãe descrevem sua trajetória de sucesso, independentemente do que possa ocorrer no futuro, pois o caminho percorrido proporcionou experiências, às quais ele só teve acesso por causa da aprendizagem esportiva.

Eu considero que o ATL17.2 só teve sucesso na trajetória dele. Só teve sucesso. Complicado perguntar essas coisas para a mãe, mas, [...]. nós temos muito pé no chão. Então ele só teve sucesso por onde ele passou. [...]. É uma trajetória de sucesso que ele tem até aqui. Eu digo para ele, sempre digo que se nada der certo daqui para frente, só o que ele viveu até hoje, já valeu muito a pena. [...] Ele tem tido experiências incríveis de estar com jogadores profissionais, ainda que seja não de maneira profissional, mas de estar com os jogadores profissionais, de ter feito viagens, ter conhecido lugares. O ATL17.2 foi para a China. Então ele tem tido é experiências mil assim, nas quais ele tem cada vez mais consolidado isso na cabeça dele, de que ele quer ser um jogador de futebol e esse é o mundo que ele quer acompanhar, que ele quer viver. (FAM17.2).

Nas falas de atletas e familiares ficam evidenciadas situações próprias da trajetória esportiva, dos riscos de descontinuidade, da alta carga de exigências e dos treinos. Esses meninos têm por objetivo ser jogadores de futebol profissional. Ao expressar sua definição sobre o que é um jogador de futebol, PROF1 considera aspectos dos desafios dessa trajetória de formação profissional: “*Ser um jogador de futebol é ser um profissional que quer sua máxima excelência, mas que para isso tem que abdicar de várias questões da sua vida para conseguir fazer que a sua profissão dê certo.*” Para ela, na medida em que o atleta se aproxima da etapa da profissionalização, as exigências são ainda maiores.

Com certeza, e o crivo vai aumentando também à medida que ele vai se profissionalizando mais. No sub 20, por exemplo, que ele não deveria estar mais em idade escolar, o tempo ali que eu falei de 30 a 40 horas semanais para o esporte nas categorias Sub 14 e 15, vai ser de 45 horas. (PROF1).

Com uma trajetória que se inicia tão cedo, e marcada por tanta pressão e incertezas, a atuação de áreas profissionais, como a Psicologia e o Serviço Social, desempenham um importante trabalho no acompanhamento das trajetórias desses adolescentes e jovens-atletas, como aponta a psicóloga PROF2:

E faz parte do nosso trabalho, no dia a dia, acolher um pouco desse contexto, desse atleta. A gente poder ouvir, a gente poder no dia a dia realmente trocar e contribuir para que ele também esteja com a sua saúde mental em dia, porque é um ambiente bastante estressante também. E que ele consiga se desenvolver, então a gente tenta dar todo esse suporte, todo esse apoio para que ele consiga se desenvolver e tenha prazer também na atividade que ele está desenvolvendo. (PROF2).

A preocupação com o bem-estar do adolescente-atleta está na análise feita por PROF2, do quanto o ambiente da aprendizagem do futebol é repleto de cobranças, pressões, incertezas, múltiplos interesses:

Na minha percepção, eu considero futebol como um ambiente bastante selvagem, um ambiente bastante difícil. Eu acredito que hoje em dia as pessoas que conseguem se adaptar e ser resilientes, conseguem se estabelecer por mais tempo nesse ambiente. Ao mesmo tempo, é um ambiente que te proporciona muito desenvolvimento profissional e pessoal. Eu já aprendi muito como o futebol, acho que se eu pudesse resumir o futebol em uma palavra seria “aprendizagem” porque isso é uma situação assim que nos desenvolvem, faz a gente refletir muito. (PROF2).

Os técnicos assumem em suas atribuições outros desafios, além de proporcionar o desenvolvimento técnico-esportivo de seus atletas. A trajetória esportiva é um período de desenvolvimento esportivo, mas, também, pessoal, e os técnicos consideram esses elementos ao planejarem seus trabalhos com as diferentes categorias e gerações.

O processo que eu trabalhei com Sub 15 nascidos em 99, aquele processo foi para um tipo de pessoa, era um grupo diferente. Eu trabalhei depois com os nascidos em 2002, outro tipo de processo, totalmente diferente. Depois vim trabalhar aqui com sub 15 de novo, eu já tinha trabalhado antes em 2012 para os nascidos em 97, foi outro processo. [...] Então o meu grupo, por exemplo, do ano passado não é o mesmo deste ano, que não é o mesmo do ano retrasado. Por mais que eu ache do ano retrasado os 2005 parecidos, mais com os 2007. Então, atuação, talvez seja um pouco mais próxima nessas duas idades, porque são muitos os que tem características que se parecem. Mas, que têm necessidades de crescimento, de evolução diferentes. (TEC15).

Ao tratar sobre o processo de aprendizagem ao longo da trajetória esportiva em futebol, TEC17 destaca a importância de respeitar as etapas e as características dos adolescentes-atletas de cada faixa etária:

Assim como a nossa vida, no futebol no esporte existem etapas e essas etapas precisam ser respeitadas. Você precisa passar pelos processos que ela pede. Eu tive a oportunidade de trabalhar em quase todas as categorias [...]. E existe sim etapas diferentes, se você pensar em iniciação, existe uma forma mais lúdica, uma forma que tenha mais Liberdade onde você trabalha mais habilidades, e culturas onde você foca mais no desenvolvimento dessas habilidades. E quando você começa a atingir um nível de categoria maior, como sub 15 e sub 17 já se começa a pensar em outras coisas, mais em especialização. De você trabalhar já conteúdos específicos, tanto para posição com de função, setores. Na iniciação, não precisa ter tanto esse viés aí de trabalhar essas coisas. Então, as etapas elas são diferentes. Nós temos que respeitar isso. Para que não haja nenhuma especialização precoce nos meninos e que com isso venha também uma interrupção de um sonho. (TEC17).

Sobre as atividades que compõem o processo de desenvolvimento esportivo, TEC15 apresenta uma estrutura básica que, em sua concepção, pode e deve ser adaptada de acordo com o grupo.

Um panorama básico que eu vejo das atividades são: Se o clube tiver condições, ele tem que ter uma cultura de aprender cuidar do corpo, então preventivo, fisioterapia, alimentação; é uma cultura que ele tem que criar pré-treino; coisa para se cuidar de questões que a ciência mostra que pode evitar lesões. Muitas vezes tem cultura de vídeo, então assim, ou vídeos individuais para entender melhor o que ele precisa melhorar ou não; que a gente chama de coach individual ou análise individual de vídeo. Existe análise coletiva que a gente também traz para eles, o que eles precisam melhorar para se desenvolver. Tem o treino de fato em si, que é o que ocupa a maior parte dessa carga horária deles na semana, e tem o jogo. Então, acaba sendo um ciclo de preparação para não lesionar, treina, entendimento do que está sendo treinado, que são os vídeos, e jogo. E aí a gente volta para o ciclo. Então, assim dentro de um modo geral, ele tem diversas coisas a fazer. (TEC15).

O processo de aprendizagem esportiva requer metodologia, requer uma preparação que considere a melhor forma de ensinar os conteúdos, e essa é uma preocupação de TEC17:

Eu divido por sessão, na minha forma de trabalhar eu fraciono os trabalhos, tentando primeiro fazer com que eles entendam o conteúdo através de pequenas partes, de micro partes, para que eles possam assimilar da melhor maneira possível e dentro disso, depois nós vamos e partimos para o macro. Para que aí sim, seja exercitado o conceito que eles aprenderam numa pequena parte. Então eu trabalho sempre com esse processo de Iniciar do simples para o mais complexo, do menor para o maior. Eu acho que essa é

uma maneira que facilita o aprendizado deles. E é uma forma que eu gosto de trabalhar. (TEC17).

Assim, estando em um clube, os adolescentes encontram um ambiente competitivo de altas exigências e patamares de qualidade a serem atingidos. Diante disso, embora seus olhares estejam sempre voltados para o objetivo futuro de atingir a profissionalização no futebol, a todo instante são avaliados e têm suas trajetórias com riscos eminentes de descontinuidades ou de pausas, que serão abordados a seguir, ao se tratar do processo de dispensa.

Pesquisas sobre a trajetória de aprendizagem esportiva do futebol de alto rendimento contribuem para a compreensão desses ambientes, cujas marcas estão na alta cobrança por resultados, risco de lesões, renúncias, disciplina e distanciamento dos familiares (RIGO; DA SILVA; RIAL, 2018).

4.3.1.3. A dispensa, a possibilidade de (não)profissionalização e o pós-carreira

Nenhum dos atletas pensa em desistir da trajetória esportiva. Contudo, sabe-se que a continuidade nessa trajetória não depende somente da vontade dos mesmos, mas de uma série de fatores, os quais são avaliados pelas instituições esportivas no momento de definir a dispensa ou não desses adolescentes. Nesta subseção, este será o tema central, acompanhado de discussões sobre expectativas de realização profissional.

Em um clube, esses adolescentes são diariamente avaliados. Alguns chegam e outros saem ao longo desse ciclo (PROF2); e nessa dinâmica, após serem dispensados de um clube, muitos desistem por não encontrarem novas oportunidades, outros se desenvolvem em novos clubes. Todos eles têm um sonho em comum: ser jogador de futebol profissional.

A dispensa, ou desligamento, é o processo em que o clube estabelece os atletas que não continuarão no processo de aprendizagem esportiva do clube no ano seguinte, assim como define os que subirão de categoria. É um momento delicado e até mesmo traumático. São sonhos, são projetos de vida, que nesses momentos são decididos. O olhar dos profissionais que planejam esse processo é muito relevante.

A primeira coisa, você tem que ter um histórico. Para você dispensar alguém, você tem que mostrar para ele, o porque ele está sendo dispensado. Porque as vezes são meses ou anos no clube, tentando um desenvolvimento. E às

vezes dá, e quando não dá, tem essa dispensa. Então você precisa ter esse histórico de dados, indicadores que mostrem para esse indivíduo, porque ele está sendo dispensado. (TEC17).

Por ser um momento tão delicado, TEC17 ressalta a importância de uma abordagem multidisciplinar e, em sua opinião, precisam estar presentes profissionais de diferentes áreas, com destaque para a área da psicologia: *“E eu acho que é dessa forma quando todo mundo consegue trabalhar junto, isso ajuda muito para que não haja muito impacto aí na saída” (TEC17).*

A mesma preocupação é apresentada pelo técnico da categoria Sub 15, que fala com certo otimismo ser o cuidado com o adolescente, no processo de dispensa hoje, é muito maior do que em outros tempos: *“Eu entrei no futebol numa era que a cultura se preocupava zero com o ser humano que ia ser dispensado. E cem por cento com os seres humanos que dispensariam ele” (TEC15).* O técnico ilustra algumas práticas adotadas, que não considera saudáveis para a pessoa do atleta:

Então, era uma questão de pôr uma lista de nomes na parede dos atletas que continuariam e o menino que não tivesse o nome na lista, saía chorando. Eu vi isso, essa cena, algumas vezes na minha vida. Pedirem para o menino passar em tal lugar do clube para conversar, e aí quando o atleta chega lá era um setor administrativo, e falavam “olha sua liberação está aqui”; ninguém dava um feedback, uma palavra, nada. (TEC15).

Felizmente, para TEC15, hoje novas e melhores práticas são adotadas pelos clubes nesse momento que, em sua compreensão, *“é preciso ser objetivo, simples, direto e reto, dando um feedback, que o menino tem direito de receber, que precisa ser sincero. [...] Por mais que o jovem, muitos jovens não vão aceitar, mas ele sabe que foi por esse motivo”.*

PROF1 apresenta sua experiência de participar desse momento, descrevendo como o processo ocorre no Clube Atual: *“eles tentam fazer um processo que seja o menos difícil possível para o menino. Claro que no final nunca vai ser, porque você está sendo “demitido”, então isso nunca é legal”,* e descreve o processo da seguinte forma:

Mas o processo que tem sido feito é reunir a comissão, reunir as pessoas que fazem parte do processo como o técnico, o coordenador da base e talvez um preparador físico, enfim, as pessoas que fazem parte da categoria. A psicóloga e às vezes um responsável da educação para falar com o menino numa salinha; simultaneamente o assistente social liga para família, para falar ao mesmo tempo para os responsáveis. Esse protocolo é para que os pais

não saibam antes, e acabem eles dando a notícia para o menino; mas, também para evitar que os meninos que contem para seus pais. (PROF1).

Sobre esse procedimento, ela coloca que *“pode não ser o modelo perfeito, mas, avalio que está num caminho bom a forma como é feito o desligamento aqui no clube”* (PROF1). Além disso, a profissional considera que *“difícilmente o desligamento ocorre por questões comportamentais, geralmente é por questões técnicas questões técnicas do menino mesmo”* (PROF1).

Enquanto participante direta nesse processo, a profissional PROF2 avalia que *“nunca vai ser um processo fácil. É uma situação que sempre é muito delicada, muito difícil, mas a gente tenta sempre humanizar o máximo possível esse processo”* e considera que *“enquanto protocolo, o importante é que essa notícia seja dada de forma individual. E tentar da forma mais clara possível explicar para esse atleta os motivos da liberação”* (PROF2).

Ser dispensado de um clube não significa o fim da trajetória na aprendizagem esportiva. Embora seja um momento muito difícil, outras possibilidades, em outros clubes, podem ser abertas. Por isso é importante *“passar para ele a ideia de que não é um momento de fim, que se encerra um ciclo dentro daquele clube, mas que ele tem capacidade para buscar outras oportunidades, também, dentro do cenário esportivo”* (PROF2).

Diante do risco eminente de encerramento da trajetória esportiva, em razão dos vários elementos exibidos, uma grande preocupação está no quanto esses adolescentes pensam, ou não, sobre suas perspectivas de futuro para além do futebol. Em outros termos, tanto considerando que essa trajetória não se concretize, quanto considerando sua vida após a carreira como futebolista, amplamente conhecida por sua brevidade.

Eu acredito que isso vai um pouco também depender da idade em que eles estão. Acredito que se a gente falar de uns meninos na idade de 14 anos, eles só vão conseguir ver o futebol na frente deles, não conseguem ver algo para além do futebol, o futebol é a vida deles, eles têm muito sonhos, e a realidade um pouco limitada, meio nebuloso, ele só pensa o que tem futebol não conseguem ver nada além e nem depois futebol, eles pensam que vai ser futebol para sempre. Esquecem que a carreira do futebol é um pouco mais curta e não conseguem pensar. Porque para um menino de 14 anos, 35 anos é velho, então eles não pensam depois disso ainda tem toda uma vida pela frente. Eu acredito que a partir do momento que eles vão ficando mais velhos, eles conseguem ter um entendimento da realidade um pouco melhor e aí é no momento que eles conseguem enxergar um pouco além do futebol, começam a pensar no que podem fazer quando a carreira estiver para

terminar. É quando eles começam, ao menos alguns, pensar em fazer uma faculdade. Geralmente de educação física, para poder atuar como treinador ou outras áreas na área do futebol mesmo. (PROF1).

PROF2 tem opinião semelhante, apontando que atletas mais novos não imaginam suas vidas para além ou depois do futebol.

É difícil. Eu acho que isso acaba acontecendo nas categorias maiores, porque eles estão num momento que é mais decisivo da carreira. Nessa fase, começam a aparecer algumas reflexões sobre possíveis alternativas, possíveis coisas que eles possam fazer mesmo que eles sejam atletas. Porque se for atleta lá com 35 ou 36 anos, a minha carreira está encerrada, então já pensam no que vão fazer depois. (PROF2).

A percepção das profissionais encontra sustentação nas respostas dos adolescentes-atletas às perguntas sobre a possibilidade de dispensa ou sobre suas vidas para além do futebol.

Sobre a possibilidade de ser dispensado, ATL15.1 diz ter dificuldade em pensar sobre qual seria sua reação; embora compreenda que essa situação faz parte da trajetória de aprendizagem esportiva, ele diz que *“eu acho que eu ia ficar muito triste. Eu não consigo pensar numa reação [..]. A gente tem que saber lidar com isso. Tem que ter um mental forte para, se acontecer, erguer a cabeça e continuar em busca do seu sonho”* (ATL15.1). Sobre sua vida para além do futebol, o adolescente conta que *“eu acho que hoje em dia eu praticamente só penso no futebol. Se eu não for jogador, com certeza vou trabalhar com esporte. Pode não ser futebol, mas vai ser no meio do esporte, porque é algo que eu gosto muito”* (ATL15.1).

ATL15.2 diz pensar muito sobre o risco de ser dispensado, por saber que isso acontece com muitos meninos; e sobre o futuro fora do futebol, conta que sabe que é importante estudar, mas que nunca pensou no que fazer se não der certo a trajetória esportiva.

Por causa da lesão que sofreu, afastando-o por um bom tempo das atividades esportivas, ATL17.1 fala que pensou muito na possibilidade de ser dispensado.

Quando eu estava machucado, eu estava com bastante medo disso. Veja, eu ia fazer 3 anos de clube, já tinha visto bastante amigos meus ir embora. Eu ia sentir na pele o que eles sentiram. Foi bastante doloroso só de ver eles irem. E eu não iria gostar de sair daqui, porque eles dão bastante oportunidades. Também pela estrutura que tem aqui, pelas pessoas que trabalham. Ia ser bem difícil para mim. Mas eu acho que com apoio, até que o clube mesmo dá e com minha família, eu ia conseguir seguir. (ATL17.1).

O futuro, as incertezas, o medo da dispensa, são assuntos igualmente sensíveis aos responsáveis, afinal, a trajetória e o sonho são da família. FAM15.1 imagina seu filho atuando “*como jogador profissional acho que até 35, 36 ou 37 anos. Mas eu espero que ele jogue futebol para a vida toda*”. O pai se mostra preocupado em orientar o filho para pensar no pós-carreira.

Eu falo pra ele que ele tem que pensar no depois, porque é uma carreira curta. Para ele já pensar em questão de profissão para o pós-futebol, se ele vai fazer uma educação física, vai ficar no futebol, vai fazer uma engenharia ou alguma outra alguma outra profissão. A gente não sabe o que o futebol vai render para ele. É 1% de Neymar que existe no mundo, que nunca mais precisa trabalhar na vida. A gente conversa com ele sobre isso. (FAM15.1).

Tanto ATL15.2, quanto FAM15.2, contam que o atleta nunca foi dispensado, haja vista que saiu dos outros clubes por opção; no entanto, diante dessa possibilidade, a mãe diz que “*vive se preparando para isso*” (FAM15.2). Ela comenta que seu filho nunca disse nada ao certo sobre a área de atuação após a carreira de futebol, ou como alternativa a ela:

Eu acho que um dia, se ele sair do futebol, possa ser que ele fique nessa área ainda do esporte, porque ele gosta muito. [...]. Tem um leque de opção nessa área possa ser que ele se interesse em fazer, mas ele ainda é muito novo; ele ainda não chegou a me falar sobre isso. Uma vez eu perguntei a ele o que ele faria caso não conseguisse ser jogador de futebol, e ele me disse que ainda não sabia. Porque na cabecinha dele, ele acredita que vai ser jogador profissional. Só que eu falei para ele vai chegar uma hora que ele vai parar, porque tem muita gente que tem a carreira curta. (FAM15.2).

Na fala da mãe do ATL17.2 transparece um grande receio de que seu filho venha a ser dispensado, sobretudo pela satisfação com o clube no qual está. Quando perguntada sobre como analisa a possibilidade de seu filho, em algum momento, ser dispensado, sua posição é a seguinte:

Essa resposta é um pouco complicada [...]. Eu não gostaria que o ATL17.2 saísse do Clube Atual nunca mais. Justamente porque eu sei que ele está bem aparado, ele está num clube bom, e ele tem condições de crescer no clube. Agora quanto ao fato de se ele, de repente, for dispensado por ser dispensado, é outra coisa. (FAM17.2)

Diante dessa possibilidade, FAM17.2 sabe que seu filho não desistiria do sonho, mas ela elenca critérios quanto ao clube para o qual seu filho poderia ir:

Se isso ocorrer, eu acredito que esse seria assim, um critério é as instalações desse clube. Em que lugar que vai, em que condições que vai, quem são os profissionais que lá estão. Sinceramente, para mim, mãe que não entende muito de futebol, não entendo muito dessa vida, eu acho que eu iria entrar em contato com empresário dele. [...] Então eu acho que eu, junto com a família, junto com o empresário, iríamos atrás de saber se de fato ele estaria bem instalado e se teria oportunidades melhores do que tinha aí no Clube Atual, o que eu acho difícil. (FAM17.2).

A figura do empresário, do agente, ou do representante, no momento em que o atleta está no clube, é muito importante. Quando dispensado, o atleta e sua família buscam oportunidades em outros clubes, e muitas vezes não sabem que caminhos percorrer. O empresário, como aponta TEC15, pode proporcionar muitas oportunidades.

Eu acho empresário importante. Já tive opiniões contrárias a isso, mas vendo profissionais bons atuando como empresários, mas acho que são importantes. Porque muitas vezes você manda embora um menino, se é um menino sem uma rede de contatos, se o empresário for bom ele tem uma rede contatos boa, ele pode empregar o jogador. No profissional isso é fato. Acho que muitas das vezes a gente só olha para quem está no alto. Olha o sucesso do jogador de 21 anos, que está jogando na série A do brasileiro, todo mundo está vendo. Mas, um menino de 21 anos que está jogando a série D, ninguém está vendo. E se ele não tiver empresário, não arruma emprego. O empresário, é um cara necessário. (TEC15).

Assim, o encerramento do vínculo do atleta com um clube, durante a trajetória esportiva, é um processo delicado, mas inerente à trajetória esportiva desses adolescentes. Pode, sim, em muitos casos, significar inclusive o fim desse sonho, como pode, em outros, apenas ser mais uma etapa dentre outras que o levarão ao objetivo tão almejado.

4.3.2. Aspectos educacionais

Visto se tratar de adolescentes, a trajetória escolar ocorre simultaneamente à trajetória da aprendizagem esportiva. Na formação esportiva em futebol, a escolaridade em conciliação com a aprendizagem esportiva é um tema que merece destaque, tendo sido abordado em muitas pesquisas e debates. Nesta subseção, a fala da diretora EDUC1, até aqui pouco explorada, trará grandes contribuições para este trabalho, tal como as falas da PROF1, cuja atuação no Clube Atual está diretamente relacionada à escolarização desses adolescentes, como comentado de antemão.

Alguns aspectos sobre a escolarização dos adolescentes-atletas e da educação como direito, no contexto da aprendizagem esportiva, serão abordados ainda nas discussões referentes ao contexto esportivo. De igual forma, alguns elementos relacionados às categorias Pessoa e Contexto integrarão discussões no tocante ao processo de escolarização de adolescentes-atletas.

A necessidade de discutir a conciliação dos estudos com a trajetória esportiva no futebol está na constatação de que, nesse contexto, a carreira esportiva ganha *status* de prioridade em decorrência da desvalorização da formação educacional formal, conforme pesquisas apontam (SANTOS, 2010; MELO, 2010; BARRETO, 2012; BOSSLE; LIMA, 2013; CORREIA, 2014; BALZANO; SILVA; MUNSBURG, 2020).

Essa não prioridade da educação é perceptível nos relatos da profissional da escola, que atua em torno de 20 anos com adolescentes-atletas. Para ela, para o clube, para os pais e para a sociedade, aos menos nos discursos, a escola é prioridade, porém

infelizmente na cabeça dos atletas isso não é. Eu acho que a questão deles estar num clube, em um determinado esporte, faz com que eles tenham um sonho e achem que a chance de realizar esse sonho, de chegar no auge da sua profissão, seja 100% certa; e que por isso não precisam da escola. E a gente sabe que não é. (EDUC1).

Para PROF1, de forma geral, nem pais, nem atletas “*pensam que a educação vai mudar alguma coisa na vida deles, porque em primeiro lugar eles estão aqui pelo futebol, então a educação fica em segundo plano*”.

EDUC1 atua na conscientização desses adolescentes para a importância dos estudos, de forma que, constantemente, costuma falar com eles sobre “*a questão do estudo ser prioridade, ele tem que ser prioridade, que pode ser que ele dê certo no esporte, mas pode ser que naquele momento ou daqui alguns anos ele veja que não é nem aquilo que ele goste*”. A preocupação da diretora está no fato de que, pelo tempo em que atua nesse processo, sabe que “*posso pegar aqui a mão e contar desde 2002, até hoje, os atletas que eu posso dizer que são profissionais que eu lembro que alcançaram esse auge na carreira. A maioria deles não vão chegar*” (EDUC1).

Em sua análise, EDUC1 não avalia que a rotina de treinos, enquanto desgaste físico, interfira no desempenho escolar. Para ela, essa rotina é comparável à de outros alunos que conciliam trabalho e estudos.

Não acho que o treino, por exemplo, o fato deles treinarem de manhã ou de tarde possa influenciar, porque eu posso levar em consideração outros alunos que trabalham 8 horas por dia que vêm para a escola à noite. Então no caso dos meninos eu sei que é puxado o treino, que eles têm toda uma agenda para fazer durante o dia, mas ao mesmo tempo eu coloco eles como outros alunos aqui dentro, que trabalham o dia todo, que eles vão ter a mesma oportunidade, vão chegar cansados. (EDUC1).

No Clube Atual, atletas das categorias Sub 14 e Sub 15 estudam no período da manhã, posto que os treinos são concentrados no período da tarde; enquanto que os atletas das categorias Sub 17 e Sub 20, estudam no período noturno, uma vez que os treinos, embora concentrados no turno da manhã, também podem ocorrer no período da tarde.

Diante disso, quando falamos dos atletas que estudam no período da noite, é possível estabelecer comparações com o ensino noturno como um todo, que tem por característica a presença de alunos que trabalham durante o dia (SIGNORI; MELO, 2015). Esse contexto se dá também pela faixa etária, no noturno concentram-se turmas dos anos finais do ensino médio regular, ou então propriamente da modalidade de Educação de Jovens e Adultos – EJA. No estudo de Melo *et. al.* (2016) em que se compara o tempo destinado à profissionalização no futebol em relação ao tempo destinado, pelos adolescentes-atletas, à educação básica, essa exigência de que alguns atletas estudem no turno da noite, devido à demanda esportiva, também foi problematizada

Observamos que os atletas passam a estudar na escola noturna em função das demandas do futebol nessa fase da formação, que é composta de duas jornadas de treino por dia ou a alternância desses turnos. Como é sabido, o ensino noturno na educação básica tem, em geral, menor qualidade do que o diurno. Nesse caso, os atletas ficam a mercê dos contratos e das rotinas estabelecidos pelo clube, de modo que esse fato acaba por empurrá-los para o ensino noturno e, como já dito, esse turno apresenta menor qualidade que a escola diurna. (MELO *et. al.*, 2016).

No entanto, nas idades menores, para o adolescente-atleta “*todas as atividades que eles têm durante o seu dia, na sua semana, é uma agenda cheia. Não é como um adolescente normal, que vai para a escola e volta para casa sem outras atividades*” (PROF1). A prioridade do acesso à educação, inclusive, justifica as legislações trabalhistas que não permitem, salvo na condição de aprendiz, que adolescentes com idade inferior a 16 anos tenham vínculo de trabalho.

Porém, o processo de aprendizagem esportiva, no caso do futebol de alto rendimento, não é afetado somente pelo aspecto do desgaste físico do atleta. É uma série de elementos que contribuem para que esses adolescentes não coloquem a escola como prioridade.

Nas palavras da diretora consta que, conforme se avança nas idades, isto é, nas categorias de formação, a rotina da trajetória esportiva se intensifica:

Tem mais viagens, mais convocações. Eu vejo muito pelo pessoal do noturno, de manhã eu não vejo tanto as convocações, de justificativas de faltas. Então à noite realmente eu acho que enquanto mais velhos, os jogos até com viagem, uma série de coisas, eles são chamados, são convocados com mais frequência. (EDUC1).

Esse aspecto tem centralidade na análise da PROF2 sobre a participação escolar no contexto da trajetória esportiva. Segundo ela, a demanda de viagens em virtude de jogos compromete a participação escolar desses adolescentes, haja vista que

geralmente, uma semana você joga em casa, e na semana seguinte você joga fora de casa. Então você perde aquele dia de aula, que é o dia da partida, e muitas vezes, perde um dia antes e/ou depois da partida, devido às viagens. Então, ainda existe uma distância que acho que a gente ainda precisa de muitas estratégias e muitos planos de ação com relação ao desenvolvimento esportivo e desenvolvimento escolar andarem de fato juntos. (PROF2).

A preocupação demonstrada pela PROF2 está tanto pelas faltas, na medida em que “quando eles vão para um campeonato, a falta não é abonada, somente justificada”, quanto pelo conteúdo do período e o conseqüente baixo engajamento na participação escolar.

Os clubes precisam atender ao que determina a legislação referente aos direitos de crianças e adolescentes, nesse caso específico, do direito à educação. Isso faz com que, e especialmente nos clubes da elite do futebol brasileiro e naqueles que são certificados como Clube Formador, a participação escolar tenha maior importância e seja garantida pelo clube: “Tem clubes que têm uma política sim de cobrar mais o desempenho o desempenho escolar, e nos clubes tem áreas que acabam tendo conversas recorrentes com os atletas” (PROF2).

Atuando diretamente nessa área dentro do Clube Atual, a PROF1 destaca a importância da legislação que cobra dos clubes que o direito à educação seja

assegurado: *“O clube também por ser um clube da série A, tem algumas exigências legais também para que isso ocorra, então acho que isso contribui bastante”*.

Diante dessas exigências legais, no contexto desses clubes, é muito difícil que haja desistência da participação escolar por parte dos adolescentes, pois *“quando são adolescentes eles não podem desistir; o clube precisa garantir sua matrícula e participação escolar”* (PROF1).

A psicóloga PROF2 ressalta que *“até completar 18 anos o atleta precisa seguir nos estudos, inclusive para o atleta participar das competições. Para ter o registro na federação esportiva, ele precisa estar matriculado.”* Embora garantir matrícula e frequência escolar sejam mecanismos importantes, a profissional alerta: *“A gente sabe que entre frequentar a escola e a qualidade do ensino existe uma distância muito grande”*.

E diante disso, a atuação do próprio clube é voltada a atender às obrigatoriedades: *“As condições que o clube dá são as mínimas que é garantir matrícula, transporte, material escolar e uniforme”* (PROF1).

Contudo, a defasagem escolar existe, tanto quanto a desistência, como consequência da trajetória esportiva. A defasagem está presente, por um lado, nos pequenos clubes que descumprem as legislações e não garantem a participação escolar dos adolescentes-atletas, e é preciso considerar que a minoria dos clubes tem Certificado de Clube Formador; por outro lado, nos períodos em que esses atletas ficam sem clube. Os relatos das profissionais do clube ilustram essas situações:

Em relação a defasagem, a gente vê que tem sim um grande número, às vezes porque entrou atrasado, às vezes porque no clube que ele estava é não era obrigatório estudar e então ele não estudou, ou porque devido à muitas competições da categoria, ele teve que viajar muito, e aí não conseguia estar na escola e no final do ano isso prejudicou; então isso impacta bastante. A vida do jogador é bastante influenciada por isso, de ter que estar cada hora num clube, e de nem sempre poder estar focando nos estudos em detrimento do futebol. (PROF1).

Com relação a defasagem escolar, muitas vezes o próprio número de faltas elevado acontece sim, principalmente quando esses atletas estão na busca por um clube [...]. Mas não são todos os clubes que adotam isso, então muitas vezes o atleta é liberado de um clube no meio do semestre e ele começa a fazer testes e avaliações em outros clubes, e vai perdendo frequência escolar, até ele conseguir encontrar um outro clube. E isso pode gerar defasagem. (PROF2).

EDUC1 aponta os desafios da presença de atletas com defasagem escolar:

Em relação à defasagem, alguns chegam sim. [...] Então quando chegam aqui na escola a gente tenta de todas as maneiras auxiliar, fazer com que esse processo deles seja um pouquinho mais fácil, e mesmo assim não é [...]. Chegar numa nova escola, mesmo você fazendo parte de um clube, sendo um atleta, para eles é bem complicado mesmo. E é aquela mudança, ele já chega muitas vezes introspectivo, ele não quer muita conversa, muitas vezes tem até vergonha de falar com a gente essa questão. [...] Aí chega na escola, e já chega com a defasagem, imagino eu que não é fácil. Então a gente faz um trabalho sim em relação a isso, principalmente de conhecer a história do aluno. (EDUC1).

Reprovar de ano na escola, isto é, estar em situação de defasagem escolar, faz com que esses atletas cheguem aos 18 anos sem ter concluído o ensino médio. E diante disso, surge a possibilidade de desistência da escola antes de concluírem os estudos: “*Não é tão comum, mas acontece quando eles são maiores de idade. Quando eles são maiores de 18 anos acontece, porque eles já podem responder por sim mesmos*” (PROF1). Essa desistência aos 18 anos, ocorre também porque nessa faixa etária as rotinas de jogos e competições são ainda mais desgastantes, além de surgirem outras prioridades, como conseguir a habilitação para dirigir. O próprio mecanismo de controle do Clube Formador exige que os atletas, maiores de idade estejam frequentando a escola, ainda que não tenham concluído o ensino médio.

Completada a maioridade, o clube não tem mais a necessidade de manter estes atletas matriculados.

Eu acho que a questão dos 18 anos é um dos principais fatores, que é a partir do momento que ele não é mais obrigado. Então ele acha que não é necessário, até porque ele acha que o futebol, à profissão de atleta é que vai dar o sustento necessário para aquilo que ele almeja na vida. Então o estudo ele acaba ficando em segundo plano, então na cabeça dos meninos, mesmo aqueles que têm menos do que 18 anos, eles só não desistem ou continuam justamente pela cobrança, por ter uma regra, uma norma que faz com que eles estejam na escola. [...] Então infelizmente essa questão dos 18 anos eu acho que influencia bastante. (EDUC1).

Daí a importância de uma atuação educativa e conscientizadora, da importância da escolaridade para a vida desses adolescentes. Diante do baixo interesse, das dificuldades de conciliação da escola com a trajetória esportiva, é essencial uma atuação conjunta entre diferentes atores para uma mínima participação desses adolescentes na escola, buscando que, ao atingirem a maioridade, tenham concluído seus estudos e evitando, desse jeito, possíveis desistências.

Bossle e Lima (2013), em seu estudo sobre a formação na escola e a formação como atleta de futebol, observaram que os atletas por eles entrevistados

“pensa essa relação – escola/futebol - de forma desigual, ou seja, uma se sobrepõe sobre a outra. Neste caso, a formação como atleta claramente toma a frente da formação escolar sendo a escola um plano B” (BOSSLE; LIMA, 2013, p.42).

Nesse aspecto, os técnicos desempenham importante papel educativo, inclusive colocando o compromisso com os estudos como critério para participar de treinos e jogos: *“Já vi também clubes e já presenciei comissões que acabam cortando o atleta de atividades, por causa do desempenho escolar”* (PROF2).

TEC17 reconhece seu fundamental papel nesse processo

como um condutor, eu preciso estar todos os dias ou quando tenho oportunidade, falando da importância da formação humana, falando da importância da formação acadêmica para eles. Porque, hoje as pessoas só querem muitas vezes aproveitar deles. E se eles, se não tiver uma formação, não tiver uma instrução, eles não vão poder discutir, eles não vão poder chegar a um de denominador comum. Porque eles não vão ter base para discutir algo. Então, se eles conseguem hoje, uma oportunidade que tem de estarem na escola e poder conciliar o futebol com a escola. Eu tenho certeza que eles vão ter muito mais sucesso em tudo aquilo que eles vão fazer, porque a escola também abre a oportunidade de eles terem um entendimento mais fácil dentro do campo. (TEC17).

Com experiência em muitos clubes, TEC15 considera que há um certo grau de descompromisso dos clubes com a educação desses adolescentes. Em seu ponto de vista, *“poucos lugares têm uma preocupação de fato institucional com a educação dos jovens. [...] muitas das vezes, nem a instituição em si, mas as pessoas que estão ali na instituição”*.

Outra característica da trajetória escolar de adolescentes-atletas é a mudança frequente de escolas. Pesquisas sobre fatores que impactam no desempenho escolar, como a de Melo e Reis (2018), apontam a mudança de escola e professores como um dos fatores que contribuem para o baixo desempenho escolar.

Alguns meninos passam por muitos clubes durante a vida, isso impacta nisso deles estudarem em várias escolas. Mudanças que acontecem não apenas ao longo dos anos, mas, as vezes dentro de um único ano letivo. Que iniciou o ano em uma escola, e no meio do ano foi dispensado do clube, precisando ir para outro clube ou retornar para casa e, conseqüentemente mudar de escola. Mudando inclusive de cidade ou de estado; [...] e isso, então, acredito que prejudique eles. (PROF1).

No caso dos atletas ATL15.2 e ATL17.1, a mudança de escola foi muito frequente. ATL15.2, por exemplo, estudou em pelo menos seis escolas diferentes, cujas mudanças foram por questões da participação esportiva.

ATL17.1 conta que estudou em quatro escolas diferentes.

Eu estudava lá na minha cidade de origem. Aí eu vim para cá, estudei 6 meses em uma escola particular, quando eu morava lá no Clube Parceiro. Aí eu vim morar antes do CT, na casa do padrinho do meu irmão e lá eu já estava estudando no Colégio L.C.²⁶, aí agora eu vim para o F.F.L.²⁷ que aí mudou a turma. (ATL17.1).

As famílias também comentam esse processo. No relato de FAM17.1, percebemos que, na verdade, seu filho estudou em cinco escolas:

Ele estudou do primeiro ao quinto no J.C.²⁸, que foi a primeira escola dele, aqui mesmo. Depois ele estudou no L.A.²⁹. Aí ele se transferiu para Curitiba e estudou numa escola particular porque não tinha vaga na estadual. Então ele estudou numa escola particular um ano todo, daí da escola particular ele foi transferido para o Colégio L.C., que fica perto do CT. E atualmente está numa outra escola. Então já são 5 escolas. (FAM17.1).

A comum necessidade de mudar de escolas durante a trajetória de formação esportiva também foi constatada na pesquisa feita por Neto e Santos (2015), que teve como contexto um clube do Rio Grande do Sul. Foi constatado que esses adolescentes-atletas acabaram trocando de escola “por virem de outras cidades, ou por buscarem adaptar o local da escola à proximidade do clube onde treinam. Em alguns casos, trocam a matrícula em colégios públicos de qualidade, [...] por escolas de baixa qualidade na capital” (NETO; SANTOS, 2015, p.30).

Nos relatos dos adolescentes-atletas e seus responsáveis vê-se que as escolas precisam ser flexíveis ao processo de formação esportiva, sendo necessária uma relação próxima da família ou do clube com as escolas. ATL15.1 avalia que a escola sempre colaborou para que ele conseguisse se desenvolver esportivamente:

Ficava um pouco corrido por causa das viagens, perdia bastante conteúdo. O que é normal, mas a escola que eu estudava sempre ajudava muito a gente. Se eu perdia uma prova, por exemplo, eu não precisava pagar pra fazer a segunda chamada. Eu só mandava uma declaração e eles liberavam a segunda chamada. E nesse final de ano eu tinha algumas provas para fazer lá, que tinha um prazo, só que eu tive que viajar. Nesse prazo, eles deixaram fazer depois, então, tipo a escola facilitou muito esse processo aí de não deixar muito pesado para mim. (ATL15.1).

²⁶ Abreviação do nome do Colégio.

²⁷ Abreviação do nome do Colégio.

²⁸ Abreviação do nome do Colégio.

²⁹ Abreviação do nome do Colégio.

Antes mesmo de estar em um clube, ATL17.1 já tinha desafios para conciliar os estudos com a formação esportiva, conforme relata sua mãe, e por isso contava com uma boa relação com a equipe diretora e pedagógica da escola:

Quando ele estava no quinto ano ele perdia mais aula. Mas, o diretor estava a par desse processo. Ele perdia mais aula quando ele estava no quinto ano, porque daí são 5 matérias por dia. E às vezes viajava sempre na quinta-feira, e às vezes saía na quarta, e perdia quinta e sexta. Só que aí o diretor colocou a turminha que jogava tudo na mesma na sala. Então, quando tinha recuperação, eles faziam recuperação todos juntos. Então ele, quando voltava, sempre já ia atrás de fazer tudo o que precisava, e isso nunca interferiu na nota dele. Sempre foi um bom aluno, sempre teve boas notas. (FAM17.1).

Outros aspectos relativos à participação escolar serão tratados na perspectiva da categoria Contexto, entendendo a escola como um microssistema, e a relação clube-escola/família-escola, como um exossistema.

Diante do exposto, é possível verificar que o processo de escolarização é totalmente afetado pelo processo de aprendizagem esportiva, de forma que, em poucos casos, a escola assume lugar de prioridade para esses adolescentes, clubes e até mesmo famílias. Assim, os relatos apresentados corroboram com outros estudos acerca da escolarização de adolescentes-atletas (BOSSLE; LIMA, 2013; PEDROZA JUNIOR, 2018; PEDROZA JUNIOR *et al.*, 2020)

4.3.3. Aspectos sociofamiliares

Nesta subseção, o processo de aprendizagem esportiva do futebol, enquanto trajetória do atleta, será analisado em seus impactos e particularidades com relação às relações interpessoais no âmbito da convivência comunitária e no âmbito da convivência familiar.

O fator comum a esses dois aspectos está na vida do adolescente-atleta, a qual, como já relatado (TEC15 e PROF1), não é uma vida semelhante à de um adolescente que não está inserido no processo de aprendizagem esportiva. Viver em um alojamento, viver em outras cidades, a rotina diária de treinos e viagens para competições impactam não apenas no processo de escolarização, mas, também, nas relações sociais e no convívio familiar.

Primeiramente, apresenta-se a perspectiva das(os) profissionais que atuam na formação esportiva sobre esse processo. Seus comentários possibilitam compreender

a dinâmica da formação em futebol de forma ampla com relação a estes aspectos (convivência familiar e comunitária); além disso, o relato da diretora permite compreender os aspectos do contexto escolar. E o relato dos pais e dos atletas permitiram verificar essas questões na trajetória particular de cada um dos atletas.

Psicóloga, atuando na área de Desenvolvimento Humano do Clube Atual, responsável pelas questões escolares e familiares dos atletas, PROF1 fala com emoção sobre estes a privação de convívio familiar desses adolescentes:

É muito importante não só para a pessoa em formação, mas para qualquer pessoa, ter o seu convívio social; e quando a gente fala do convívio social, o primeiro convívio que a gente tem na nossa vida, nossa primeira sociedade, é a nossa família, pai, mãe irmão, tios, enfim. E esses adolescentes realmente ficam muito tempo fora desse convívio mesmo. (PROF1).

O assunto é tão delicado que a PROF1 interrompe sua fala, chorando. Em seguida, retoma sua narrativa complementando que *“um adolescente de 14 anos ficar fora, longe da família por um ano, pensando em desenvolvimento humano é uma coisa muito cruel”*. Ao longo do ano, há momentos em que os atletas visitam seus familiares, no entanto a legislação estabelece o mínimo de duas vezes ao ano, o que criticamente é questionado pela PROF1: *“O que clube faz por eles, é o mínimo de conseguir ver a família uma ou duas vezes por ano. Mas que eu acho que é muito pouco em relação ao convívio que a gente tem enquanto adolescente na nossa família.”*

A convivência familiar, ou sua ausência, é o primeiro aspecto tratado pela PROF2, quando o assunto se refere às renúncias que o processo de aprendizagem esportiva exige dos adolescentes-atletas.

Com certeza, a primeira delas é essa questão de estar longe da sua família. Porque são raros os casos do atleta que consegue, por exemplo, manter a formação na cidade de origem. Geralmente, eles vêm de fora. Muitas vezes a família não consegue acompanhar tudo desde muito cedo, então ele acaba se alojando em um clube. Aí tem essa questão da saudade, da distância. (PROF2).

Com o cumprimento do mínimo previsto por lei, os adolescentes-atletas somente visitam seus familiares outras vezes durante o ano, conforme a disponibilidade financeira da família e/ou das janelas de folgas ao longo da temporada. Não obstante, conforme a distância, poucos dias de folga tornam a viagem inviável, além do alto custo: *“Nosso país é muito extenso também, tem meninos que são de muito longe e não conseguem, por exemplo, ir para casa com muita frequência; isso*

acontece às vezes uma vez ao ano” (PROF2). A profissional questiona: “Imagina para um menino de 15 ou 14 anos ver sua mãe, ver seu pai, uma vez por ano durante apenas uns 15 ou 30 dias? É muito pouco” (PROF2).

Por conseguinte, a psicóloga reforça a importância de o clube ter um compromisso efetivo com a promoção da convivência familiar:

Sobre o distanciamento familiar, uma coisa que seria muito importante é que o clube conseguisse de fato promover a convivência familiar. Muitas vezes a gente discute sobre questões de trazer a família em alguns momentos, sobre a família estar mais próxima. Tem algumas situações muito específicas que a gente vê a importância da família estar próxima, por exemplo, quando ocorre lesões do atleta, em que ele vai precisar passar por uma cirurgia, é um momento muito delicado e é um momento que quando a família consegue estar presente é muito importante para o desenvolvimento desse atleta; é um suporte, é algo que ele precisa muito nesse momento. Então a gente tenta sempre, nesses casos, trazer a família, pelo menos um representante da família para estar próximo do atleta. (PROF2).

Não se trata apenas de uma negligência do Clube Atual, ou dos clubes em geral; a necessidade de se ausentar de sua família, residindo em alojamentos, é um sintoma da forma como a formação de atletas em futebol está estruturada no Brasil.

Consequentemente, se realmente decidido a percorrer a trajetória esportiva para atingir o sonho de ser um jogador de futebol profissional, distanciar-se da família não é uma escolha, é uma necessidade para o adolescente. Embora negativa, é uma realidade que se torna normalizada por muitos profissionais do futebol: *“Distanciamento familiar é algo que é ruim, mas é algo que ele precisa entender, porque a vida de um atleta é isso, de um atleta de futebol. O atleta, ele é um nômade”* (TEC15). A consideração feita pelo TEC15 parte do pressuposto de que, não apenas durante a formação, a vida do atleta, mesmo já na carreira profissional, demanda que ele mude de residência e entenda que nem sempre conseguirá levar a família nesse processo.

Então eu acho que a vida do atleta tem que ser assim, e aí passa a questão da resiliência também. Ele conseguir ficar longe de casa dele, conseguir abdicar de algumas coisas, que é ter disciplina. A distância é um problema grande, difícil de ser solucionado, até porque se sonho dele é ir para a Europa, de início é raro você ir com família, tem várias questões, para ele cumprir o sonho dele, ele vai viajar mais do que ficar em casa, mesmo que ele more em casa. É uma rotina de viagens. Então eu acho que o atleta de futebol por si só, tem que ter isso da autonomia. Ele, por si só, precisa aprender a se virar e resolver as coisas sozinhos, na vida fora dentro de campo. (TEC15).

O técnico do elenco Sub 17 avalia que é o sonho o que mantém estes meninos, mesmo abdicando da convivência familiar:

A saudade é algo que eles aprendem a conviver e muitas questões eu acho que eles também acabam se acostumando com algumas circunstâncias, pelo que eles querem. Então assim, se eu não aceito as regras do alojamento, automaticamente eu estou fora. Se eu tô fora, eu não vou conquistar o que eu quero conquistar. Então acho que muitas vezes eles acabam se adaptando e em alguns momentos aceitando o que é imposto, principalmente por esse sonho, por essa vontade que eles têm de alcançar esse objetivo maior. (TEC17)

O mesmo faz com que eles abram mão do convívio com amigos. As amizades ficam na cidade de origem, com a mudança de escola, e estabelecer novos vínculos duradouros de amizade pode ser um desafio, por isso “eles vão fazendo seu ciclo de amizade dentro do que é possível no futebol mesmo” (PROF1). O distanciamento da família e das amizades de infância faz com que eles construam vínculos afetivos com os colegas de alojamento e funcionárias(os) do clube.

Essa é uma coisa importante, pois como eles estão bastante distantes da família, eles acabam construindo outras redes de apoio além da própria família. Por exemplo a gente vê um vínculo grande de alguns atletas com alguns funcionários do clube, por exemplo com as tias da cozinha, da limpeza e da lavanderia. Existe uma criação de um vínculo, um relacionamento interpessoal importante assim em que eles acabam construindo outras é redes de apoio também. (PROF2).

A escola é um importante espaço de socialização, de construção de novas relações de amizade. Alguns clubes, conforme apresenta Barreto (2012), têm a escola dentro de suas estruturas, de forma que somente os atletas do clube frequentam aquela escola. Nesse caso, a escola deixa de ser um espaço relevante para a socialização.

Entre eles aqui com relação a escola, tem clubes que esses atletas vão para escolas regulares, como é o caso daqui, em que vão para escolas que ficam na comunidade ao entorno. Então eles acabam convivendo com outros alunos, fazendo amizades que também são importantes. Alguns clubes acabam tendo a escola dentro do próprio CT, e eu considero como algo que atrapalha bastante no sentido das relações interpessoais, pois são atletas que convivem entre eles o tempo todo, inclusive na escola. Então acho que é bem importante a escola também como um outro ambiente que acaba também ajudando nesse sentido de desenvolver as relações interpessoais. (PROF2).

A vida em um alojamento dificulta algumas questões referentes às relações interpessoais. Considerando as regras de alojamento, eles não podem receber pessoas no clube. Portanto, para os trabalhos escolares, formam grupos de estudo somente entre atletas, pois assim conseguem fazê-los juntos e nos horários que têm livre (PROF1 e EDUC1). As pessoas com quem se relacionam, sejam namoradas(os) ou amigas(os), não podem visitá-los no CT.

Por isso os círculos de amizade e os espaços de convivência social que eles frequentam fora do ambiente esportivo são imprescindíveis. As igrejas são espaços de convivência comunitária muito importantes e presentes na rotina desses meninos: *“bastante do que eu vejo é a igreja, onde eles encontram seus pares e às vezes até, não que vá substituir a família, mas é que traz um acalento para eles”* (PROF1).

E geralmente fora do clube onde eles vão, é para shopping, às vezes encontram amigos de fora, às vezes vão com o pessoal daqui. E para as igrejas também, então desde religião católica, tem alguns evangélicos também que frequentam, geralmente nos finais de semana. E muitas vezes assim, vão na casa de algum amigo seja daqui do clube. Então eu vejo que o círculo de amizade não é só aqui no clube, acaba sendo um pouco maior se a gente pensar na semana, pela frequência que eles estão juntos; mas eles também têm algumas amizades fora do clube. (PROF2).

É preciso considerar, ainda, as dificuldades de estabelecer laços no âmbito da escola. O fato de serem atletas de um grande clube de futebol faz com que eles passem por um processo de estigmatização, a identidade coletiva – de atletas de futebol - substitui a individualidade deles.

Já trazendo para a questão escolar, eu acredito que eles tenham um estigma também, porque os outros meninos da escola que não são atletas, vão falar que eles são “folgados”, mesmo que nem os conheçam, vão criar certa rivalidade, por causa de namoradas, por exemplo. E aí em relação à parte pedagógica, professores e diretoria também tem isso, porque se um menino que não é do clube tem um determinado comportamento, e um menino do clube tem este mesmo comportamento e a escola adota encaminhamentos distintos. Quando é um adolescente aqui do clube, a escola traz para nossa equipe, questões que deveriam ser resolvidas da escola, sem contar que generalizam, aquilo que um faz, vem na reclamação como “os meninos do CT.” (PROF1).

EDUC1 reconhece essa segregação entre alunos que são atletas e os demais alunos. No entanto, segundo ela, muitas vezes é um comportamento que parte dos próprios alunos-atletas, mas, com o passar dos anos, vem melhorando.

Eu vejo que desde 2002, como eu falei para você, teve uma mudança muito grande no comportamento, no início eles não se misturavam, nem desciam para o intervalo, tinha uma barreira, um portão que separava os meninos do clube e os outros alunos. E hoje não, eu vejo assim que eles têm uma relação de amizade, eles criam determinado vínculo com alguns alunos sim; e eu vejo tanto no noturno como de manhã quando eu entro em sala de aula. Alguns ficam separados, mas acho que a maioria tem uma relação super boa. (EDUC1).

Essas considerações, feitas pelos técnicos, profissionais do clube e diretora da escola, ganham materialidade no relato da trajetória individual de cada atleta e familiar. É possível notar, nos sentimentos, suas experiências, os aspectos do distanciamento familiar e da construção de círculos de amizade, tais como os relatos anteriores apresentaram.

Apenas o ATL15.1 reside com a família na mesma cidade em que se encontra o Clube Atual. Assim, sua experiência está mais relacionada a algumas privações de convívio social, decorrentes da rotina da formação esportiva. Em seus relatos, ATL15.1 diz que, embora tenha amigas(os) de escola, de vizinhança, com quem tenha contato e faça programações de lazer, não consegue estar com eles em vários momentos, devido às viagens e competições. E quanto à convivência familiar, reconhece como um privilégio poder estar com sua família.

Eu acho que depende muito da pessoa, acho que tem uns que não são tão apegados, mas eu acho que para quem é apegado faz diferença assim. Para mim, é bem melhor estar com a família. Eu saio do treino e meu pai, minha mãe, minha irmã, estão sempre aqui. Isso daí, querendo ou não, é um privilégio que os moleques que são alojados não têm. Então, tipo, eu acho que tem gente que não sente isso, mas eu acho que tem muito moleque que afeta o desempenho dele por não estar com a família por perto, bate saudade de tudo. (ATL15.1).

Seu pai, quando indagado sobre como seria para a família caso ATL15.1 precisasse morar longe, responde:

Eu até falo para ele que a gente tem que dar Graças a Deus, que ele está jogando na cidade que ele mora. Não precisa fazer esse sacrifício de ir para outro lugar, fica longe dos pais. [...] Eu acho que para nós seria bem sofrido. Quando ele faz as viagens, fica 3 ou 4 dias fora, ficamos com o coração apertado dele ficar longe. Mas são coisas que são sacrifícios, que de repente ele, se acontecer, ele vai ter que viver. Vai fazer parte do crescimento dele, inclusive, nosso também. Uma hora os filhos vão sair de casa, a gente só não quer que seja tão cedo. (FAM15.1).

O que para a família do ATL15.1 é um risco remoto, para os demais atletas e suas famílias é uma realidade. No caso do ATL15.2, ele sustenta que, embora seja um pouco difícil, é um preço que vale a pena pagar: *“De vez em quando bate uma saudade, mas é um sonho que eu tenho. Eu não vou parar”*. Sua mãe se preocupa com os impactos da saudade no desempenho do filho:

Eu queria poder pelo menos uma vez por mês estar com ele, porque quando chega o final de semana, todo mundo vai para sua casa, mas ele não, porque é muito longe, aí dá aquela baixada pelo sentimento de saudade. As vezes ele fica dizendo falta tantos dias para ir para casa mãe, falta um mês mãe, falta dois meses entendeu. Aí eu sinto aquela ansiedade dele, e fico pensando se essa ansiedade dele vir para casa não está atrapalhando o desempenho dele. (FAM15.2).

Quando questionado se a trajetória esportiva exigiu que ele fizesse renúncias, tanto a convivência familiar, quanto a convivência com amigos aparecem na resposta dada por ATL17.1:

Eu acho que só de eu vim embora para cá, já foi uma. Um desafio, né? É que eu vim bem novo, sem a minha família e tudo mais, ainda passei por outras situações aqui que as vezes precisava dos meus pais pra resolver, mas conseguir resolver praticamente sozinho. E também é uma questão dos meus amigos todos, que ficaram lá na minha cidade. Às vezes, as festas de aniversário, alguma coisa assim. E tinha um familiar meu que estava doente também quando eu vim para cá. Mas eu segui, né? Tive que abrir mão de várias coisas para poder estar aqui hoje. (ATL17.1).

A situação de ATL17.1 ilustra bem a dificuldade de ver a família, que reside no mesmo estado em que fica o Clube Atual, a cerca de 12h de viagem, e ainda assim ele visita seus pais *“nas férias de dezembro e julho; às vezes, se tinha algum feriado mais longo, algum treino que foi cancelado por folga. Vejo eles em média quatro ou cinco vezes, menos que isso ainda, dependendo do ano”*.

Na pesquisa feita por Salomão, Ottoni e Barreira (2014) também ficou evidente que a realidade de viver longe da família é um desafio presente na vida de adolescentes-atletas de futebol, que embora cause sofrimento nos mesmos, é enfrentado em vista a uma compensação, a qual não está num presente imediato, mas num futuro remoto, *“essa compensação parece encontrar um lugar no presente, mas é futuro, na compensação por meio do que ainda virá, que os jovens depositam suas esperanças para enfrentá-la”* (SALOMÃO; OTONI; BARREIRA, 2014, p.447)

Do outro lado, a família também sente pela distância e sofre com a ausência e até mesmo um sentimento de abandono, por não poder estar perto do filho, dando todo suporte e acompanhando seu desenvolvimento, como relata FAM17.1:

Ele quer ser um atleta, ele quer ser um jogador de futebol e, por mais dolorido que seja ele ter saído de casa com 12 anos, eu falo para você que é muito difícil, pois ele ainda criança virou adolescente, e pela distância eu não vi o meu filho crescendo. Eu não vi todas as mudanças que ele teve, as preocupações ou digamos que não pude estar perto nos medos, nas dúvidas, eu não estive ali perto, para ver, para ajudar. Mas, eu sempre pensei que eu não posso ser a causadora de um dia falar que, sendo mãe dele, não permiti. (FAM17.1).

O futebol, ou melhor, a trajetória da aprendizagem esportiva no futebol é um processo vivenciado pelo atleta e por toda a família. As renúncias são de ambos os lados. FAM17.2 conta o quanto a decisão pela trajetória esportiva impactou no convívio familiar e nas relações sociais, inclusive em namoros:

Isso é algo certo. Já teve que fazer renúncia, teve que renunciar a namoradinha que tinha, ele teve que renunciar os amigos, teve que renunciar a escola onde ele gostava. O convívio com a família, ele teve que renunciar muita coisa. Ele deixou a vida dele toda aqui e foi embora para aí. A família tem que renunciar também. A família teve que renunciar o convívio com ele, por estar numa distância que a gente não pode estar se vendo pessoalmente toda hora. E essa é a parte mais difícil. A maior renúncia é que a gente teve ter, foi essa, o convívio com ele. (FAM17.2).

São três anos de convívio familiar reduzido, que no caso de ATL17.2 só não é menor porque a família tem condições financeiras para proporcionar, sempre que possível, a ida do filho para casa (FAM17.2), de forma que, com o tempo, a família foi aprendendo a conviver com a distância.

Hoje nós já estamos mais tranquilos e ele sente um pouco mais de saudade de casa, mas ele lida bem. De maneira geral, ele lida bem com a situação. Porque é tipo assim se der para vir, tudo bem, se não der para vir, ele arruma alguma coisa para fazer lá. Ele se diverte por lá, até porque tem garotos que moram bem mais longe, em outros estados, bem mais longe, que não têm condições de sair do clube quando tem uma folga de apenas 2 dias, então ele nunca fica sozinho lá. Então ele arruma outras coisas para fazer e está tudo bem também. (FAM17.2).

São adolescentes que, em nome do sonho, em função de um objetivo, pagam o preço do não convívio familiar; que precisam construir novos círculos de amizade sempre que mudam de cidade ou de clube. Esse aspecto da migração por questões do futebol de base também foi constatado por Rigo, Da Silva e Rial (2018), em estudo sobre a formação de atleta em clube do interior, no qual constataram que “sobre a

procedência e a naturalidade dos jogadores que fizeram parte do estudo, identificamos que aproximadamente a metade deles não é natural de Pelotas” (RIGO; DA SILVA; RIAL, 2018, p.271).

Diante desse cenário, por meio de seus profissionais, o clube tem o desafio de implementar ações que contribuam para amenizar os impactos do processo de formação esportiva em futebol no desenvolvimento humano desses adolescentes. Ao chegarem na fase adulta, terão mais da metade de suas vidas inserida em processos e ambientes da formação esportiva.

As trocas com as outras pessoas, sejam profissionais ou outros atletas, que ocorrem nestes ambientes, impactarão diretamente no desenvolvimento de habilidades sociais e da própria identidade desses adolescentes.

O espaço do clube de futebol em si não proporciona algumas dessas coisas, por exemplo, o acesso à diversidade e tudo mais. Mas, o que faz a diferença são as pessoas que atuam nesse meio. Por exemplo se você tem uma comissão de uma categoria X, que pensa um pouco mais nas pessoas, além do futebol, acredito que a atuação seja um pouco melhor nesse sentido de promover outras coisas além do futebol ali no campo e tudo mais. E a depender da categoria e da comissão das pessoas envolvidas ali com esses meninos, é um pouco mais restrito. (PROF1).

Os técnicos, nessa perspectiva, podem desempenhar um importante papel educativo diante dos meninos, propiciando que a trajetória esportiva possa contribuir para o desenvolvimento humano desses adolescentes, em diferentes dimensões de suas vidas. É esse, inclusive, o propósito da atuação pedagógica do TEC15.

Meu processo é norteado por autonomia, tentar trabalhar autonomia com os jovens. Sempre busquei isso. E aí tem uns desmembramentos, do caminho que a gente vai construindo para chegar numa autonomia. Então, assim, pedagogicamente, questões de ensinar valores para eles dentro do futebol. Então é aquela história de usar o esporte para educar, mesmo que seja o esporte de alto rendimento. [...] Auto responsabilidade, é uma coisa que eu trabalho muito dentro da autonomia. Então são valores que estão agregados. [...] A gente tem que fazer uma educação social esportiva. Então a gente cobra escola porque quando o menino está longe do pai e da mãe, nenhuma criança por si só levanta da cama e diz “bom dia, eu vou para a escola hoje muito feliz”, nenhuma. [...] Então eu tenho que para os meninos alojados, que estão longe da família, a gente tem que ser um braço, o clube como um todo, um braço da família que está longe. (TEC15).

Autonomia e responsabilidade também são habilidades consideradas na prática do TEC17 para seus atletas.

Eu acho que o esporte cria uma interação muito grande. O esporte une, o esporte educa, o esporte faz com que você seja responsável. Trazendo para o futebol que é o meio que hoje estamos vivendo e que nós temos a

oportunidade de estar no dia a dia com os meninos, todos os dias, existe a possibilidade de nós aprendermos algo. [...] Então, todos esses processos que nós vivenciamos dentro de campo, de assimilação de ideias, de informação, de ensino aprendizagem, é algo que nós transportamos para a vida deles. E aqueles que querem, aqueles que prestam atenção, aqueles que se colocam abertos para isso, eu tenho certeza que mesmo que ele um dia não seja um jogador profissional, mas ele aproveitar todas as informações que são dadas e ele vai levar um aprendizado grande para a vida dele. Porque o esporte traz tudo isso, traz essa inserção, traz essa responsabilidade. A maturidade, são jovens adolescentes, muitas vezes que com 17 anos eles conseguem atingir, alguns, nível de responsabilidade e maturidade que ajuda na sequência da vida deles. (TEC17).

Em sua trajetória, com aproximadamente 10 anos de aprendizagem esportiva, o ATL15.1 avalia que desenvolveu habilidades de socialização com outras pessoas e responsabilidade.

Ah para mim sim, coisa tipo de se enturmar com outras pessoas. Acho que tipo o futsal foi essencial para isso, tive muita mais facilidade de fazer amigos, essas coisas. E responsabilidade também, né? Que desde cedo você já tem os horários dos jogos, de treino, você não pode atrasar, então você acaba criando uma responsabilidade, né? Eu acho que nisso você fica à frente de muita gente assim, que não, não está no meio do esporte. (ATL15.1).

Assim, temos que a trajetória esportiva também pode configurar um processo socioeducativo de formação de valores e desenvolvimento de habilidades sociais; promovendo processos de desenvolvimento integral desses adolescentes.

4.4 CONTEXTO

O Contexto é a categoria relativa aos ambientes imediatos e remotos que influenciam o desenvolvimento das pessoas, compreendidos em uma perspectiva sistêmica de ambientes integrados, em diferentes níveis nos quais o indivíduo está inserido imediatamente ou que interferem diretamente nesse sistema (FONTES; BRANDÃO, 2013; BRONFENBRENNER, 2011; SANTOS, 2016).

No âmbito desta pesquisa, esse sistema complexo pode ser denominado Mundo do Futebol, em que os espaços de aprendizagem esportiva (escolinhas e clubes), a família e a escola são os menores níveis e, no maior nível, estão os aspectos culturais, econômicos e sociais do futebol no Brasil.

4.4.1 Microssistema

Nesta pesquisa a ênfase de análise a respeito do microssistema será nos ambientes de aprendizagem esportiva, em especial o ambiente do Clube Atual e, de forma secundária, os microssistemas família e escola, quando for necessário para a compreensão de alguns aspectos do processo de aprendizagem esportiva nesses contextos.

As questões propostas aos entrevistados tiveram dois direcionamentos acerca de compreender aspectos do contexto do microssistema clube: coletar informações sobre a qualidade das estruturas e sobre as características dos ambientes. De forma objetiva, as questões buscaram entender como é a vida no CT e no Alojamento.

Uma das indagações feitas às(os) participantes teve por tema a qualidade da estrutura dos ambientes destinados à formação de atletas de futebol no Brasil, bem como um olhar sobre o Clube Atual. Um primeiro elemento que merece ser destacado é que o Clube Atual é constantemente apontado pelos participantes como uma exceção no cenário esportivo nacional, sobretudo pela estrutura fornecida. Essas afirmações são compreensivas também pelo fato de que a maioria dos clubes no Brasil não atendem aos requisitos mínimos estabelecidos para CCF. O Clube Atual é certificado desde 2011, primeiro ano de implantação da Certificação pela CBF, e sempre teve o certificado renovado.

Diante disso, a avaliação da PROF2 é de que no Clube Atual *“com relação à estrutura, alimentação e tudo que é fornecido para os atletas, com certeza é uma das melhores estruturas do país, mas eu sei que não é a realidade de outros clubes”*. PROF1 também avalia positivamente as estruturas do Clube Atual: *“Assim, a estrutura em si a gente não pode reclamar, tem uma estrutura muito boa, claro que tem coisas que podem melhorar, mas no geral é uma estrutura boa”*.

Atuar em um clube que provê estruturas de qualidade é, inclusive, positivo para o próprio trabalho desempenhado pela profissional: *“Aqui, com a estrutura de alojamento, a alimentação desses atletas, a estrutura de equipamentos, de tudo que eles precisam para o desenvolvimento esportivo, minha preocupação, hoje aqui no clube, é zero”* (PROF2). A psicóloga relata sua experiência em outros clubes:

Com certeza tem um impacto gigante na formação desses meninos. Mas, em outros clubes, por exemplo, a alimentação é uma preocupação. [...] Mas, não

é a realidade que a gente tem aí pelo Brasil afora. Já trabalhei em outros clubes que por exemplo a refeição era uma preocupação constante, e as condições do alojamento também. Então com certeza impacta muito no desenvolvimento, não só esportivo, mas no desenvolvimento como um todo do atleta. Primeiro impacto não só da estrutura, mas das relações que você estabelece num ambiente que o atleta considera seguro para ele, são muito positivas. Então, eu acho que essa é a principal questão, no bem-estar, bem-estar físico e bem-estar emocional. Então acho que esse é o principal impacto. E com relação a isso, a gente vem pensando mais no desenvolvimento esportivo, num engajamento maior desse atleta. Então a partir do momento que ele entende tudo o que é oferecido para ele, todas as condições que são dadas, o engajamento é muito maior. (PROF2).

Mais do que estruturas, o Contexto é compreendido pelo conjunto de ações e serviços realizados dentro dessa estrutura, indo ao encontro do que diz a PROF1: *“Não adianta ter uma estrutura maravilhosa e as pessoas envolvidas ali não contribuir para uma excelência do menino. Mas a estrutura também faz parte do processo e é uma coisa importante”*. Por essa razão, participantes foram incentivadas(os) a avaliar também o ambiente da formação esportiva, tendo por referência o conjunto de serviços oferecidos aos adolescentes no alojamento e no CT.

PROF2 explica que no âmbito do desenvolvimento esportivo *“existe toda uma metodologia, todo um processo de ensino-aprendizagem que é pensado”*; mas que as ações são mais amplas do que as da formação esportiva.

E pensando sempre nesse atleta como um todo, não tem como a gente separar o atleta do ser humano, então acho que é importante a gente pensar nesse contexto geral. Onde eu trabalho hoje, não é só a questão esportiva. Mas a gente busca entender essa pessoa como um todo, então tudo que interfere, não só a questão esportiva. [...] São realizadas diversas ações no sentido de desenvolvimento dos meninos, [...] ações de impacto social, de impacto psicossocial. (PROF2).

Esses adolescentes viverão a maior parte de suas vidas nos alojamentos e por isso estruturas de qualidade são essenciais; mas é necessário construir ambientes favoráveis para o seu melhor desenvolvimento humano, como indica PROF1:

Eles passam a maior parte da vida deles, [...] no alojamento, nos demais espaços dos clubes e tudo mais. Então eu acredito que isso (a estrutura) é uma parte importante do processo, mas não só, não a única. O ambiente também é bem importante para o desenvolvimento deles, quando a gente fala de ambiente, também são as pessoas envolvidas naquele processo, o que que elas fazem para contribuir para a formação, não só do jogador, mas da pessoa. É diante disso, aqui onde eu atuo, tem problemas com certeza. (PROF1).

Sobre o panorama geral dos clubes brasileiros, TEC15 resume sua avaliação a partir de dois ditados populares: *“para inglês ver [...] e o segundo ditado, é “por fora, bela viola; por dentro, pão bolorento”*. Com trajetória em vários clubes brasileiros, TEC15 critica a incoerência de os clubes apresentarem grandes estruturas, mas com culturas de formação esportiva que não acompanham a qualidade da estrutura.

Já vi isso em muitos lugares, de ter estrutura, a carcaça, nossa, legal demais. E nada funciona ali. Então já trabalhei em clubes gigantes que tem uma estrutura física muito boa, mas que já vi profissionais da área da educação brigando para atleta faltar na escola, para ele ir pro jogo. Então, para mim, isso é uma cultura horrível. Você tem estrutura, você tem profissionais que cuidam dessa área, mas a prática disso não condiz com o que está no papel. (TEC15).

Para TEC15, o Clube Atual, embora possa melhorar em muitos aspectos, apresenta *“uma excelente estrutura, uma das melhores do país, e tem culturas que faz acontecer. De todos os grupos que eu trabalhei o Clube Atual para mim, é o mais completo nessa visão toda”*.

A opinião do Técnico da categoria Sub 15 é compartilhada pelo TEC17, para quem o Clube Atual *“proporciona tudo para o desenvolvimento do jogador de futebol, do adolescente que está aqui.”*

É importantíssimo você ter dentro de uma estrutura, uma boa alimentação e profissionais que que possam te dar base técnica, tática, nutricional, tudo. Ter um bom lugar para você descansar, para você recuperar dos treinamentos, ter pessoas que possam te municiar de informações, de você ter palestras, de você ter cursos, de você poder ter acesso à informação, a outros idiomas. Então, o clube que hoje eu atuo, ele proporciona tudo isso, então isso enriquece muito a pessoa. (TEC17).

Com a intenção de saber melhor sobre essas práticas, solicitou-se às(os) entrevistadas(os) que discorressem sobre quais seriam essas outras atividades ofertadas, considerando inclusive as destinadas ao lazer desses adolescentes, pensando no período em que não estão em atividades esportivas ou escolares.

A psicóloga explica que, com o advento da Pandemia de Covid-19, muitas atividades haviam sido suspensas, mesmo as internas, para evitar aglomerações e conter o contágio. No entanto, *“essa questão das atividades sempre está em pauta nas nossas discussões, no sentido do que a gente pode oferecer, em alguns momentos, tanto dentro do clube quanto fora”* (PROF2).

Sendo assim, pela fala da psicóloga denota-se uma preocupação para que haja oferta de atividades, para que os mesmos não fiquem apenas dormindo, jogando videogame ou no celular.

Às vezes jogam no celular ou jogam videogame, seja sozinho ou com outros. Aqui eles têm alguns jogos disponíveis, desde jogos de tabuleiro, mas o que eles de fato mais usam é sinuca e a mesa de ping-pong. É um momento que eles sempre estão juntos, o que é interessante também porque fortalece a questão das relações interpessoais. Já fizeram dentro do clube é campeonato jogos de videogame, às vezes tem sessão cinema, ou um jogo importante do profissional em que todo mundo se reúne para assistir no auditório e fica ali num momento mais de confraternização. Uma coisa que eles gostam muito no clube, são os aniversários comemorados a cada 3 meses, em que todo mundo se reuni ali no refeitório, é um momento diferente também. (PROF2).

No Clube Atual, PROF1 é responsável pela promoção de atividades extraesportivas de promoção do desenvolvimento social e educacional dos atletas, que diz: *“Na área em que atuo é ofertada. Porém menos do que seria necessário para um desenvolvimento normal de um adolescente, isto é, de uma pessoa em formação.”*

Atividades de lazer e culturais são fornecidas pelo Clube Atual, mas, na avaliação de PROF1, seria necessário fazer muito mais.

Teatros, shows, algumas coisas acredito que eles façam mais por conta; No clube é ofertado, mas é um mínimo, vamos dizer obrigatório; obrigatoriedade que precisa ter por questões legais mesmo. E que é muito importante, porque ele já vive no mundo mais restrito entorno do futebol e tudo mais, e aí essa convivência extra campo, que vai além dos muros ali do clube é importante para eles se desenvolverem enquanto cidadãos mesmo. Então é bem importante essas questões. (PROF1).

Considerando contribuir para o desenvolvimento humano desses adolescentes, as(os) entrevistadas(os) manifestaram seus pontos de vista sobre o que pode ou deveria ser melhor no contexto da aprendizagem esportiva em futebol. PROF2 reconhece que há limitação na forma como o futebol está estruturado no país e considera que a formação educacional e esportiva precisam ser complementares.

Acho que um ponto importante seria a gente olhar para o desenvolvimento educacional e esportivo como complementares, e não como concorrentes. Seria um grande salto para a gente, no sentido de uma organização maior, mas também entendo que as vezes não se trata nem do clube tentar fazer algo diferentes, que é algo mais estrutural do futebol e da educação no país mesmo. (PROF2).

PROF1 demonstra preocupação com a formação de pensamento crítico desses adolescentes, desenvolvendo atividades que contribuam para que compreendam temas sobre questões sociais *“que impactam a população, eles ficam um pouco alienados, não sabem o que está acontecendo. [...] Questão política mesmo, mais que além sobre votar em um ou em outro, questões políticas do Brasil e do mundo mesmo”*. Ela considera também que é necessário olhar para a individualidade dos meninos e promover não apenas ações coletivas: *“se tem dois meninos que tem interesse por tal tipo de coisa, que os outros não se interessam; olhar então um pouco mais para o individual também”*.

O CT e o Alojamento são um espaço de convivência dos adolescentes com diferentes pessoas; desde o convívio entre o pares de categoria, com atletas de outras categorias e com os profissionais do clube. Essas relações também constituem o ambiente e, no caso do Clube Atual, são relacionamentos saudáveis, que às vezes apresentam conflitos, que são naturais e partes do processo de convivência com o diferente (PROF1).

O processo de ambientação para a vida de alojamento presume a convivência com diferentes situações, as quais terão maior o ou menor incidência, de acordo com o clube no qual se esteja.

A lista é grande: falta de privacidade, diferença entre as estruturas de alojamentos dos times em que já haviam jogado, dieta rígida, utilização de quartos em dupla, trio ou até com quatro atletas, compartilhamento de banheiro coletivo, o enfrentamento das gozações e chacotas constante entre os atletas, a receptividade dos outros atletas, a possível formação de amizades e companheirismo, o relacionamento proveniente de um cotidiano com atletas da mesma idade usufruindo do mesmo local e da mesma condição, relacionamento com a comissão técnica. (SALOMÃO; OTTONI; BARREIRA, 2014, p.448).

O ATL15.1 não reside no alojamento do Clube Atual, porém participa das atividades disponibilizadas pelo clube, de caráter extraesportivo. Dentre elas, ATL15.1 destaca a importância de o Clube Atual dispor aulas de inglês aos atletas: *“Eu acho muito importante o clube ofertar inglês. Porque se acontecer do atleta ser vendido para um clube de outro país, a principal língua, que é o inglês, ele já tem”* (ATL15.1). Além disso, o adolescente destaca a qualidade do suporte médico, com os exames realizados para acompanhamento dos atletas.

Embora não alojado, ATL15.1 usufrui da estrutura destinada à formação esportiva do clube e avalia sua estrutura como de alto nível, incluindo a destinada às

categorias de base, considerando-se que “a gente usa tudo o que o time profissional usa; aí você já vê que está usando todos os equipamentos de primeira”. Embora avalie como importante o clube ter boas estruturas, para ele isso não é um aspecto determinante para o desenvolvimento esportivo do atleta.

Eu acho que parte principalmente do atleta, porque às vezes ele pode ter uma estrutura dessa e relaxar, ficar na zona de conforto [...]. Agora, se você vê um cara que está em clube com uma estrutura menor, se o cara fazer aquilo dali com o amor, com raça todos os dias e se desenvolver. Então eu acho que parte muito do atleta, ele não pode relaxar por ter uma estrutura dessa. (ATL15.2).

O adolescente-atleta ATL15.2 já esteve nas categorias de base do Clube do Nordeste e, em avaliação, conheceu outros clubes; avalia que “de todos os que eu passei, eu acho que o Clube Atual tem um dos melhores alojamentos, de estrutura do CT.” Também destaca, de forma positiva, as aulas de inglês ofertadas pelo clube, bem como atividades realizadas pela psicóloga PROF2: “Como se fosse de futebol também, só que fora de campo” (ATL15.2). Seu lugar predileto no alojamento é “o lugar onde fica a sinuca, o ping-pong, os jogos ali. O espaço de lazer na entrada do alojamento” (ATL15.2).

Uma boa estrutura influencia muito, pois ajuda no desempenho do atleta: isso se “se for uma pessoa que valoriza bastante ela; que sabe aproveitar a estrutura que tem; que agradece também por onde está. [...] Faz total diferença um lugar estruturado, eles estudam muito, querem o melhor de você” (ATL17.1).

Para ATL17.1, são importantes as demais atividades fornecidas pelo clube.

Igual no clube, tem às vezes que a gente fazia as visitas em lares de idosos ou crianças órfãs, coisas assim. Aí tem as brincadeiras aqui no clube, também teve até campeonato de videogame, tem sorteio nos jogos aqui. Eu acho isso bastante importante também que a gente, tudo que a gente faz, a gente aprende alguma coisa. (ATL17.1).

A estrutura ofertada pelo clube é um assunto de grande relevância para os familiares. FAM15.1 fala com convicção que seu filho “está no melhor lugar que pode, porque não falta nada para ele, é excelente.” Convivendo com outros responsáveis, já escutou relatos sobre a estrutura de outros clubes, e diz que sabe que

não é assim em todos os lugares. [...] Sei de histórias assim, de pais conversando comigo, que são bem complicados assim do cara até passar fome, sede. Olha, é complicado... [...] E essa questão dos pais, eu convivo mesmo, eu vou falar para você, as vezes emociona de saber o que os caras

passam, o que os meninos passam, o sacrifício que eles fazem não é brincadeira. (FAM15.1).

Sobre o suporte dado pelo clube, FAM15.1 lamenta que somente ocorra na etapa da especialização, tendo em vista que, quando seu filho estava com idade entre 13 e 14 anos, isto é, na etapa da iniciação esportiva, teve uma torção e a família precisou tratar por fora, cobrindo os gastos, pois o clube somente oferta plano de saúde após os 14 anos completos, com a assinatura do contrato de formação (ATL15.1).

A FAM17.1 relata sua experiência de ter conhecido as estruturas do CT e do alojamento do Clube Atual:

O Diretor da Base na época mostrou para a gente como que é. Eu gostei dos dormitórios, são limpinhos, organizados. Inclusive o TEC15 passava para ver como é que estava, se os meninos estavam deixando organizado. [...]. Então assim, a estrutura do clube, quanto alojamento eu gostei muito, eu achei muito, muito limpinho, muito bonito. O restaurante eu tive a oportunidade de comer de almoçar e jantar, e também, foi assim, muito bom. E nossa, eu amei os funcionários do restaurante, todos muito queridos. A organização que é acompanhamento nutricional, eu gostei muito também. E o ambiente assim, sabe, é tudo muito bom, espaço para os meninos assistirem TV, espaço para eles jogarem no computador, espaço para estudo. E eles se interagirem entre eles ali também. O ambiente que eles ficam ali também tem um cantinho para ele sentar, para eles conversarem. Na academia eu não cheguei a entrar lá, mas o ATL17.1 já postou alguma coisa dele trabalhando na academia quando estava fazendo a recuperação. Tem aí a quadra de sintético também que eles também interagem. Tem os monitores para estarem auxiliando eles, tem a sala de jogos, onde eles podem brincar de sinuca, pebolim e ping pong. Eu gostei eu acho que eles terem esse ambiente ajuda bastante. Eu acho que se não quiser ser atleta, aí é outra história, porque o clube dá suporte. Só não é atleta que não quer aí no clube. (FAM17.1).

A responsável destaca o quanto a estrutura contribui para o bom desempenho escolar, considerando a escola de idiomas e o suporte pedagógico.

Eu sei que ele tem o inglês que eu falei, que é uma disciplina a parte. Tem ajuda pedagógica, quando necessário [...]. Ele tem um espacinho dele, o cantinho dele, lá no quarto para estudar. Ele tem, o auxílio da pedagoga, se ele precisar. Então, assim, o clube tem a equipe técnica para estar lhe auxiliando no que for necessário. Então eu acredito que isso aí ajuda bastante. Não atrapalha em nada, eu acredito que se ele precisar, com certeza ele vai ter uma pessoa auxiliando, ajudando para que tudo se resolva, da melhor forma. (FAM17.1).

A FAM17.2 também relata sua experiência e impressões após conhecer o CT e o alojamento do Clube Atual:

Bom, primeiro eu já vou começar pelo fim da sua pergunta. Quando nós estivemos aí no Clube Atual para deixar o ATL17.2 pela primeira vez, nós participamos de uma palestra onde uma das frases era assim, nós não formamos apenas atletas, nós formamos homens. Então a cada dia que passa a gente entende mais o que isso quis dizer. Eu não conheço outro clube, não conheço as instalações de outro clube, já tive a oportunidade de estar aí e de agendarmos uma visita, e conhecer toda a estrutura do clube. Aí pelo menos o que deu para ver naquele dia que é muito grande, meu filho está muito bem amparado, está muito bem cuidado, está muito bem assessorado tanto pelos profissionais que aí estão, quanto pela estrutura física mesmo. Eu entrei no quarto dele, eu falei que eu queria entrar no quarto, que eu queria apertar a cama, que eu queria sentir se aquela cama realmente era macia para ele e então entrei no quarto dele. Eu fui na academia e eu andei pelas instalações do clube e eu pude constatar que, de fato, ele está no melhor lugar onde ele poderia estar. Os profissionais o acompanham de uma maneira muito de perto, estão muito junto com ele. Só tenho a agradecer a Deus e agradecer a todos os profissionais que lá estão por cuidar tão bem do meu filho e eles podem estar onde eu não posso estar. (FAM17.2).

Assim, temos nos relatos dos adolescentes-atletas e seus pais a confirmação do que foi apontado pelos profissionais, que o Clube Atual realmente dispõe de uma estrutura de alto nível, sendo essa, no entanto, uma realidade de poucos clubes. O conjunto de serviços, cursos, suportes dados aos adolescentes, como destaque para as aulas de inglês, é um diferencial significativo para as famílias e para os atletas.

4.4.2. Mesossistema

No âmbito do mesossistema, o objetivo foi compreender as relações existentes entre os microsistemas família, clube e escola, entendendo-os como contextos mais imediatos nos quais o adolescente-atleta está do que nas relações estabelecidas entre estes contextos.

As(os) entrevistadas(os) foram questionadas(os) sobre a importância e de que forma acontecem as interações: Clube-Família; Família-Clube, Família-Escola. À medida em que os adolescentes-atletas passam a viver no alojamento, o clube assume muitas responsabilidades, tais como sua participação escolar, pois muitas vezes o que ocorre é a família se isentar e transferir a responsabilidade integral de seu filho ao clube:

É bem importante ter essa conexão família-clube-atleta, porque é o elo que une todos eles. O menino une o clube à família e vice-versa. E a gente sabe que isso é uma coisa que deveria melhorar, nessa integração mesmo, a família se entender como parte do processo, porque às vezes como os meninos são alojados em muitos lugares, a família vai parecer que perdendo o pertencimento desses meninos como membros da família. E às vezes até tentando transferir essa responsabilidade para o clube, e deveria ser ao contrário. Da família ter essa responsabilidade, às vezes não é bem assim

que funciona na prática, a gente acaba sendo responsável mesmo, e até por parte do clube pensar um pouco mais sobre isso, de como fazer com que isso se efetive na prática, da família ser mais próxima, e mais responsável no processo. (PROF1).

Quanto à relação do clube com a escola, para a PROF1 trata-se de uma relação necessária que precisa ser cada vez mais estreitada, justamente para que a equipe pedagógica escolar compreenda as especificidades desses adolescentes, dado o contexto esportivo, no qual há uma incidência maior de faltas, por exemplo. Entretanto, pela distância,

às vezes a família fica como secundário e o clube acaba sendo ali o protagonista, às vezes a família nem sabe o que está acontecendo na escola, a gente mesmo que sabe e se a gente não for atrás da família, a família não vem atrás do clube para saber. Claro tem família que sim, mas, a maioria não. (PROF1).

A psicóloga PROF2 também compreende que a família precisa ser mais participativa; ainda que à distância, é necessário que o clube atue com vistas a se aproximar das famílias, e com isso aproximá-las da rotina dos seus filhos, inclusive da relação com a escola:

A família também deve ser corresponsável. Não é só o clube que tem o dever de cobrar as questões escolares, de entender como é que está o desenvolvimento escolar, mas a família também é. Nesse sentido das relações, sempre trabalhar em parceria com a família, entender quais são os objetivos, quais são os posicionamentos do clube e quais são os outros os objetivos da própria escola. (PROF2).

E no que concerne à escola, PROF2 defende que a realidade de um adolescente-atleta necessita de uma atenção diferenciada, não como privilégio, mas como adaptações nas rotinas que suas trajetórias esportivas demandam. É por esse motivo que a equipe pedagógica da escola precisa conhecer a realidade desses adolescentes-atletas.

É importante o clube se aproximar da escola, no sentido também de mostrar como é o dia-a-dia desses atletas, como que é a rotina; que muitas vezes tem um menino que está ali, por exemplo, dormindo na aula, e a professora já começa a pensar várias coisas negativas. Mas, pode ser que, como aconteceu recentemente, os atletas tenham chegado de uma viagem de competição de madrugada praticamente, e mesmo assim foram para a escola pela manhã. Eu já tive num clube que fez uma ação de trazer os diretores e os professores para o dia-a-dia do clube, fez uma. para explicar um pouquinho como é o dia-a-dia, como é a rotina, e mostrar o que esse atleta faz aqui no clube. Levaram os professores na beira do campo para ver como que é um treino, para ver o seu aluno de fato treinando. Eu acho que

isso aproxima muito, e aí você consegue construir uma relação muito melhor também com a escola, que passa a entender a realidade desse menino. (PROF2).

Adolescente-atleta, ao invés de somente adolescente ou somente atleta, como nomenclatura utilizada neste trabalho, tem a intenção de salientar que, antes de ser um atleta, esses garotos são adolescentes, mas inseridos no processo de aprendizagem esportiva, e, portanto, atletas. Daí a pertinência de uma atuação integrada que considere família, clube e escola, tal como sugere o TEC15:

Se a gente pensa em formar essa pessoa, esse indivíduo, esse jovem-atleta, porque ele não é um jovem, ele não é um atleta, é um jovem-atleta, ele é os dois. É pensar no sistema dele como um todo: família, escola, vida pessoal e vida esportiva, é coisa só. Não dá para separar. Então, para mim é fundamental as duas coisas. Eu acho que uma até pode andar sem a outra. Como em muitos lugares do Brasil, eu acho que anda. Mas, eu não acredito nisso sendo um sucesso. (TEC15).

Essa centralização da responsabilidade sobre as questões escolares no clube, quase que sem participação familiar, está presente no relato da FAM17.2, explicando que “*se eu falar que tenho alguma relação com a escola, é mentira. Eu não tenho nenhum relacionamento com a escola, o meu relacionamento é com o socioeducativo*³⁰.” A responsável ainda reforça que a relação com os profissionais da área de Desenvolvimento Humano sempre foi muito boa: “*Eu acho que é o melhor possível, o clube nos dá liberdade para entrar em contato quando preciso. Sempre que precisei, fui prontamente atendida*” (FAM17.2). A mãe do adolescente-atleta também diz não ter relação direta com a escola: “*A escola, na verdade, a gente não tem nem contato, porque daí se eles têm algum problema, eles já entram em contato direto com a pedagoga do clube*” (FAM17.1). Embora a responsável diga nunca ter procurado diretamente a escola, compreende que a escola deveria ter por interesse estabelecer contato com os responsáveis pelos adolescentes, e não somente com o clube.

A escola eu não sei te dizer nada, porque eu não tenho contato mesmo. Mas seria bom às vezes eles entrarem em contato com os pais, [...] eu sei que é complicado, e que a escola vai entrar em contato com os pais se o filho tem problema. [...] Então assim é eu fico feliz, porque, de certa forma, a escola não está entrando no contato comigo, porque está tudo bem. Mas eu acredito que se der algum problema, vai entrar em contato com a pedagoga, daí do

³⁰ A área hoje denominada Desenvolvimento Humano no Clube Atual, antes era chamada de Departamento Socioeducativo.

clube e a pedagoga, com certeza, também, se for o caso, vai entrar em contato conosco. Eu espero que seja assim. (FAM17.1).

No caso de adolescentes-atletas, parece que a relação do clube com as famílias é menor e, pelo relato de FAM15.1, parece ser restrita a questões técnicas e esportivas, possivelmente porque nestes casos a família é responsável pelo cotidiano dos filhos, inclusive a escola: *“Não tem muita frequência de conversa não. Eu também não gosto muito de me envolver na questão técnica do ATL15.1. Eu nunca falo com o treinador, prefiro não me envolver.”*

A experiência do ATL15.2 e sua família, em outros clubes, traz uma perspectiva sobre essa relação clube-escola, clube-família, para além do contexto do Clube Atual. No entanto, sua experiência no Clube do Nordeste tem particularidade, pois lá não residia no alojamento e, sim, com a família, que se mudou para o Nordeste. Em sua fala, FAM15.2 apresenta que *“eu tinha uma relação direta com a escola, porque eu levava e buscava, não somente ele, mas, até outros atletas, na escola. Com o tempo, a escola que vinha falar comigo, inclusive sobre outros atletas.”*

A Diretora Escolar, EDUC1, explica que alguns pais têm contato com a escola, mas que são poucos. Nessa relação com a família, ela percebe que existem responsáveis que realmente são empenhados na questão escolar dos filhos, que inclusive buscam conhecer a escola. No entanto ela viu *“casos em que os pais ou responsáveis acham que o futebol é primordial na vida do aluno, que ele não teria alguma coisa mais importante naquele momento, nem mesmo a educação”*. Conforme suas palavras: *“Como o clube tem esse amparo legal em relação aos alunos, nós temos pouco contato com os pais”* (EDUC.1).

Nesses mesossistemas, alguns pontos merecem destaque. À medida em que o adolescente fica distante da sua família, o microssistema de maior interação imediata dele passa ser o contexto do clube; com isso transfere-se também a própria dimensão da responsabilidade e do acompanhamento da vida do adolescente. E então surge a necessidade de maiores interações entre clube e família, a fim de diminuir essa distância, assim como é necessário que o clube tenha uma relação muito próxima com as escolas, o que, conseqüentemente, afasta as famílias dessa relação.

4.4.3 Exossistema

Subindo nos níveis sistêmicos, temos o exossistema que, para este estudo, considerou-se uma análise sobre as entidades esportivas de futebol – CBF e Federações Estaduais, em suas responsabilidades para com a formação de atletas de futebol no Brasil. E nesse âmbito, a CCF é um tema primordial.

Essas instituições, de certa forma, gerenciam a formação de jogadores de futebol no Brasil, até mesmo tendo por atribuição fiscalizar e regulamentar a atuação dos clubes. No entanto, famílias e adolescentes-atletas, inseridos nesse contexto e, portanto, diretamente afetados pela forma como essas instituições planejam e regulamentam a formação de atletas, desconhecem os deveres e responsabilidades dessas organizações, como é o caso de FAM17.1 e FAM17.2: *“Essa parte aí é meio difícil de responder. Mas eu acredito, por exemplo, a federação paranaense e a brasileira têm que estar interligadas.”* (FAM17.1). *“Essa pergunta eu prefiro não responder porque eu não conheço. Não sei qual que é a participação nesse processo todo da CBF e da federação estadual. É um tema que eu não domino, eu não conheço”* (FAM17.2).

FAM17.2 complementa a resposta, sobre a preocupação da CBF e da Federação Estadual com a qualidade da estrutura e dos ambientes da formação esportiva de futebolistas:

É, eu acho que sim, porque eu acredito que eles cobrem isso do clube. Eu acredito que talvez depois do que aconteceu no Flamengo, essa cobrança tenha ficado mais intensiva. Mas, assim, estou te respondendo de uma maneira bem superficial. Eu acredito que eles se preocupem, sim, porque é dali que que saem os futuros jogadores, com os quais eles vão trabalhar depois. (FAM17.2).

O incêndio no Ninho do Urubu, em 2019, também é considerado pela FAM15.2 em sua resposta:

Infelizmente a gente teve aquela grande tragédia no Flamengo. Aí a gente viu que era muito discurso. Discurso muito bonito, fala que é tudo legal, mas ainda deixa muito a desejar, muito a desejar mesmo. É muito discurso bonito, mas a gente sabe que na realidade; o que eu vi, pela vivência que eu já tive, vejo que não têm essa dedicação toda não. (FAM15.2).

No caso de FAM15.1, o relato do pai considera o período em que seu filho esteve convocado para a Seleção Sub 15. Faz elogios à estrutura da CBF e critica a

Federação Estadual. Para ele “a CBF é excelente, maravilhosa. Federação Paranaense é uma lástima [...] porque se você for ver em outros estados, estão ocorrendo seus campeonatos e a Federação daqui do Estado está parada³¹.” O argumento de FAM15.1 sobre o compromisso da CBF com a qualidade da formação de atletas no Brasil (considerando estrutura, ambiente e principalmente a questão escolar) está no fato de que é a instituição quem certifica os clubes: “Federação Estadual eu não sei dizer, pode ser que sim. Não consigo dizer isso. A CBF acredito que sim, porque acho que o clube só recebe o Certificado de Clube Formador se estiver tudo dentro do que eles pedem.”

ATL15.1 informou não saber o papel da CBF e da Federação Estadual na formação de atletas e, ao ser perguntado sobre sua impressão a respeito da preocupação destas instituições com a qualidade das estruturas e da participação escolar, respondeu que “seriamente, não sei, mas olhando de fora, eu acho que eles não ligam muito para isso não.” Além disso, acha que fica mais a cargo dos clubes se preocuparem com essas questões, mas, que

poucos clubes são muito bons nisso, [...] aqui tem uma estrutura boa para a base. [...] Eu acho que são poucos times assim que conseguem na uma boa estrutura para a base de tudo, como a alimentação. Acho que tem muito time que não liga para isso e deixa a base lá, meio largada. Então acho que no Brasil, principalmente, tem muito a melhorar. [...] Eu já vi meninos comentando que muitos lugares eram bem complicados. Só do alojamento já me falaram bastante. E essa questão da escola, acho que deve ser pior ainda, essa cobrança e essa preocupação dos clubes com os atletas. (ATL15.1).

Já o ATL17.1 não sabe dizer a função dessas instituições: “Eu acho que o papel deles é cutucar os clubes, para ver se a gente está sendo bem cuidado. Porque nós somos seres humanos também, não vamos ficar largado só porque a gente é atleta” (ATL17.1); e quando questionado se os clubes são realmente cobrados, respondeu que “eu ainda não cheguei a ver, por exemplo, algum time que foi punido por isso. [...] Eu acho que dá para contar nos dedos lugares assim que tem essa boa estrutura no Brasil”.

Na análise das profissionais do clube, temos uma visão mais crítica sobre as atribuições e a atuação das ditas instituições:

³¹ O responsável refere-se ao período de Pandemia, em que as atividades foram suspensas e que as competições de base no caso da federação do estado em que se encontram foi uma das últimas a retomar o calendário.

Eu acho que o papel delas hoje em dia, em um contexto de Brasil, é mais de fiscalizar e garantir um mínimo previsto na legislação. Mas não de garantir o mínimo de qualidade que uma pessoa deveria ter para a sua sobrevivência e conforto enquanto pessoa mesmo. (PROF1).

A crítica de PROF1 abrange os critérios estipulados para a CCF. Para ela, embora estabeleçam um padrão de qualidade, trata-se de um padrão mínimo.

Eu acho que o papel dessas instituições deveriam ser é de realmente garantir o mínimo para as pessoas, mas não o mínimo exigido na lei, mas o mínimo que a gente precisa enquanto sociedade. [...] O clube que estou possui certificado de clube formador. E ele garante o mínimo que precisa para ter esse certificado formador, mas eu acredito que esse mínimo não seja o suficiente. Garante o mínimo para que órgãos fiscalizadores não punam o clube, mas, não acho que seja o ideal. Acho que deveria ter mais políticas, para que não fossem só o mínimo. Seria importante exigir um olhar mais individualizado para cada adolescente-atleta. Pensando em convivência familiar, por exemplo, eu acho que deveria ter uma política mais robusta. [...] Para garantir mesmo os direitos dos adolescentes pensando em condições mínimas para que a gente tenha um desenvolvimento sadio, enquanto criança e adolescente até a vida adulta. Eu acredito que não façam muita questão disso, de pensar no humano, pensar nessas pessoas enquanto seres em desenvolvimento, acho que não fazem. Questão deles é atender ao mínimo da legislação mesmo, para mostrar para todo mundo ver. (PROF1).

A análise da PROF2 é de que, no âmbito da CBF, as coisas vêm evoluindo nos últimos anos, mas ainda precisa de uma maior integração entre as diferentes instituições e os atores envolvidos na formação de atletas de futebol no Brasil.

No caso da CBF, vejo um movimento recente bastante grande, tem um grupo com psicólogos, assistentes sociais e pedagogos em que sempre geram algumas discussões e às vezes fazem algumas reuniões. Hoje em dia, na CBF, já tem uma pedagoga contratada, que quando os atletas são convocados para seleções de base, faz esse contato direto com os clubes sobre questões pedagógicas escolares. Em relação ao certificado de clube formador, tem algumas exigências com relação à estrutura de alojamento, com relação aos profissionais, à todo o suporte que deve ser fornecido para esse atleta. Então a gente tem algumas normativas com relação a isso. Mas vejo também que falta uma integração maior, com relação à federação e os próprios clubes, com os profissionais que estão envolvidos na formação desses atletas. Eu acho que vem evoluindo, mas a gente ainda tem bastante para caminhar e evoluir também. (PROF2).

A psicóloga compartilha da opinião da PROF1 sobre os critérios para a CCF:

Suficientes eu acho que não. Acho que a gente tem muito a melhorar. Analisando de uma forma um pouco mais crítica, a gente tem muito que melhorar enquanto formação [...]. Mas se a gente olhar para as instituições, e para o que pode ser feito, a gente pode evoluir muito mais. (PROF2).

Na visão do TEC15, a CBF e as Federações Estaduais: *“Eu acho que praticamente não se preocupam, se preocupam muito mais com o Business, com o negócio, do que com a formação.”* Diferente das profissionais, o TEC15 considera que o CCF *“eleva a qualidade. Eu acho que a qualidade mínima necessária, eu acho que são coisas boas.”* No entanto, sua crítica está no quanto desse mínimo é implementado:

O que eu questiono é o ditado que eu falei um pouco antes “é pra inglês ver?”. Eu trabalhava em clube de São Paulo, que foi um dos primeiros a receber o certificado de clube formador e eu achei um absurdo, porque não tinha nada, nem o básico. Sabe, assim era muito precária a estrutura; eu estava lá e a presenciei, inclusive eles não sabiam nem como pedir um planejamento anual do seu trabalho. Eu fiz, aí eles pegaram o da minha categoria, pois era o único treinador capaz de fazer aquilo no momento, e copiaram, mudando a categoria e apresentou como sendo das outras categorias, algo que não acontecia. [...] Era jogador dormindo com rato no alojamento, comendo arroz com salsicha. E emitiram o certificado naquele momento. Foi num passado longínquo, foi. Mas, acho que é uma estrutura para inglês ver, se realmente as coisas funcionam, dá sim uma estrutura básica para se formar um jogador. Eu acho que não precisa ser nada luxuoso, eu acho que a gente não pode cobrar o luxo, mas o básico eu acho que, o que se exige para o Certificado, oferece. (TEC15).

É importante registrar que, embora há 20 anos atuando na educação de adolescentes-atletas, EDUC1 declara que nunca ouviu falar em CCF. O destaque para este relato está no fato de que a escola tem uma relação muito próxima com o clube, justamente no aspecto educacional, que é um dos critérios para a certificação.

4.4.4. Macrossistema

Com relação ao Macrossistema, as discussões partem do entendimento das legislações e da atuação do Estado na regulamentação da aprendizagem esportiva e da garantia dos direitos desses adolescentes. Às(os) participantes foram listados os direitos das crianças e adolescentes , previstos no ECA, solicitando que indicassem o direito mais violado ou afetado pelo processo de aprendizagem esportivo no contexto do futebol. O Quadro 11 mostra as opiniões de cada participante. Logo depois, seguem as interlocuções dos mesmos.

QUADRO 11 – OPINIÃO SOBRE O IMPACTO DO PROCESSO DE APRENDIZAGEM ESPORTIVO EM FUTEBOL NOS DIREITOS DAS CRIANÇAS E ADOLESCENTES

DIREITO	PARTICIPANTE											
	ATL15.1	ATL15.2	ATL17.1	FAM15.1	FAM15.2	FAM17.1	FAM17.2	PROF1	PROF2	TEC15	TEC17	EDUC.1
DIREITO À LIBERDADE												
DIREITO AO RESPEITO												
DIREITO À DIGNIDADE										X		
DIREITO À CONVIVÊNCIA FAMILIAR			X		X			X	X	X		
DIREITO À CONVIVÊNCIA COMUNITÁRIA												
DIREITO À EDUCAÇÃO					X				X	X		
DIREITO À CULTURA										X		
DIREITO AO ESPORTE												
DIREITO AO LAZER												
DIREITO À PROFISSIONALIZAÇÃO E À PROTEÇÃO NO TRABALHO										X		
NÃO SOUBE OPINAR	X	X		X							X	
NENHUM DOS DIREITOS						X	X					X

Fonte: O Autor (2022).

O ATL17.1 considera que o Direito à Família é o mais afetado. “*Vou colocar um número alto, mas, acho que 90% dos meninos que moram no clube aqui não são da cidade do Clube Atual ou os pais não moram aqui.*” No entanto, não fala em violação de direito e, sim, em impacto, pois para ele, enquanto atleta, a distância da família “*é uma escolha nossa, porque muitas famílias não têm condição de irem morar onde o filho está, até porque é uma escolha arriscada. Porque ninguém é garantido que vai se tornar profissional, que vai ser jogador.*”

A FAM15.2 considera que o Direito à Convivência Familiar e à Educação são os mais afetados.

A questão maior é esse mesmo da convivência familiar, porque eles saem muito, muito cedo de perto da família; E a escolaridade porque a gente sabe que atrapalha muito devido a essa questão de ter que sempre estar viajando, jogando. (FAM15.2).

Semelhante ao que pensa seu filho, a FAM17.1 considera que, embora seja o mais afetado, o Direito ao Convívio Familiar “*não é que está violado, lógico, mas o*

convívio familiar fica mais restrito. Então, assim fica mais comprometido. [...] Mas que foi por uma opção”.

Diante da lista dos direitos previstos no ECA, FAM17.2 avalia que

nenhuma das alternativas apresentadas, acho que nenhuma delas. Eu acho que pelo menos dentro do clube onde ele está, eu acho que todos esses direitos estão preservados. Eu acho que não tem nenhum deles, eu acho que nenhuma das alternativas sofre um impacto negativo na vida dele. (FAM17.2).

Como em outros assuntos, o olhar das profissionais e dos técnicos tem maior profundidade na análise crítica sobre os temas discutidos. O TEC15, por exemplo, apresenta um panorama que, em sua opinião, vários dos direitos são violados no contexto da aprendizagem esportiva em futebol.

É, eu acho que vários deles. Eu acho que dignidade é um ponto importante, porque muitas pessoas, e eu já vi isso, muitas pessoas no futebol, no esporte não concedem ao jovem dignidade: Por questões alimentares, de alojamento, de não pagar. Eu acho que convivência familiar e comunitária eu acho que tem sim na questão, de que quando está longe, você não tem convivência familiar, mas, comunitária, talvez, eu acho, que nenhum âmbito esportivo negue. Eu acho que falta questão direito à cultura e lazer. Porque a gente no Brasil, no modo geral, fomenta pouco isso. E o direito ao trabalho, porque eu acho que muitas pessoas trabalham em situações precárias, muitas pessoas, não recebem, e parece que é cultural, eu acho que envolve dignidade nisso. (TEC15).

A avaliação da Diretora Escolar é de que não dá para falar em violação de direitos, pois o clube e a escola são fiscalizados e cobrados por *“fatores que obrigatoriamente precisam fazer. [...] Ao contrário, eu acho que a gente cobra muitas vezes a mais, justamente pelo medo de pecar”* (EDUC.1).

PROF1 elenca o Direito à Convivência Familiar e Comunitária como o mais violado, em razão das poucas vezes em que muitos dos adolescentes conseguem ver seus familiares, ao longo do ano.

PROF2 considera que a resposta pode variar conforme a realidade da qual se fala: *“Tem alguns contextos de clubes que garantem uma maior quantidade desses direitos. E tem outros contextos que a gente vê que a situação é bem mais delicada.”* Contudo, ao falar de um contexto mais geral da formação esportiva do Brasil, elenca os Direitos à Convivência Familiar e à Educação como os mais violados.

No geral, se a gente olhar para tudo isso que você falou, tudo é garantido. Acho que muita coisa assim dá para a gente melhorar, para a gente desenvolver uma questão principal que é a questão educacional. Então precisa ser pensado melhor o desenvolvimento dos campeonatos, a gente

pensar em como ter esse desenvolvimento esportivo acompanhado do desenvolvimento escolar e educacional. E a questão de convivência familiar também, a gente poderia ter estratégias melhores pensando nessas questões. Eu acho que os mais prejudicados, hoje, são o desenvolvimento educacional escolar e também essa convivência familiar. (PROF2).

Tanto PROF1, quanto PROF2, comentam sobre as instâncias do Estado, responsáveis pela fiscalização, defesa e garantia dos direitos de crianças e adolescentes.

Em questão de instâncias superiores, como conselho tutelar ou Ministério público, eu acredito que eles fiscalizam, mas como esses outros órgãos maiores, como a Confederação e tudo mais, eles fiscalizam por amostragem, eu acredito, ou quando há alguma denúncia de questões que não estão sendo cumpridas. [...] E mesmo que tenha alguma coisa que está sendo ferida, eles não vão diretamente fazer uma sanção que seja expressiva, vai ele no máximo notificar e dar um prazo para que seja juntado algum documento ou que faça alguma coisa para remediar esse tipo de coisa. Eu não acredito que seja uma sanção assim, exemplar para mostrar que estão de fato fiscalizando. (PROF1).

A PROF1 cita que vê uma certa seletividade nas fiscalizações, que somente os clubes de maior visibilidade são fiscalizados, e essa posição coaduna com a análise de PROF2.

Existe fiscalização, mas ainda tem muita coisa a ser melhorada. São realidades diferentes de alguns clubes. Então acho que é importante também ter um acompanhamento maior em algumas situações. Por exemplo, quando o clube não tem o Certificado de Clube Formador, esses órgãos estão ali fiscalizando alguma coisa? Como que está isso? Geralmente a fiscalização são destinadas para quem já tem o certificado, ou para quem está em processo de renovação. Mas tem alguns clubes que não tem. (PROF2).

A perspectiva cultural do futebol como modalidade expressiva no Brasil já esteve presente em vários relatos aqui apresentados. Todavia, há outro aspecto referente ao macrossistema da formação de futebolistas no país, que foi traduzido na pergunta sobre a qual ou quais interesses está voltada a formação de atletas de futebol no Brasil. Todas as respostas foram bem objetivas, colocando o interesse econômico-financeiro como o principal

PROF1 diz: “Na grande maioria para interesses econômicos. Para mercado do futebol, os atletas são vistos como ativos.”. O técnico da categoria Sub 15, elenca o interesse de retorno esportivo, porém completa relacionando que sem o retorno esportivo não haverá o retorno financeiro: “Business, negócios. Retorno esportivo e

retorno financeiro. Retorno esportivo, para ganhar dinheiro, e contratar, investir mais.”
(TEC15)

À vista disso, temos um panorama macrossistema da formação de atletas no Brasil, no qual o interesse econômico rege as decisões e, conseqüentemente, interfere nos rumos dos clubes e dos adolescentes-atletas. O adolescente dá lugar ao atleta, o qual, como apresentado por uma das entrevistadas, é um ativo, ~~Desta forma~~ compreendendo que, se nem mesmo o desenvolvimento esportivo tem tanta importância, a não ser naquilo que representa para fins de retorno financeiro, muito menos o desenvolvimento pessoal, humano desses adolescentes.

4.5 TEMPO

A categoria de análise Tempo é dividida em três: o Microtempo, o Mesotempo e o Macrotempo.

a) Na perspectiva do contexto da formação esportiva, entendendo o Microtempo em relação a continuidade ou descontinuidade (NARVAZ; KOLLER, 2004; BRONFENBRENNER, 2011), tratou-se da rotina diária desses adolescentes, isto é, das atividades que integram sua programação diária, sobretudo de atividades esportivas.

b) Quanto à periodicidade, compreendida pelo Mesotempo (NARVAZ; KOLLER, 2004; BRONFENBRENNER, 2011), tratou-se do tempo de suas vidas em que os adolescentes ficam inseridos no processo de aprendizagem do futebol.

c) Quanto ao aspecto do Macrotempo, a ênfase está no olhar histórico e mudanças na formação esportiva de futebolistas ao longo da história.

No tocante ao Microtempo, os relatos tão semelhantes permitem que seja construído um modelo de programação semanal para o adolescente da categoria Sub 15 (Quadro 12):

QUADRO 12 – MICROTEMPO – PROGRAMAÇÃO SEMANAL CATEGORIA SUB 15

CATEGORIA SUB 15							
PERÍODO	DOMINGO	SEGUNDA	TERÇA	QUARTA	QUINTA	SEXTA	SÁBADO
MANHÃ	Café da Manhã						
		Escola	Escola	Escola	Escola	Escola	Competições
	Almoço						
TARDE		Treino	Treino	Competições	Treino	Treino	Competições
	Jantar						
			Aula de Inglês		Aula de Inglês		
NOITE	Lanche da Noite						
	Descanso						

Fonte: o Autor (2022).

E um modelo de programação semanal para os adolescentes da categoria Sub 17 (Quadro 13):

QUADRO 13 – MICROTEMPO – PROGRAMAÇÃO SEMANAL CATEGORIA SUB 17

(Continua)

CATEGORIA SUB 17							
PERÍODO	DOMINGO	SEGUNDA	TERÇA	QUARTA	QUINTA	SEXTA	SÁBADO
MANHÃ	Café da Manhã	Café da Manhã	Café da Manhã	Café da Manhã	Café da Manhã	Café da Manhã	Café da Manhã
		Treino	Treino	Treino	Treino	Treino	Competições
	Almoço	Almoço	Almoço	Almoço	Almoço	Almoço	Almoço
TARDE			Aula de Inglês	Competições	Aula de Inglês		Competições
		Academia		Academia		Academia	

	Jantar						
		Escola	Escola	Escola	Escola	Escola	
NOITE	Lanche da Noite						
	Descanso						

Fonte: o Autor (2022).

Como pode ser visto, diariamente há uma programação fechada que pode ter diferentes atividades, tais como aulas de inglês duas vezes na semana³². As competições, que podem ocorrer no meio da semana ou nos finais de semana, geralmente aos sábados. Categorias mais novas estudam no período da manhã, enquanto que as mais velhas estudam no período da noite. Treino de força, como academia, também integra a programação, de duas a três vezes na semana, para cada atleta.

Além disso, outras atividades podem ser inseridas, como palestras, atividade de convivência interna no clube, como os aniversários; e atividades externas (lazer e cultura).

Quanto ao Mesotempo, é possível verificar que os adolescentes-atletas ficam cerca de 13 a 15 anos de suas vidas inseridos em processos e contextos de formação do futebol, tendo como idade média de início os seis anos de idade, e estabelecendo os 20 anos como fase de transição para o futebol profissional. No entanto, essa trajetória pode ser ainda maior, tal como aponta o TEC15:

O auge do atleta é 27 anos. Então vários estudos mostram que é entre 27 e 30 anos. Então ele se forma até aí, por mais que ele seja profissional, ele não para de ter que adquirir conhecimento e experiência para chegar no auge. Isso é um ponto. Agora se a gente pensa em profissionalização, assinarem contrato profissional e jogadores profissionalmente, A minha experiência prática mostra que ele tem que se formar praticamente de 10 a 15 anos até atingir esse ápice. Muitos jovens relatam e vários estudos, eu um falo isso informalmente, que iniciam jogar futebol com 5 anos de idade. Então ele já está se desenvolvendo em relação ao contato com bola, enfim. E aí, se ele com 16 anos assinar um contrato profissional e jogar pelo profissional, dos 5 aos 16 anos já foram de 10 a 11 anos que ele se formou para chegar nessa etapa. Agora muitos atletas que com 16 jogam no profissional, são extraclasse; ou 'é o cara que sobe, desce, sobe, desce, então não tá formado ainda. Então, eu julgo de 10 a 15 anos para ele se formar e chegar ao profissional e ter condições de se firmar ali. (TEC15).

³² As aulas acontecem todos os dias, mas, cada adolescente integra uma turma que tem aulas duas vezes por semana.

Resposta semelhante é dada pelo TEC17, comentando que este período pode mudar; e que essa variação está relacionada à

capacidade de desenvolvimento, da questão técnica. Então hoje, na iniciação você começa aí entre os 7 e 9 anos. A minoria, passa por um período aí de 9 ou 10 anos, mas, são poucos que conseguem já nesse tempo, jogar num profissional. Ele pode até assinar um contrato profissional, mas jogar já é mais complicado. Muitos assinam. E a maioria vai mais alguns anos além desses 9 ou 10 anos. (TEC17).

É uma trajetória longa, porém tem o seu início relativamente cedo. Dessa forma, a temática da especialização, ou até mesmo da profissionalização precoce, foi considerada nas entrevistas. Na percepção dos adolescentes-atletas, a idade na qual iniciaram suas trajetórias esportivas contribui para o seu desenvolvimento. Como é o caso do Atl15.1 que, embora concorde com a afirmação de que o futebol demanda um início ainda muito novo, considera:

Eu acho que é muito bom, porque falando aqui de futebol, desde cedo você vai pegando os fundamentos e já vai tendo uma base para o futuro. E isso é muito importante. E também porque você não aprende só futebol. Quando você começa cedo, você gera responsabilidade, você aprende a ter respeito com as pessoas. Se enturma com pessoas novas, então eu acho que é. Eu acho que é muito bom você começar cedo no futebol. (ATL15.1).

A opinião de ATL17.1 é semelhante:

Eu acho que foi bom para mim, porque desde pequeno comecei a aprender a me relacionar com as pessoas. E, fui aprendendo as malandragens do futebol, isso me ajudou bastante mesmo. Porque, até minha coordenação motora, cognitiva, tudo assim foi desenvolvendo desde cedo, e aí me ajuda bastante hoje isso. (ATL17.1).

Pai e mães também avaliam que a exigência de iniciar a trajetória com pouca idade é parte necessária do processo, de forma que não há prejuízos ao adolescente (FAM15.1, FAM15.2, FAM17.1 e FAM17.2). Os dois técnicos têm opinião semelhante e apresentam, como justificativa, questões relacionadas ao desenvolvimento desses adolescentes, no entanto, demonstram preocupação com o processo de especialização precoce na modalidade. Isto é, para eles, não há problema na iniciação esportiva em idades menores, o problema está na especialização esportiva em futebol ocorrendo cada vez mais cedo.

Eu acho que sim. Hoje as crianças estão sendo expostas à competições, à cobranças muito cedo. Isso vai cada vez mais acelerar esse processo. Então, se a gente puder fazer essas crianças vivenciarem atividades que não tenham esse viés de competitividade, de cobrança, você vai estar expondo ela a mais condições lúdicas, abertas. Isso faz com que daqui a pouco ela esteja mais pronta para enfrentar um cenário competitivo. (TEC17).

Com opinião semelhante, TEC15 ressalta a experiência com outras modalidades nas idades iniciais:

Eu acho que sim. Acho que existe uma especialização precoce. Eu acho que não dá para você falar de rendimento, sem buscar as famosas 10000 horas. São 10 anos de especialização. E a profissão esportiva, não é igual a outra qualquer que você pode começar a trabalhar com 30 e com 40 anos ser especialista. Você precisa desenvolvimento do motor de uma jovem. Então, acho que acaba especializando precocemente para a modalidade. Mas eu acho que não necessariamente dentro da modalidade de especializar tão precoce em algumas coisas diretas, você só é isso. [...] Pode ao meu ver, nesse período experimentar várias coisas, mas tem que ser especialista em futebol, enfim na modalidade. Porque não tem como, como eu te disse das 10000 horas, sem desenvolver motoramente. Não significa que eu ache que ele não pode praticar outras modalidades esportivas também, ele tem. Só que não dá para ele ser um tenista vida inteira e com 20 anos querer ser outra coisa; não dá pra eles querer andar de kart a vida inteira e com 20 anos, decidir que quer ser jogador de futebol. (TEC15).

Para PROF1 existe uma profissionalização precoce, não necessariamente por parte das crianças e dos adolescentes nas atividades que realizam, mas porque o ambiente e os adultos que conduzem o processo aspiram que essas crianças e adolescentes atendam determinados níveis.

Eu acredito que existe sim uma profissionalização precoce, mesmo lá nas escolinhas. Pode até ser como uma brincadeira para a crianças, mas aos olhos do adulto que estão observando e treinando eles, isso já é uma profissionalização; porque já estão verificando aqueles que podem ter potencial. Claro que com o tempo vai aumentando a exigência, mas acredito que aos olhos dos adultos já tem sim um olhar visando a profissionalização daquelas crianças. E acredito que sim, no meu pensamento é muito cedo [...] na dimensão social e estrutural da pessoa, com certeza é muito cedo. Porque ele vai passando por etapas, que são essenciais, para o desenvolvimento, de forma muito rápida. Vai ter que ser mais adiantado em muitos aspectos. Algumas etapas são puladas. (PROF1).

FAM17.2 avalia que a profissionalização precoce ocorre por se tratar de uma carreira muito curta em que tudo acontece de forma rápida.

Com certeza. Com certeza é precoce, sim. Eles começam muito, muito cedo, assim eles, eles têm que amadurecer muito depressa. Eles têm que se virar muito cedo, então é de fato já estão construindo ali a profissão deles. Eles

vão se profissionalizar ou não ao longo da trajetória deles. Eu acredito que sim, para eles é, tudo muito precoce. Acontece tudo muito rápido. (FAM17.2).

Aos pais e atletas foi perguntado sobre a perspectiva do futebol, até que idade eles pensam atuar profissionalmente com o esporte. As respostas projetam uma carreira até a faixa de 34 anos e, em geral, ainda não pensam o que farão profissionalmente após esse período.

As(os) participantes manifestaram-se quanto às mudanças históricas na formação de atletas, respondendo à pergunta sobre mudanças no perfil de atleta que se espera atualmente, com relação a outros períodos. Um dos elementos de maior diferenciação está numa maior cobrança por aspectos extracampo.

Eu acho que antes os clubes não ligavam muito para o para o extracampo; acho que hoje em dia isso daí já é uma coisa que é muito mais cobrada. Não é só dentro de campo que eles que eles querem que se corresponda, tem que ser uma pessoa boa, fora de campo, fazer as coisas na escola. (ATL15.1).

Seu pai apresenta elementos semelhantes de análise:

Eu acho que o futebol ele está muito profissional. O jogador, hoje ele tem que ele tem que cuidar de mais do corpo, da imagem. Principalmente da imagem. Ele não pode falar qualquer, ele não pode ir em qualquer lugar. Então eu acho que está bem diferente. A questão física também. Ela evoluiu demais também. A preparação, também evoluiu demais, apesar de eu achar que o futebol antigo era mais bonito, era mais bem jogado. (FAM15.1).

A presença da tecnologia, que permite uma formação mais técnica, também apareceu nas respostas.

Eu acredito que sim, que teve mudanças nessa perspectiva do que essa espera dos atletas. Antes das escolinhas, muitos meninos eram formados na rua mesmo. Hoje em dia é algo mais estruturado, a partir de estudos que foram sendo feitos, pessoas monitoradas. Então isso também esse tem esse impacto. Hoje é algo mais programado, o atleta fica mais parecido com uma máquina; são estudos para definir uma melhor forma de jogar, de dar o passe, de treinar, enfim, de jogar futebol. (PROF1).

Hoje no futebol é mais físico, tático, tipo, antigamente era mais talento muitas vezes. O cara que se dedicava um monte e ficava para trás só porque quem tinha talento, hoje ao contrário. Quem tem talento também tem que se dedicar. Eu acho que isso faz totalmente a diferença também. E antigamente, não tinha todo esse apoio ao tem hoje, até da tecnologia mesmo, dos estudos que eles fazem aqui. E é mais. Isso mesmo. É acho que o futebol foi evoluindo e exige mais agora. (ATL17.1).

Para o técnico da categoria Sub 17:

Hoje, se espera do atleta um perfil onde ele consiga suportar ações intensas, se espera do atleta hoje uma capacidade de resolver também as situações, problemas, mas de uma forma muito mais pensada, de uma forma muito mais racional, e antes não. Hoje, se espera que ele tenha um conteúdo tático, às vezes, acima do conteúdo técnico. E que exige dele ter uma leitura de jogo, que ele, tenha o conhecimento do jogo, daquilo que está acontecendo, e antes, não. Antes se esperava, é que ele entrasse dentro do campo, se divertir, que ele se jogasse, pegasse a bola, fizesse o que ele queria com ela. Pois hoje se espera um jogo mais coletivo, um atleta mais coletivo. Mas, que tenha mais essa leitura tática. (TEC17).

A resposta mais completa foi dada pelo Técnico da Categoria Sub 15, por abarcar os vários elementos apresentados nas outras respostas, mas, também, por compreender que a modalidade sofreu alterações; o que, conseqüentemente, demandou outro perfil de atletas.

Mudou com o tempo, com certeza. Porque a modalidade mudou. Na verdade, mudam-se algumas regras e muda o futebol. Por exemplo, o futebol era um antes da regra do impedimento e outro depois da regra do impedimento. Se tornou outro, lógico que estou falando de muito tempo atrás. O futebol era um antes, quando não existia substituições no meio do jogo. Se não me engano a Copa de 70 foi a primeira. Cartão vermelho não existia. Então isso faz mudar o esporte. O goleiro pegar a bola com a mão após recuar, mudou o esporte. Então, nesse meio tempo, mudou pouca regra de fato, agora também é um período de experiência, mas mudou. E o jogo também. Preparação física mudou, a preparação técnica mudou, o treinamento mudou, a ciência do treinamento. E isso tudo foi levando muito o jogo para níveis altíssimos de excelência de atleta mesmo, esportivo. Isso mudou muito, então assim, o treino que eu dava a 15 anos atrás é totalmente diferente do treino que eu dou hoje. E aí mudou tanto para um lado de ser mais tecnicista primeira, e hoje é mais de uma visão sistêmica. Se você pensar um pouco lá no tecnicista você pensava só na técnica. Não significa que você não mescle de um pouco de um ou outro. E aí mudou. E eu não trabalho, não realizo meu trabalho com os atletas hoje, para eles jogarem o futebol de hoje. Eu trabalho eles tentando ver evoluções que eles trabalhar daqui 5 ou 10 anos. O jovem de hoje não vai jogar futebol de hoje. Jovem de hoje vai jogar um futebol daqui 5 ou 10 anos e pode ser um futebol diferente de hoje. (TEC15).

Há um elemento na fala do TEC15 que se distingue: os jovens de hoje vão jogar outro futebol, diferente do futebol de hoje. Essa perspectiva ilustra a dimensão do tempo no processo de desenvolvimento humano e, neste caso, do processo de aprendizagem esportiva também.

Além disso, a evidenciação de que um atleta de 20 anos passou 3/4 de sua vida inserido em contextos de aprendizagem esportiva (escolinhas, projetos, clubes), demonstra a responsabilidade desses espaços com o desenvolvimento humano, e

não apenas na dimensão esportiva; pois esses adolescentes se formam como pessoas majoritariamente dentro desse contexto.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho teve por objetivo compreender como ocorrem os processos educacionais, formativos e de desenvolvimento em adolescentes-atletas de futebol sob a ótica do Modelo Bioecológico de Urie Bronfenbrenner. A proposta de fazer deste estudo, analogicamente, uma biópsia³³ do processo de formação de futebolistas no Brasil, tal como apresentado no início do trabalho, teve viabilidade por ter o Modelo Bioecológico do Desenvolvimento Humano como ferramenta de análise.

A amostra, a célula em questão, refere-se a um grupo de quatro adolescentes e suas famílias, que representam milhares de outros adolescentes-atletas e famílias, cujas vidas estão organizadas em função da trajetória esportiva em futebol. Compõem a amostra, também, profissionais do clube que atuam diretamente com aspectos esportivos, sociais, educacionais e psicológicos desses adolescentes, além da diretora da escola.

O Modelo Bioecológico, por meio do Modelo Pessoa-Processo-Contexto-Tempo, foi a lente com a qual a amostra foi analisada, isto é, o processo de formação de adolescentes-atletas em clubes de futebol no Brasil foi observado em perspectiva sistêmica, em diferentes níveis, com a participação de diferentes atores e no decorrer do tempo. As conclusões estão apresentadas em comentários sínteses do que foi desenvolvido na seção de resultados e discussões.

Na categoria Pessoa, como perspectiva de análise, compreende-se que ser um grande jogador de futebol é a motivação desses adolescentes para imergirem na trajetória de aprendizagem do futebol, alimentados por aspectos culturais, midiáticos, sociais e econômicos da modalidade no país, além da influência pela prática do futebol por pais, tios e outros familiares. Nessa imersão, carregam consigo seus familiares, cujo apoio é determinante para iniciarem o longo e duro caminho a ser percorrido.

Os relatos das(os) participantes evidenciam que algumas características são determinantes para essa trajetória. E não são apenas características técnicas, relacionadas ao aspecto esportivo, são características psicossociais como resiliência, capacidade de adaptação, disciplina, respeito e motivação intrínseca.

³³Por definição simplista, biópsia consiste em um procedimento em que se retira uma pequena amostra de tecido ou célula, com vistas a diagnosticar possíveis doenças; tendo por objetivo atuar na prevenção ou iniciar tratamentos médicos.

Essas características são necessárias diante das exigências feitas pelo chamado Mundo do Futebol, no processo de formação esportiva de adolescentes. Ser um adolescente-atleta não é ser um adolescente comum, ou normal, nas palavras de alguns participantes. Em termos gerais, significa que esses adolescentes deixam de adolecer, abrem mão de sua adolescência, acelerando e pulando etapas do seu desenvolvimento.

Deixar a casa dos pais ainda na adolescência, manter uma dupla jornada – escola e aprendizagem esportiva, incorporar novos hábitos de alimentação e saúde, privar-se do convívio com amigas(os), namoradas(os), como muitos atletas comentam, fazer isso porque esse é o preço a ser pago pelo sonho que os motiva: serem jogadores de futebol e, dessa forma, mudarem a realidade social e econômica da família. Do outro lado estão pais, mães, irmãs e irmãos que também pagam preços em nome de apoiarem esse sonho, mesmo diante da grandiosa incerteza sobre a sua concretização.

Quanto ao Processo, a coleta de dados permitiu compreender esta categoria sob três vieses. O primeiro deles, pela trajetória esportiva propriamente dita. Escolinhas de futebol ou futsal são os locais nos quais se iniciam essa trajetória. Ao se destacarem, são convidados a participar de peneiras em diferentes clubes, isto é, da etapa de avaliação de atletas; ou, por vezes, são monitorados por olheiros dos clubes, durante competições e treinos de que participam.

A entrada em um clube é difícil e não basta qualidade técnica. Requer da família e do adolescente investir tempo e também dinheiro. Ser aprovado por um clube é um importante passo. Por vezes, essa primeira aprovação ocorre ainda na etapa da iniciação esportiva, outras, somente na etapa da especialização. É um processo que gradativamente tem aumentos nas cargas de treinos, viagens, esforços físicos.

Uma vez integrando a categoria de base de um clube, não há garantia de quanto tempo o adolescente continuará nesse clube. Constantemente estará sob avaliação, podendo ser dispensado em seis meses, um ano ou somente ao fim da etapa da especialização esportiva, na etapa de transição profissional. Se dispensado, inicia-se a saga de encontrar um novo clube. Peneiras, avaliações e, mesmo aprovado, as incertezas de continuidade são as mesmas. Os relatos demonstram, inclusive, que nem mesmo integrar a equipe principal do clube em que se encontra garante que a carreira será duradoura.

Estando num clube, as cobranças aumentam e a avaliação é constante; lesões são comuns e afetam diretamente o desenvolvimento esportivos desses adolescentes que, após se recuperarem, vivem o risco da possível dispensa, em razão do atraso no desenvolvimento.

A trajetória esportiva, como evidenciado, coincide com as idades da trajetória escolar e, por esse motivo, a conciliação dessas duas jornadas é um desafio, sendo que a escolarização, na maioria das vezes, fica em segundo plano. A priorização da carreira futebolística implica no desinteresse ou na não valorização pela formação educacional formal. E mesmo que levada seriamente pelos adolescentes, seu desempenho e frequência escolar são impactados pelas viagens, alto desgaste físico e a falta de incentivo por parte dos responsáveis e também do clube.

A esse contexto, insere-se o distanciamento familiar como componente natural do processo de aprendizagem esportiva em futebol. A necessidade de mudar de cidade, e até mesmo de estado, é da maioria dos adolescentes que, na idealização de seus sonhos, buscam oportunidades em clubes de todo Brasil, resultando em adolescentes que convivem com seus familiares, quando muito, uma vez a cada dois meses e, em alguns casos, duas vezes ao ano.

Adentrando à discussão sobre o contexto da aprendizagem esportiva, temos a vida no alojamento e a rotina nos Centros de Treinamento como principais espaços de interação imediata desses adolescentes-atletas. No lugar dos ambientes familiares, é nos diferentes contextos e ambientes da formação esportiva que eles vivem longos períodos de suas vidas.

Os clubes e demais espaços de formação esportiva desenvolvem atividades e responsabilidades para com o desenvolvimento esportivo, mas também social, emocional, psicológico e educacional. Assim, diferentes projetos e ações de promoção do desenvolvimento integral dos adolescentes devem ou deveriam ser realizados como compromisso dos clubes.

As relações clube-família e clube-escola são fundamentais para amenizar os impactos da trajetória esportiva na convivência familiar e no desenvolvimento educacional dos adolescentes. Não é uma tarefa simples, mas primordial para o desenvolvimento humano desses adolescentes-atletas, vez que são esses os principais microssistemas de suas vidas.

A qualidade das estruturas pode variar para cada clube, assim como a qualidade dos serviços ofertados. Um dos fatores que influencia na qualidade das

estruturas dos clubes é sua certificação ou não como Clube Formador, haja vista que para receber a certificação é necessário atender a critérios estabelecidos pela Confederação Brasileira de Futebol. No entanto, a Certificação de Clube Formador, na fala das(os) participantes, é vista criticamente sob duas perspectivas, ainda que a reconheçam como um importante instrumento: primeiramente, pela compreensão de que os critérios mínimos exigidos pela CBF para certificação não garantem o mínimo necessário para o pleno e saudável desenvolvimento humano; e, segundo, porque clubes apresentam relatórios para a certificação que não traduzem a realidade.

Mesmo sendo a CBF, em conjunto com as Federações Estaduais, a entidade responsável pela CCF, sua atuação e competência diante da formação de futebolistas no Brasil parece ser desconhecida por atletas e seus familiares, tais como apresentou-se nos relatos, e os entrevistados não veem a CBF e as federações estaduais realmente comprometidas com a qualidade das estruturas dos alojamentos, qualidade da participação escolar, dentre outras questões.

No macrossistema, enquanto nível máximo do contexto, vê-se que a formação de atletas de futebol é impactada pelos aspectos sociais, culturais e midiáticos da modalidade no país. Além disso, também são relevantes os aspectos econômicos, os quais, na perspectiva dos participantes, têm sido o principal objetivo da formação de jogadores de futebol no país.

O Estado tem por responsabilidade, expressa nas legislações, fiscalizar e garantir os direitos de crianças e adolescentes. No entanto, no Mundo do Futebol parece haver um contexto de excepcionalidade, em que os direitos desses adolescentes e jovens são flexibilizados ou, até mesmo, inexistentes. Além da negligência para com o direito à educação e à convivência familiar e comunitária, destacada pelos participantes, há também a perspectiva da formação profissional, que embora não presente nos discursos, a bibliografia consultada permitiu verificar que, no âmbito do futebol, não são cumpridas as garantias trabalhistas das legislações que regulamentam a atuação profissional de adolescentes (entre 14 e 16 anos) no país.

Por fim, nos aspectos temporais do processo de aprendizagem esportiva em futebol, temos uma rotina diária de treinos, acompanhada de muitos outros compromissos relacionados à formação futebolística. Rotina essa que se inicia por volta dos 6 ou 7 anos, e que se estende até os 20 anos (enquanto processo de aprendizagem). Nesses cerca de 15 anos, há o aumento gradual das cargas de treino, com maior carga horária, treinos de força e incidência de viagens nas categorias

maiores. Se atingida, a atuação profissional durará aproximadamente de 10 a 15 anos, como os adolescentes entrevistados projetam suas carreiras.

A especialização e a profissionalização precoce decorrem da forma como está estruturada a formação de jogadores de futebol no Brasil em que, mesmo na etapa da iniciação esportiva, garotos já são vistos e avaliados pelos clubes com vistas ao seu potencial de desenvolvimento para atingir altos níveis de rendimento.

Retomando à analogia com o exame de biópsia, após tais diagnósticos apresentados é necessário que os tratamentos ou ações preventivas sejam iniciados. Desse modo, que o presente laudo, ou melhor, o presente trabalho tenha maior significância não em seu conteúdo, mas nos possíveis desdobramentos que dele possam decorrer, seja com outros estudos que possam dar continuidade, aprofundar temas aqui presentes ou que identifiquem as lacunas deste estudo; seja como subsídio para a atuação profissional em diferentes áreas que atuam no contexto da formação esportiva de adolescentes-atletas de futebol. As discussões aqui apresentadas indicam, também, direcionamento para a atuação do Estado em diferentes órgãos, por intermédio de políticas públicas, legislações, programas e projetos de interesse público.

CONTRIBUIÇÕES PRÁTICAS

Para os clubes

Os resultados e discussões apresentados neste trabalho são contribuições para que os clubes estejam mais comprometidos e invistam maiores recursos no acompanhamento do desenvolvimento humano dos adolescentes de suas categorias de base, seja com ampliação de equipe multiprofissional, ou com iniciativas de ações e projetos que promovam a convivência familiar e a priorização da educação, por exemplo.

Diante do exposto os clubes e as entidades futebolísticas são moralmente intimadas à fazerem muito mais que o mínimo exigido pelas leis e regulamentações. Sugere-se a implantação de programas efetivos de convivência familiar e comunitária, bem como ações periódicas de acesso à cultura e lazer; além de um processo de educação não-formal que proporcionem aos adolescentes desenvolvimento de reflexões críticas à cerca da sociedade e de seu próprio processo de formação humana e esportiva.

O cenário nacional dos clubes de futebol brasileiro, presente nos relatos desta pesquisa demonstram que é necessário que a CBF, enquanto órgão máximo do futebol no Brasil, deve agir de forma ativa na fiscalização aos clubes que alojam adolescentes para suas categorias de base; entendo por agir ativamente mais do que fiscalizar os clubes que espontaneamente à procuram para recebem sua certificação, mas, de regulamentar à luz do Estatuto da Criança e do Adolescente regras e sanções a todo e qualquer clube, seja ele certificado como formador ou não.

Para os familiares

Como apresentado, muitos dos responsáveis desconhecem os direitos de seus filhos no processo de aprendizagem do futebol. Dessa forma, espera-se que as discussões aqui existentes sirvam de subsídio para que familiares sejam melhor informados, podendo, assim, reivindicar melhores condições para seus filhos. Pais, mãe e responsáveis, busquem qualificação, isto é, procurem formações sobre as legislações esportivas, direitos de seus filhos e responsabilidades dos clubes.

São os pais que tem a responsabilidade maior sobre a condução das vida de seus filhos; ainda que em condições desfavoráveis diante das pseudo-oportunidades, pais, mães e responsáveis podem e devem exigir dos clubes e das entidades esportivas o cumprimento das legislações, e ao fazerem isso, entendendo que, embora não pareça, a relação entre eles e seus filhos e os clubes são de igual para igual, no que se refere a existência de interesses que dependem um dos outros.

Para os técnicos e demais profissionais do clube

Os técnicos são pilares essenciais no processo de formação esportiva, cuja representação transcende a trajetória esportiva, de forma que têm fundamental importância na formação de valores pessoais e desenvolvimento de habilidades sociais de adolescentes-atletas. Assim, as discussões aqui apresentadas buscam subsidiar e sensibilizar os técnicos e profissionais dos clubes para um olhar sistêmico sobre a formação de atletas.

A formação humana integral destes adolescentes não pode ser entendida como paralela ou conflituosa a formação esportiva, mas complementar. Desta forma, é salutar que os próprios técnicos sejam os protagonistas de iniciativas de ações de acesso à cultura, lazer, convivência familiar e comunitária.

Para os professores

Os adolescentes-atletas realizam uma dupla carreira: ao mesmo tempo em que percorrem a trajetória escolar, também estão na trajetória esportiva, sendo que a última, culturalmente, é priorizada. Diretoras(es), professoras(es), equipe pedagógica escolar em geral, precisam compreender essa realidade e, então, considerá-la no planejamento pedagógico.

Para as políticas públicas

Os resultados aqui apresentados subsidiam reflexões para políticas públicas em diferentes frentes. Na educação, por demonstrar que há, não apenas para o futebol, a necessidade de considerar o contexto de aprendizagem esportiva no contexto escolar. Há de se pensar nas diretrizes da educação, ferramentas que adaptem o currículo às demandas da especialização esportiva, tais como os períodos de viagens, que além das faltas, impactam na perda de conteúdo escolar. Além disso, maior fiscalização e promoção de iniciativas que garantam a convivência familiar desses adolescentes, com melhor regulamentação dos clubes no cumprimento dessas responsabilidades legais.

É imprescindível que os padrões mínimos de qualidade, hoje exigidos somente aos clubes formadores, sejam exigidos de todos os clubes; e que para a certificação dos clubes formadores, os critérios sejam superiores, garantindo assim maiores padrões de serviços ofertados à estes adolescentes, e desta forma honerando mais os clubes diante dos lucros que obtêm por meio da certificação, e portanto, por meio destes adolescentes.

Para o ambiente acadêmico-científico

Esta pesquisa é, dialeticamente, final e início. É final, enquanto caminho e objetivo a que se propôs a percorrer. E é início, enquanto provação para que outros estudos possam dar continuidade e aprofundamento. Para a comunidade acadêmica de estudos correlatos ao fenômeno e à prática esportiva, são apresentadas problematizações e resultados referentes à trajetória esportiva; para a área da Educação, há ainda muito o que aprofundar quanto aos desafios da dupla carreira e do processo de educação formal, no contexto da especialização esportiva; para o Serviço Social, área profissional presente em muitos clubes, apontam-se campos para

pesquisa sobre a atuação profissional nesse contexto, bem como referente aos direitos de crianças, adolescentes e jovens.

A continuidade deste estudo pode ocorrer por diferentes caminhos dentre eles está sua reprodução deslocando a lente de observação, que neste estudo esteve focada nos adolescentes-atletas, para os pais, mães e responsáveis. Pesquisas que se dediquem exclusivamente há elementos de uma das categorias (pessoa, processo, contexto ou tempo) possivelmente revelarão resultados que não vieram à tona nesta pesquisa.

De igual forma, trocar a lente, para a lente de observação de outras áreas de conhecimento para além da educação, como a do Serviço Social (ainda que entendendo que esta lente fora utilizada neste trabalho, ela não foi alente principal), da psicologia, do direito, dentre outras áreas profissionais, contribuirá, certamente para formulação de novas conclusões e indicativos de mudanças na cultura esportiva no Brasil.

Para os profissionais do Serviço Social

Há certamente contribuições que ficam aos pares do profissional que realizou este pesquisa. Antes de tudo, fora a forma com a qual assistentes olham o mundo, que impulsionaram os importantes questionamentos, dos quais desencadearam esta pesquisa. Esta pesquisa, pela problemática social que apresenta, ajuda a preencher uma lacuna presente no Serviço Social, em que pouca há pesquisas ou debates profissionais à cerca das demandas e da importância da atuação profissional de assistentes sociais nos clubes de futebol. Este trabalho evidencia que o Mundo do Futebol, em aspectos de violações e direitos oriundas dos interesses econômicos, não diferente do “mundo real”, e que sendo portanto, um ambiente em que se manifestam expressões da Questão Social, deve ser portanto, objeto de trabalho do Serviço Social.

REFERÊNCIAS

- ALBUQUERQUE, L. R. DE. **O esporte coletivo no contraturno das escolas públicas estaduais de Curitiba-PR: métodos de ensino, perfil de liderança do professor e suas relações com alguns fatores do desenvolvimento humano de alunos/atletas.** 2020. 138 f. Tese (Doutorado em Educação) – Setor de Educação, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2020.
- ALMEIDA, A. C. DA S.; PEDERSEN, J. R. P.; DA SILVA, J. A. **Estatuto da Criança e do Adolescente: os (des)caminhos na efetivação dos direitos de crianças e adolescentes (Statute of Children and Adolescents: the (dis) paths in the children and adolescent's effective protection).** *Emancipação*, [S. l.], v. 20, p. 1–24, 2020. DOI: 10.5212/Emancipacao.v.20.2016513.031.
- ARAÚJO, D.; FONSECA, C.; DAVIDS, K.; GARGANTA, J.; VOLOSISOVITCH, A.; BRANDÃO, R.; KREBS, R. The role of ecological constraints on expertise development. **Talent Development & Excellence**, [S. l.], v. 2, n. 2, p. 165-179, 2010. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/288750954_The_Role_of_Ecological_Constraints_on_Expertise_Development. Acesso em: 15 ago. 2022
- AZEVEDO, K. P. DE. **O trabalho infanto-juvenil no futebol: lei X realidade.** 75 f. Trabalho de Graduação (Bacharelado em Direito) – Departamento de Direito Econômico e do Trabalho, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011.
- BALZANO, O. N.; MUNSBERG, J. A. S.; SILVA, G. F. O pensamento decolonial como alternativa ao “racismo às avessas” no futebol. **Práxis & Saber**, Boyacá, CO, v. 11, n. 27, p. 1, 2020. DOI. 10.19053/22160159.v11.n27.2020.10376.
- BARDIN, L. **Análise de Conteúdo.** Lisboa: Edições 70, 2016.
- BARRETO, P. H. G. **Flexibilização escolar para atletas em formação alojados em centros de treinamento no futebol: um estudo na toca da raposa e na cidade do galo.** 2012. 106 f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Programa de Pós-Graduação em Educação Física, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2012.
- BARRETO, A. DE C. Paradigma sistêmico no desenvolvimento humano e familiar: a teoria bioecológica de Urie Bronfenbrenner. **Psicol. Rev.**, Belo Horizonte, v. 22, n. 2, p. 275-293, ago. 2016. DOI. 10.5752/P.1678-9523.2016V22N2P275.
- BENETTI, I. C.; VIEIRA, M. L.; CREPALDI, M. A.; SCHNEIDER, D. R. Fundamentos da teoria bioecológica de Urie Bronfenbrenner. **Pensando Psicologia**, [S. l.], v. 9, n. 16, p. 89, 2013. DOI. 10.16925/pe.v9i16.620.
- BENGOECHEA, E. G. Integrating knowledge and expanding horizons in developmental sport psychology: a bioecological perspective. **Quest**. [S. l.], v. 54, n. 1, p.1-20, 2002. DOI. 10.1080/00336297.2002.10491763.

BETTEGA, O. B.; MACHADO, J. C. B. P.; SCAGLIA, A. J.; MARQUES FILHO, C. V.; GALATTI, L. R. Formar o treinador e o jogador nas categorias de base do futebol: engendrando na interação e/ou na especificidade? **Movimento**, [S. l.], v. 25, p. e25021, 2019. DOI: 10.22456/1982-8918.88087.

BISCAIA, R. R. **Associação do autoconceito, autoeficácia e qualidade de vida entre escolares de 15 e 17 anos praticantes e não praticantes de futsal em Curitiba**. 2020. 108 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Setor de Educação, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2020.

BOSSLE, F.; DE LIMA, L. O. Entre a formação na escola e a formação como atleta de futebol profissional: prioridades e influências. **Caderno de Educação Física e Esporte**, Marechal Cândido Rondon, v. 11, n. 1, p. 35–43, 2013. Disponível em: <https://e-revista.unioeste.br/index.php/cadernoedfisica/article/view/7539>. Acesso em: 29 jun. 2022.

BRANDÃO, M. R. F. **Equipe nacional de voleibol masculino: um perfil sócio-psicológico à luz da ecologia do desenvolvimento humano**. 1996. 149 f. Dissertação (Mestrado em Educação Física). Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 1996.

BRASIL. Constituição (1988). **Constituição**: República Federativa do Brasil. Brasília, DF: Senado Federal, 1988. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/ConstituicaoCompilado.htm. Acesso em: 26 ago. 2020.

_____. Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. **Portal da Legislação**, Brasília, DF, 13 jul. 1990. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L8069compilado.htm. Acesso em: 26 ago. 2020.

_____. Lei nº 9.615, de 23 de março de 1998. Institui normas gerais sobre desporto e dá outras providências. **Portal da Legislação**, Brasília, DF, 23 mar. 1998. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9615Compilada.htm. Acesso em: 26 ago. 2020.

_____. Lei nº 10.097, de 19 de dezembro de 2000. Altera dispositivos da Consolidação das Leis do Trabalho – CLT. **Portal da Legislação**, Brasília, DF, 19 dez. 2000. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L10097.htm. Acesso em: 26 ago. 2020.

_____. Lei nº 12.395, de 16 de março de 2011. Altera as Leis nº s 9.615, de 24 de março de 1998, que institui normas gerais sobre desporto, e 10.891, de 9 de julho de 2004, que institui a Bolsa-Atleta; cria os Programas Atleta Pódio e Cidade Esportiva; revoga a Lei nº 6.354, de 2 de setembro de 1976; e dá outras providências. **Portal da Legislação**, Brasília, DF, 16 mar. 2011. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2011/lei/l12395.htm. Acesso em: 26 ago. 2020.

_____. Lei nº 12.852, de 05 de agosto de 2013. Institui o Estatuto da Juventude e dispõe sobre os direitos dos jovens, os princípios e diretrizes das políticas públicas de juventude e o Sistema Nacional de Juventude - SINAJUVE. **Portal da Legislação**, Brasília, DF, 5 ago. 2013. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2011-2014/2013/Lei/L12852.htm>. Acesso em: 26 ago. 2020.

BRESSAN, C. R.; GARCIA, M.; MATOS, M. L. DE. Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), direitos formalmente reconhecidos e o sistema de garantias de direitos: três décadas de avanços e a (re)afirmação do “antigo” (Statute of the Child and of the Adolescent (ECA), formally recognized rights and...). **Emancipação**, [S. l.], v. 20, p. 1–22, 2020. DOI. 10.5212/Emancipacao.v.20.2016524.028.

BRONFENBRENNER, U. Ecological models of human development. *In*: **International Encyclopedia of Education**. 2. ed. Oxford: Elsevier, 1994.

BRONFENBRENNER, U. **A ecologia do desenvolvimento humano**: experimentos naturais e planejados. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.

BRONFENBRENNER, U. **Bioecologia do desenvolvimento humano**: tornando os seres humanos mais humanos. Tradutor: André de Carvalho Barreto. Porto Alegre: Artmed, 2011.

BRONFENBRENNER, U.; MORRIS, P. A. The bioecological model of human development. *In*: LERNER, R. M.; DAMON, W. (Ed.). **Handbook of child psychology**: theoretical models of human development. [S. l.], v. 1, p. 793-828, 2007. DOI. 10.1002/9780470147658.chpsy0114.

CARDOSO, M. R. G.; OLIVEIRA, G. S. DE; GHELLI, K. G. M. Análise de conteúdo: uma metodologia de pesquisa qualitativa. **Cadernos da Fucamp**, v. 20, n. 43, p. 98-111, 2021. Disponível em: <https://revistas.fucamp.edu.br/index.php/cadernos/article/view/2347>. Acesso em: 15 ago. 2022.

CAREGNATO, A. F.; SOUZA, D. L. DE; GONÇALVES, C. E.; SILVA, C.; SILVA, M. M.; CAVICHIOLO, F. R. Da diversão entre amigos ao sonho de carreira no futebol: fatores de adesão ao futsal escolar e clubístico. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, [S. l.], v. 33, n. 2, p. 157-171, 2019. DOI. 10.11606/1807-5509201900020157.

CAVALCANTI, E. DE A.; CAPRARO, A. M. Experiências indesejáveis: alguns casos de assédio sexual no futebol. **Movimento**, [S. l.], v. 25, p. e25080, 2019. DOI. 10.22456/1982-8918.85215.

CENTRO DE DEFESA DA CRIANÇA E DO ADOLESCENTE YVES DE ROUSSAN (CEDECA/BA). **A infância entra em campo**: riscos e oportunidades para crianças e adolescentes no futebol. Salvador: CEDECA, 2013.

COELHO, E.; MACHADO, J. M.; SCHUTZ, E. D. S. F. Fatores motivacionais para a prática de futsal e futebol por crianças e adolescentes: uma revisão sistemática. **Revista Brasileira de Futsal e Futebol**, [S. l.], v. 13, n. 55, p. 604, 2021. Disponível em: <https://link.gale.com/apps/doc/A701138326/AONE?u=capes&sid=bookmark-AONE&xid=dcae23bf>. Acesso em: 16 jul. 2022.

CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE FUTEBOL (CBF). **Resolução nº 01**, de 6 de dezembro de 2019. Modifica e substitui as RDPs nº 01/2012 e 04/2015, que estabelecem normas para a emissão do Certificado de Clube Formador (CCF). Disponível em: https://conteudo.cbf.com.br/cdn/202009/20200918145239_131.pdf. Acesso em: 25 nov. 2020.

COPETTI, F. **Estudo exploratório dos atributos pessoais de tenistas**. 153 f. Tese (Doutorado em Ciência do Movimento Humano) - Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2001.

COPETTI, F.; VALENTINI, N.; KNACKFUSS, M.; MEDEIROS, H.; RAMALHO, M. Ruy Jornada Krebs: vida e obra de um educador. **Kinesis**, [S. l.], p.1-15, 2020. DOI. 10.5902/2316546448480.

CORREIA, C. A. J. **Entre a profissionalização e a escolarização**: projetos e campo de possibilidades em jovens atletas do Colégio Vasco da Gama. Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de Educação no Centro de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2014.

CORRÊA, W. H.; ROCHA, A. J. P. DA; BRUN, G.; VAGETTI, G. C.; OLIVEIRA, V. DE. A relação entre autoeficácia e autoconceito em jovens atletas de futebol: uma revisão de escopo. **Pesquisa, Sociedade e Desenvolvimento**, [S. l.], v. 11, n. 2, p. e21211225753, 2022. DOI. 10.33448/rsd-v11i2.25753.

COSCIONI, V.; NASCIMENTO, D. B. DO; ROSA, E. M.; KOLLER, S. H. Theoretical and methodological assumptions of bioecological theory of human development: a research with juvenile offenders treatment facilities. **Psicol. USP**, São Paulo, v. 29, n. 3, p. 63-373, dez. 2018. DOI. 10.1590/0103-656420170115.

CÔTÉ, J. *et al.* Quadro teórico para o desenvolvimento de valores pessoais no processo dinâmico de desenvolvimento pelo esporte. *In*: GALATTI, L. R. *et al.* (Org.) **Múltiplos cenários da prática esportiva**: pedagogia do esporte. Campinas: UNICAMP, 2017. p. 15-40.

CÔTÉ, J. The influence of the family in the development of talent in sports. **The Sports Psychologist**, [S. l.], v. 13, n. 4, p. 395-417, 1999. DOI. 10.1123/tsp.13.4.395.

CÔTÉ, J.; TURNNIDGE, J.; EVANS, B. The dynamic process of development through sport. **Kinesiologia Slovenica**, [S. l.], v. 20, n. 3, p. 14-26, 2014. Disponível em: <https://www.dlib.si/stream/URN:NBN:SI:DOC-78F5K2TW/2b08f4a8-6c0e-4684-b961-e6a79ffbd842/PDF>. Acesso em: 15 ago. 2022.

CÔTÉ, J.; BAKER, J.; ABERNETHY, B. Practice and play in the development of sport expertise. *In*: EKLUND, R. C.; TENENBAUM, G. (Ed.). **Handbook of sport psychology**. 4. ed., [S. l.]: Wiley, 2007. p. 184-202. DOI. 10.1002/9781118270011.ch8.

CÔTÉ, J.; FRASER-THOMAS, J. Youth involvement in sport. *In*: CROCKER, P. R. E. (Ed.). **Sport psychology: A Canadian perspective**. [S. l.]: Pearson Prentice Hall. p. 270-298.

CÔTÉ, J.; HANCOCK, D. Evidence-based policies for youth sport. **International Journal of Sport Policy**, [S. l.], v. 8, n. 1, p. 1-15, 2014. DOI. 10.1080/19406940.2014.919338.

COUTO, H. R. F. DE. **Sport of the oppressed one: utopia and disenchantment in the formation of the soccer athlete**. 2012. 245 f. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Nove de Julho, São Paulo, 2012.

DAMO, A. **Do dom à profissão: a formação de futebolistas no Brasil e na França**. São Paulo: Hucitec, 2007.

FERREIRA, R. C. **A contribuição do serviço social no trabalho com crianças e adolescentes em clubes de futebol**. 2019. Dissertação (Mestrado em Serviço Social e Políticas Sociais) - Universidade Federal de São Paulo, Santos, 2019.

FOLLE, A.; NASCIMENTO, J. V.; GUIMARÃES, J. R. S.; NASCIMENTO, R. K.; MARINHO A.; FARIAS, G. O. Elementos do microsistema esportivo: estudo em contexto de desenvolvimento de atletas de basquetebol. **R. bras. Cien. e Mov**, [S. l.], v.25, n. 3, p. 106-124, 2017. DOI. 10.31501/rbcm.v25i3.8020.

FONTES, R. DE C. DA C.; BRANDAO, M. R. F. A resiliência no âmbito esportivo: uma perspectiva bioecológica do desenvolvimento humano. **Motriz: rev. educ. fis.**, Rio Claro, v. 19, n. 1, p. 151-159, mar. 2013. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1980-65742013000100015&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 16 abr. 2021.

FRACISCO, J. C.; LIMA, A. S.; GROPPPO, L. A. Tramitação e aprovação do Estatuto da Criança e do Adolescente no Congresso Nacional (1989-1990). **Emancipação**, [S. l.], vol. 20, p. 1–21, set. 2020.

FREIRE, J. B. **Pedagogia do Futebol**. 2. ed. Campinas: Autores Associados, 2006.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 43. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

GE – GLOBO ESPORTE. **Veja a situação dos alojamentos das categorias de base dos 20 clubes da série a**. Rio de Janeiro: Rede Globo, 17 fev. 2019. Programa de Televisão.

GIBBS, G. **Análise de dados qualitativos**. Porto Alegre: Artmed, 2009.

GOHN, M. DA G. **Educação não formal e o educador social**: atuação no desenvolvimento de projetos sociais. São Paulo: Cortez, 2013.

GUIMARÃES, R. S. Aspectos fundamentais no ensino do futebol para crianças: considerações iniciais. **EFDeportes.com** (Revista Digital), Buenos Aires, ano 18, n. 187, dez. 2013. Disponível em: <<https://www.efdeportes.com/efd187/aspectos-fundamentais-no-ensino-do-futebol.htm>>. Acesso em: 08 out. 2020.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Práticas de esporte e atividade física**. Rio de Janeiro, 2015. Disponível em: <<https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv100364.pdf>>. Acesso em: 08 out. 2020.

KREBS, R. J. **Urie Bronfenbrenner e a ecologia do desenvolvimento humano**. Santa Maria: Casa Editorial, 1995.

KREBS, R. J.; COPETTI, F.; SERPA, S.; ARAÚJO, D. Disposições pessoais de tenistas jovens: um estudo fundamentado na teoria bioecológica de Bronfenbrenner. **Rev. Bras. Psicol. Esporte**, [S. l.], v. 2, n. 2, p. 1-24, 2008. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S1981-91452008000200004&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 15 ago. 2022.

LARSEN, C. H.; ALFERMANN, D.; HENRIKSEN, K.; CHRISTENSEN, M. K. Successful talent development in soccer: the characteristics of the environment. **Sport, exercise, and performance psychology**, [S. l.], v. 2, n. 3, p. 190-206, 2013. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/260359577_Successful_Talent_Development_in_Soccer_The_Characteristics_of_the_Environment>. Acesso em: 16 abr. 2021.

LUCKWU, R. M.; GUZMÁN, J. F. **Qué determina el compromiso del deportista**: um análisis desde la teoría de la autodeterminación. In: V CONGRESO ASOCIACIÓN ESPAÑOLA DE CENCIAS DEL DEPORTE, 2008, León. El presente estudio tuvo como objetivo analizar la influencia de la motivación sobre el compromiso con la práctica deportiva desde el punto de vista de la teoría de la autodeterminación. León: Universitat de València, 2008.

MACHADO, J. C. P.; BARREIRA, D.; GALATTI, L.; CHOW, J. Y.; GARGANTA, J.; SCAGLIA, A. J. Enhancing learning in the context of street football: a case for nonlinear pedagogy. **Physical Education and Sport Pedagogy**, [S. l.], v. 24, n. 2, p. 176-189, 2019. DOI. 10.1080/17408989.2018.1552674.

MARQUES, M. P.; SAMULSKI, D. M. Análise da carreira esportiva de jovens atletas de futebol na transição da fase amadora para a fase profissional: escolaridade, iniciação, contexto sócio-familiar e planejamento da carreira. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, [S. l.], v. 23, n. 2, p. 103-119, 2009. DOI. 10.1590/S1807-55092009000200002.

MAYRING, P. Qualitative Content Analysis. **Forum Qualitative ozialforschung / Forum: Qualitative Social Research**, v. 1, n. 2, 30 jun. 2000. DOI. 10.17169/fqs-1.2.1089.

MELO, L. B. S. **Formação e escolarização de jogadores de futebol no Estado do Rio de Janeiro**. 2010. 72 f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) - Universidade Gama Filho, Rio de Janeiro, 2010.

MELO, L. B. S. **A dupla carreira do estudante-atleta: as estratégias de conciliação das rotinas no esporte e na escola**. 2018. Tese (Doutorado em Educação física) – Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2018.

MELO, L. B. S.; ROCHA, H. P. A. DA.; COSTA E SILVA, A. L. DA.; SOARES, A. J. G. Jornada escolar versus tempo de treinamento: a profissionalização no futebol e a formação na escola básica. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, [S. l.], v. 38, n. 4, p. 400-406, 2016. DOI. 10.1016/j.rbce.2015.11.003.

MINAYO, M. C. DE S. **O desafio do conhecimento**. 14. ed. São Paulo: Hucitec, 2015. p. 406.

MINAYO, M. C. DE S. Trabalho de Campo: Contexto de observação, interação e descoberta. *In*: MINAYO, M. C. DE S. (Org.). **Pesquisa social - teoria, método e criatividade**. Petrópolis: Vozes, 2016. p. 56-71.

MINAYO, M. C. DE S.; COSTA, A. P. Fundamentos teóricos das técnicas de investigação qualitativa. **Revista Lusófona de Educação**, [S. l.], v. 40, n. 40, p. 142, 2018. Disponível em: <https://revistas.ulusofona.pt/index.php/rleducacao/article/view/6439>. Acesso em: 15 ago. 2022.

MITIĆ P.; NEDELJKOVIĆ, J.; BOJANIĆ, Ž., FRANCEŠKO, M.; MILOVANOVIĆ, I.; BIANCO, A.; DRID, P. Differences in the psychological profiles of elite and non-elite athletes. **Frontiers in Psychology**. [S. l.], v. 12, 2021. DOI. 10.3389/fpsyg.2021.635651.

MORAES, I. F. **Formação de jogadores de futebol no Brasil: da implementação às perspectivas futuras do certificado do clube formador**. 2015. Dissertação (Mestrado em Gestão Desportiva) – Faculdade de Desporto da Universidade do Porto, Porto. 2015.

MORAES, I. F.; BASTOS, F. C.; CARVALHO, M. J. Formação de jogadores de futebol: processo histórico e bases para a evolução no Brasil. **Podium Sport, Leisure and Tourism Review**, [S. l.], v. 5, n. 2, p.148-163, 2016. Disponível em: <http://www.spell.org.br/documentos/ver/43041/formacao-de-jogadores-de-futebol--processo-historico-e--bases-para-a-evolucao-no-brasil->. Acesso em 18 jun. 2021.

MORIN, E. **Os sete sabres necessários à educação do futuro**. São Paulo: Cortez, Brasília: UNESCO, 2000.

NARVAZ, M. G.; KOLLER, S. H. O modelo bioecológico do desenvolvimento humano. *In*: KOLLER, S. H. (Org.). **Ecologia do desenvolvimento humano: Pesquisa e intervenção no Brasil**. São Paulo: Casa do Psicólogo. 2004. p. 51-66.

OLIVEIRA, E. A. DE. **Currículo de formação no futebol**: disposições ecológicas da matriz curricular. 2020. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá, 2020.

OLIVEIRA, E. A. DE; REVERDITO, R. S.; BETTEGA, O. B.; GALATTI, L. R.; SCAGLIA, A. J. Currículo de formação no futebol: interface da Teoria Bioecológica e a pedagogia do esporte, **Corpoconsciência**, [S. l.], v. 21, n. 3, p. 97-108, 2017. Disponível em: <<https://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/corpoconsciencia/article/view/5280>>. Acesso em: 16 abr. 2021.

OLIVEIRA, E. M. DE; BALZANO, O. N.; MORAIS, P. H. N. O perfil dos atletas em transição da fase amadora para a fase profissional, das equipes de Futebol da cidade de Fortaleza, e a relação Escola e Futebol. **RBFF - Revista Brasileira de Futsal e Futebol**, [S. l.], v. 9, n. 33, p. 130-137, 16 jun. 2017. Disponível em: <http://www.rbff.com.br/index.php/rbff/article/view/469>. Acesso em: 20 jun. 2021.

OLIVEIRA, S. R. DE L. **Desenvolvimento humano/esportivo**: um diálogo educativo com professores/técnicos da modalidade luta olímpica. 2017. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2017.

OLIVEIRA, V. **O processo ensino-treinamento da técnica e da tática no basquetebol do Brasil**: um estudo sob a ótica de professores do ensino superior e técnicos de elite. 2007. 358 f. Tese (Doutorado em Educação Física) - Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2007.

OLIVEIRA, V.; PAES, R. R.; VAGETTI, G. C. **Basquetebol – pedagogia, aprendizagem e desenvolvimento**. Recife: Even3 Publicações, 2020.

PEDROZA JÚNIOR, E. T. **História de vida de ex-jogadores profissionais de futebol**: qual o valor da educação formal? 2018. 138 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2018.

PEDROZA JÚNIOR, E. T.; COSTA, M. A. N.; MENEZES, V. G.; KOHL, H. G.; MELO, E. H. R. de. História de vida de ex-jogadores profissionais de futebol em Pernambuco: formação acadêmica versus formação esportiva. **Movimento**, [S. l.], v. 26, p. e26067, 2020. DOI: 10.22456/1982-8918.102789.

PEREIRA, A. M.; SILVA, M. C. Perfil e perspectivas de jogadores das categorias sub-13 e sub-15 de clubes profissionais de futebol de campo da cidade de Pelotas-RS. **RBFF - Revista Brasileira de Futsal e Futebol**, [S. l.], v. 7, n. 25, p. 342-348, 27 jul. 2015. Disponível em: <http://www.rbff.com.br/index.php/rbff/article/view/348>. Acesso em: 15 ago. 2022.

PEREIRA, A. B. Ciência e futebol na pós-modernidade: por uma perspectiva crítica. **Rev. bras. psicol. esporte**, São Paulo, v. 2, n. 2, p. 1-22, dez. 2008. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1981-91452008000200006&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 20 nov. 2020.

PINTO, A. S. **Joia ou gente? opinião de treinadores brasileiros sobre jogadores de futebol da categoria masculino sub-15**. 2018. 110 f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 2018.

POLETTI, M.; KOLLER, S. H. Contextos ecológicos: promotores de resiliência, fatores de risco e de proteção. **Estudos de Psicologia**, Campinas, v. 25, n. 3, p. 405-416, 2008. DOI. 10.1590/S0103-166X2008000300009.

PRATTA, E. M. M.; SANTOS, M. A. DOS. Família e adolescência: a influência do contexto familiar no desenvolvimento psicológico de seus membros. **Psicologia em Estudo** [online] [S. l.], v. 12, n. 2, p. 247-256, 2007. DOI. 10.1590/S1413-73722007000200005.

REVERDITO, R. S. **Pedagogia do esporte e modelo bioecológico do desenvolvimento humano**: indicadores para avaliação de impacto em programa socioesportivo. 2016. 209 f. Tese (Doutorado em Educação Física) - Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2016.

RIBEIRO, A. G. P.; MAOSKI, A. P. C. B.; PAULO, A. C. Identificação dos fatores de influência na formação de jovens futebolistas, segundo a percepção de treinadores de escolinhas de futebol. **RBFF - Revista Brasileira de Futsal e Futebol**, [S. l.], v. 12, n. 50, p. 583-593, 9 maio 2021. Disponível em: <http://www.rbff.com.br/index.php/rbff/article/view/990>. Acesso em:

RIGO, L. C.; DA SILVA, D. V.; RIAL, C. S. DE M. Formação de jogadores em clubes de uma cidade do interior: circulação, escolarização e inserção no futebol profissional. **Movimento** (ESEFID/UFRGS), Porto Alegre, p. 263-274, mar. 2018. DOI. 10.22456/1982-8918.71790.

ROCHA, A. J. P. DA. **Associação do autoconceito, autoeficácia e qualidade de vida de jovens praticantes e não praticantes de basquetebol de Curitiba**. 2020. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2020.

RODRIGUES, F. X. F. **A formação do jogador de futebol no Sport Club Internacional (1997-2002)**. 2003. 199 f. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2003.

ROSA, E. M.; TUDGE, J. Urie Bronfenbrenner's theory of human development: its evolution from ecology to bioecology. **Journal of Family Theory & Review**, [S. l.], n.5, p.243-258, 2013. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/3476636/mod_resource/content/0/Rosa_et_al-2013-Journal_of_Family_Theory_Review.pdf. Acesso em: 16 abr. 2021.

ROSA, M. T. **Educação, formação e desenvolvimento do handebol em Curitiba**: um estudo orientado pelo modelo bioecológico. 2022. 201 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Setor de Educação, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2022.

ROTHER, R. L.; MEJIA, M. R. G. Análise da aplicabilidade da teoria bioecológica do desenvolvimento humano no esporte a partir de uma revisão bibliográfica. **Revista Caderno Pedagógico**, [S. l.], v. 12, n. 3, dez. 2015. Disponível em:

<<http://www.univates.br/revistas/index.php/cadped/article/view/981>>. Acesso em: 16 abr. 2021.

SALES, A. **Educação e as categorias de base**. [S. l.], 2019. Relatório. Disponível em: <<https://industriadebase.com/relat%C3%B3rio-educa%C3%A7%C3%A3o-e-as-categorias-de-base-135cde4820c>>. Acesso em: 20 nov. 2020.

SALOMÃO, R. L.; OTTONI, G. P; BARREIRA, C. R. A. Atletas de base de futebol: a experiência de viver em alojamento. **Psico-USF**, Bragança Paulista, v. 19, n. 3, p. 443-455, set./dez. 2014. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pusf/a/WXbkX9dkVgyMnbB6NnkQvDf/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 20 jun. 2021.

SAMPIERI, R. H.; COLLADO, C. F.; LUCIO, M. P. B. **Metodologia de pesquisa**. 5. ed. Porto Alegre: Penso. 2013.

SANTOS, A. S. DOS. **Desenvolvimento humano e educação esportiva: um diagnóstico da trajetória de atletas da modalidade de atletismo da cidade de Paranavaí - PR**. 2016. 191 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2016.

SANTOS, A. J. B. DOS. **Ecology of practice of youth male soccer athletes**. Tese (Doutorado) - Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física, Coimbra, 2014.

SANTOS, F. X. **O valor da educação na formação do jovem atleta para o futebol profissional em Recife**. 2010. 197 f. Dissertação (Mestrado) – Centro de Educação, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2010.

SANTOS, A. S. DOS; GOMES, F. R. H.; BICHELS, A.; GOMES, A. C.; VAGETTI, G. C.; OLIVEIRA, V. Teoria Bioecológica aplicada ao esporte: uma revisão integrativa. **Revista Brasileira de Psicologia do Esporte**, [S. l.], v. 9, n. 3, 2019. DOI. 10.31501/rbpe.v9i3.11358.

SANTOS, A. S. DOS; VAGETTI, G. C.; OLIVEIRA, V. DE. **Atletismo: desenvolvimento humano e aprendizagem esportiva**. Curitiba: Appris Editora (Coleção Educação Física e Esporte), 2017, 213 p.

SANTOS, S. S. C.; HAMMERSCHMIDT, K. S. DE A. A complexidade e a religação de saberes interdisciplinares: contribuição do pensamento de Edgar Morin. **Rev. bras. enferm.**, Brasília, v. 65, n. 4, p. 561-565, Ago. 2012. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-71672012000400002&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 13 set. 2020.

SCAGLIA, A. J. Pedagogia do Futebol: Construindo um currículo de formação para iniciação ao futebol. *In*: TOLEDO, E.; NISTA-PICCOLO, V. (Org.). **Abordagens pedagógicas do esporte: modalidades convencionais e não convencionais**. 1. ed. Campinas: Papyrus, 2014, p. 273-317.

SEGNINI, L. R. P. Educação e trabalho: uma relação tão necessária quanto insuficiente. **São Paulo em Perspectiva**, São Paulo, v. 14, n. 2, p. 72-81, abr./ jun. 2000. DOI. 10.1590/S0102-88392000000200011.

SILVA, T. T. **Documentos de identidade**: uma introdução às teorias de currículo. 3. ed. [S. l.]: Editora Autêntica. 2010.

SINDICATO NACIONAL DOS AUDITORES FISCAIS DO TRABALHO (SINAIT). **Manual da aprendizagem profissional**: o que é preciso saber para contratar o aprendiz. 1. ed. Brasília: SINAIT, 2019. Disponível em: https://sinait.org.br/arquivos/publicacoes/Publicacao_110.pdf. Acesso em: 15 ago. 2022.

SOARES, A. J. G.; MELO, L. B. S. DE.; COSTA, F. R. DE.; BARTHOLO, T. L.; BENTO, J. O. Jogadores de futebol no Brasil: mercado, formação de atletas e escola. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte** [online], [S. l.], v. 33, n. 4, p. 905-921, 2011. DOI. 10.1590/S0101-32892011000400008.

SOUZA, C. A. M. DE; VAZ, A. F.; BARTHOLO, T. L.; SOARES, A. J. G. Difícil reconversão: futebol, projeto e destino em meninos brasileiros. **Horizontes Antropológicos**, [S. l.], v. 14, n. 30, p. 85-111, 2008. DOI.10.1590/S0104-71832008000200004.

SOUZA, I. S.; VICENTINI, L.; MARQUES, R. F. R. As múltiplas facetas da participação esportiva: contribuições de Jean Côté e colaboradores. **Quaderns de Psicologia**, [S. l.], v. 22, n. 3, p. e1547, 2020. DOI. 10.5565/rev/qpsicologia.1547.

SQUARCINI, C. F. R.; SILVA, R. B. DA; MOREL, M. Fatores motivacionais para praticar de futebol por adolescentes: um estudo de caso. **RBFF - Revista Brasileira de Futsal e Futebol**, [S. l.], v. 11, n. 45, p. 455-461, 19 abr. 2020. Disponível em: <http://www.rbff.com.br/index.php/rbff/article/view/754>. Acesso em: 15 ago. 2022.

SZEREMETA, T.; OLIVEIRA, V.; GASPAROTTO, G. S.; SANTOS, A. S.; GOMES, G. F.; BICHELS, A.; SIKORA, G.; ARRUDA, M. L.; VAGETTI, G. C. A carreira esportiva sob o modelo bioecológico de Bronfenbrenner: construção e validação interna de instrumento avaliativo. *In*: GRILLO, R. M.; SWERTS, M. M. **Educação física e ciência do esporte**: uma abordagem interdisciplinar. Guarujá, SP: Científica Digital, 2020, p. 13 – 27.

TEQUES, P.; CALMEIRO, L.; ROSADO, A.; SILVA, C.; SERPA, S. Perceptions of parenting practices and psychological variables of elite and sub-elite youth athletes. **Frontiers in Psychology**. [S. l.], v. 10, 2019. DOI. 10.3389/fpsyg.2019.01495.

THIENGO, C. R. **Os saberes e o processo de formação de futebolistas no São Paulo Futebol Clube**. 2011. 284 f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) - Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 2011.

THIENGO, C. R.; HUNGER, D.; OLIVEIRA, F. I. O talento e dom sob a perspectiva da abordagem configuracional no futebol. *In*: SIMPÓSIO DE ESTUDOS SOBRE FUTEBOL, 1, 2010, São Paulo. **Anais...** São Paulo: Museu do futebol, 2010. P. 88. Disponível em:

<https://dados.museudofutebol.org.br/#/tipo:acervo/581451,Talento%20e%20dom%20sob%20a%20perspectiva%20da%20abordagem%20configuracional%20no%20futebol>. Acesso em: 15 ago. 2022.

TONELO, F. T. **Peneiras no futebol**: um estudo de revisão sistemática. 2018. 40 f. Monografia (Licenciatura em Educação Física) - Escola de Educação Física, Fisioterapia e Dança, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2018.

TULESKI, A. N. R.; SHIMANOE, C. R. O trabalho infantil e os direitos trabalhistas do jogador de futebol menor de idade. **Revista Capital Científico - Eletrônica**, [S. l.], v. 11, n. 2, p. 128-141, 2013. Disponível em: <https://revistas.unicentro.br/index.php/capitalcientifico/article/view/2477>. Acesso em: 15 ago. 2022.

TURNNIDGE, J.; HANCOCK, D.; CÔTÉ, J. The influence of birth date and place of development on youth sport participation. **Scandinavian journal of medicine & Science in sports**, [S. l.], v. 24, n. 2, p. 461- 468, 2014. DOI. 10.1111/sms.12002.

VALLERAND, R. J. On the psychology of passion: in search of what makes people's lives most worth living. **Canadian Psychology / Psychologie Canadienne**, [S. l.], v. 49, n. 1, p. 1–13, 2008. DOI. 10.1037/0708-5591.49.1.1.

VAUGHAN, J.; MALLETT, C. J.; DAVIDS, K.; POTRAC, P.; LÓPEZ-FELIP, M. A. Developing creativity to enhance human potential *In* Sport: a wicked transdisciplinary challenge. **Front. Psychol.**, [S. l.], n. 10, 2090, p 1-16, 2019. DOI. 10.3389/fpsyg.2019.02090.

WYLLEMAN, P.; ALFERMANN, D.; LAVALLEE, D. Career transitions in sport: European perspectives. **Psychology of Sport and Exercise**, [S. l.], v. 5, p. 7-20. 2004. Disponível em: <<https://www.sciencedirect.com/science/article/abs/pii/S1469029202000493>>. Acesso em: 03 nov. 2020.

YIN, R. K. **Pesquisa qualitativa do início ao fim**. Porto Alegre: Penso, 2016. e-PUB.

APÊNDICE A - MATRIZ ANALÍTICA

OBJETIVO GERAL DA PESQUISA	OBJETIVOS ESPECÍFICOS DA PESQUISA	CATEGORIAS DE ANÁLISE DA PESQUISA	INDICADORES GERAIS DA PESQUISA	ELEMENTOS GERAIS DA PESQUISA	PARTICIPANTES DA ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA	QUESTÕES
Compreender como ocorrem os processos educacionais, formativos e de desenvolvimento em adolescentes-atletas de futebol.	Analisar aspectos processuais, pessoais, contextuais e temporais do desenvolvimento humano de adolescentes na fase da aprendizagem em nível especialização em futebol no contexto de um Clube de futebol;	Pessoa Processo Contexto Tempo	Disposições Recurso Demanda Trajetória Esportiva Aspectos Educacionais Aspectos Sociofamiliares Microsistema Mesossistema Exossistema Macrossistema Microtempo Mesotempo Macrotempo	Aspectos relacionados ao processo de aprendizagem esportiva em futebol nos diferentes contextos da trajetória esportiva do adolescente-atleta de futebol.	3 adolescentes-atletas 4 pais/mães/ responsáveis por adolescentes-atletas 2 técnicos 2 profissionais do clube formador 1 profissional da escola em que estudam os adolescentes-atletas	Apêndices E, F, G e H.

OBJETIVO GERAL DA PESQUISA	OBJETIVOS ESPECÍFICOS DA PESQUISA	CATEGORIAS DE ANÁLISE DA PESQUISA	INDICADORES GERAIS DA PESQUISA	ELEMENTOS GERAIS DA PESQUISA	PARTICIPANTES DA ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA	QUESTÕES
Compreender como ocorrem os processos educacionais, formativos e o desenvolvimento de adolescentes-atletas de futebol sob a ótica do modelo bioecológico de Urie Bronfenbrenner.	Compreender a Bioecologia do processo de formação de atletas de futebol no Brasil, em sua relação com a Doutrina da Proteção Integral	Processo	Trajetória Esportiva Aspectos Educacionais Aspectos Sociofamiliares	A trajetória esportiva de adolescentes-atletas e sua relação com aspectos educacionais e sociofamiliares	3 adolescentes-atletas 4 pais/mães/ responsáveis por adolescentes-atletas 2 técnicos 2 profissionais do clube formador 1 profissional da escola em que estudam os adolescentes-atletas	Apêndices E, F, G e H.
Compreender como ocorrem os processos educacionais, formativos e o desenvolvimento de adolescentes-atletas de futebol sob a ótica do modelo bioecológico de Urie Bronfenbrenner	Descrever as relações interpessoais presentes na aprendizagem esportiva dos adolescentes-atletas de 13 a 17 anos em um clube de futebol.	Pessoa Processo	Disposições Recurso Demanda Trajetória Esportiva Aspectos Educacionais Aspectos Sociofamiliares	Atributos pessoais e relações interpessoais de adolescentes-atletas durante a trajetória de aprendizagem esportiva em futebol.	3 adolescentes-atletas 4 pais/mães/ responsáveis por adolescentes-atletas 2 técnicos 2 profissionais do clube formador 1 profissional da escola em que estudam os adolescentes-atletas	Apêndices E, F, G e H.

Fonte: o Autor (2022), adaptado de Oliveira (2007).

**APÊNDICE B – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO
FAMÍLIA DE ATLETAS DE CLUBE DE SÉRIE A**

Nós, Professor Dr. Valdomiro Oliveira e Leoncio Santiago, mestrando pela Universidade Federal do Paraná no setor da Educação na linha de pesquisa: Cognição, Aprendizagem e Desenvolvimento Humano, convidamos você, familiar de adolescente/atleta vinculado com formação esportiva das categorias Sub 15 e/ou Sub 17 em um clube de futebol da série A à participar de um estudo intitulado de **“EDUCAÇÃO E FORMAÇÃO DE ADOLESCENTES-ATLETAS DE FUTEBOL: UM ESTUDO ORIENTADO PELA PERSPECTIVA BIOECOLÓGICA DE URIE BRONFENBRENNER.”**. A sua participação é fundamental para compreendermos como ocorre os processos educacionais, formativos e o desenvolvimento de adolescentes-atletas de futebol sob a ótica do modelo bioecológica de Urie Bronfenbrenner. Por gentileza leia com a atenção esse termo e ao final decida participará da pesquisa.

A) O objetivo da pesquisa é compreender como ocorre os processos educacionais, formativos e o desenvolvimento de adolescentes-atletas de futebol.

B) Caso você aceite participar da pesquisa, deverá responder ao o roteiro de entrevista semiestruturada para compreender como ocorre os processos educacionais, formativos e o desenvolvimento de adolescentes-atletas de futebol sob a ótica do modelo bioecológica de Urie Bronfenbrenner.

C) Para tanto podemos ter dois cenários devido a Pandemia da COVID – 19:

1º Cenário: Se no momento da aplicação dos questionários e da entrevista, devido as medidas restritivas para o controle da pandemia da COVID – 19 e o distanciamento social que estas medidas requerem, iremos utilizar a plataforma eletrônica Google Meet ou zoom meet, ou seja, as aplicações serão feitas remotamente conforme datas e horários previamente estabelecidos e que o ambiente selecionado por você seja tranquilo para que não haja interrupções durante a aplicação dos questionários e entrevistas. O preenchimento dos questionários levará entre 10 e 15 minutos e a entrevista aproximadamente 60 minutos. Este mesmo

procedimento será utilizado no caso de você não residir em Curitiba-PR, caso aceite assim participar.

2º cenário: Se no momento da aplicação dos questionários e da entrevista já tenhamos o retorno das atividades presenciais e você se sinta confortável para que esta aplicação seja presencial, deverá comparecer na Rua Rockefeller, 57 – 2º andar – Sala 242, Campus Rebouças – Universidade Federal do Paraná – Curitiba – PR para uso de uma das salas do Programa de Pós-Graduação da UFPR ou escolher outro local que mais lhe agrade nas datas e horários agendados, sendo que todas as medidas sanitárias necessárias para este momento serão tomadas, como a utilização de máscaras, distância de 1,5 metros, a disponibilidade de álcool em gel no local da aplicação dos questionários e entrevistas, entre outras medidas que estiverem em vigor. O preenchimento dos questionários levará entre 10 e 15 minutos e a entrevista aproximadamente 60 minutos.

Seja com aplicação da entrevista de forma remota ou presencial, ferramentas de gravação de áudio, chamadas e/ou vídeo serão utilizadas para registrar o conteúdo das entrevistas, e o registro por escrito ou digital para os demais instrumentos. Estando os participantes cientes de que esse registro será utilizado unicamente para fins desta pesquisa.

D) É possível que você experimente algum tipo de desconforto, principalmente relacionado a algumas questões sobre questões relacionadas ao desempenho de sua atuação profissional nas etapas e fases de aprendizagem do futebol. Caso se sinta incomodado, tem o direito de não responder, bem como, qualquer outro questionamento que o leve a sentir-se desconfortável.

E) Alguns riscos relacionados ao estudo podem ser vinculados a entrevista, mesmo que por menores que sejam, podem causar constrangimento ao entrevistado. Caso isso ocorra durante a sua participação, terá o seu direito assegurado, quanto a recusa, interrupção imediata ou não continuidade de sua participação na pesquisa.

F) Os benefícios esperados com essa pesquisa incluem possibilitar a orientação para novos contextos para o processo de aprendizagem do futebol no âmbito de clubes de futebol tendo vista aspectos do desenvolvimento humano de adolescentes, além de possibilitar reflexões e discussões para novos trabalhos científicos relacionados a modalidade futebol. Nem sempre você será diretamente

beneficiado com o resultado da pesquisa, mas poderá contribuir para o avanço científico.

G) Os pesquisadores, Prof. Dr. Valdomiro Oliveira, orientador desta pesquisa, e seu aluno de mestrado Leoncio Santiago, são responsáveis por este estudo e pelo tratamento das informações, poderão ser contatados pelos endereços eletrônicos: leonciosantiago.ls@gmail.com (Leoncio) ou voliveira@ufpr.br (Valdomiro), pelos telefones: (041) 99641-8061 (Leoncio) em qualquer horário e dia da semana, ou (041) 3360-4328 (Valdomiro) em horário comercial, ou ainda nos endereços comerciais (se tivermos o retorno das atividades presenciais): Rua Gal. Carneiro, 460, 1º andar, Reitoria da UFPR, Ed. D. Pedro I, CEP: 80.060-150, Curitiba-PR, de segunda a sexta-feira, das 13h30 às 17h00, ou na Rua Coração de Maria, 92, Departamento de Educação Física, Jardim Botânico, CEP 80215-370, Curitiba-PR, em horário comercial, de segunda a sexta-feira, para esclarecer eventuais dúvidas que você possa ter e fornecer-lhe as informações que queira, antes, durante ou depois de encerrado o estudo.

H) A participação nesta pesquisa é voluntária e se não quiser mais fazer parte da pesquisa poderá desistir a qualquer momento e solicitar que lhe devolvam o termo de consentimento livre e esclarecido assinado.

I) As informações relacionadas ao estudo poderão ser conhecidas apenas por pessoas autorizadas: pesquisador principal, Valdomiro de Oliveira e seu orientando Leoncio Santiago. No entanto, se qualquer informação for divulgada em relatório ou publicação científica, o nome seu nome não será revelado, e sim substituído por um código ou nome fictício, respeitando-se completamente o seu anonimato.

J) O material obtido com os questionários e nas entrevistas (áudio e vídeos) serão utilizados unicamente para essa pesquisa e serão destruídas/descartadas logo após o término do estudo, dentro de 5 anos.

K) As despesas necessárias para a realização da pesquisa não são de sua responsabilidade e o você não receberá qualquer valor em dinheiro pela participação na pesquisa. Entretanto, caso seja necessário seu deslocamento até o local do estudo os pesquisadores asseguram o ressarcimento dos seus gastos com transporte (Item II. 21, e item IV.3, sub-item g, Resol. 466/2012).

L) Quando os resultados forem publicados, não aparecerá o seu nome, e sim um código.

M) Se você tiver dúvidas sobre seus direitos como participante de pesquisa, você pode contatar também o Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos (CEP/SD) do Setor de Ciências da Saúde da Universidade Federal do Paraná, pelo e-mail cometica.saude@ufpr.br e/ou telefone 3360-7259 das 8:30h às 11:00h e das 14:00h às 16:00h. O Comitê de Ética em Pesquisa é um órgão colegiado multi e transdisciplinar, independente, que existe nas instituições que realizam pesquisa envolvendo seres humanos no Brasil e foi criado com o objetivo de proteger os participantes de pesquisa, em sua integridade e dignidade, e assegurar que as pesquisas sejam desenvolvidas dentro dos padrões éticos (Resolução nº 466/12 Conselho Nacional de Saúde).

Eu, _____ li esse termo de consentimento e compreendi a natureza e objetivo do estudo do qual fui convidado a participar. A explicação que recebi menciona benefícios. Eu entendi que sou livre para interromper minha participação a qualquer momento sem justificar minha decisão e sem qualquer prejuízo para mim.

OBRIGADO PELA SUA COLABORAÇÃO.

Curitiba, ____ de _____ de 2021/2022.

Assinatura do Participante

Assinatura do Pesquisador

**APÊNDICE C – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO
PROFISSIONAIS DE CLUBE DE SÉRIE A E/OU PROFISSIONAIS DE ESCOLAS**

Nós, Professor Dr. Valdomiro Oliveira e Leoncio Santiago, mestrando pela Universidade Federal do Paraná no setor da Educação na linha de pesquisa: Cognição, Aprendizagem e Desenvolvimento Humano, convidamos você, profissional que atua com formação esportiva das categorias Sub 15 e/ou Sub 17 em um clube de futebol da série A e/ou Profissional de Escola em que adolescentes-atletas vinculados ao processo de especialização esportiva de clube de futebol da Série A estudam a participar de um estudo intitulado de **“EDUCAÇÃO E FORMAÇÃO DE ADOLESCENTES-ATLETAS DE FUTEBOL: UM ESTUDO ORIENTADO PELA PERSPECTIVA BIOECOLÓGICA DE URIE BRONFENBRENNER.”**. A sua participação é fundamental para compreendermos como ocorre os processos educacionais, formativos e o desenvolvimento de adolescentes-atletas de futebol. Por gentileza leia com a atenção esse termo e ao final decida participará da pesquisa.

A. O objetivo da pesquisa é compreender como ocorre os processos educacionais, formativos e o desenvolvimento de adolescentes-atletas de futebol.

B. Caso você aceite participar da pesquisa, deverá responder ao roteiro de entrevista semiestruturada para compreender como ocorre os processos educacionais, formativos e o desenvolvimento de adolescentes-atletas de futebol.

C. Para tanto podemos ter dois cenários devido a Pandemia da COVID – 19:

1º Cenário: Se no momento da aplicação dos questionários e da entrevista, devido as medidas restritivas para o controle da pandemia da COVID – 19 e o distanciamento social que estas medidas requerem, iremos utilizar a plataforma eletrônica Google Meet ou zoom meet, ou seja, as aplicações serão feitas remotamente conforme datas e horários previamente estabelecidos e que o ambiente selecionado por você seja tranquilo para que não haja interrupções durante a aplicação dos questionários e entrevistas. O preenchimento dos questionários levará entre 10 e 15 minutos e a entrevista aproximadamente 60 minutos. Este mesmo procedimento será utilizado no caso de você não residir em Curitiba-PR, caso aceite assim participar.

2º cenário: Se no momento da aplicação dos questionários e da entrevista já tenhamos o retorno das atividades presenciais e você se sinta confortável para que esta aplicação seja presencial, deverá comparecer na Rua Rockefeller, 57 – 2º andar – Sala 242, Campus Rebouças – Universidade Federal do Paraná – Curitiba – PR para uso de uma das salas do Programa de Pós-Graduação da UFPR ou escolher outro local que mais lhe agrade nas datas e horários agendados, sendo que todas as medidas sanitárias necessárias para este momento serão tomadas, como a utilização de máscaras, distância de 1,5 metros, a disponibilidade de álcool em gel no local da aplicação dos questionários e entrevistas, entre outras medidas que estiverem em vigor. O preenchimento dos questionários levará entre 10 e 15 minutos e a entrevista aproximadamente 60 minutos.

Seja com aplicação da entrevista de forma remota ou presencial, ferramentas de gravação de áudio, chamadas e/ou vídeo serão utilizadas para registrar o conteúdo das entrevistas, e o registro por escrito ou digital para os demais instrumentos. Estando os participantes cientes de que esse registro será utilizado unicamente para fins desta pesquisa.

D. É possível que você experimente algum tipo de desconforto, principalmente relacionado a algumas questões sobre questões relacionadas ao desempenho de sua atuação profissional nas etapas e fases de aprendizagem do futebol. Caso se sinta incomodado, tem o direito de não responder, bem como, qualquer outro questionamento que o leve a sentir-se desconfortável.

E. Alguns riscos relacionados ao estudo podem ser vinculados a entrevista, mesmo que por menores que sejam, podem causar constrangimento ao entrevistado. Caso isso ocorra durante a sua participação, terá o seu direito assegurado, quanto a recusa, interrupção imediata ou não continuidade de sua participação na pesquisa.

F. Os benefícios esperados com essa pesquisa incluem possibilitar a orientação para novos contextos para o processo de aprendizagem do futebol no âmbito de clubes de futebol tendo vista aspectos do desenvolvimento humano de adolescentes, além de possibilitar reflexões e discussões para novos trabalhos científicos relacionados a modalidade futebol. Nem sempre você será diretamente

beneficiado com o resultado da pesquisa, mas poderá contribuir para o avanço científico.

G. Os pesquisadores, Prof. Dr. Valdomiro Oliveira, orientador desta pesquisa, e seu aluno de mestrado Leoncio Santiago, são responsáveis por este estudo e pelo tratamento das informações, poderão ser contatados pelos endereços eletrônicos: leonciosantiago.ls@gmail.com (Leoncio) ou voliveira@ufpr.br (Valdomiro), pelos telefones: (041) 99641-8061 (Leoncio) em qualquer horário e dia da semana, ou (041) 3360-4328 (Valdomiro) em horário comercial, ou ainda nos endereços comerciais (se tivermos o retorno das atividades presenciais): Rua Gal. Carneiro, 460, 1º andar, Reitoria da UFPR, Ed. D. Pedro I, CEP: 80.060-150, Curitiba-PR, de segunda a sexta-feira, das 13h30 às 17h00, ou na Rua Coração de Maria, 92, Departamento de Educação Física, Jardim Botânico, CEP 80215-370, Curitiba-PR, em horário comercial, de segunda a sexta-feira, para esclarecer eventuais dúvidas que você possa ter e fornecer-lhe as informações que queira, antes, durante ou depois de encerrado o estudo.

H. A participação nesta pesquisa é voluntária e se não quiser mais fazer parte da pesquisa poderá desistir a qualquer momento e solicitar que lhe devolvam o termo de consentimento livre e esclarecido assinado.

I. As informações relacionadas ao estudo poderão ser conhecidas apenas por pessoas autorizadas: pesquisador principal, Valdomiro de Oliveira e seu orientando Leoncio Santiago. No entanto, se qualquer informação for divulgada em relatório ou publicação científica, o nome seu nome não será revelado, e sim substituído por um código ou nome fictício, respeitando-se completamente o seu anonimato.

J. O material obtido com os questionários e nas entrevistas (áudio e vídeos) serão utilizados unicamente para essa pesquisa e serão destruídas/descartadas logo após o término do estudo, dentro de 5 anos.

K. As despesas necessárias para a realização da pesquisa não são de sua responsabilidade e o você não receberá qualquer valor em dinheiro pela participação na pesquisa. Entretanto, caso seja necessário seu deslocamento até o local do estudo os pesquisadores asseguram o ressarcimento dos seus gastos com transporte (Item II. 21, e item IV.3, subitem g, Resol. 466/2012).

L. Quando os resultados forem publicados, não aparecerá o seu nome, e sim um código.

M. Se você tiver dúvidas sobre seus direitos como participante de pesquisa, você pode contatar também o Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos (CEP/SD) do Setor de Ciências da Saúde da Universidade Federal do Paraná, pelo e-mail cometica.saude@ufpr.br e/ou telefone 3360-7259 das 8:30h às 11:00h e das 14:00h às 16:00h. O Comitê de Ética em Pesquisa é um órgão colegiado multi e transdisciplinar, independente, que existe nas instituições que realizam pesquisa envolvendo seres humanos no Brasil e foi criado com o objetivo de proteger os participantes de pesquisa, em sua integridade e dignidade, e assegurar que as pesquisas sejam desenvolvidas dentro dos padrões éticos (Resolução nº 466/12 Conselho Nacional de Saúde).

Eu, _____ li esse termo de consentimento e compreendi a natureza e objetivo do estudo do qual fui convidado a participar. A explicação que recebi menciona benefícios. Eu entendi que sou livre para interromper minha participação a qualquer momento sem justificar minha decisão e sem qualquer prejuízo para mim.

OBRIGADO PELA SUA COLABORAÇÃO.

Curitiba, ____ de _____ de 2020.

Assinatura do Participante

Assinatura do Pesquisador

APÊNDICE D -TERMO DE ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO DOS ADOLESCENTES-ATLETAS

Título da Pesquisa: EDUCAÇÃO E FORMAÇÃO DE ADOLESCENTES-ATLETAS DE FUTEBOL: UM ESTUDO ORIENTADO PELA PERSPECTIVA BIOECOLÓGICA DE URIE BRONFENBRENNER.

Pesquisador responsável: Prof. Dr. Valdomiro de Oliveira

Local da Pesquisa: Podemos ter dois cenários devido a Pandemia da COVID – 19:

1º Cenário: Se no momento da aplicação dos questionários e da entrevista, devido as medidas restritivas para o controle da pandemia da COVID – 19 e o distanciamento social que estas medidas requerem, iremos utilizar a plataforma eletrônica Google Meet ou zoom meet, ou seja, as aplicações serão feitas remotamente conforme datas e horários previamente estabelecidos e que o ambiente selecionado por você seja tranquilo para que não haja interrupções durante a aplicação dos questionários e entrevistas. O preenchimento dos questionários levará entre 10 e 15 minutos e a entrevista aproximadamente 60 minutos. Este mesmo procedimento será utilizado no caso de você não residir em Curitiba-PR, caso aceite assim participar.

2º cenário: Se no momento da aplicação dos questionários e da entrevista já tenhamos o retorno das atividades presenciais e você se sinta confortável para que esta aplicação seja presencial, deverá comparecer na Rua Rockefeller, 57 – 2º andar – Sala 242, Campus Rebouças – Universidade Federal do Paraná – Curitiba – PR para uso de uma das salas do Programa de Pós-Graduação da UFPR ou escolher outro local que mais lhe agrade nas datas e horários agendados, sendo que todas as medidas sanitárias necessárias para este momento serão tomadas, como a utilização de máscaras, distância de 1,5 metros, a disponibilidade de álcool em gel no local da aplicação dos questionários e entrevistas, entre outras medidas que estiverem em vigor. O preenchimento dos questionários levará entre 10 e 15 minutos e a entrevista aproximadamente 60 minutos.

O que significa assentimento?

- a) Assentimento significa que você, menor de idade, concorda em fazer parte de uma pesquisa.
- b) Depois de compreender do que se trata o estudo e se concordar em participar dele você pode assinar este documento.
- c) Nós te asseguramos que você terá todos os seus direitos respeitados e receberá todas as informações sobre o estudo, por mais simples que possam parecer.
- d) Pode ser que este documento DENOMINADO TERMO DE ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO contenha palavras que não entenda. Por favor, peça ao responsável pela pesquisa ou a equipe do estudo para explicar qualquer palavra ou informação, que você não entenda claramente.

Informação ao participante:

- e) Você está sendo convidado (a), a participar de uma pesquisa com o objetivo de compreender como ocorre os processos educacionais, formativos e o desenvolvimento de adolescentes-atletas de futebol.
- f) Esta pesquisa será importante porque, a partir dela, pretende-se compreender como ocorre os processos educacionais, formativos e o desenvolvimento de adolescentes-atletas de futebol.
- g) Os benefícios esperados com essa pesquisa incluem possibilidade de orientação para novas políticas públicas e privadas que visem a continuação da modalidade de futebol nos clubes, além de possibilitar reflexões e discussões para novos trabalhos científicos relacionados a modalidade futebol. Nem sempre o adolescente será diretamente beneficiado com o resultado da pesquisa, mas poderá contribuir para o avanço científico.
- h) Alguns riscos relacionados ao estudo podem ser vinculados a entrevista, mesmo que por menores que sejam, podem causar constrangimento ao entrevistado.

Caso isso ocorra durante a sua participação, terá o seu direito assegurado, quanto a recusa, interrupção imediata ou não continuidade de sua participação na pesquisa.

A entrevista será agendada em data e horário que melhor atender a disponibilidade da/o participante. Quanto ao local e forma de realização da entrevista dois cenários serão considerados:

1º Cenário: Se no momento da aplicação dos questionários e da entrevista, devido as medidas restritivas para o controle da pandemia da COVID – 19 e o distanciamento social que estas medidas requerem, iremos utilizar a plataforma eletrônica Google Meet ou zoom meet, ou seja, as aplicações serão feitas remotamente conforme datas e horários previamente estabelecidos e que o ambiente selecionado por você seja tranquilo para que não haja interrupções durante a aplicação dos questionários e entrevistas. O preenchimento dos questionários levará entre 10 e 15 minutos e a entrevista aproximadamente 60 minutos. Este mesmo procedimento será utilizado no caso da/o participante não residir em Curitiba-PR, caso o mesmo aceite assim participar.

2º cenário: Se no momento da aplicação dos questionários e da entrevista já tenhamos o retorno das atividades presenciais e a/o participante se sinta confortável para que esta aplicação seja presencial, deverá comparecer na Rua Rockefeller, 57 – 2º andar – Sala 242, Campus Rebouças – Universidade Federal do Paraná – Curitiba – PR para uso de uma das salas do Programa de Pós-Graduação da UFPR ou escolher outro local que mais lhe agrade nas datas e horários agendados, sendo que todas as medidas sanitárias necessárias para este momento serão tomadas, como a utilização de máscaras, distância de 1,5 metros, a disponibilidade de álcool em gel no local da aplicação dos questionários e entrevistas, entre outras medidas que estiverem em vigor. O preenchimento dos questionários levará entre 10 e 15 minutos e a entrevista aproximadamente 60 minutos.

i) Ferramentas de gravação de áudio, chamadas e/ou vídeo serão utilizadas para registrar o conteúdo das entrevistas, e o registro por escrito ou digital para os demais instrumentos. Estando os participantes cientes de que esse registro será utilizado unicamente para fins desta pesquisa. Antes da aplicação de qualquer um dos instrumentos todas as dúvidas que possam haver por parte da/o participantes serão sanadas, bem como serão informadas/os que poderão desistir da participação a

qualquer momento, bem como deixar de responder questões que possam lhe causar qualquer desconforto.

j) O material obtido com os questionários e nas entrevistas (áudio e vídeos) serão utilizados unicamente para essa pesquisa e serão destruídas/descartadas logo após o término do estudo, dentro de 2 anos.

Que devo fazer se eu concordar voluntariamente em participar da pesquisa?

k) Caso você aceite participar da pesquisa, deverá responder ao roteiro de entrevista semiestruturada para compreender como ocorre os processos educacionais, formativos e o desenvolvimento de adolescentes-atletas de futebol sob a ótica do modelo bioecológica de Urie Bronfenbrenner.

l) A participação nesta pesquisa é voluntária e se não o (a) adolescente não quiser mais fazer parte da pesquisa poderá desistir a qualquer momento e solicitar que lhe devolvam o termo de consentimento livre e esclarecido assinado.

m) As informações relacionadas ao estudo poderão ser conhecidas apenas por pessoas autorizadas: pesquisador principal, Valdomiro de Oliveira e seu orientando Leoncio Santiago. No entanto, se qualquer informação for divulgada em relatório ou publicação científica, o seu nome não será revelado, e sim substituído por um código ou nome fictício, respeitando-se completamente o seu anonimato.

n) As despesas necessárias para a realização da pesquisa não são de sua responsabilidade e o você não receberá qualquer valor em dinheiro pela participação na pesquisa. Entretanto, caso seja necessário seu deslocamento até o local do estudo os pesquisadores asseguram o ressarcimento dos seus gastos com transporte (Item II. 21, e item IV.3, subitem g, Resol. 466/2012).

o) Contudo, para participar, há necessidade de autorização dos seus pais/responsável legal autorizando a sua participação. Mas a decisão final é sua, OK?

**De acordo com a Norma Operacional CNS 001/2013, item 3.4.1.15
informar ao participante:**

Você também pode assinalar o campo a seguir, para receber o resultado desta pesquisa, caso seja de seu interesse:

quero receber os resultados da pesquisa (email para envio: _____
_____)

Não quero receber os resultados da pesquisa.

Contato para dúvidas

Se você ou os responsáveis por você tiverem dúvidas com relação ao estudo ou aos riscos relacionados a ele, você deve contatar o pesquisador principal ou membro de sua equipe. O pesquisador Mestrando Leoncio Santiago, e o Prof. Dr. Valdomiro Oliveira, Orientador desta pesquisa, responsáveis por este estudo e pelo tratamento das informações, poderão ser contatados pelos endereços eletrônicos: leonciosantiago.ls@gmail.com (Leoncio) ou voliveira@ufpr.br (Valdomiro), pelos telefones: (041) 99641-8061 (Leoncio) em qualquer horário e dia da semana, ou (041) 3360-4328 (Valdomiro) em horário comercial, ou ainda nos endereços comerciais (se tivermos o retorno das atividades presenciais): Rua Gal. Carneiro, 460, 1º andar, Reitoria da UFPR, Ed. D. Pedro I, CEP: 80.060-150, Curitiba-PR, de segunda a sexta-feira, das 13h30 às 17h00, ou na Rua Coração de Maria, 92, Departamento de Educação Física, Jardim Botânico, CEP 80215-370, Curitiba-PR, em horário comercial, de segunda a sexta-feira, para esclarecer eventuais dúvidas que você possa ter e fornecer-lhe as informações que queira, antes, durante ou depois de encerrado o estudo.

Se você tiver dúvidas sobre seus direitos como participante de pesquisa, você pode contatar também o Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos (CEP/SD) do Setor de Ciências da Saúde da Universidade Federal do Paraná, pelo e-mail cometica.saude@ufpr.br e/ou telefone 41 – 3360-7259 das 08:30h às 11:00 e das 14:00h às 16:00h. O Comitê de Ética em Pesquisa é um órgão colegiado multi e transdisciplinar, independente, que existe nas instituições que realizam pesquisa envolvendo seres humanos no Brasil e foi criado com o objetivo de proteger os participantes de pesquisa, em sua integridade e dignidade, e assegurar que as

pesquisas sejam desenvolvidas dentro de padrões éticos (Resolução nº 466/12 Conselho Nacional de Saúde). Se você tiver dúvidas sobre seus direitos como participante de pesquisa, você deve contatar também o Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos (CEP/SD) do Setor de Ciências da Saúde da Universidade Federal do Paraná.

DECLARAÇÃO DE ASSENTIMENTO DO PARTICIPANTE

Eu, _____ li e discuti com o pesquisador responsável os detalhes contidos neste documento. Entendo que sou livre para aceitar ou recusar e que posso interromper a participação a qualquer momento sem justificar minha decisão e sem qualquer prejuízo para mim. Eu concordo que os dados coletados para o estudo sejam usados para o propósito acima descrito.

Eu entendi a informação apresentada neste TERMO DE ASSENTIMENTO. Eu tive a oportunidade de fazer perguntas e todas as minhas perguntas foram respondidas. Eu receberei uma cópia datada e assinada deste documento.

OBRIGADO PELA SUA COLABORAÇÃO.

Curitiba, ____ de _____ de 2021/2022.

Assinatura do Participante

Eu declaro ter apresentado o estudo, explicado seus objetivos, natureza, riscos e benefícios e ter respondido da melhor forma possível às questões formuladas.

Assinatura do Pesquisador

APÊNDICE E – ROTEIRO ENTREVISTA ADOLESCENTES-ATLETAS

Programa de Pós-Graduação em Educação/PPGE - UFPR

Pesquisador: Leoncio Santiago

Antes da entrevista serão feitos os esclarecimentos sobre o objetivo da pesquisa e assinatura dos documentos necessários para a realização da entrevista.

Entrevista semiestruturada com atletas da modalidade de futebol das categorias Sub 15 e Sub 17 de um clube de série A. Este material faz parte de um estudo de Mestrado e é confidencial. Sua participação é muito importante. Solicitamos que você responda a cada uma das questões da maneira mais sincera possível.

Agradecemos sua colaboração!

Peço sua autorização para gravar sua fala, informo que esta gravação será utilizada somente para transcrição na íntegra do conteúdo de nossa entrevista e posterior análise. Aproveito para lembrá-lo que nossa entrevista é confidencial e que sua identidade será preservada. Os entrevistados nesta Pesquisa terão sua identificação por código que descreverá apenas sua categoria (Ex: ATLETA S1501 (AT15.01), ATLETA S1701 (AT17.01); etc.).

BLOCO 01 - QUESTÕES INTRODUTÓRIAS	
INFORMAÇÕES PESSOAIS E DE IDENTIFICAÇÃO DO ADOLESCENTE	
1)	Qual seu nome? Qual sua idade? Em que cidade nasceu?
2)	Qual a sua cidade de origem (residência)? Mora com seus pais ou é alojado no Centro de Treinamento?
3)	Com relação ao seu gênero e orientação sexual, como se declara?
4)	Com relação à sua raça/etnia, como se declara?
5)	Há quanto tempo está no clube?
6)	Fale um pouco sobre sua história como atleta de futebol.

BLOCO 02 - CATEGORIA PESSOA - DIZ RESPEITO AOS ATRIBUTOS PESSOAIS E ÀS RELAÇÕES INTERPESSOAIS NA APRENDIZAGEM E DESENVOLVIMENTO NO FUTEBOL
DISPOSIÇÕES
(características comportamentais que podem tanto colocar processos proximais em movimento como retardar e até impedir sua ocorrência)
<p>1) De que forma, a partir da sua prática no futebol, você conseguiu desenvolver/perceber:</p> <p>a) Noções morais/éticas; b) Noções de socialização; c) Inclusão das pessoas diferentes d) Desempenho escolar; e) Coeducação (divisão de responsabilidade); f) Participação (forma em que participa do processo); g) Emancipação (superação dos obstáculos/crescimento pessoal); h) Relação com o seu técnico (os), familiares, amigos.</p>
<p>2) Sobre a escolha pelo futebol:</p> <p>a) Por que o futebol? b) Como iniciou? c) Conheceu outras modalidades? d) Seus familiares e amigos apoiaram? Alguém não apoiou? e) Quais as dificuldades para ingressar na formação esportiva em futebol?</p>
<p>3) Há dificuldades para permanecer na escola, durante o processo de formação esportiva?</p>
<p>4) Como é sua rotina semanal? Conte como é, a carga horária, as atividades?</p>
RECURSOS
(Constituem ativos e passivos biopsicológico que influenciam a capacidade para um organismo ocupar-se efetivamente em processos proximais).
<p>1) Porque quer ser um jogador de futebol? O que te faz não desistir? O que te faria desistir?</p>
<p>2) Quais características pessoais te ajudaram em sua trajetória esportiva? Há características que você considere que te atrapalham/atrapalharam?</p>
<p>3) Sobre a conciliação entre formação escolar e esportiva:</p> <p>a) O clube incentiva e te dá condições de participar adequadamente da escola? E sua família? b) Já pensou/pensa em desistir dos estudos?</p>
DEMANDAS
(Características pessoais que afetam o desenvolvimento, estimulam ou desencorajam reações dos ambientes sociais de um grupo, as quais podem romper ou favorecer processos de crescimento psicológico)
<p>1) Sobre suas expectativas para formação em futebol:</p> <p>a) Quais eram no início? b) Quais são hoje? c) A realidade tem sido igual suas expectativas?</p>
<p>2) Como você analisa as oportunidades para sua evolução e permanência na formação esportiva em futebol?</p>
<p>3) Sobre o apoio em sua formação esportiva:</p> <p>a) Já pensou ou pensa em desistir? Porque? b) As suas relações familiares e pessoais te apoiam para a continuidade?</p>
<p>4) Sobre as expectativas que você tem sobre o seu desempenho:</p> <p>a) Como ela interfere na sua formação? b) As expectativas de outras pessoas, podem desestimular ou desestimular a sua permanência?</p>
<p>5) Sobre o incentivo/apoio para sua participação escolar:</p> <p>a) Como suas relações pessoais (família, amigos, comissões técnicas, colegas de clube) contribuem para sua permanência na escola durante a sua formação em futebol?</p>
<p>6) Sobre o sucesso no futebol</p> <p>a) O que é uma pessoa de sucesso; b) Você já teve sucesso? Porque?</p>

BLOCO 03 - PROCESSO - EM RELAÇÃO À SUA TRAJETÓRIA NAS DIFERENTES CATEGORIAS NA MODALIDADE DE FUTEBOL, NAS ETAPAS DE DESENVOLVIMENTO E APERFEIÇOAMENTO NO FUTEBOL.
PROCESSOS PROXIMAIS (Formas particulares de interação entre organismo e ambiente, que operam ao longo do tempo e compreendem os primeiros mecanismos que produzem o desenvolvimento humano")
1) Quais pessoas você considera como essenciais para sua trajetória esportiva? Alguma delas prática ou já praticou futebol?
2) Sobre suas relações interpessoais: Família, amigos, profissionais do clube, outros atletas. a) Como são? Como interferem em seu desenvolvimento pessoal e esportivo? b) Como é ficar longe da família? Vê seus familiares com que frequência? c) Há problemas de convívio com profissionais do clube? d) E no alojamento junto aos demais atletas? e) Você tem um rede de amigos para além do futebol? Os vê com frequência? f) A rotina de formação esportiva interfere em suas relações pessoais (namorada/o, amigos/os, família, escola)? g) Na escola como é a relação com as/os outras/os alunas/os? E com a equipe pedagógica da Escola? Há problemas?
3) Você tem empresário? Qual é e como é sua relação com ele?
4) Em quantas escolas diferentes você já estudou? Em que ano escolar você está? Já reprovou?
5) Você já foi cobrado pelo técnico por seu desempenho escolar? Já foi tirado de jogo/treino por este motivo?
6) Tendo em vista o ensino dos fundamentos técnicos e táticos nas diferentes etapas da formação esportiva (categorias de iniciação e especialização): a) Quais os conteúdos você aprendeu em cada categoria? b) Você lembra como seu treinador dividia o treinamento? c) Qual o sistema de jogo de ataque você jogava em cada categoria? d) Qual o sistema de jogo de defesa você jogava em cada categoria?
7) Como você avalia os impactos do seu processo de aprendizagem esportiva em sua vida? a) O que te trouxe de bom? b) Há algo de ruim? c) O que gostaria que fosse diferente? d) Já afetou ou afeta sua participação escolar?
8) Em relação aos fatores complementares ao treinamento, competição e aspectos educacionais, teve apoio: a) Médico; b) Fisioterápico; c) Apoio Pedagógico; d) Psicológicos; e) Outros.
9) Já foi dispensado de algum clube? Como foi este processo para você, como recebeu a notícia?
10) Já teve alguma lesão? Como foi passar por este momento? a) Quais os medos e como foi o retorno pós-recuperação? Afetou seu desempenho?
11) O que é "futebol" para você?
12) O que é "Ser um jogador de Futebol"?

BLOCO 04 - CONTEXTO - EM RELAÇÃO À INFLUÊNCIA DA MODALIDADE DE FUTEBOL NO SEU DESENVOLVIMENTO PESSOAL
MICROSSISTEMA
É o ambiente mais próximo do indivíduo, o contexto imediato em que a pessoa em desenvolvimento em experiências diretas como clube, família, escola, amigos.
1) Comente sobre a estrutura (Dormitórios, alimentação, equipamentos etc.) dos clubes em que você atuou/atua?
a) A qualidade da estrutura interfere em seu desenvolvimento pessoal e esportivo?
2) Comente sobre o ambiente (processo planejado, etapas, pedagogia, metodologia, serviços, e projetos internos) de formação dos clubes em que você atua/atuou:
a) As características destes ambientes interferem em seu desenvolvimento pessoal e esportivo?
3) Qual a influência do ambiente de aprendizagem esportiva para a sua formação integral (pessoal, psicológica, social, cultural, etc.)?
4) Nos clubes em que atua/atou são/eram ofertadas outras atividades além da aprendizagem esportiva (atividades educativas, culturais, de lazer etc.)? Isso é importante?
5) Os ambientes dos clubes de futebol contribuem para seu desempenho escolar?
6) O que você mais gosta no ambiente de alojamento (e estruturas que o integram como áreas de lazer, restaurante etc.)? E o que menos gosta?
7) O que poderia ser diferente no ambiente de aprendizagem esportiva pensando no melhor para seu desenvolvimento pessoal e esportivo?
8) Quais atividades você faz nos horários livres (sem qualquer atividade proposta pelo clube)?
a) Há opções de atividades dentro do CT/alajamento?
9) O ambiente de aprendizagem esportiva contribui para você pensar em seu futuro? Se sim, somente enquanto atleta de futebol ou para, além disso?
10) Como é o ambiente escolar? Há diferenças por você ser um adolescente atleta?
11) Fora o clube de futebol e a escola de que outros espaços/ambientes você participa?
a) Tem círculos de amigos na cidade em que reside?
b) Frequenta alguma religião/igreja?
c) Com que frequência você vê sua família?
MESOSSISTEMA
Interligação dos ambientes formados pelo conjunto de microssistemas dos quais a pessoa participa diretamente. Como as trocas que existem entre família e clube; clube e escola.
1) Considerando a escola, família, e amigos e religião: qual a relação destes ambientes com sua formação esportiva?
2) Comente sobre a importância, para sua formação esportiva e pessoal, da interação entre os seguintes espaços/ambientes:
a) Família - Clube
b) Clube - Escola
c) família – Escola
EXOSSISTEMA
Ambientes indiretos, não sendo somente o sistema que a pessoa participa diretamente como também aqueles que indiretamente podem afetar o seu desenvolvimento.
1) Você sabe qual a relação (qual o papel) da Federação de Futebol do estado em que está, e da Confederação Brasileira para a sua formação?
a) Como elas interferem?
b) Elas estão preocupadas com a qualidade da formação dos atletas de futebol?
c) E com a qualidade dos alojamentos, da participação escolar e demais condições para o desenvolvimento humano e esportivo dos atletas?
2) Como você vê de forma geral a estrutura da formação de atletas de futebol no Brasil?
MACROSSISTEMA
Envolvem os sistemas políticos, econômicos e educacionais que contemplam ideologias de valores e crenças do Brasil e que afetam indiretamente as relações interpessoais e a qualidade de vida da pessoa.

1) Você tem conhecimento dos seus direitos enquanto adolescente e atleta em formação? Esses direitos são garantidos nos espaços de formação esportiva?
2) O Estado (instâncias de governo, órgãos de fiscalização) atuam para garantir os direitos das crianças e adolescente em processo de formação de atletas?
3) A formação de atletas no Brasil hoje está voltada para que interesse?
4) Considerando os direitos das Crianças e Adolescentes, previsto no ECA e aqui apresentados: Como a aprendizagem do futebol impacta cada um deles? Qual desses direitos você acha que a formação em futebol mais te afeta? Direito à Vida; Direito à Saúde; Direito à Liberdade, Direito ao Respeito, Direito à Dignidade; Direito à Convivência Familiar e Comunitária, Direito à Educação, Direito à Cultura, Direito ao Esporte e ao Lazer, Direito à Profissionalização e; Direito à Proteção no Trabalho.

TEMA 04 - TEMPO - EM RELAÇÃO ÀS IDADES EM QUE OCORRERAM AS PRÁTICAS DOS TREINAMENTOS E OS RESULTADOS EM DIFERENTES NÍVEIS DE COMPETIÇÕES.
MICROTEMPO
Se caracteriza por ocorrer durante o curso de uma atividade específica ou interação.
Como você organiza seu tempo para treino, estudos e outras atividades? Quanto tempo dedica semanalmente para cada uma dessas atividades?
Quanto tempo você está inserido no processo de formação esportiva?
Com que idade você teve seu primeiro vínculo com algum clube de futebol? E antes disso em que espaço era sua formação? Com que idade chegou ao seu clube atual?
MESOTEMPO
Se refere às atividades e interações que ocorrem com alguma periodicidade no ambiente da pessoa em desenvolvimento.
Como você percebe o aumento da intensidade de treino e atividades voltadas a formação esportiva em cada categoria?
Em que clubes você esteve em cada categoria desde a iniciação até agora?
MACROTEMPO
Abrange as mudanças na sociedade através das gerações, assim como a forma que esses eventos afetam o desenvolvimento humano no ciclo de vida.
Você considera que iniciou no futebol muito cedo? De que forma isso interferiu em sua vida?
Até que idade você se vê jogando futebol (formação e profissionalmente?)
Você vê diferenças sobre o perfil de atletas que se espera atualmente do perfil de outras épocas? Como essas mudanças interferem no processo de formação esportiva?

APÊNDICE F – ROTEIRO ENTREVISTA FAMILIARES

Programa de Pós-Graduação em Educação/PPGE - UFPR

Pesquisador: Leoncio Santiago

Antes da entrevista serão feitos os esclarecimentos sobre o objetivo da pesquisa e assinatura dos documentos necessários para a realização da entrevista.

Entrevista semiestruturada com familiares de atletas da modalidade de futebol das categorias Sub 15 e Sub 17 de um clube de série A. Este material faz parte de um estudo de Mestrado e é confidencial. Sua participação é muito importante. Solicitamos que você responda a cada uma das questões da maneira mais sincera possível.

Peço sua autorização para gravar sua fala, informo que esta gravação será utilizada somente para transcrição na íntegra do conteúdo de nossa entrevista e posterior análise. Aproveito para lembrá-lo que nossa entrevista é confidencial e que sua identidade será preservada. Os entrevistados nesta Pesquisa terão sua identificação por código que descreverá apenas a categoria do atleta (Ex: FAMÍLIA S1501 (FA15.01), ATLETA S1701 (FA17.01); etc.).

BLOCO 01 - QUESTÕES INTRODUTÓRIAS
INFORMAÇÕES PESSOAIS E DE IDENTIFICAÇÃO DO FAMILIAR
1) Qual seu nome? Qual sua idade?
2) Com relação ao seu gênero e orientação sexual, como se declara?
3) Com relação à sua raça/etnia, como se declara?
4) Fale um pouco sobre a trajetória da família acompanhando o adolescente como atleta de futebol?

BLOCO 02 - CATEGORIA PESSOA - DIZ RESPEITO AOS ATRIBUTOS PESSOAIS E ÀS RELAÇÕES INTERPESSOAIS NA APRENDIZAGEM E DESENVOLVIMENTO NO FUTEBOL
DISPOSIÇÕES (características comportamentais que podem tanto colocar processos proximais em movimento como retardar e até impedir sua ocorrência)
<p>1) De que forma, a partir da prática no futebol, o adolescente conseguiu desenvolver/perceber:</p> <p>a) Noções morais/éticas; b) Noções de socialização; c) Inclusão das pessoas diferentes d) Desempenho escolar; e) Coeducação (divisão de responsabilidade); f) Participação (forma em que participa do processo); g) Emancipação (superação dos obstáculos/crescimento pessoal); h) Relação com o seu técnico (os), familiares, amigos.</p>
<p>2) Sobre a escolha do adolescente pela modalidade de futebol:</p> <p>a) Por que o futebol? b) Como foi o início? c) o Adolescente conheceu outras modalidades? d) A família e amigos apoiaram? Alguém não apoiou? e) Quais as dificuldades para ingressar na formação esportiva em futebol?</p>
<p>3) O adolescente apresenta dificuldades para permanecer na escola durante o processo de formação esportiva?</p>
<p>4) Como é a rotina semanal do adolescente? Conte como é, a carga horária, as atividades? A família consegue acompanhar?</p>
RECURSOS (Constituem ativos e passivos biopsicológico que influenciam a capacidade para um organismo ocupar-se efetivamente em processos proximais).
<p>1) Porque o adolescente quer ser um jogador de futebol? Porque a família apoia essa escolha? O que faz não desistir? O que faria desistir?</p>
<p>2) Quais características pessoais ajudaram o atleta em sua trajetória esportiva? Há características que considerem que tenham atrapalhado?</p>
<p>3) Sobre a conciliação entre formação escolar e esportiva:</p> <p>a) O clube incentiva e dá condições do adolescente participar adequadamente da escola? E a família como atua nesta questão? b) O adolescente já pensou/pensa em desistir dos estudos? Qual o posicionamento da família?</p>
DEMANDAS (Características pessoais que afetam o desenvolvimento, estimulam ou desencorajam reações dos ambientes sociais de um grupo, as quais podem romper ou favorecer processos de crescimento psicológico)
<p>1) Sobre as expectativas do adolescente e da família para formação em futebol:</p> <p>a) Quais eram no início? b) Quais são hoje? c) A realidade tem sido igual suas expectativas?</p>
<p>2) Como você analisa as oportunidades para a evolução e permanência do adolescente na formação esportiva em futebol?</p>
<p>3) Sobre o apoio ao adolescente em sua formação esportiva:</p> <p>a) O adolescente já pensou ou pensa em desistir? Porque? b) Como a família atua para apoiar a continuidade?</p>
<p>4) Sobre as expectativas sobre o desempenho do adolescente:</p> <p>a) Como ela interfere na formação do adolescente? b) As expectativas de outras pessoas, como a da família, podem desestimular ou desestimular a sua permanência?</p>

5) Sobre o incentivo/apoio para a participação escolar do adolescente:

a) Como as relações pessoais (família, amigos, comissões técnicas, colegas de clube) contribuem para a permanência do adolescente na escola durante a sua formação em futebol?

6) Sobre o sucesso no futebol

a) O que é uma pessoa de sucesso;

b) Você considera que o adolescente já teve sucesso? Porque?

BLOCO 03 - PROCESSO - EM RELAÇÃO À SUA TRAJETÓRIA NAS DIFERENTES CATEGORIAS NA MODALIDADE DE FUTEBOL, NAS ETAPAS DE DESENVOLVIMENTO E APERFEIÇOAMENTO NO FUTEBOL.

PROCESSOS PROXIMAIIS

(Formas particulares de interação entre organismo e ambiente, que operam ao longo do tempo e compreendem os primeiros mecanismos que produzem o desenvolvimento humano")

1) Quais pessoas foram/são essenciais para a trajetória esportiva do adolescente? Alguma delas prática ou já praticou futebol?**2) Sobre as relações interpessoais do adolescente: Família, amigos, profissionais do clube, outros atletas.**

a) Como são? Como interferem no desenvolvimento pessoal e esportivo do adolescente?

b) Como é ficar longe da família? Com que frequência vocês vêm o adolescente?

c) O adolescente relata problemas de convívio com profissionais do clube?

d) E no alojamento junto aos demais atletas?

e) O adolescente tem uma rede de amigos para além do futebol? Os vê com frequência?

f) A rotina de formação esportiva interfere nas relações pessoais do adolescente (namorada/o, amigas/os, família, escola)?

g) Na escola como é a relação com as/os outras/os alunas/os? E com a equipe pedagógica da Escola? Há problemas?

3) O adolescente tem empresário? Qual é e como é a relação do empresário com a família?**4) Em quantas escolas diferentes o adolescente já estudou? Em que ano escolar ele está? Já reprovou?****5) O adolescente costuma ser cobrado pelo técnico por seu desempenho escolar? Já foi tirado de jogo/treino por este motivo?****7) Como você avalia os impactos do processo de aprendizagem esportiva na vida do adolescente e para a família?**

a) O que te trouxe de bom?

b) Há algo de ruim?

c) O que gostaria que fosse diferente?

d) Já afetou ou afeta na participação escolar do adolescente?

8) Em relação aos fatores complementares ao treinamento, competição e aspectos educacionais, o adolescente teve apoio:

a) Médico;

b) Fisioterápico;

c) Apoio Pedagógico;

d) Psicológicos;

e) Outros.

9) O adolescente já foi dispensado de algum clube? Como foi este processo para o adolescente e para a família? Como receberam a notícia?**10) O adolescente já teve alguma lesão? Como foi passar por este momento?**

a) Quais os medos e como foi o retorno pós-recuperação? Afetou seu desempenho?

11) O que é "futebol" para você?**12) O que é "Ser um jogador de Futebol"?**

BLOCO 04 - CONTEXTO - EM RELAÇÃO À INFLUÊNCIA DA MODALIDADE DE FUTEBOL NO SEU DESENVOLVIMENTO PESSOAL	
MICROSSISTEMA	
É o ambiente mais próximo do indivíduo, o contexto imediato em que a pessoa em desenvolvimento em experiências diretas como clube, família, escola, amizades.	
1) Comente sobre a estrutura (Dormitórios, alimentação, equipamentos etc.) dos clubes em que você o adolescente atuou/atua?	
a) A qualidade da estrutura interfere no desenvolvimento pessoal e esportivo do adolescente?	
2) Comente sobre o ambiente (processo planejado, etapas, pedagogia, metodologia, serviços, e projetos internos) de formação dos clubes em que o adolescente atua/atuou:	
a) As características destes ambientes interferem no desenvolvimento pessoal e esportivo do adolescente?	
3) Qual a influência do ambiente de aprendizagem esportiva para a formação integral (pessoal, psicológica, social, cultural, etc.)?	
4) Nos clubes em que o adolescente atua/atou são/eram ofertadas outras atividades além da aprendizagem esportiva (atividades educativas, culturais, de lazer etc.)? Isso é importante?	
5) Os ambientes dos clubes de futebol contribuem para o desempenho escolar do adolescente?	
6) O que o adolescente mais gosta no ambiente de alojamento (e estruturas que o integram como áreas de lazer, restaurante etc.)? E o que menos gosta? E a família?	
7) O que poderia ser diferente no ambiente de aprendizagem esportiva pensando no melhor para o desenvolvimento pessoal e esportivo do adolescente?	
8) Quais atividades o adolescente faz nos horários livres (sem qualquer atividade proposta pelo clube)?	
a) Há opções de atividades dentro do CT/alojamento?	
9) O ambiente de aprendizagem esportiva contribui para o adolescente pensar em seu futuro? Se sim, somente enquanto atleta de futebol ou para, além disso?	
10) Como é o ambiente escolar? O adolescente percebe diferença por ser um adolescente atleta?	
11) Fora o clube de futebol e a escola de que outros espaços/ambientes o adolescente participa?	
a) Tem círculos de amizades na cidade em que reside?	
b) Frequenta alguma religião/igreja?	
c) Com que frequência vê sua família?	
MESOSSISTEMA	
Interligação dos ambientes formados pelo conjunto de microssistemas dos quais a pessoa participa diretamente. Como as trocas que existem entre família e clube; clube e escola.	
1) Considerando a escola, família, e amizades e religião: qual a relação destes ambientes com sua formação esportiva?	
2) Comente sobre a importância, para sua formação esportiva e pessoal, da interação entre os seguintes espaços/ambientes:	
a) Família - Clube	
b) Clube - Escola	
c) família – Escola	
EXOSSISTEMA	
Ambientes indiretos, não sendo somente o sistema que a pessoa participa diretamente como também aqueles que indiretamente podem afetar o seu desenvolvimento.	

<p>1) Você sabe qual a relação (qual o papel) da Federação de Futebol do estado em que o adolescente está, e da Confederação Brasileira para a formação esportiva e humana do adolescente?</p> <p>a) Como elas interferem? b) Elas estão preocupadas com a qualidade da formação dos atletas de futebol? c) E com a qualidade dos alojamentos, da participação escolar e demais condições para o desenvolvimento humanos e esportivo dos atletas?</p>
<p>2) Como você vê de forma geral a estrutura da formação de atletas de futebol no Brasil?</p>
<p style="text-align: center;">MACROSSISTEMA</p> <p>Envolvem os sistemas políticos, econômicos e educacionais que contemplam ideologias de valores e crenças do Brasil e que afetam indiretamente as relações interpessoais e a qualidade de vida da pessoa.</p>
<p>1) Você tem conhecimento dos direitos do adolescente enquanto adolescente e enquanto atleta em formação? Esses direitos são garantidos nos espaços de formação esportiva?</p>
<p>2) O Estado (instâncias de governo, órgãos de fiscalização) atuam para garantir os direitos das crianças e adolescente em processo de formação de atletas?</p>
<p>3) A formação de atletas no Brasil hoje está voltada para que interesse?</p>
<p>4) Considerando os direitos das Crianças e Adolescentes, previsto no ECA e aqui apresentados: Como a aprendizagem do futebol impacta cada um deles? Qual desses direitos você acha que a formação em futebol mais afeta?</p> <p>Direito à Vida; Direito à Saúde; Direito à Liberdade, Direito ao Respeito, Direito à Dignidade; Direito à Convivência Familiar e Comunitária, Direito à Educação, Direito à Cultura, Direito ao Esporte e ao Lazer, Direito à Profissionalização e; Direito à Proteção no Trabalho.</p>

<p style="text-align: center;">TEMA 04 - TEMPO - EM RELAÇÃO ÀS IDADES EM QUE OCORRERAM AS PRÁTICAS DOS TREINAMENTOS E OS RESULTADOS EM DIFERENTES NÍVEIS DE COMPETIÇÕES.</p>
<p style="text-align: center;">MICROTEMPO</p> <p>Se caracteriza por ocorrer durante o curso de uma atividade específica ou interação.</p>
<p>Como o adolescente organiza seu tempo para treino, estudos e outras atividades A família auxilia/acompanha esta organização? Quanto tempo dedica semanalmente para cada uma dessas atividades?</p>
<p>Quanto tempo o adolescente está inserido no processo de formação esportiva?</p>
<p>Com que idade o adolescente teve seu primeiro vínculo com algum clube de futebol? E antes disso em que espaço era sua formação? Com que idade chegou ao clube atual?</p>
<p style="text-align: center;">MESOTEMPO</p> <p>Se refere às atividades e interações que ocorrem com alguma periodicidade no ambiente da pessoa em desenvolvimento.</p>
<p>Como a família percebe o aumento da intensidade de treino e tem de atividades voltadas a formação esportiva em cada categoria?</p>
<p>Em que clubes o adolescente esteve em cada categoria desde a iniciação até agora?</p>
<p style="text-align: center;">MACROTEMPO</p> <p>Abrange as mudanças na sociedade através das gerações, assim como a forma que esses eventos afetam o desenvolvimento humano no ciclo de vida.</p>
<p>Você considera que a formação em futebol inicia muito cedo? De que forma isso interferiu em sua vida?</p>

Até que idade você vê o adolescente jogando futebol (formação e profissionalmente)? O que pensam para depois?

Você vê diferenças sobre o perfil de atletas que se espera atualmente do perfil de outras épocas? Como essas mudanças interferem no processo de formação esportiva?

APÊNDICE G – ROTEIRO ENTREVISTA PROFISSIONAIS DO CLUBE E TÉCNICOS

Programa de Pós-Graduação em Educação/PPGE - UFPR

Pesquisador: Leoncio Santiago

Antes da entrevista serão feitos os esclarecimentos sobre o objetivo da pesquisa e assinatura dos documentos necessários para a realização da entrevista.

Entrevista semiestruturada com técnicos que atuam com atletas da modalidade de futebol das categorias sub 15 e sub 17 de um clube de séria A. Este material faz parte de um estudo de Mestrado e é confidencial. Sua participação é muito importante. Solicitamos que você responda a cada uma das questões da maneira mais sincera possível. Agradecemos sua colaboração!

Peço sua autorização para gravar sua fala, informo que esta gravação será utilizada somente para transcrição na íntegra do conteúdo de nossa entrevista e posterior análise. Aproveito para lembrá-lo que nossa entrevista é confidencial e que sua identidade será preservada. Os entrevistados nesta Pesquisa terão sua identificação por código que no caso dos técnicos descreverá apenas a categoria de atuação (Ex: TÉCNICO S15 (TEC15.), TÉCNICO S17 (TEC17); OUTROS PROFISSIONAIS DO CLUBE (PROF01, PROF02, etc.).

BLOCO 01 - QUESTÕES INTRODUTÓRIAS
INFORMAÇÕES PESSOAIS E DE IDENTIFICAÇÃO DO ADOLESCENTE
1) Qual seu nome? Qual sua idade? Em que cidade nasceu?
2) Com relação ao seu gênero e orientação sexual, como se declara?
3) Com relação à sua raça/etnia, como se declara?
4) Há quanto tempo atua na formação de adolescentes atletas de futebol? Quanto tempo está no clube?
5) Fale um pouco sobre sua história e sobre sua função/atribuição na formação de adolescentes atletas de futebol?

BLOCO 02 - CATEGORIA PESSOA - DIZ RESPEITO AOS ATRIBUTOS PESSOAIS E ÀS RELAÇÕES INTERPESSOAIS NA APRENDIZAGEM E DESENVOLVIMENTO NO FUTEBOL
DISPOSIÇÕES
(características comportamentais que podem tanto colocar processos proximais em movimento como retardar e até impedir sua ocorrência)
<p>1) De que forma, a partir da sua prática pedagógica, você conseguiu desenvolver/perceber nos seus atletas:</p> <p>a) Noções morais/éticas; b) Noções de socialização; c) Inclusão das pessoas diferentes d) Desempenho escolar; e) Coeducação (divisão de responsabilidade); f) Participação (forma em que participa do processo); g) Emancipação (superação dos obstáculos/crescimento pessoal); h) Relação com o seu técnico (os), familiares, amigos.</p>
<p>2) Sobre a escolha pelo futebol:</p> <p>a) Por que o futebol? b) Como iniciou? c) Conheceu outras modalidades? d) Seus familiares e amigos apoiam? O incentivo de familiares e amigo é determinante? e) Quais as dificuldades para ingressar na formação esportiva em futebol? f) Como seu trabalho pode contribuir para essa escolha?</p>
<p>3) Há dificuldades para o adolescente permanecer na escola, durante o processo de formação esportiva? Como seu trabalho relaciona-se com esta questão?</p>
<p>4) Sobre a rotina semanal de um adolescente atleta da formação em futebol?</p> <p>A) Qual a carga horária? B) Quais atividades? C) Existem normativas/legislações que orientam o clube quanto a isso? D) Como seu trabalho profissional interfere nisso?</p>
RECURSOS
(Constituem ativos e passivos biopsicológico que influenciam a capacidade para um organismo ocupar-se efetivamente em processos proximais).
<p>1) Considerando os desafios e incertezas do sucesso profissional (em futebol):</p> <p>a) O que faz com que estes adolescentes não desistam? B) É comum desistências? Qual o principal motivo? C) Qual seu papel profissional para fortalecer a permanência destes adolescentes no processo formativo?</p>
<p>2) Quais características pessoais são determinantes para que um atleta esteja num clube como este (Série A)? Quais características atrapalham nessa trajetória? Como profissionalmente você contribui/pode contribuir para o desenvolvimento e mudanças dessas características?</p>
<p>3) Sobre a conciliação entre formação escolar e esportiva:</p> <p>a) O clube incentiva e dá condições do adolescente participar adequadamente da escola? O que é feito? b) É comum que atletas desistam dos estudos? Quando e por quê? O que o clube faz para evitar/sanar a evasão escolar?</p>
DEMANDAS
(Características pessoais que afetam o desenvolvimento, estimulam ou desencorajam reações dos ambientes sociais de um grupo, as quais podem romper ou favorecer processos de crescimento psicológico)
<p>1) Sobre suas expectativas para formação em futebol:</p> <p>a) Quais são as expectativas dos adolescentes no início da trajetória (iniciação esportiva)? E as da família? b) Quais são hoje (sub 15 e Sub 17)?</p>

<p>c) A realidade tem sido igual as essas expectativas? d) Qual o trabalho do clube diante dessas expectativas?</p>
<p>2) Considerando o atual cenário do futebol: Como você analisa as oportunidades para a evolução e permanência na formação esportiva em futebol?</p>
<p>3) Sobre as expectativas sobre o desempenho do adolescente: a) A expectativa sobre do próprio atleta pode interferir na formação dele? E a expectativa da família? b) Como essa expectativa interfere no seu trabalho? O que fazer para gerenciá-las?</p>
<p>4) Sobre o incentivo/apoio para sua participação escolar: a) Como as relações pessoais do adolescente (família, amigos, comissões técnicas, colegas de clube) podem contribuir para sua permanência na escola durante a sua formação em futebol? b) Essas relações podem atrapalhar? c) Como você considera isso no seu trabalho?</p>
<p>6) Sobre o sucesso no futebol a) O que é uma pessoa de sucesso; b) Você já teve sucesso? Porque?</p>

BLOCO 03 - PROCESSO - EM RELAÇÃO À SUA TRAJETÓRIA NAS DIFERENTES CATEGORIAS NA MODALIDADE DE FUTEBOL, NAS ETAPAS DE DESENVOLVIMENTO E APERFEIÇOAMENTO NO FUTEBOL.

PROCESSOS PROXIMAIS

(Formas particulares de interação entre organismo e ambiente, que operam ao longo do tempo e compreendem os primeiros mecanismos que produzem o desenvolvimento humano")

<p>1) Sobre a relação com a família dos adolescentes: a) Como é sua relação com as famílias? B) A relação família-atleta e família-clube interfere no desenvolvimento humano e esportivo do adolescente? C) Como você avalia os longos períodos que o adolescente fica sem conviver com seus familiares? O que o clube faz com relação à isso?</p>
<p>2) Sobre as relações interpessoais do atleta: Família, amigos, profissionais do clube, outros atletas. a) Como são? Como interferem em seu desenvolvimento pessoal e esportivo? b) Como encaram/compreendem a distância familiar? Com que frequência visitam seus familiares? c) Há problemas de convívio com profissionais do clube? d) E no alojamento junto aos demais atletas? e) Estes adolescentes têm uma rede de amigos para além do futebol? f) A rotina de formação esportiva interfere nas relações pessoais dos adolescentes (namorada/o, amigas/os, família, escola)? g) Na escola como é a relação com as/os outras/os alunas/os? E com a equipe pedagógica da Escola? Há problemas?</p>
<p>3) Sobre os empresários: A) Qual a importância da figura do empresário para a trajetória esportiva do adolescente? B) Qual a relação do empresário com o clube? C) A partir de sua função você se relaciona com empresários?</p>
<p>4) Sobre a trajetória escolar dos adolescentes atletas: a) Mudam com frequência de escola, devido a trajetória de formação esportiva? B) Apresentam defasagem escolar? Se sim, decorrem das exigências da formação esportiva? C) São cobrados por seu desempenho escolar? - Pela família? - Pelo técnico/comissão técnica? - Por outras áreas do clube (quais)? D) São cortados de jogos/treinos quando apresentam baixo desempenho escolar?</p>

<p>5) (Somente para Técnicos) Tendo em vista o ensino dos fundamentos técnicos e táticos nas diferentes etapas da formação esportiva (categorias de iniciação e especialização):</p> <p>a) Quais os conteúdos você ensina em cada categoria?</p> <p>b) Como você divide o treinamento?</p> <p>c) Qual o sistema de jogo de ataque você jogava em cada categoria?</p> <p>d) Qual o sistema de jogo de defesa você jogava em cada categoria?</p>
<p>6) O processo de aprendizagem esportiva em futebol afeta diferentes dimensões da vida dos adolescentes.</p> <p>a) O que proporciona de bom para o desenvolvimento humano saudável deles?</p> <p>b) Há algo de ruim?</p> <p>c) O que poderia ser diferente?</p> <p>d) Interfere na participação escolar?</p>
<p>7) Em relação aos fatores complementares ao treinamento, competição e aspectos educacionais, os adolescentes têm apoio (de que forma):</p> <p>a) Médico;</p> <p>b) Fisioterápico;</p> <p>c) Apoio Pedagógico;</p> <p>d) Psicológicos;</p> <p>e) Outros.</p>
<p>8) Sobre o processo de dispensa:</p> <p>a) Como a notícia costuma ser dada?</p> <p>B) Quais são as reações?</p> <p>C) Quais os protocolos e cuidados do clube para este momento?</p>
<p>9) O que é "futebol" para você?</p>
<p>10) O que é "Ser um jogador de Futebol"?</p>

<p>BLOCO 04 - CONTEXTO - EM RELAÇÃO À INFLUÊNCIA DA MODALIDADE DE FUTEBOL NO SEU DESENVOLVIMENTO PESSOAL</p>
<p>MICROSSISTEMA</p> <p>É o ambiente mais próximo do indivíduo, o contexto imediato em que a pessoa em desenvolvimento em experiências diretas como clube, família, escola, amizades.</p>
<p>1) Comente sobre a estrutura (Dormitórios, alimentação, equipamentos etc.) dos clubes em que você atuou/atua?</p> <p>a) A qualidade da estrutura interfere no desenvolvimento pessoal e esportivo dos adolescentes?</p> <p>B) Quais os maiores problemas na sua avaliação?</p>
<p>2) Comente sobre o ambiente (processo planejado, etapas, pedagogia, metodologia, serviços, e projetos internos) de formação dos clubes em que você atua/atuou:</p> <p>a) As características destes ambientes interferem no desenvolvimento pessoal e esportivo dos adolescentes?</p> <p>b) Quais os maiores problemas na sua avaliação?</p>
<p>3) Qual o impacto do ambiente de aprendizagem esportiva em futebol para a formação integral dos adolescentes (pessoal, psicológica, social, cultural, etc.)?</p>
<p>4) Nos clubes em que atua/atou são/eram ofertadas outras atividades além da aprendizagem esportiva (atividades educativas, culturais, de lazer etc.)? Isso é importante?</p>
<p>5) Os ambientes dos clubes de futebol contribuem para o desempenho escolar dos adolescentes?</p>
<p>6) O que poderia ser diferente no ambiente de aprendizagem esportiva pensando no melhor para seu desenvolvimento pessoal e esportivo?</p>
<p>7) Quais atividades os atletas fazem nos horários livres (sem qualquer atividade proposta pelo clube)?</p> <p>a) Há opções de atividades dentro do CT/alojamento?</p> <p>B) O clube se preocupa com isto?</p>
<p>9) O ambiente de aprendizagem esportiva contribui para que o adolescente pense no futuro? Se sim, somente enquanto atleta de futebol ou para, além disso?</p>

10) Como é o ambiente escolar? Há diferenças por serem adolescentes-atletas?
11) Fora o clube de futebol e a escola de que outros espaços/ambientes os atletas costumam participar? a) Têm círculos de amizades na cidade em que reside? b) Frequentam alguma religião/igreja? c) Com que frequência vêm seus familiares?
MESOSSISTEMA
Interligação dos ambientes formados pelo conjunto de microssistemas dos quais a pessoa participa diretamente. Como as trocas que existem entre família e clube; clube e escola.
1) Considerando a escola, família, e amizades e religião: qual a relação destes ambientes com a formação esportiva?
2) Comente sobre a importância, para a formação esportiva e pessoal dos adolescentes, da interação entre os seguintes espaços/ambientes: a) Família - Clube b) Clube - Escola c) família – Escola
EXOSSISTEMA
Ambientes indiretos, não sendo somente o sistema que a pessoa participa diretamente como também aqueles que indiretamente podem afetar o seu desenvolvimento.
1) Qual a relação (qual o papel) da Federação de Futebol do estado em que está, e da Confederação Brasileira para a formação esportiva e humana dos adolescentes? a) Como elas interferem? b) Elas estão preocupadas com a qualidade da formação dos atletas de futebol? c) E com a qualidade dos alojamentos, da participação escolar e demais condições para o desenvolvimento humanos e esportivo dos atletas?
2) Como você vê de forma geral a estrutura (normativas, legislações, orientações técnicas, etc.) da formação de atletas de futebol no Brasil?
3) Sobre a Certificação de Clube Formador? A) O clube em que você está possui? B) Você conhece os critérios? C) Considera os critérios "suficientes" para a promoção e garantia dos direitos de crianças e adolescentes e seu pleno desenvolvimento?
MACROSSISTEMA
Envolvem os sistemas políticos, econômicos e educacionais que contemplam ideologias de valores e crenças do Brasil e que afetam indiretamente as relações interpessoais e a qualidade de vida da pessoa.
1) Você tem conhecimento dos seus direitos enquanto adolescente e atleta em formação? Esses direitos são garantidos nos espaços de formação esportiva?
2) O Estado (instâncias de governo, órgãos de fiscalização) atuam para garantir os direitos das crianças e adolescente em processo de formação de atletas?
3) A formação de atletas no Brasil hoje está voltada para que interesse?
4) Considerando os direitos das Crianças e Adolescentes, previsto no ECA e aqui apresentados: Como a aprendizagem do futebol impacta cada um deles? Qual desses direitos você acha que a formação em futebol mais afeta? De que forma e por quê? Direito à Vida; Direito à Saúde; Direito à Liberdade, Direito ao Respeito, Direito à Dignidade; Direito à Convivência Familiar e Comunitária, Direito à Educação, Direito à Cultura, Direito ao Esporte e ao Lazer, Direito à Profissionalização e; Direito à Proteção no Trabalho.

APÊNDICE H – ROTEIRO DE ENTREVISTA PROFISSIONAIS DAS ESCOLAS EM QUE ESTUDAM OS ADOLESCENTES-ATLETAS

Programa de Pós-Graduação em Educação/PPGE - UFPR

Pesquisadora: Leoncio Santiago

Antes da entrevista serão feitos os esclarecimentos sobre o objetivo da pesquisa e assinatura dos documentos necessários para a realização da entrevista.

Entrevista semiestruturada com atletas da modalidade de futebol das categorias sub 15 e sub 17 de um Clube de Série A. Este material faz parte de um estudo de Mestrado e é confidencial. Sua

participação é muito importante. Solicitamos que você responda a cada uma das questões da maneira mais sincera possível. Agradecemos sua colaboração!

Peço sua autorização para gravar sua fala, informo que esta gravação será utilizada somente para transcrição na íntegra do conteúdo de nossa entrevista e posterior análise. Aproveito para lembrá-lo que nossa entrevista é confidencial e que sua identidade será preservada. Os entrevistados nesta Pesquisa terão sua identificação por código que descreverá apenas sua categoria (Ex: EDUCAÇÃO 01 (EDUC01.), EDUCAÇÃO 02 (EDUC02); ETC.).

BLOCO 01 - QUESTÕES INTRODUTÓRIAS
INFORMAÇÕES PESSOAIS E DE IDENTIFICAÇÃO DO ADOLESCENTE
1) Qual seu nome? Qual sua idade? Em que cidade nasceu?
2) Com relação ao seu gênero e orientação sexual, como se declara?
3) Com relação à sua raça/etnia, como se declara?
4) Há quanto tempo atua na área educacional? Quanto tempo atua com adolescentes-atletas?
5) Fale um pouco sobre sua história e sobre sua função/atribuição na escola junto aos adolescentes-atletas.

BLOCO 02 - CATEGORIA PESSOA - DIZ RESPEITO AOS ATRIBUTOS PESSOAIS E ÀS RELAÇÕES INTERPESSOAIS NA APRENDIZAGEM E DESENVOLVIMENTO NO FUTEBOL
DISPOSIÇÕES (características comportamentais que podem tanto colocar processos proximais em movimento como retardar e até impedir sua ocorrência)
1) Há dificuldades para o adolescente permanecer na escola, durante o processo de formação esportiva? Como seu trabalho relaciona-se com esta questão?
2) Sobre a rotina semanal de um adolescente atleta da formação em futebol e sua relação com a escolarização: A) Ela interfere no rendimento escolar do adolescente-atleta?? B) Como a escola considera isso no planejamento pedagógico? C) Existem normativas/legislações que orientam o clube quanto a isso? E para a escola, existem legislações que orientam o trabalho junto à alunos atletas? D) Como seu trabalho profissional interfere e é impactado nisso?
RECURSOS (Constituem ativos e passivos biopsicológico que influenciam a capacidade para um organismo ocupar-se efetivamente em processos proximais).
1) Considerando os desafios e incertezas do sucesso profissional (em futebol): a) Porque é importante que os adolescentes-atletas apresentem bom desenvolvimento educacional (escolar)? B) É comum desistências? Qual o principal motivo? C) Qual seu papel profissional para fortalecer a permanência destes adolescentes no ambiente escolar?
2) Quais características pessoais são determinantes para que um atleta mantenha bom desempenho escolar e esportivo? Quais características atrapalham nessa trajetória? Como profissionalmente você contribui/pode contribuir para o desenvolvimento e mudanças dessas características?
3) Sobre a conciliação entre formação escolar e esportiva: a) O clube incentiva e dá condições do adolescente participar adequadamente da escola? O que é feito? b) E a família?

3) É comum que atletas desistam dos estudos? Quando e por quê? O que o clube faz para evitar/sanar a evasão escolar? E a escola?

DEMANDAS

(Características pessoais que afetam o desenvolvimento, estimulam ou desencorajam reações dos ambientes sociais de um grupo, as quais podem romper ou favorecer processos de crescimento psicológico)

4) Sobre o incentivo/apoio para sua participação escolar:

- Como as relações pessoais do adolescente (família, amigos, comissões técnicas, colegas de clube) podem contribuir para a permanência de adolescentes-atletas na escola durante a sua formação em futebol?
- Essas relações podem atrapalhar?
- Como você considera isso no seu trabalho?

BLOCO 03 - PROCESSO - EM RELAÇÃO À SUA TRAJETÓRIA NAS DIFERENTES CATEGORIAS NA MODALIDADE DE FUTEBOL, NAS ETAPAS DE DESENVOLVIMENTO E APERFEIÇOAMENTO NO FUTEBOL.

PROCESSOS PROXIMAIS

(Formas particulares de interação entre organismo e ambiente, que operam ao longo do tempo e compreendem os primeiros mecanismos que produzem o desenvolvimento humano")

1) Sobre a relação com a família dos adolescentes:

- Como é a relação da escola com as famílias dos adolescentes-atletas?
- A relação família-atleta e família-clube interfere no desenvolvimento humano e esportivo do adolescente?
- Como você avalia os longos períodos que os adolescentes ficam sem conviver com seus familiares? Como a escola é afetada e atua frente a essa realidade?

2) Sobre as relações interpessoais do atleta: Família, amigos, profissionais do clube, outros atletas.

- Como são? Como interferem em seu desenvolvimento escolar?
- A rotina de formação esportiva interfere nas relações pessoais dos adolescentes (namorada/o, amigas/os, família, escola)?
- Na escola como é a relação com as/os outras/os alunas/os? E com a equipe pedagógica da Escola? Há problemas?

4) Sobre a trajetória escolar dos adolescentes atletas:

- Mudam com frequência de escola, devido a trajetória de formação esportiva?
- Apresentam defasagem escolar? Se sim, decorrem das exigências da formação esportiva?
- São cobrados por seu desempenho escolar?
 - Pela família?
 - Pelo técnico/comissão técnica?
 - Por outras áreas do clube (quais)?
- São cortados de jogos/treinos quando apresentam baixo desempenho escolar?
- Como a escola considera a agenda de jogos/viagens? O que é feito pela escola frente a isso? E o clube?

6) O processo de aprendizagem esportiva em futebol afeta diferentes dimensões da vida dos adolescentes.

- O que proporciona de bom para o desenvolvimento humano saudável deles?
- Há algo de ruim?
- O que poderia ser diferente?
- Interfere na participação escolar?

7) Em relação aos fatores complementares ao treinamento, competição e aspectos educacionais, os adolescentes têm apoio (de que forma) pedagógico?

10) O que é "Ser um jogador de Futebol"?

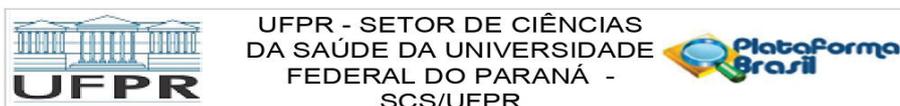
BLOCO 04 - CONTEXTO - EM RELAÇÃO À INFLUÊNCIA DA MODALIDADE DE FUTEBOL NO SEU DESENVOLVIMENTO PESSOAL
MICROSSISTEMA
É o ambiente mais próximo do indivíduo, o contexto imediato em que a pessoa em desenvolvimento em experiências diretas como clube, família, escola, amizades.
1) Comente sobre a estrutura (Dormitórios, alimentação, equipamentos etc.) dos clubes em que você atuou/atua? a) Você conhece a estrutura do clube em que estão os adolescentes-atletas com qual você atua? b) A qualidade da estrutura interfere no desenvolvimento escolar dos adolescentes? c) Quais os maiores problemas na sua avaliação?
2) Comente sobre o ambiente (processo planejado, etapas, pedagogia, metodologia, serviços, e projetos internos) de formação dos clubes em que você atua/atuou: a) Você conhece o ambiente do clube em que estão os adolescentes-atletas com qual você atua? b) As características destes ambientes interferem no desenvolvimento escolar dos adolescentes? c) Quais os maiores problemas na sua avaliação?
3) Qual o impacto do ambiente de aprendizagem esportiva em futebol para a formação integral dos adolescentes (pessoal, psicológica, social, cultural, etc.)?
5) Os ambientes dos clubes de futebol contribuem para o desempenho escolar dos adolescentes?
6) O que poderia ser diferente no ambiente de aprendizagem esportiva pensando no melhor para desenvolvimento escolar dos adolescentes-atletas?
9) O ambiente de aprendizagem esportiva contribui para que o adolescente pense no futuro? Se sim, somente enquanto atleta de futebol ou para, além disso?
10) Como é o ambiente escolar? Há diferenças por serem adolescentes-atletas? Participam de todas as atividades normalmente?
MESOSSISTEMA
Interligação dos ambientes formados pelo conjunto de microssistemas dos quais a pessoa participa diretamente. Como as trocas que existem entre família e clube; clube e escola.
1) Considerando a escola, família, e amigos e religião: qual a relação destes ambientes com a formação esportiva?
2) Comente sobre a importância, para a formação esportiva e pessoal dos adolescentes, da interação entre os seguintes espaços/ambientes: a) Família - Clube b) Clube - Escola c) família – Escola
EXOSSISTEMA
Ambientes indiretos, não sendo somente o sistema que a pessoa participa diretamente como também aqueles que indiretamente podem afetar o seu desenvolvimento.
1) Você saberia dizer qual a relação (qual o papel) da Federação de Futebol do estado em que está, e da Confederação Brasileira de Futebol para a formação escolar dos adolescentes? a) Como elas interferem? b) Elas estão preocupadas com a qualidade da formação dos atletas de futebol? c) E com a qualidade da participação escolar e demais condições para o desenvolvimento escolar dos atletas?
2) Como você vê de forma geral a estrutura (normativas, legislações, orientações técnicas, etc.) da formação de atletas de futebol no Brasil? Elas incentivam a participação escolar?

<p>3) Sobre a Certificação de Clube Formador? A) O clube em que os adolescentes-atletas estão possui? B) Você conhece os critérios? C) Considera os critérios "suficientes" para a promoção e garantia dos direitos de crianças e adolescentes e seu pleno desenvolvimento, sobretudo o direito à educação?</p>
<p>MACROSSISTEMA</p>
<p>Envolvem os sistemas políticos, econômicos e educacionais que contemplam ideologias de valores e crenças do Brasil e que afetam indiretamente as relações interpessoais e a qualidade de vida da pessoa.</p>
<p>1) Você tem conhecimento dos seus direitos enquanto adolescente e atleta em formação? Esses direitos são garantidos nos espaços de formação esportiva?</p>
<p>2) O Estado (instâncias de governo, órgãos de fiscalização) atuam para garantir os direitos das crianças e adolescente em processo de formação de atletas?</p>
<p>3) A formação de atletas no Brasil hoje está voltada para que interesse?</p>
<p>4) Considerando os direitos das Crianças e Adolescentes, previsto no ECA e aqui apresentados: Como a aprendizagem do futebol impacta cada um deles? Qual desses direitos você acha que a formação em futebol mais afeta? De que forma e por quê? Direito à Vida; Direito à Saúde; Direito à Liberdade, Direito ao Respeito, Direito à Dignidade; Direito à Convivência Familiar e Comunitária, Direito à Educação, Direito à Cultura, Direito ao Esporte e ao Lazer, Direito à Profissionalização e; Direito à Proteção no Trabalho.</p>

<p>BLOCO 05 - TEMPO - EM RELAÇÃO ÀS IDADES EM QUE OCORRERAM AS PRÁTICAS DOS TREINAMENTOS E OS RESULTADOS EM DIFERENTES NÍVEIS DE COMPETIÇÕES.</p>
<p>MICROTEMPO</p>
<p>Se caracteriza por ocorrer durante o curso de uma atividade específica ou interação.</p>
<p>Considerando a carga horária de treinos/competições, e outras atividades relacionadas a formação esportiva: Há conflito de horários entre atividades da formação esportiva e os estudos?</p>
<p>MESOTEMPO</p>
<p>Se refere às atividades e interações que ocorrem com alguma periodicidade no ambiente da pessoa em desenvolvimento.</p>
<p>Você percebe se há aumento da intensidade de treino e atividades voltadas a formação esportiva conforme o atleta "sobe de categoria"? As atividades escolares de atletas mais velhos (categorias superiores) são mais impactadas pela formação esportiva?</p>
<p>Quanto tempo (mínimo) um adolescente costuma ficar num clube até ser dispensado?</p>
<p>MACROTEMPO</p>
<p>Abrange as mudanças na sociedade através das gerações, assim como a forma que esses eventos afetam o desenvolvimento humano no ciclo de vida.</p>
<p>Você considera que início na formação em futebol ocorre muito cedo? De que forma isso interfere na vida dos adolescentes? E na escolarização? É possível falar em profissionalização precoce no futebol?</p>

Você vê diferenças sobre o perfil de atletas que se espera atualmente do perfil de outras épocas? Como essas mudanças interferem no processo de formação escolar dos atletas??

ANEXO I – PARECER CONSUBSTANCIADO COMITÊ DE ÉTICA E PESQUISA



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: O PROCESSO DE ESPECIALIZAÇÃO ESPORTIVA DE ADOLESCENTES EM CLUBES DE FUTEBOL DA SÉRIE A DO CAMPEONATO BRASILEIRO: UM ESTUDO SOB A ÓTICA DO MODELO BIOECOLÓGICO.

Pesquisador: Valdomiro de Oliveira

Área Temática:

Versão: 2

CAAE: 42438821.4.0000.0102

Instituição Proponente: Programa de Pós-Graduação em Educação

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 4.639.611

Apresentação do Projeto:

O projeto intitulado "O PROCESSO DE ESPECIALIZAÇÃO ESPORTIVA DE ADOLESCENTES EM CLUBES DE FUTEBOL DA SÉRIE A DO CAMPEONATO BRASILEIRO: UM ESTUDO SOB A ÓTICA DO MODELO BIOECOLÓGICO" é uma proposta de pesquisa do Programa de Pós-Graduação em Educação que tem como investigador principal Valdomiro de Oliveira e conta com a colaboração de Leoncio Santiago.

Objetivo da Pesquisa:

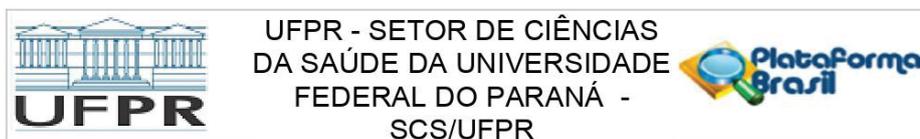
Objetivo Geral

Analisar aspectos processuais, pessoais, contextuais e temporais do desenvolvimento humano dos adolescentes da fase da especialização em futebol de um Clube da Série A do Campeonato Brasileiro sob a ótica da Teoria Bioecológica de Bronfenbrenner.

Objetivos Específicos

- Conhecer o perfil sócio demográfico e econômico dos adolescentes/atletas 13 à 17 anos de um Clube de Série A.
- Descrever as relações interpessoais na formação esportiva, em um clube da série A do Campeonato Brasileiro, dos adolescentes/atletas de 13 a 17 anos.

Endereço: Rua Padre Camargo, 285 - 1º andar
Bairro: Alto da Glória **CEP:** 80.060-240
UF: PR **Município:** CURITIBA
Telefone: (41)3360-7259 **E-mail:** cometica.saude@ufpr.br



Continuação do Parecer: 4.639.611

- Analisar a trajetória de desenvolvimento dos adolescentes/atletas da iniciação e especialização esportiva
- Compreender qual a importância do "contexto" para que ocorra, satisfatoriamente, os processos fundamentais do desenvolvimento educacional, humano e esportivo, no ambiente no qual os adolescentes/atletas desenvolveram sua trajetória na modalidade de futebol;
- Identificar quais as idades em que ocorreram as práticas de treinamento, bem como os resultados em diferentes níveis de competições ao longo do "tempo" da carreira esportiva dos adolescentes/atletas e as interferências em seu desenvolvimento humano.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

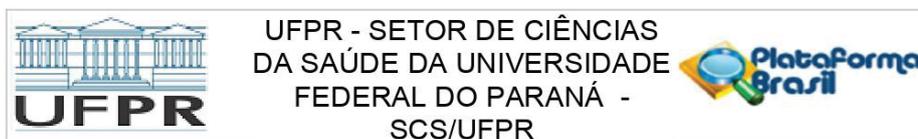
Benefícios

Os benefícios esperados com a presente pesquisa são os de oportunizar uma discussão, com base nos avanços científicos, sobre a relação entre o processo de aprendizagem esportiva em futebol e o desenvolvimento humano de adolescentes atletas. A discussão considerará o ambiente de um clube de futebol, no qual ocorrem a formação de atletas com vistas à profissionalização, já competindo em importantes campeonatos. Os participantes poderão ser beneficiado diretamente com o resultado da pesquisa, uma vez que a mesma busca contribuir com fundamentação científica a formação esportiva em futebol de adolescentes.

Riscos

Por se tratar de um estudo qualitativo, com cunho exploratório e descritivo, onde serão aplicados questionários e entrevista semiestruturada com os participantes, a presente pesquisa não traz nenhum tipo de risco grave direto aos participantes. Todos os cuidados referentes a explicação prévia dos objetivos do estudo aos participantes serão tomados. Nenhum indivíduo participará do presente estudo, sem antes ter assinado os termos de consentimento ou assentimento. Os atletas, menores de idade, só estarão aptos a participar da pesquisa, após terem o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) assinado pelos pais ou responsáveis e terem assinado o Termo de Assentimento Livre e Esclarecido e os atletas e técnicos maiores de idade também só estarão aptos após assinarem o TCLE. Todos os termos foram elaborados respeitando as exigências da Resolução 466/2012 do CNS (Conselho Nacional de Saúde) e também do Comitê de Ética em Pesquisa - Setor de Ciências da Saúde - UFPR (Universidade Federal do Paraná). Assume-se a possibilidade de desconfortos mediante as perguntas realizadas, haja vista que estarão a relatar sobre experiências pessoais e profissionais, bem como por vezes, sobre

Endereço: Rua Padre Camargo, 285 - 1º andar
Bairro: Alto da Glória **CEP:** 80.060-240
UF: PR **Município:** CURITIBA
Telefone: (41)3360-7259 **E-mail:** cometica.saude@ufpr.br



Continuação do Parecer: 4.639.611

instituições com as quais

têm vínculo, de forma que o indivíduo que sentir qualquer tipo de desconforto, constrangimento ou quebra de confidencialidade, durante o preenchimento das questões, poderá suspender imediatamente a sua participação na pesquisa. A participação neste estudo é voluntária, portanto, é possível desistir a qualquer momento e solicitar que os Termos de Consentimento e assentimento assinados sejam devolvidos.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

A pesquisa se demonstra de grande relevância para área investigada. A metodologia é extensa e com uma coleta de dados morosa e bem delimitada.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Atendeu todas as sugestões elencadas.

Recomendações:

Não há.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Favor inserir em seu TCLE e TALE o número do CAAE e o número do Parecer de aprovação, para que possa aplicar aos participantes de sua pesquisa, conforme decisão da Coordenação do CEP/SD de 13 de julho de 2020.

Após o isolamento, retornaremos à obrigatoriedade do carimbo e assinatura nos termos dos novos projetos.

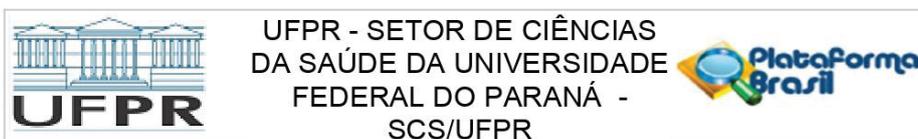
Qualquer dúvida, retornar e-mail ou pelo WhatsApp 41-3360-7259.

Considerações Finais a critério do CEP:

Solicitamos que sejam apresentados a este CEP, relatórios semestrais e final, sobre o andamento da pesquisa, bem como informações relativas às modificações do protocolo, cancelamento, encerramento e destino dos conhecimentos obtidos, através da Plataforma Brasil - no modo: NOTIFICAÇÃO. Demais alterações e prorrogação de prazo devem ser enviadas no modo EMENDA. Lembrando que o cronograma de execução da pesquisa deve ser atualizado no sistema Plataforma Brasil antes de enviar solicitação de prorrogação de prazo.

Emenda – ver modelo de carta em nossa página: www.cometica.ufpr.br (obrigatório)

Endereço: Rua Padre Camargo, 285 - 1º andar	CEP: 80.060-240
Bairro: Alto da Glória	
UF: PR	Município: CURITIBA
Telefone: (41)3360-7259	E-mail: cometica.saude@ufpr.br

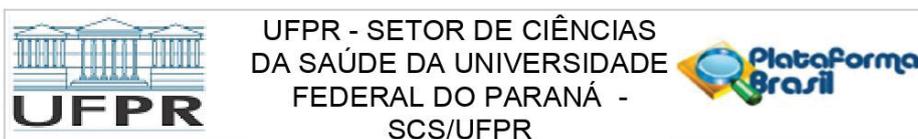


Continuação do Parecer: 4.639.611

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1670752.pdf	11/03/2021 17:53:25		Aceito
Outros	CARTEDEALTERACOESREALIZADAS.docx	11/03/2021 17:52:25	Valdomiro de Oliveira	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	122TCLEFAMILIARESREVISADO.docx	11/03/2021 17:51:09	Valdomiro de Oliveira	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	121TCLEPROFISSIONAISCLUBEEESC OLAREVISADO.docx	11/03/2021 17:50:59	Valdomiro de Oliveira	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	14TALEAtletasREVISADO.docx	11/03/2021 17:50:46	Valdomiro de Oliveira	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	13TLCEPaisouresponsaveisREVISADO.docx	11/03/2021 17:50:34	Valdomiro de Oliveira	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	PROJETOCOMITEDEETICAFINALREVISADO.docx	11/03/2021 17:50:12	Valdomiro de Oliveira	Aceito
Outros	CartadeAceitLeoncio.pdf	25/01/2021 17:09:52	Valdomiro de Oliveira	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	PROJETOCOMITEDEETICAFINAL.docx	25/01/2021 17:08:49	Valdomiro de Oliveira	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	122TCLEFAMILIARES.docx	06/01/2021 12:40:18	Valdomiro de Oliveira	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	121TCLEPROFISSIONAISCLUBEEESC OLA.docx	06/01/2021 12:40:09	Valdomiro de Oliveira	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	14TALEAtletas.docx	06/01/2021 12:40:01	Valdomiro de Oliveira	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	13TLCEPaisouresponsaveis.docx	06/01/2021 12:39:53	Valdomiro de Oliveira	Aceito

Endereço: Rua Padre Camargo, 285 - 1º andar
Bairro: Alto da Glória **CEP:** 80.060-240
UF: PR **Município:** CURITIBA
Telefone: (41)3360-7259 **E-mail:** cometica.saude@ufpr.br



Continuação do Parecer: 4.639.611

Outros	CheckListDocumental.pdf	05/01/2021 15:55:07	Valdomiro de Oliveira	Aceito
Declaração de Pesquisadores	8DECLARACAODECOMPROMISSODE EQUIPEDAPESQUISA.pdf	05/01/2021 15:52:17	Valdomiro de Oliveira	Aceito
Declaração de concordância	4CONCORDANCIDESERVICOSENVOLVIDOS.pdf	05/01/2021 15:51:34	Valdomiro de Oliveira	Aceito
Outros	3ANALISEDOMERITOCIENTIFICO.pdf	05/01/2021 15:50:37	Valdomiro de Oliveira	Aceito
Outros	2Atadeaprovaçãodoprojeto.pdf	05/01/2021 15:49:35	Valdomiro de Oliveira	Aceito
Outros	1CARTAencaminhandoCEPSD.pdf	05/01/2021 15:47:57	Valdomiro de Oliveira	Aceito
Folha de Rosto	FOLHADEROSTO.pdf	05/01/2021 15:41:05	Valdomiro de Oliveira	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

CURITIBA, 09 de Abril de 2021

Assinado por:
IDA CRISTINA GUBERT
(Coordenador(a))

Endereço: Rua Padre Camargo, 285 - 1º andar
Bairro: Alto da Glória **CEP:** 80.060-240
UF: PR **Município:** CURITIBA
Telefone: (41)3360-7259 **E-mail:** cometica.saude@ufpr.br

Página 05 de 05

ANEXO II – QUALIFICAÇÃO DOS PESQUISADORES

Link do Currículo Lattes dos envolvidos na pesquisa:

Mestrando: Leoncio Santiago
<http://lattes.cnpq.br/9088051499342608>

Orientador: Prof. Dr. Valdomiro de Oliveira
<http://lattes.cnpq.br/6294139982602854>